UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

RAFAEL MORAES LIMONGELLI

ANTI-EDUCAÇÃO -
UMA ECOSOFIA DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Campinas
2023

RAFAEL MORAES LIMONGELLI

ANTI-EDUCAÇÃO -
UMA ECOSOFIA DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Educação na Área de Educação.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO(A) ALUNO(A) RAFAEL M LIMONGELLI, E ORIENTADA PELO PROF. DR. SILVIO DONIZETTI DE OLIVEIRA GALLO.

Campinas
2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

L629a Moraes

Limongelli, Rafael Moraes, 1989-
Anti-educação - Uma ecosofia da educação libertária / Rafael Limongelli. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação anarquista. 2. Diferença (Filosofia). 3. Anarquismo. 4. Educação - Filosofia. 5. Educação. I. Gallo, Silvio Donizetti de Oliveira, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Anti-education - An ecosophy of libertarian education
Palavras-chave em inglês:
Anarchist education
Diference (Philosophy)
Anarchism
Education - Philosophy
Education
Área de concentração: Educação
Titulação: Doutor em Educação
Banca examinadora:
Silvio Donizetti de Oliveira Gallo [Orientador]
Alexandre Filordi de Carvalho
Alexandrina Monteiro
Ana Godinho Gil
José Maria Carvalho Ferreira
Data de defesa: 06-06-2023
Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0001-9911-0936
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/5997996623815010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

ANTI-EDUCAÇÃO!
UMA ECOSOFIA DA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

RAFAEL MORAES LIMONGELLI

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo
Prod. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho
Profa. Dra. Alexandrina Monteiro
Dra. Ana Maria Godinho Gil
Dr. José Maria Carvalho Ferreira
Dr. Rodrigo Rosa da Silva

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

Campinas
2023

Dedicatória

Dedico este trabalho a Antonio Carlos de Almeida Limongelli que me ensinou desde muito pequeno o exercício do apoio mútuo e que nos deixou durante a escrita desta tese.

Dedico esta tese a Therezinha de Jesus Moraes Limongelli, Ana Paula Moraes Limongelli, Clara Limongelli Santos e Olga Regina, uma legião de mulheres que tornam o ar do mundo mais respirável e me ensinam sobre o amor, o tempo, a alegria e a fúria de viver.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

A educação anarquista tem uma longa trajetória histórico-político-social que atravessa as experiências sindicais do século XVIII até as lutas contemporâneas em inúmeros contextos pelo planeta. Seus tecedores e tecedoras, experimentalistas, a partir destas experiências, produziram filosofias das suas práticas. O objetivo geral desta tese é localizar princípios geradores, apontados por Silvio Gallo, destas filosofias da educação libertária e atualizar alguns de seus conceitos a partir da *ecosofia,* desenvolvida por Félix Guattari. Este objetivo geral se divide em objetivos específicos, sendo: a) cartografar os princípios geradores da educação libertária e os componentes de uma prática ecosófica; b) friccionar estes universos conceituais, aparentemente inconciliáveis, pois partem de epistemologias distintas, para produzir uma *ecosofia da educação libertária*. Para tanto, na tese eu articulo um conjunto de autoras e autores do pensamento libertário, tais como Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Reclus, Michel, Goldman, Ferrer y Guardia, Adelino de Pinho, João Penteado, Maria Lacerda de Moura, Juana Buela, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, entre outras; com autores da anarquia contemporânea, como René Scherer, Jaime Cubero, José Maria Carvalho Ferreira, Silvio Gallo, Edson Passetti, Rodrigo Rosa, Fernanda Grigolin, Camila Jourdan, Acácio Augusto, entre outras. Estes conjuntos de pensamentos libertários serão friccionados com um plano de escritos ecosóficos, através do pensamento de Félix Guattari, Suely Rolnik, Ana Godinho Gil, Alexandre Filordi, Gilles Deleuze, Larissa Drigo, entre outros. A pesquisa desta tese se deu através de um método cartográfico, conceitualizado por Guattari, Kastrup, Benevides e Passos, que articulam um plano teórico-conceitual sobre o método que estou bosquejando através do conceito de *percurso-viagem*. Um *percurso-viagem* afirma a abolição da relação sujeito-objeto, implica o pesquisador como força ativa no plano que está investigando - deixando vazar afetações e transformações entre si, transformando a pesquisa em intervenção (ação direta) ética e política. A hipótese desta tese é que a *ecosofia* se articula enquanto um campo de consistência para a *educação anarquista* contemporânea, atualizando conceitos como sujeito, ciência, história, trabalho, revolução, etc. Para tanto, elaborei o conceito *anti-educação* como operador e chave de leitura de uma prática ecosófica na educação anarquista. A hipótese é que uma anti-educação poderia ser constituída através de um conjunto de forças insurgentes que agencia três planos: a educação, o anarquismo e a ecosofia.

Palavras-chave: Educação; Filosofia da Educação; Anarquismo; Ecosofia

Abstract

Anarchist education has a long historical-political-social trajectory which goes through the syndical experiences of the 18th century up to the contemporary struggles in countless contexts around the planet. Its weavers, experimentalists, from those experiences, have developed philosophies of its practices. The general objective of this thesis is to locate the main principles, pointed out by Silvio Gallo, of those philosophies of libertarian education and to update some of its concepts based on the ecosophy developed by Félix Guattari. This general goal is divided in specific goals: a) to cartograph the main principles of libertarian education and the components of an ecosophical practice; b) to rub these conceptual universes, apparently irreconcilable, because they start from distinct epistemologies, to produce an ecosophy of libertarian education. To do so, in this thesis I articulate a set of authors of libertarian thought, such as Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Reclus, Michel, Goldman, Ferrer y Guardia, Adelino de Pinho, João Penteado, Maria Lacerda de Moura, Juana Buela, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, among others; with authors of contemporary anarchy, such as René Scherer, Jaime Cubero, José Maria Carvalho Ferreira, Silvio Gallo, Edson Passetti, Rodrigo Rosa, Fernanda Grigolin, Camila Jourdan, Acácio Augusto, among others. Those sets of libertarian thoughts will be rubbed together a plan of ecosophical writings, through the thoughts of Félix Guattari, Suely Rolnik, Ana Godinho Gil, Alexandre Filordi, Gilles Deleuze, Larissa Drigo, among others. The research for this thesis was carried out through a cartographic method, conceptualized by Guattari, Kastrup, Benevides and Passos, who articulates a theoretical plan about the method. I am exploring the concept of journey-path as a method. A journey-path affirms the abolition of the subject-object relationship, implies the researcher as an active force in the plane of investigation - letting affections and transformations leak out from each other, transforming research into ethical and political intervention (direct action). The hypothesis of this thesis is that ecosophy articulates itself as a plan of consistency for contemporary anarchist education, updating concepts such as *subject, science, history, work, revolution,* etc. To this end, I have elaborated the concept of *anti-education* as an operator and key to reading an ecosophical practice in anarchist education. The hypothesis is that an anti-education could be constituted through a set of insurgent forces that act on three levels: education, anarchism and ecosophy.

Key-words: Education; Philosophy of Education; Anarchism; Ecosophy

Sumário

percurso sem conciliação..... 13
percorrer como método..... 18
pontos de partida..... 24
um paradigma anarquista?..... 25
agenciamento coletivo de enunciação e cultura libertária..... 30
ecologia e ecosofia..... 33
processos de singularização..... 35
furacão 2000..... 37
guerra social mundial..... 38
máquinas totalitárias..... 41
resistência ecosófica..... 42
educação libertária..... 45
anti-métodos libertários..... 46
anti-cidadão..... 48
alguns princípios geradores..... 50
anti-educação..... 52
anti-política..... 54
depois do fogo..... 55
uma hipótese..... 56
aprender com..... 59
com félix guattari..... 60
da américa latina ao japão..... 61
la borde..... 65
redes..... 68
rádios livres..... 70
metamodelização..... 71
com francisco ferrer y guardia..... 74
Escola Moderna de Barcelona..... 76
com maria lacerda de moura..... 78
sindicalismo e guararema..... 79
ciência encarnada..... 81
com joão penteado, com adelino de pinho..... 83
Escola Moderna No. 1..... 85
Escola Moderna No. 2..... 86
troca perpétua..... 87
a coragem..... 91
sub-hipótese..... 94
caminhar com..... 94
coragem obstinada..... 97

uns..... 100
recusa implacável..... 101
ciência popular..... 103
equilíbrio ecossistêmico..... 103
correntes distintas, um mesmo rio e o grande mar..... 104
ciências da vida e transversalidade..... 106
indivíduo e componentes de subjetivação..... 108
mecanosfera e ecossistema..... 109
fala livre..... 111
apoio mútuo..... 113
politecnia..... 116
ciência-autoridade-governo..... 118
educação-classe-dominação..... 119
ciência encarnada..... 120
degenerada..... 121
experimentalismo anti-excesso racionalista..... 123
sonhos, afetos, desejos e jogos..... 125
inimigo de quatro patas e máquina escolar..... 127
anti-escolar..... 130
nem deus, nem estado, nem chefes, nem maridos, nem ídolos..... 131
inquietude e caosmose..... 134
máquina moura-rolnik..... 137
diagrama moura-godinho..... 142
dogma e deserção..... 148
o trabalho..... 150
máquina vuela-buela..... 153
sub-hipótese..... 158
máquina libertária borboleteante..... 159
mutualismo..... 160
integral..... 161
nem isso, nem aquilo..... 163
transdisciplinar e compartilhada..... 166
autogestão, propaganda e estética..... 168
borboletear..... 171
trabalho e tecnologia..... 174
trinta anos gloriosos..... 174
autoridade, decisão e liderança..... 175
distribuição, troca e consumo de bens e serviços..... 176
trabalho não pago das mulheres..... 177
tecnologias da informação e da comunicação (TIC)..... 178

global e imaterial....179
codificação-decodificação....180
local, regional, global, planetária e extra-planetária....183
fim do trabalho, fim do planeta....184
a nova ordem mundial....185
polícias do mundo....185
anarcossindicalismo....188
maquínica e capitalística....189
maquínico....190
sociedade capitalística....192
equipamento coletivo....193
modulação de subjetividades capitalísticas....193
sujeito, história e subjetividade....194
capitalismo mundial integrado (CMI)....196
sistema econômico....197
clausura, desterritorialização e sistema geral de segmentaridade....198
lutas moleculares....201
fim da classe operária....203
tudo é trabalho....204
uma vida fodida....206
agenciamentos revolucionários....208
recusa do trabalho....209
a poesia dói....211
desejo de viver, novas armas....213
oito pistas....214
terra livre....217
arquipélago da coragem....223
ilha da antipedagogia....223
ilha de uns....224
ilha da autogestão....225
ilha dos de baixo....225
ilha das espécies companheiras....226
ilha do apoio mútuo....226
ilha da multiplicidade popular....227
ilha das vidas múltiplas....227
ilha do sonho....228
ilha inquieta....229
ilha deserta....231
arquipélago do trabalho....232
ilha das linyeras....232

ilha das borboletas....233
ilha ciborgue....234
ilha policial-democrática....235
ilha maquínica....236
ilha sem operários....238
ilha fora do sujeito....239
ilha impura....240
anti-educação, uma ecosofia da educação libertária....242
princípios de uma anti-educação....251
referências bibliográficas....261

percurso sem conciliação

Este é um ensaio sem conciliações. Talvez porque seja impossível conciliar as partes e encontrar uma homeostase. Talvez porque seja inútil procurar um equilíbrio das forças em luta. Talvez porque o corpo apenas cansado de tanta terra esgotou o que instiga à negociação infinita. Talvez porque no momento em que se consegue ler o acontecimento, para tentar dizer sobre suas partes, este mesmo acontecimento já não está mais ali, e outra coisa já está acontecendo. Talvez, por isso ou aquilo… A causa pouco importa, o porquê, aquilo que explique, o que dá significado, "Não existe significância independente das significações dominantes, nem subjetivação independente de uma ordem estabelecida de sujeição." (Deleuze & Guattari, 2011, p. 18). O que sabemos é que é um texto inconciliável e é construído por um corpo que percorre este campo de forças e que está em movimento. Se é possível dizer algo à primeiro plano desta investigação, é esse pouco sobre sua consistência inconciliável articulada em um plano heterogêneo que está constantemente se atualizando e se removendo.

Há componentes desse campo que saltam aos olhos à distância, que tocam os olhos através dos decalques comuns à subjetividade da ordem vigente. Como marcas profundas que carregamos no corpo. Pense em uma maquete de geologia de um estudante do nono ano do ensino fundamental. Ao longe, caminhando um tanto bambo se vê o grande objeto feito de muitas camadas de isopor sobrepostas formando os relevos de uma paisagem, pintadas com tinta guache um pouco desbotada pelo sol onde secou. Espalhados por essas camadas finas de isopor estão alguns palitinhos de dente com papel crepom verde colados, alguns animais de plástico comprados na *Rua 25 de março* e fabricados na China. Uns grãos de areia colados com cola branca, a base de petróleo. No canto oposto às camadas de isopor sobrepostas, temos uma linha horizontal, um plano reto, pintado de azul, com algumas marcas brancas feitas gesso e pasta de dente seca - um mar. Tudo está nítido e definido em sua geologia, tudo na ordem, provavelmente ganhou um 10. De soslaio, entretanto, ainda vemos uns fiapos soltando pelas pontas, restos de tinta que pingaram aleatoriamente - algo sempre escapando. A criança do nono ano caminha marota pela escola até sua sala de aula carregando esse acontecimento em suas mãos, sem sequer saber ou crer em nada.

A paisagem deste texto é atravessada também como esta *maquete de geologia* por territórios que se diferenciam em ocupação, velocidade e intensidade. Assim como a

escultura ressecada de tinta e petróleo do aluno do nono ano do ensino fundamental, que nos dispara aos olhos para ver uma montanha, uma vegetação e um mar - deste ensaio nos salta ao olhos três forças em movimento, três planos, três potências, três disparadores, três linhas que operam através de um **cromatismo generalizado** -

> Eis o que queríamos dizer: cromatismo generalizado… Colocar em variação contínua quaisquer elementos é uma operação que talvez faça surgir novas distinções, mas não reconhecendo qualquer de seus procedimentos como adquirido, não atribuindo a si mesma nenhum destes previamente. Ao contrário, essa operação refere-se, em princípio, simultaneamente à voz, à fala, à língua, à música. Nenhuma razão para fazer distinções prévias e de princípio. (Deleuze & Guattari, 2011, p. 43-44).

Cromatismo generalizado atua como um gesto de aproximação destes três grandes territórios da pesquisa, que são: **ecosofia, anarquismo e educação**. Os agenciamentos operam de forma vertical e horizontal, operam no através dos processos de alisamento e estiramento de um plano de consistência, em linhas gerais e pensando com Guattari e Deleuze:

> Podem-se tirar daí as conclusões gerais acerca da natureza dos Agenciamentos. Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos. Mas, segundo um eixo verticalmente orientado, o agenciamento tem, de uma parte, lados territoriais ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, picos de desterritorialização que o arrebatam. (Deleuze & Guattari, 2011, p. 31)

Enquanto construía o corpo desta investigação, estes três agenciamentos (ecosofia, anarquismo e educação), constituídos de latitudes e longitudes heterogêneas, orientavam encontros, conexões e dissensos. Vagueando entre encontros de similaridade, aportando comuns entre os funcionamentos dessas distintas máquinas. E vagueando entre encontros de dissonância absoluta, instaurando diferenças que operam rasgos e rupturas.

Um breve comentário sobre o conceito de máquina. O conceito de máquina é desenvolvido por Guattari em toda sua obra. Quase sempre em bando, também pensou com Deleuze, Bifo, Negri, entre outras. Nesta tese ela será retomada muitas vezes ao longo do texto e suas definições serão evidenciadas na medida que o texto também se desdobrará. Para uma definição inicial, podemos acompanhar nas palavras de Guattari, que "A máquina é sempre um sinônimo de um foco constitutivo de território existencial baseado em uma constelação de universos de referência incorporais." (2012, p. 64), ou seja, as máquinas

ocupam uma membrana entre o finito-atual (o que vivemos) e o infinito-virtual (as perturbações da vida). Essa membrana constitui nossos territórios de existência, onde ficamos os contornos sobre o que somos, desejamos, vivemos, etc. Essa membrana, essa máquina, está relacionada com miríades de universos de referências virtuais e incorporais para seguir se atualizando, refazendo, etc. Complementa Guattari: "A máquina será doravante concebida em oposição à estrutura, sendo esta associada a um sentimento de eternidade, ao passo que a máquina implica uma relação de emergência, de finitude, de destruição e de morte que associa a *phylum* possibilistas criadores." (2012, p. 68). Ou seja, enquanto a estrutura tende a permanecer imóvel (ou a ser movida dentro de alguns padrões pré-definidos), a máquina é movimento, é emergência de acontecimentos. A máquina, ou melhor, as muitas máquinas que Guattari vai desenvolver em sua análise e com as quais iremos operar nessa análise, são oposições às análises estruturais que se apoiam em um paradigma estático: estrutura-super-estrutura. As máquinas possuem componentes que estão agenciados entre si. Há também os enganchamentos entre máquinas que estão constantemente deslocando entre conexões e cortes. A máquina é o movimento contínuo e não está centrada no Sujeito, no Homem, no Ser, no Capital, no Estado. "Descentramento então de uma análise baseada no indivíduo para processos não humanos que qualifico de maquínicos e que são mais humanos que o humano, sobre-humanos em um sentido nietzschiano" (Idem, p. 81).

As máquinas, portanto, fazem interface com outras máquinas e com outras e com outras… São feitas de componentes heterogêneos, que podem ser significantes, a-signifcantes, materiais, virtuais, finitos, infinitos, imóveis, movimentados, humanos, não-humanos, vegetais, animais, cósmicos, etc. Vale destacar outra oposição entre máquina e estrutura que atravessa centralmente o tema do núcleo do conceito de máquina, a saber: o foco autopoiético. A autopoiese maquínica é fundada num desejo profundo de abolição. "A estrutura é assombrada por um desejo de eternidade. A máquina, ao contrário, é atormentada por um desejo de abolição." (Guattari, 2012, p. 48). O desejo de abolição da máquina atua em consonância com sua capacidade remontável - "a alteridade que ela se desenvolve sob diferentes formas." (Idem, p. 48). Deste modo, a máquina está constante processo de montagem, de desmontagem (abolição) e remontagem (alteridade de forma). O que a autopoiese promove é o desejo de acessar o virtual, o incorporal, o que é novo - e este gesto está relacionado a um desequilíbrio, a uma desarmonia. "A diferença promovida pela autopoiese maquínica é fundada sobre o desequilíbrio, a prospecção de Universos virtuais longe do equilíbrio." (Idem, p. 48).

Entre os muros brancos e os buracos negros que cada um dos agenciamentos que essa pesquisa carrega necessariamente consigo, esta análise vai se encarregar de contribuir com alguns empurrões em direção à desfazer alguns rostos: o ecosófico, o anarquista, o educador. São alguns sussurros para desatar os nós dos arames farpados que cercam as terras da ecosofia, do anarquismo e da educação. Como fazer desses elementos antes um conjunto de práticas em variação contínua do que um trio de noções e conceitos petrificados?

> Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é, engajando devires reais, todo um devir-clandestino. Desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade. O programa, o slogan da esquizoanálise vem a ser este: procurem seus buracos negros e seus muros brancos, conheçam-nos, conheçam seus restos, de outro modo vocês não os desfarão, de outro modo não traçarão suas linhas de fuga. (Deleuze & Guattari, 2012a, p. 64)

As conexões que elaborei no texto operam por descentramentos do campo da filosofia da educação. Descentramentos articulados com outros planos, sejam das artes, das ciências, das lutas sociais, das lutas ambientais, dos processos de subjetificação, etc. O que estou chamando neste texto, de cromatismo generalizado, de variação contínua dos componentes da análise, de desfazer de rostos - são gestos de pesquisa, modos de fazer. Este gesto é a metodologia deste trabalho. Um modo de percorrer os territórios movediços entre educação, anarquismo e ecosofia. Um percorrer por uma trilha seguindo pistas que se conectam e se perdem, "qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (...) Ao contrário, um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros" (Deleuze & Guattari, 2011b, p. 22-23). Sem apaziguamentos da batalha evidente que esses conjuntos de práticas apresentam, sem conciliar os inconciliáveis, sem tentar cafetinar[1] os fluxos vitais de cada território. Os fluxos de liberação, do política do desejo, que quer ser matilha, não massa, estão sempre à espreita. Sendo "A matilha, mesmo em seus lugares, constitui-se numa linha de fuga ou desterritorialização que faz parte dela mesma, linha a que ela dá um elevado valor positivo, ao passo que as massas só integram tais linhas para sementarizá-las, bloqueá-las, afetá-las com signo negativo" (Deleuze & Guattari, 2011b, p. 61).

---

[1] *Cafetinar* é um conceito desenvolvido por Suely Rolnik em diversos textos e pode ser encontrado no livro *Esferas da Insurreição* (Editora N-1, 2019). Em linhas gerais, a pensadora propõe uma atualização do pensamento de Guattari, apontando para um conjunto de estratégias e dispositivos que a subjetividade capitalista articula para modelizar as subjetividades. Extraindo das individualidades, através do desejo domesticado, mais valia, obediência, servidão…

Não conciliar não significa desistir das composições, das harmonias heterogêneas, dos coros polifônicos e dos *maquinejos* impossíveis. *Maquinejo* é um conceito desenvolvido pelo filósofo e educador Alexandre Filordi, através do pensamento de Félix Guattari. Em um palestra conferida em 2019 no VIII Seminário Conexões: Deleuze E Corpo E Cena E Máquina E... I Encontro Deleuze E Educação E Matemática E… publicada depois sob o título *Maquinejos na mecanosfera: escarros, escárnios e escândalos como cena dos corpos* pela Editora Pedro & João (2021). Filordi, desenvolve uma larga argumentação sobre os conceitos de máquina e mecanosfera. Através deste caldo conceitual formula o *maquinejo*. Em linhas gerais, o maquinejo seria a junção de duas palavras máquina e desejo, no entanto, para compreender melhor é necessário um breve percurso pelo seu argumento.

Escreve Filordi (2021, p. 180) "Mas que máquinas? Todas e de todo tipo: máquinas concretas, máquinas a-significantes, máquinas ancestrais, máquinas paleontológicas, máquinas inomináveis, técnicas, burocráticas, sociais; máquinas que esquentam as mãos, máquina-corpo, corpo-máquina. Todas juntas, embora separadas; tudo imiscuído, ainda que distinto; tudo irregular, regularizado, contudo. Questão de mecanosfera.". Através das análises empreendidas por Guattari e Deleuze em Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia 2 apresenta a mecanosfera como algo que congrega e articula todas as máquinas e suas conexões-cortes - a ressonância das máquinas ao nosso redor, sobre nós, conosco, contra nós, etc.

Ao longo dos platôs, Guattari e Deleuze compreendem a mecanosfera como algo além da biosfera, que está estruturada ainda em separações entre vida natural, vida social e vida subjetiva. A mecanosfera seria a plataforma da normalização das subjetividades e dos funcionamentos das diversas máquinas, sob um uma mesma grande sinfonia; ao mesmo tempo, que seria a plataforma para emergência de devires e virtuais inusitados. Escreve Filordi (Idem, p. 188): "A mecanosfera é esse universo plástico das máquinas que já encontramos circuitadas, de um lado. Por outro lado, a mecanosfera também comporta a potência do devir, do ritornelo, da plena materialidade imanente à potência do desejo, sem dicotomia, sem maniqueísmos."

Assim, a mecanosfera seria o lugar da bifurcação: entre o sufocamento e a liberação dos desejos. Ao mesmo que pode bloquear tudo, também se faz de plataforma pela qual os desejos podem revolucionar a mecanosfera, constituir outros corpos, outras mecanosferas, outras possibilidades… Deste modo, "Será com o corpo capaz de ser e fazer maquinejos, ou

seja, outras e pequenas máquinas de desejo cujo plano de consistência nos abre para os devires que se diferenciam e se singularizam pois são componentes dos ritornelos em maquinejos." (Idem, p. 190). Esses pequenos desejos - pequenos não em quantidade, mas em intensidades pois fazem parte do que é minoritário - poderiam catapultar experiências transgressoras e revolucionárias, desde que orientadas pelo desejo escandaloso. "O que ocorre quando assumimos o nosso corpo; o corpo mecanosfericizado no desejo produtivo, corpo-copo-de-cólera, corpo antropofágico dessa mecanosfera única? Infectamos, soltamos o odor do escândalo do desejo, extraviamos, enfiamos goela abaixo do sistema o seu próprio purgante, incensamos nossas escarificações de lutas, mostramos que a vida não mais se contenta em ser peça de encaixe tirada de caixas de quebra-cabeças com números e arranjos determinados a produzir a cena final." (Idem, p. 194).

Eu apostei em junções e conexões entre estes três planos que permitissem a criação de vizinhanças de pensamento, ressonância de campos, afetação e acesso processos de invenção de novas constelações possíveis no pensamento. São justamente nos avizinhamentos concretos entre os agenciamentos que são possíveis as *zonas de indiscernibilidade,* território de passagem e impermanência, onde há espaço disponível para emergências dos virtuais, das retomadas do novo, do cultivo dos germens em devir, "um tal espaço liso, amorfo, se constitui por acumulação de vizinhanças, e cada acumulação define uma *zona de indiscernibilidade* própria do "devir" (mais que uma linha e menos que uma superfície, menos que um volume e mais que uma superfície)." (Deleuze & Guattari, 2012c, p. 209-211).

percorrer como método

Alguns passos antes de apresentar os três planos que evoquei até agora para compor o território dessa pesquisa (ecosofia, anarquismo e educação), atirando o foco e a lente da câmera para o momento em que o gesto-pesquisa ainda se desenha com menos contornos sobre **o que** esta pesquisa se dedica e procura esboçar o **como** se elabora o trajeto por este território, procurei assinalar algumas características deste **percorrer** como método. Enunciei já alguns modos de vivenciar e experimentar essa investigação através dos conceitos aqui sumariamente citados: *descentramento, avizinhamento, variação contínua, cromatismo generalizado, polifonia, conexões inusitadas, inconciliações, dissonâncias.*

O *caminhar* como gesto cartográfico também foi elaborado no livro *Pistas do método da cartografia - Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (2015), organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Neste livro, muitas ensaístas do tema desenvolvem e apontam para pistas e paradigmas da pesquisa cartográfica.

Kastrup (2015) na segunda linha de seu ensaio já adverte que, em linhas gerais, "trata-se sempre de investigar um processo de produção." (p.32). Em sua análise a pesquisa cartográfica não percorre uma linha entre dois pontos e atinge um fim pré-anunciado. Para a cartografia é impossível presumir a finalidade real de um processo pois o mundo (o plano, o campo) onde se realiza a pesquisa não é um objeto dado, nem um lugar onde os dados estão esperando para serem extraídos. "Tomar o mundo como fornecendo informações prontas para serem apreendidas é uma política cognitiva realista; tomá-lo como uma invenção, como engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento, é um outro tipo de política, que denominamos construtivista." (Idem, p. 34). O conhecimento é uma construção, que a pesquisa pode elaborar de forma conjunta com a 'coisa' que se conhece. Principalmente, a pesquisa é algo que se faz em ato, em gesto, é uma intervenção (Passos e Benevides, 2015, p. 17). Tomar a pesquisa como ato, como ação, é um procedimento de Kastrup, definido em quatro paradigmas, de quatro gestos: *o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento* (Kastrup, 2015, p. 40). Nesta pesquisa também tomaremos o trabalho realizado como um gesto, a que estou nomeando de *percurso-viagem*. O *caminhar* anunciado nas análises de Benevides e Passos (2015, p. 31) afirma a pesquisa como uma intervenção: "Nesse sentido, conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção.". Caminhar, intervir, tomar as coisas, ser tomado pelas coisas, não distinguir as coisas, separar as coisas, perder, encontrar, pousar, etc. São diversos verbos que se materializam em procedimentos que se realizam *no e com* o plano que se está investigando. Há uma delimitação do campo de pesquisa através do conceito de plano, que atualiza a ideia de campo, no entanto a estende para um território dinâmico e multicomponencial. Comentam "se assim afirmamos, precisamos ainda dar outro passo, pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar como plano da experiência." (Passos e Benevides, 2015, p. 18). Esta pesquisa também adota o conceito de plano de experiência para nomear os territórios da investigação.

Ainda como consideração final, definem de forma mais categórica o método cartográfico como o *traçado* neste plano da experiência, acompanhando os efeitos sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento no próprio percurso da investigação.

Nas comunidades zapatistas há uma expressão recorrente, que se avizinha ao sentido de aprendizado, que afirma um *caminhar perguntando* - "me explicam que não existe uma palavra para "pedagogia" em *bats'i k'op*. Na verdade, não há uma pedagogia no Centro [zapatista], senão o próprio *caminhar*. Rosa certa vez me disse que uma das frases mais importantes entre os povos era: *Kalal chi xanave skan to jaktik*, na tradução para o castelhano, *hay que camiñar preguntando.*" (Morel, 2018, p. 504). Em 2020 no *Comunicado do comitê clandestino revolucionário indígena - comandância geral do exército zapatista de libertação nacional,* um texto produzido à muitas mãos e corações, publicado sob o título Declaração Pela Vida[2] em diversas línguas e plataformas diferentes, encerra sua sexta parte (que é a primeira parte do livro impresso), com as seguintes afirmações de uma viagem por vir:

> Este é o nosso compromisso. Face aos poderosos trens, as nossas canoas. Face às termelétricas, as luzinhas que nós, as zapatistas, confiamos a mulheres que lutam em todo o mundo. Face aos muros e fronteiras, o nosso **navegar** coletivo. Face ao grande capital, um milheiral em comum. Face à destruição do planeta, uma montanha navegando de madrugada. (ZAPATISTAS, 2020, p. 26 - Grifo do Autor)

Um **navegar coletivo** contra as interdições do Significante, do Ser e do Capital. Como bem destacou Guattari, "A ênfase não é mais colocada sobre o Ser, como equivalente ontológico geral, o qual, pela mesma razão que outros equivalentes (o Capital, a Energia, a Informação, o Significante), envolve, delimita e dessingulariza o processo, mas sobre a maneira de ser, a maquinação para criar o existente, as práxis geradoras de heterogeneidade e de complexidade." (Guattari, 2012, p. 125). Constituir esta pesquisa é um gesto coletivo pois agencio ao longo dos movimentos dessa travessia de territórios algumas alianças, amizades, leituras, ficções, encontros com inhumanidades, encontros com forças que permitiriam *uma montanha navegar pela madrugada,* etc. Um processo de singularização, que permite uma produção de si como invenção de uma obra experimental. Este navegar acontece em agenciamentos coletivos, em práticas de grupos-sujeitos. Grupo-sujeito é um conceito importante para o pensamento de Félix Guattari, podemos encontrar esse conceito em toda sua produção. Iremos detalhar de forma mais vertical essa noção ao longo do texto. Em linhas

[2] Esta declaração tem centenas de assinaturas, individuais e coletivas, de dezenas de geografias. A lista completa e o texto na íntegra pode ser consultado em https://enlacezapatista.ezln.org.mx/

gerais, um grupo-sujeito é aquele que os membros (humanos, não-humanos, significantes e a-significantes) conseguem constituir para si formas de autogestão e de autonomia, produzindo seus próprios marcos referências e processos de auto-modelização subjetiva. O grupo-sujeito é um único que pode "trabalhar os fluxos semióticos, quebrar as significações, abrir a linguagem a outros desejos e forjar outras realidades!" (Guattari, 2020, p. 112).

Deste modo a produção das subjetividades se dão de forma coletiva e não individualizante-assujeitada, o que também não a torna exclusivamente social. "Com efeito, o termo 'coletivo' deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos" (Guattari, 2012, p. 19). Além da sociedade, além do sujeito, encontramos talvez as máquinas abstratas e os acontecimentos a-significantes, pré-verbais, antes da linguagem - os afetos.

Este gesto coletivo, em grupo, opera descentramentos na estrutura engessada indivíduo-pesquisador-observador-objeto-comunidade-pensamento. Avançamos para uma prática libertária de *ação direta como gesto de pesquisa*, ação direta coletiva e transversal, "o ser não precede a essência maquínica; o processo precede a heterogênese do ser" (Guattari, 2012, p. 124). Este **processo** de investigação como ação direta, agencia uma multiplicidade de componentes de subjetividade (humanos e não humanos) dançando na linha tênue que desenha os territórios, seus escapes e suas capturas. Percebemos momentos que o território é varrido pelas forças desterritorializantes, acessando componentes caosmóticos, sempre bifurcando entre processos de individuação localizados na subjetividade capitalística ou em processos de singularização automodelizadores que instauram o recomeço do novo, outros territórios. Outros territórios que levarão para outras fugas, que levarão para outros territórios, etc…

> Tratar-se-ia de fazer estilhaçar de modo pluralista o conceito de substância, de forma a promover a categoria de substância de expressão, não apenas nos domínios semiológicos e semióticos mas também nos domínios extralinguísticos, não humanos, biológicos, tecnológicos, estéticos etc. [...] Transversalidade, então, entre substâncias enunciadoras que podem ser, por um lado, de ordem expressiva linguística, mas, por outro lado, de ordem maquínica, se desenvolvendo a partir de "matérias não semioticamente formadas". (Guattari, 2012, p. 36)

Não é uma afirmação de um maniqueísmo entre a boa e a má trajetória-navegação do percurso do pesquisar, muito menos afirmar uma estabilidade entre estes processos de

subjetivação. "A máquina, todas as espécies de máquina estão sempre nesse cruzamento do finito e do infinito, nesse ponto de negociação entre a complexidade e o caos." (Guattari, 2012, p. 127). Trata-se aqui de uma afirmação de um certo tipo de percorrer por espaços habitando este ponto de negociação entre as capturas (finito) e as fugas (infinito); um certo procedimento de ocupação de territórios existenciais, de uma certa prática de **viajar**

> [...] o que distingue as viagens não é a qualidade objetiva dos lugares, nem a quantidade mensurável do movimento - nem algo que estaria unicamente no espírito - mas o modo de espacialização, a maneira de estar no espaço, de ser no espaço. Viajar de modo liso ou estriado, assim como pensar… Mas sempre as passagens de um a outro, as transformações de um no outro, as reviravoltas (...) Viajar de modo liso é todo um devir, e ainda um devir difícil, incerto. (Deleuze & Guattari, 2012c, p. 202-3)

Produzir reviravoltas e incertezas neste navegar-percorrer como metodologia. Ativar a experimentação de singularização, coletiva e pessoal. Escolhendo (e sendo escolhido) por certos aspectos, algumas trilhas, por pistas que ficam brotando nos planos da pesquisa (educação, anarquismo, ecosofia). As pistas que esbarrei foram encontradas, seguidas, abandonas, intensificadas, perdidas através de um gesto - o que poderíamos chamar de metodologia de pesquisa, que se configura através dessas palavras que foram flutuando até agora, retomadas aqui entre descentramento, avizinhamento, variação contínua, cromatismo generalizado, polifonia, conexões inusitadas, inconciliações, dissonâncias, viajar, percorrer, experimentar, processualizar, singularizar, transversalizar, etc.

Algumas considerações finais sobre a metodologia desta investigação são necessárias em relação à uma interrogação mais pragmática: este é um trabalho de investigação teórico-conceitual, apoiado principalmente no estudo de um arquivo que foi construído ao longo dos anos de pesquisa. Este arquivo comporta diversos formatos e suportes para seus materiais, entre eles, livros, artigos, revistas, zines, como também, entrevistas em áudio e vídeo realizada realizadas por terceiros e de acesso público por diferentes canais de comunicação, como também as experiências percorridas com pessoas amigas em diferentes contextos de investigação (formal e informal) como seminários, minicursos, conferências, grupos de pesquisa e leitura, performances, exposições, mesas de café e cerveja. Uma multiplicidade de substâncias que se agenciam sem requerer um gênero ou suporte específico como estratégia de conexão, apoiando seus magnetismos (entre atrações e repulsas) na tentativa de criação automodeladora e transpessoal de um processo de singularização para **um percorrer como método**.

Afirmo, junto com Guattari e Negri (1984), uma necessária tríade para realização do trabalho: "Singularidad, autonomía y libertad son tres líneas de la alianza que vendrán a anudarse sobre el nuevo puño levantado contra el orden capitalista y/o socialista. Es a partir de ellas que podrán ser inventadas desde ahora, las formas de organización adecuadas a la emancipación del trabajo y la libertad."[3] (Guattari & Negri, 2020, p. 185). O trabalho da pesquisa é em si uma invenção de espaços de liberdade e práticas sociais de autonomia. Foi constituído apoiado em na recusa à uma institucionalização domesticada da investigação, apostando num trabalho de emancipação e reinvenção. Reinvenção nos grupos que circulo, acontecimentos que agencio, textos que escrevo, arquivo que constituo e agora compartilho na forma desta tese.

Vertigem da maquete do jovem do nono ano: enquanto carrega a maquete pelas mãos e deambula pelos caminhos de uma escola muito estranha - uma escola como as pinturas de Asher, em que um espaço entra em outro espaço que entra em outro espaço e etc… Ali encontra outras tantas jovens com maquetes que deambulam e se encontram e a cada encontro as maquetes e as juventudes vão se misturando e se afetando e se conspirando… Às vezes, as muitas mãozinhas movem os palitinhos e as camadas de isopor e as tintas guache, neste átimo, os seus pés são teletransportado para a maquete que as mãos estão movendo… Cada território que se abre para as manipulações das mãos se desdobra em outro… Um coro polifónico de criação e invenção dos próprios mundos ao caminhar e mover com as mãos. São muitos vagueares que se multiplicam por infindáveis possibilidades de territórios criados a cada gesto.

[3] Tradução do Autor (T.A.) - "Singularidade, autonomia e liberdade são três linhas da aliança que serão atadas no novo punho levantado contra a ordem capitalista e/ou socialista. É a partir deles que as formas de organização apropriadas à emancipação do trabalho e da liberdade podem ser inventadas a partir de agora"

pontos de partida

Até o momento procurei levantar algumas pistas sobre como a pesquisa foi acontecendo, qual procedimento e método de realização deste trabalho, através de algumas imagens que convidam à um percorrer por algum território. Insinuei no início deste movimento algumas características deste território, apontando para três grandes agenciamentos que compõem essa paisagem: **a ecosofia, o anarquismo e a educação.** Cabe agora ao desenvolvimento do texto, três movimentos que se acompanham: primeiro, uma tentativa de descrição e definição preliminar destes territórios (ecosofia, anarquismo e educação), procurando sobrevoar algumas de suas características e de seus componentes; segundo, apresentar a emergência de algumas **questões-fricções** que essa tese procurou elaborar e desenvolver ao longo do texto; e terceiro, apresentar em linhas gerais o protoconceito de **anti-educação,** que arrisca pôr em funcionamento uma prática ecosófica da educação anarquista, que iremos desenvolver ao longo do texto e nos servirá como chave de leitura da tese.

A tentativa[4] de definição, aqui, serve apenas para delimitar um espaço que poderemos escapar, em outras palavras, pensando como uma costureira e sua prática: *a tecitura de uma urdidura serve para invenção de uma trama que está sempre deixando pontas soltas para desfiar o fio que lhe cose.* Poderíamos pensar junto com Godinho (2013) sobre a tentativa aqui posta em movimento, através do gesto de *bosquejar*. dizer que se esboça ou descreve a traços largos, como quem desbasta e organiza, sem a organização, um material, desbastando-o ao mesmo tempo em que desbasta o pensamento e lhe dá um ritmo" (p. 131). Bosquejar é o que este antes, o que prepara o vir a ser, o que estica o elástico do estilingue e quando é lançado já não está mais ali. É o que germina o devir. "que implica uma relação de tensão quase imperceptível com um futuro e é um encontro; tão simplesmente o traçado de um devir, que não é uma construção, mas uma emergência de um outro mundo. Marcar com linhas o que ainda não se inscreveu." (p. 132). É um gesto que traça linhas provisórias para

[4] A ideia de tentativa, aqui, se aproxima do gesto proposto por Deligny em suas práticas educacionais, que se inspiraram em Ferrer y Guardia e Freinet, como ele mesmo menciona em algumas passagens. Essas proposições foram comentadas por Marlon Miguel, nas seguintes palavras: "Um novo conjunto de circunstâncias abre a possibilidade de tramar diferentemente o destino dessas crianças. Os impasses, a precariedade mesma dessa abordagem, constituem as condições de possibilidade do que Deligny chama precisamente uma “tentativa”.". Deste modo, a tentativa não procura confirmar uma meta definida, ou seja, corresponder ao desejo de realizar com um significado sobre o que será realizado. É uma tentativa orientada para a experimentação e abertura para novos campos de possíveis. Ver em Miguel, Marlon.(2015). *Os dois lados da inquisição: Fernand Deligny, ensaios de uma tentativa pedagógica*. M Miguel. Revista Ao Largo 1, 25-41.

iniciar o passo pelo caminho. É tentativa, bosquejo e risco. As conceituações são importantes para oferecer contornos sobre algum acontecimento, não servem para a cristalização de verdades, e nos convidam a seguir os desdobramentos dos caminhos do pensamento, que encontra pontos de verdade e contorno para mais adiante descobrir algo novo e abandonar as antigas ideias. Assim, as conceituações deste movimento são provisórias e servem para seguir um percurso e uma conversação sobre esses três grandes agenciamentos que constituem o plano de consistência desta investigação.

um paradigma anarquista?

O **anarquismo** é uma perspectiva ético-política. É uma atitude diante da vida. É muito diverso e múltiplo entre seus movimentos, correntes de pensamento, modos de sociabilidade, práticas sociais, etc. Para algumas correntes a própria tentativa de definição do que seria **o anarquismo** aparenta autoritária e incoerente com as práticas de liberdade que a palavra emana. No caso desta pesquisa, procuro contornos para diferenciar o anarquismo de outras forças anticapitalistas, no entanto, "gostaria de demonstrar aqui que considerar **o** Anarquismo uma doutrina política é um sério problema, tanto prática quanto conceitualmente." (Gallo, 2007, p. 19). Nesse sentido não procurarei falar do anarquismo, como um programa nem como uma doutrina; e sim, afirmar **os anarquismos** como um diagrama, um agenciamento maquínico composto por diversas linhas moleculares e que está em constante movimento e transformação. Deste modo, o mais interessante para este trabalho seria nomear como: **os anarquismos.** Procurarei em contribuições muito gerais e inspirado nas produções do anarquista brasileiro Silvio Gallo algumas linhas conspiram para constituição de práticas libertárias e anarquistas, nomeado por Gallo, sob a forma de uma interrogação: é um possível **paradigma anarquista**?

A partir dos escritos de Bakunin, reiterados pelo anarquista Filippo Trasatti (2014), há uma certa paixão obstinada e incansável pela liberdade, que poderia compor um fio que percorre todas as correntes e perspectivas libertárias. Uma paixão ardente por compor e recompor e recomeçar práticas e espaços de liberdade. Essa paixão pela liberdade mobiliza um corpo em constante estado de rebelião e insurgência, que procura construir com seu modos de vida e nos seus contextos (macro e micro) práticas de liberdade, que só podem se realizar no âmbito coletivo, como escreveu o velho barbudo "Eu não serei verdadeiramente livre até que todos os homens e mulheres que me rodeiam também sejam livres. A liberdade

dos outros, longe de supor uma limitação para minha liberdade, é a condição indispensável para sua realização." (Bakunin, 2015, p. 85). A **recusa** à dominação e a exploração de uma pessoa sobre outra é o princípio organizador do sujeito para Bakunin, é o que o convida para manter acesa o fogo da revolta e incentivar práticas de liberdade. O que convoca para outra unanimidade entre os anarquismos que é uma recusa completa e radical das tramas da dominação e da exploração.

Gallo (2007) nos convida a pensar os anarquismos como um princípio gerador, ou um conjunto de princípios geradores[5]: *autonomia individual, autogestão social, internacionalismo e ação direta*.

Por *autonomia individual*, em Gallo, os anarquismos consideram que o indivíduo só existe em relação com o outro, com a sociedade, em uma relação de mútua constituição. Essa relação de constituição mútua não opera por um efeito de castração do grupo sob o indivíduo e tão pouco sob uma imposição dos indivíduos em relação ao grupo, mas em um processo cooperativo entre esses componentes sociais em busca da construção de práticas de liberdade.

A *autogestão social* deriva diretamente do princípio de autonomia individual, que recusa qualquer tipo de cristalização e institucionalização do poder, da autoridade e da hierarquia. As comunidades libertárias cultivam em seu próprio seio os meios pelos quais gostariam de se autogerir, das relações do trabalho aos modos de amar, do cultivo ao conhecimento: o que é chamado de *autogestão.* Em uma relação mútua de constituição entre sujeitos e sociedades, é através da ação direta das pessoas em suas próprias sortes e modos de viver que se organiza a vida em comunidade.

O *internacionalismo,* por sua vez, conecta-se com a recusa do governo das vidas através da forma Estado-Nação. As emergências das soberanias Estatais no contexto europeu implicam um processo de dominação e governamento das vidas dentro e fora dos próprios territórios, sejam pelas repúblicas, sejam pelas colônias, sejam pelas guerras. Uma luta libertária pela liberação das vidas atravessa de forma essencial a dissolução das fronteiras e uma luta agenciada em âmbito local, global e internacional.

A *ação direta* é apontada como a principal tática de luta anarquista, principal forma de combate e de afirmação de existências libertárias. É através das próprias mãos dos povos em luta por liberdade que a transformação social poderá ganhar corpo e consistência. A ação

[5] GALLO, 2007, p. 20.

direta é uma recusa total do governo de outros sobre si mesmo e afirmação radical da autogestão em todos os campos da vida, principalmente na luta por outras vidas possíveis.

Esse princípios geradores nos auxiliarão ao decorrer do texto caminhar de forma mais específica sobre alguns terrenos arenosos da discussão anarquista em educação, também nos servem a mão para essas considerações iniciais deste agenciamento maquínico que está em constante movimento, entre atualizações e diferenças, no entanto, como uma investigação libertária e experimental, nos cabe friccionar e provocar torções e novas composição com o pensamento que Silvio Gallo desenhou através destes princípios. Não cristalizar, não transformar em doutrina nenhum pensamento ou afirmação. Estar disponível para arejar e colocar questões ao pensamento.

Francisco José Cuevas Noa (2014), *Paco Cuevas* - como seus camaradas da FAL-CNT[6] o conhecem - nos traz também alguns traços que poderiam compor bases filosóficas possíveis para o anarquismo. Paco Cuevas, que é também um leitor de Gallo, nos convida a pensar alguns marcos teóricos e filosóficos importantes para a afirmação de uma *atitude*[7] anarquista. Esses marcos estão organizados em três linhas gerais, que seriam: o primeiro, as *bases filosóficas do anarquismo*: as ideias de liberdade, natureza e moral; o segundo, as *críticas a sociedade* existente: as críticas ao poder, à religião e à economia; o terceiro, a *concepção de revolução*.

Entre as bases filosóficas do anarquismo, a ideia de *liberdade* é um dos seus princípios fundamentais, como apontamos na fala de Bakunin. A liberdade, na análise de Cuevas, em perspectiva anarquista se afasta da liberdade do liberalismo quando não admite nem a existência de classes sociais (dominação) e nem da propriedade privada, que operam como fundamento da ideia liberal de que as liberdades terminam onde começam as liberdades dos outros. A liberdade anarquista, também, não pode ser a finalidade ou ponto ápice de um movimento de liberação, admitindo, portanto, que ela seja submissa ou interditada em nome de um processo histórico maior, como a ditadura do proletariado. A liberdade é o processo e o objetivo, caminho e meta, meio e fim. É através de práticas de liberdade que a emancipação pode se realizar, "siempre que su liberación no pase por la opresión y explotación de otras

[6]A principal tarefa da Fundação Anselmo Lorenzo (FAL) é divulgar e proteger a cultura libertária. Entre suas atividades está a publicação de conteúdos e livros sobre o anarquismo, bem como a preservação da documentação ligada ao sindicato ao qual pertence, a Confederação Nacional do Trabalho (CNT).

[7] Vale destacar que Paco Cuevas denomina em seu livro a ação anarquista como uma *atitude*, o que nos remete para uma *gesto*, que nesta pesquisa têm se desenhado como metodologia de análise - um gesto é um posicionamento ético-político diante da vida em suas miríades de possibilidade de existência e prática.

clases.[8]" (Cuevas, 2014, p. 22) - dito sem meias palavras: só a liberdade nos levará a liberdade.

Outra base filosófica anarquista para Cuevas, é a ideia de *Natureza*, mais especificamente a ideia de *leis da natureza*. Para desenvolver essa hipótese, que a esta pesquisa parece estranha e será friccionada ao longo do texto, evoco as análises de Kropotkin em *O Apoio Mútuo - um fator de evolução*[9], que afirmam que a principal lei natural que orienta a evolução das espécies (à revelia dos darwinistas e darwinismos) é o princípio do Apoio Mútuo.

> Su teoría le lleva a afirmar que la anarquía será el producto inevitable de la evolución de las leyes naturales en la sociedad humana. Para los pensadores anarquistas más vinculados al cientificismo kropotkiniano y a los planteamientos de Bakunin, la razón (y por tanto, la moral, la política, la educación, etc) se identifica con la necesidad natural, y la libertad, por tanto, consiste en la aceptación de esa necesidad. (Cuevas, 2014, p. 24).

A *moral* anarquista, seria a última base filosófica do anarquismo, segundo Cuevas. Em sua análise, os anarquistas também desenvolveram planos para o campo moral, compreendendo que a revolução não operaria apenas uma transformação das estruturas políticas e econômicas, e os modos de vida e os valores morais deveriam também atravessar transformações radicais. Também apoiado em leituras de Kropotkin, defende que apenas através do posicionamento ético-moral no presente nos pode conduzir para outras sociedades futuras, em outras palavras: só se aprende a liberdade e a solidariedade se se praticar no presente posicionamentos solidários e libertários diante da vida. "La subordinación de los medios a las circunstancias supone desvalorizar la vida actual y potenciar comportamientos sumisos y resignados, por tanto sólo una ética radical puede hacernos llegar a una sociedad totalmente libre y igualitaria."[10] (Cuevas, 2014, p. 27).

As críticas anarquistas à sociedade existente, em linhas gerais, em Cuevas, se organizam em três linhas: críticas ao poder, à religião e à economia.

A *crítica ao poder* estaria centrada na defesa da autonomia social em oposição à institucionalização do poder Estatal. O anarquismo é anti-estatal, é anti-Estado. O Estado, seja qual for sua organização, impede a autogestão social dos meios de produção da vida e

---

[8] T.A. - "desde que a sua liberação não envolva a opressão e a exploração de outras classes".
[9] KROPOTKIN, Piotr. Apoio Mútuo - um fator de evolução. São Paulo, Biblioteca Terra Livre, 2021.

[10] T.A. - A subordinação dos meios às circunstâncias de hoje significa desvalorizar a vida e encorajar comportamentos submissos e resignados, de modo que somente uma ética radical pode nos conduzir a uma sociedade totalmente livre e igualitária.

perpetua os privilégios de um grupo social sobre outro. Os anarquistas, segundo Cuevas (2014)

> intentan demostrar que el origen del Estado no está en un libre contrato de la ciudadanía para erigir un gobierno representativo, sino en la conquista y la violencia de importantes grupos dominantes que han sido capaces de imponerse a otros grupos a través del tipo de estratégia política habitual (estrategia de poder) que suele utilizar el militarismo, la propaganda y el control del pensamiento, el patriotismo, la exclusión social, etcétera. (p. 29)[11]

A *crítica à religião,* segundo Cuevas, apoiado em Bakunin, está fundada na percepção de que o amor à servidão está intimamente ligado ao conceito de Deus. Um aspecto da crítica é através do posicionamento antiteísta, que estaria para além de uma negação da existência de Deus (ateísmo), e sim, uma luta contra sua ideia e concepção (antiteísmo). A concepção de um ser superior responsável pelos acontecimentos da vida, opera na sociedade uma predisposição à obediência e a concepção metafísica (religiosa) da vida aliena as pessoas da produção material da vida. Outro aspecto importante no anarquismo clássico é o anticlericalismo. As Igrejas sempre tiveram relações íntimas com o Estado, quando não encarnaram o Estado elas mesmas. A igreja, como estado, através de diversos dispositivos (condução das consciências, expropriação do trabalho, da terra, etc) perpetuou a opressão de um grupo social sobre outro.

A *crítica à economia,* em Cuevas, para os anarquistas, está fundada no ataque à propriedade privada e à acumulação do capital. A propriedade é um roubo, como escreveu Proudhon. A crítica ao Estado caminha lado a lado à crítica ao Capital, podendo localizar um pelo outro, faces de uma mesma moeda. Em oposição a concentração das propriedades o anarquismo propõe formas de autogestão social dos meios de produção da vida. Podemos destacar três grande linhas das proposições econômicas libertárias: mutualismo (Proudhon), coletivismo (Bakunin) e comunismo libertário (Kropotkin), conhecida pela célebre frase "de cada um segundo suas capacidades, a cada qual segundo suas necessidades". O socialismo autogestionário ou comunismo libertário propõe uma alternativa ao capitalismo ocidental e ao comunismo autoritário.

---

[11] T.A. - tentam mostrar que a origem do Estado não está num contrato livre da cidadania para erigir um governo representativo, mas na conquista e violência de importantes grupos dominantes que foram capazes de se impor a outros grupos através do tipo usual de estratégia política (estratégia de poder) que geralmente usa militarismo, propaganda e controle do pensamento, patriotismo, exclusão social, etc.

A *revolução* para os anarquismos, segundo Cuevas, apoiado no pensamento de Proudhon, é um processo permanente e social. Permanente, pois está a todo tempo acontecendo em todas as relações comunitárias (interpessoais e coletivas, micro e macropolíticas). Social, pois diferente das perspectivas socialistas autoritárias, não é apenas política, é cultural, social, ambiental, racial, sexual, subjetiva, etc; e está fundada na instauração de uma nova cosmologia do pensamento e da vida. Para os anarquistas não há negociação com estágios de transição apoiados na forma Estado que servem para apaziguar o fogo da revolta que deve tudo consumir. Bakunin descreve a revolução como a imagem de um fogo brilhante e destruidor, que depois de pôr abaixo todas as formas, pode se reconfigurar como um fogo criador de novas formas. São diversas táticas e correntes que anarquistas ao longo da história desenvolveram, tais como o inssurrecionalismo, a greve geral, a ação direta, a propaganda-pelo-ato, a educação, a ocupação, etc, com e sem a presença da violência revolucionária como instrumento de luta.

Procurei desenhar algumas linhas verticais do território dos anarquismos, linhas que operam uma certa aglutinação das práticas e dos pensamentos do campo, afirmando um contorno para os anarquismos, o que poderíamos chamar de *linhas molares do agenciamento libertário*. Como território em constante atualização (conexões entre o dentro e o fora), um território em constante disputa e revoluções, há diversos acontecimentos instaurados pela diferença do novo, que produzem moleculariz ações e linhas de fuga.

agenciamento coletivo de enunciação e cultura libertária

As práticas de anarquistas em diferentes contextos e espaços produz, também, um devir-minoritário, um campo de agitação molecular nas máquinas libertárias - que reorganiza e reposiciona suas tácticas e práticas constantemente. Sua ação se alastra e se contagia em direções ingovernáveis, com um gradiente mais ou menos móvel de fazeres, princípios, afetos, palavras e modos de vida. Poderíamos configurar essa agitação constante do agenciamento anarquista como uma *cultura libertária*, pensando com com Augusto (2013)

> Definida assim, uma cultura em devir-minoritário, a cultura libertária é uma potência. Sua relação com a anarquia e os anarquistas se expressa na potencialidade inventiva que suas práticas de confronto com a ordem possibilitam na produção de devires. Para a cultura libertária não basta ser anarquista ou se declarar anarquista. É preciso um devir, um devir que se encontra na virtualidade da revolta, que não cessa de se afirmar e se transformar (p.23)

Esta afirmação: colocar-se em devir, ou, em variação contínua, ou, em revolta permanente, implica um gesto de implicar a si e aos grupos em uma constante disposição para acessar o virtual (o caos, a transformação, o novo, etc) através da revolta (a membrana fina entre o infinito-virtual e o finito-material). Este estar em permanente revolução é uma chave de leitura importante para tomar os anarquismos como um campo polifônico e múltiplo que envolve distintas práticas sociais, culturais, raciais, sexuais, estéticas, ambientais, rurais, urbanas, etc.

A este caldo subjetivo-coletivo, a este *agenciamento coletivo de enunciação,* podemos chamar de *cultura libertária*, que pode variar constantemente de forma-conteúdo e do seu modo de significação. *Agenciamento coletivo de enunciação* é um conceito essencial do pensamento de Guattari, que foi largamente tratado em seus escritos individuais e também em seu livro junto a G. Deleuze, *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia 2*.

A partir das investigações sobre a linguagem, comunicação e semiótica, Guattari e Deleuze (2011), afirmam: "A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda." (p.13) e ainda "A linguagem não é comunicativa nem informativa, não é comunicação de informação, mas - o que é bastante diferente - transmissão de palavras de ordem, seja de um enunciado a outro, seja no interior de cada enunciado, uma vez que um enunciado realiza um ato e que o ato se realiza no enunciado" (p. 17). Ou seja, a linguagem não representa a vida como coisa real ou a realidade não significa o que a linguagem enuncia, ambas, expressão e conteúdo, são atos, gestos, acontecimentos, ações, produzem algo. "O caráter social da enunciação só é intrinsecamente fundado se chegamos a mostrar como a enunciação remete por si mesma, aos agenciamentos coletivos." (p. 18). Na análise dos autores os agenciamentos coletivos de enunciação e as palavras de ordem produzem transformações incorpóreas, tais como a transformação dos "passageiros em reféns, e do corpo-avião em corpo-prisão, é uma transformação incorpórea instantânea [...] As palavras de ordem ou os agenciamentos coletivos de enunciação em uma sociedade dada - em suma, o ilocutório - designam essa relação instantânea dos enunciados com as transformações incorpóreas ou atributos não corpóreos que eles expressam" (p. 20).

Guattari em uma palestra conferida no Chile nos anos oitenta, afirma que os *agenciamentos coletivos de enunciaçã*o colocam em interação máquinas-fluxos semióticas, materiais e sociais distante de uma metalinguagem - distantes da representação, aterrando os conceitos no campo do atual e do Real, sem misticismo - pura imanência. Diz ele: "É uma e a

mesma coisa trabalhar ao mesmo tempo em fluxos semióticos ou em fluxos materiais e fluxos sociais. Não há mais um sujeito e um objeto na frente um do outro e, na terceira posição, um meio de expressão. A tripartição entre o campo da realidade, o campo da representação e o campo da subjetividade não funciona mais. O que temos é *um agenciamento coletivo de enunciação* que é, ao mesmo tempo, sujeito, objeto e expressão. O sujeito não é mais o garantidor universal das significações dominantes." (Guattari, 2020, p. 111 - T.A.). Deste modo, não estamos mais na lógica do sujeito enunciador, da estrutura-superestrutura da língua e seus meios de expressão como elementos separados e definidos, o que é enunciado é feito através de um agenciamento entre elementos heterogêneos e é produzido em ato.

A *cultura libertária*, como *agenciamento coletivo de enunciação*, apoia-se no princípio gerador que recusa às cristalizações dos poderes, ativando um estado de permanente insubmissão - inclusive às suas próprias crenças e verdades. Uma cultura que está aberta para associações imprevistas, para os encontros inesperados e orquestrados - uma prática minoritária e associativista, construíndo agenciamentos através de outras categorias que não apenas as estruturais-superestruturais, mas transversais, criando campos de luta heterogêneos (guaranis *com* secundaristas *com* sindicalistas *com* artistas *com* as mulheres *com* as crianças *com* estudantes universitários *com* empregadas domésticas *com* as travestis *com, com, com*). Uma prática de afinidades entre pares completamente diferentes na construção de uma vida libertária, liberada do Estado, do Capital, do Ser, do Significante, da Igreja, da Eleição, do smartphone, do reconhecimento facial, do Fascismo e dos fascismos, etc.

> É, também, uma cultura associativa. Mas não um associativismo civil voltado para fins públicos, defesa de interesses de grupos ou afirmação identitária permanente ou provisória. Trata-se da produção de associabilidades realizadas como uma forma da consciência minoritária, que afirma a singularidade desse menor como resistência ao desejo de maior, ao desejo das massas e da formação de uma massa. (Augusto, 2013, p. 23)

Ao longo da tese essas ideias vão ganhar mais contorno quando abordarmos de forma demorada alguns conceito-forças que povoam a filosofia da educação libertária, procurando compreender quais são as torções e fricções que algumas ideias (como humano, experiência, sujeito, autonomia) têm ganhado nessas moleculariações e tremores com as práticas de anarquistas.

ecologia e ecosofia

Os movimentos revolucionários dos anos 60-70 instauraram a emergência de lutas no campo das ecologias e dos egologismos. Um pensamento múltiplo entre reformismo e radicalismos, reativaram um discurso sobre sobre a natureza, suas relações com as sociedades, sobre os modos de produção (no campo e na cidade) e extrativismo dos recursos naturais. Não caberá aqui uma genealogia dos movimentos *eco-*, o que podemos encontrar em outros lugares, como na produção vasta, entre genealogias, críticas e atualizações, da revista Ecopolítica[12], conduzida pelo Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) da PUC-SP. Também podemos encontrar reverberações destes discursos ecológicos na produção intelectual de André Gorz, como *Galilée, Ecologia e Política* (1975), *Ecologia e Liberdade* (1977) e em *Ecológica* (2005), este último publicado em português pela Editora Anna Blume em 2010. Gorz (2010), escreve sobre essa diversidade de tendências ecológicas e a necessidade de um radicalização ecológica:

> Em compensação, se você parte do imperativo ecológico, poderá igualmente chegar tanto a um anticapitalismo radical quando a um *pétanisme*[13] verde, a um eco-fasciesmo ou a um comunitarismo naturalista. A ecologia não alcançará todo o seu potencial crítico e ético se a devastação da Terra e a destruição das bases naturais da vida não forem compreendidas como consequências de um modo de produção; e se não entendermos que esse modo de produção exige a maximização dos rendimentos e recorre a técnicas que violam o equilíbrio biológico. Estou convencido, portanto, que a crítica das técnicas nas quais a dominação sobre os homens e sobre a natureza toma corpo é uma das dimensões essenciais de uma ética da libertação. (Gorz, 2010, p. 11)

Guattari (2001), em *As três ecologias,* começa sua análise com o reconhecimento ululante dos acontecimentos catastróficos que a axiomática capitalista produz na Terra - os modelos de realização da expansão contínua e irrefreável da exploração capitalista, seja dos recursos naturais, humanos e não humanos nos colocou num caminho evidente de destruição e aniquilamento da Terra e da vida. Uma axiomática que possui seus limites constituídos de forma imanente, comenta Deleuze:

> Primero, el capitalismo no cesa de enfrentar límites. Segundo lugar, esos límites le son fundamentalmente, esencialmente inmanentes. Y tercer punto:

[12] Ver em https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/issue/archive (consultado em 10/09/2022)

[13] Em nota, o tradutor do livro de Gorz nos informa: *"A palavra vem do nome de P. Pétain (1856-1951), Chefe de Estado francês entre 1940-1944. O "pétainisme" nomeia a ideologia oficial do Estado Francês, regime conservador colaboracionista implementado pelo Marechal Pétain em julho de 1940, com a finalidade de realizar uma "regeneração moral da França". [...] "Pétainisme", por isso mesmo, é frequentemente entendido como um sinônimo de fascismo."*

> de modo que no cesa de chocar contra ellos y al mismo tiempo de desplazarlos, es decir, empujarlos más lejos. Esa es la tesis del límite en tanto que inmanente, y no como obstáculo exterior que ofrece límites, y quien desde entonces choca contra ellos y los desplaza. Esta tesis fundamental, creo yo, plantea el problema de la saturación, de lo que podría llamarse la saturación del sistema en tal o cual momento.[14] (Deleuze, 2017, p. 315)

Esse processo de expansão constante das fronteiras materiais-cósmicas da exploração capitalista é ativada por este contato intermitente com a sua própria saturação. No entanto, o limite não serve como barreira ou interdição que é preciso romper, mas funciona como condição para sua própria expansão. São nas práticas limites que o capital se atualiza e se renova - limites subjetivos (depressão generalizada), ambientais (catástrofe iminente), sociais (austeridades e fome), raciais (racismos), coloniais (contínua exploração das heranças coloniais), etc. "É a relação da subjetividade com sua exterioridade - seja ela social, animal, vegetal, cósmica - que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza." (Guattari, 2001, p.8). Caminhando distante das análises que separam as questões ambientais das outras questões dos povoamentos da Terra (sociais, culturais, animais, virtuais, cósmicas, etc), Guattari convoca uma análise da subjetividade com suas exterioridades em conexões transversais. Não são apenas questões tecnocráticas (como os acordos de redução de emissão de carbono) ou apenas questões de danos industriais ao ambiente (como a luta contra a mineração e as barragens no Brasil). Trata-se a questão a partir de uma perspectiva ético-política, "a que chamo **ecosofia** — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões." (Idem, p. 9).

Deste modo, um tipo de análise-e-prática **ecosófica** seria apoiada nessa percepção transversal dos componentes ambientais, sociais e subjetivos, procurando conjurar os múltiplos componentes que formam os agenciamentos (sociais-subjetivos-ambientais). Agenciamentos que se instauram entre elementos heterogêneos, humanos e não humanos, e imanentes, materiais e virtuais. Claro, que não são apenas estes três campos que são convidados para compor a ecosofia, em seus textos Guattari aporta uma lista infindável de

[14] T.A. - Em primeiro lugar, o capitalismo nunca deixa de enfrentar limites. Em segundo lugar, estes limites são fundamentalmente, essencialmente imanentes a ele. E terceiro ponto: assim nunca deixa de colidir com eles e, ao mesmo tempo, deslocá-los, ou seja, empurrá-los para mais longe. Esta é a tese do limite como imanente, e não como um obstáculo externo que oferece limites, e que a partir daí colide com eles e os desloca. Esta tese fundamental, creio, coloca o problema da saturação, do que poderia ser chamado de saturação do sistema em tal e tal momento.

máquinas que comporiam essas análises, como as máquinas abstratas que operaram através de fluxos a-significantes, as máquinas estéticas que operam com fluxos pré-verbais e afetivos, etc.

> Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (Idem: Idem)

A perspectiva ético-política ecosófica é uma perspectiva revolucionária, no uso literal do termo, propõe uma revolução social, uma transformação generalizada de todos os componentes e agenciamentos maquínicos como concebemos no presente. Não há intenção de instaurar práticas de forma paliativa ou reformista, fazendo adaptações ao sistema, apoiando a atualização da axiomática capitalista em novos modelos de realização mais sustentáveis ou verdes. A insurreição ecosófica está conectada diretamente com a produção de novas subjetividades apoiadas em processos de singularização, através de grupos-sujeitos, que tornem possíveis a tomada dos meios de produção subjetivos, sociais e ambientais.

processos de singularização

O conceito *processos de singularização* é desenhado por Guattari em muitos dos seus escritos e poderíamos comentar que, em linhas gerais, seriam os processos de invenção de si mesmo que acontecem de forma autogerida pelas pessoas, coisas e virtualidades que estão envolvidas em um processo. Ao contrário do que parece afirmar o nome, o aspecto singular não diz respeito a um indivíduo, um grupo, uma pessoa. Processos singulares derivam da percepção de serem únicos e articulados através de um agenciamento único entre coisas significantes, pessoas, pensamentos, coisas a-significantes, pré-verbais, intensivas, afetivas, vegetais, minerais, etc.

Em sua argumentação, Guattari (2020) escreve sobre as relações entre o indivíduo e o coletivo: "Além disso, acredito que o coletivo esclarece o indivíduo muito melhor do que o contrário. Isto pode ser atribuído ao fato de que a subjetividade individual funciona como os povos, através de caminhos múltiplos e dissonantes. No final, o inconsciente nunca é verdadeiramente individualizado, mesmo que lhe seja imposto um eu forte e autônomo." (p. 163 - T.A.).

A subjetividade opera como *povoamentos* - nos desloca para fora da ideia de uma suposta unidade do EU ou de SI. Guattari nos lança a uma percepção da subjetividade como um grande agenciamento de diversos componentes subjetivos que podem (e não) resistir a uma forte imposição de normatização. Fazer um gesto de processualização de si ou processo de singularização seria uma atitude diante da vida que busca autonomia. Tomar a palavra, fazer do próprio jeito o que se deseja, botar o bloco na rua com o estandarte da autonomia. Em coletivo e singularmente criar seus próprios paradigmas existenciais e afirmar uma outra vida, que não é esta forjada no EU-GOVERNADO. Comenta Guattari (2020, p. 164 - T.A.): "O objetivo é contribuir para a criação de cenas e contextos que os levem a se processualizar, ou seja, a trabalhar por conta própria até que saiam de sua limitada auto-referência, fechados em si mesmos, e levem à articulação com novos universos de referência.".

Trata-se de promover em todos os níveis ecosóficos e da mecanosfera a instauração de outras formas de valoração e qualificação dos desejos e do viver, já que os valores que conhecemos são forjados por redes de poder policêntricas seja pelo Capital, Estado ou Igreja. "De fato, a singularização escapa às categorias do individual e do coletivo: ela pode ser baseada em um grupo, bem como em um afeto, uma representação, uma prática que não é responsável perante ninguém." (p. 165 - T.A.).

A ecosofia abomina neste sentido a captura das grandes corporações (empresas e Estados) dos avanços das formas técnico-científicas que poderiam reverter processos de desmatamento, fome, guerra, distribuição de renda, geração de energia, entre tantas outras questões. Como os anarquistas sempre alertaram, enquanto a produção dos conhecimentos e das ciências estiverem sob o controle das classes dominantes (sejam os capitalistas ou os socialistas autoritários) não haverá força social e humana para a construir outras sociedades fundadas na autogestão da vida e autonomias coletivo-individuais.

> Assim, para onde quer que nos voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos. (Guattari, 2001, p. 12).

furacão 2000

A cultura insurrecional dos anos 2000 contra os processos de globalização ao redor do mundo agenciaram em seu corpo de revolta (corpo multicomponencial, não unívoco) grupos sociais altamente heterogêneos: anarquistas, socialistas, as mulheres, as crianças, as travestis, as LGBTQIA+, os velhos, as mães, queers, os povos pretos, os povos tradicionais, os povos indígenas, ecologistas, sociais-democratas, sindicalistas, pequenos partidos das esquerdas institucionais, ONG's, etc. De Seattle em 1999 até o tempo presente desta investigação há um percurso (ao menos, uma tentativa) de uma aglutinação de novas forças sociais (entre cristalizações molares e insurgências moleculares), articuladas de forma planetária, interseccional e transversal. Podemos acompanhar essa *itinerário de revolta* pela narrativa encarnada de Acácio Augusto (2013) quando destaca a realização em 2001, em Porto Alegre o Fórum Social Mundial (FSM), "Pretendia-se demarcar o início de uma nova fase de atuação política e constituir um novo antagonismo de atuação global. Firma-se, dessa maneira, dois slogans a serem trabalhados exaustivamente por essa esquerda renovada: ―Agir localmente e pensar globalmente! e ―Um outro mundo é possível!" (Augusto, 2013, p.18). O caminho deste itinerário, entre as críticas à democracia expressa e os debates por uma nova democracia global, renovada teoricamente, as teses da multidão, podem ser acompanhados de forma mais cuidadosa pelo texto de Augusto. Para este trabalho, de forma muito sumária, podemos afirmar que há uma disputa na construção da narrativa desta história-itinerário, entre capturas por sistemas de representação institucional (estatal, privada, nacional, internacional, etc) derivando programas diversos no campo dos auxílios de verniz social-ambiental se estendendo até as prisões, as políticas de austeridade social, etc Como também, há a latente e ruidosa presença *monstruosa* que voltou a estar à espreita no séc XXI, o *dragão anarquista*

> Em meio a tantas revisões, novas formas de lutas e novas teorias sobre as lutas, produção de novas subjetividades, outras maneiras de contestar o poder e as autoridades em uma pluralidade de devires, há uma presença incômoda, ruidosa, perigosa, acusada de violenta, para qual sempre se dirige com cuidado, medo ou de forma acusatória. Trata-se da presença da anarquia e dos anarquistas. Nessa primeira década de século XXI voltou-se a falar dessa presença estranha e incômoda, como se esse dragão, como chamava Reclus, a palavra anarquia tivesse despertado. (p. 20)

Através deste percurso de revolta desenhado nas linhas acima, de forma muito geral, podemos confabular que um corpo-múltiplo de insurgentes passou a compreender que as

costuras entre as questões que assolam os jovens assassinados nas periferias da América Latina, com as lutas pela vida povos indígenas, com as lutas das mulheres contra as formas de dominação falocêntrica, como as lutas ecologistas em defesa de vidas não-humanas, etc, tem uma fronteira em comum. Talvez, como Guattari analisou sobre outros movimentos, anos 60-80, anteriores a estes, mas que lhes servem de embrião, como a Autonomia Italiana e as lutas contra as ditaduras da América Látina: "Quero dizer mais concretamente que, de certo modo, e apesar de todas as diferenças das situações, a problemática que os camaradas italianos se colocaram a respeito dos não-garantidos, dos trabalhadores precários, de todas as marginalidades existentes e a problemática, que se coloca no Terceiro Mundo, da sobre-exploração e, às vezes, até da liquidação física tem, a meu ver, *fronteira comum*" (Guattari & Rolnik, 2005, p. 222).

guerra social mundial

Os operadores molares do movimentos em torno do FSM tentaram significar essa efervescência política, com pautas felizmente muito difusas e de difícil unificação/capturas. Sob a fronteira comum da ação coletiva de defender o Planeta contra a Crise Global, Crise Ambiental, Crise Mundial, Crise Climática, Crise das Instituições - *Crise, seja do que for*. Guattari ao comentar sobre a *crise* mundial, acredita que seria melhor nomeada por *guerra social mundial*, "Crise que poderíamos chamar também de guerra – uma guerra mundial – com a diferença de que não está sendo uma guerra atômica (apesar de essa possibilidade não estar excluída), mas uma sucessão de guerras locais sempre em torno desse eixo Norte-Sul." (Guattari & Rolnik, 2005, p. 222-223). A anarquista carioca Camila Jourdan (2018), olhando as insurreições de 2013 no Brasil, através do olhar de Guattari e outras pessoas, como Agamben, Lazzarato, nos convoca a pensar além da *crise*

> A principal posição que eu gostaria de defender aqui é aquela segundo a qual a crise hoje, a crise da contemporaneidade, não é um acidente superável, mas uma fatalidade programada. Não se trata de uma crise do capitalismo, um momento de oportunidade para seu aperfeiçoamento; nem da crise como prevista por uma certa leitura do determinismo histórico, isto é, a crise que anunciaria, finalmente, o fim do capitalismo e, com isso, a revolução e o início de um novo tempo. (Jourdan, 2018, p. 158)

Não se trata de um momento difícil que deve ser superado para que se continue seguindo o mesmo caminho, *não se trata de um crise apenas da economia*, ou da política, ou do meio ambiente, ou das racialidades, ou da sexualidade, ou dos modos de produção, ou,

ou…Trata-se sem dúvida de um alerta evidente que é preciso uma mudança radical no percurso de criação da vida! Trata-se de, sobremaneira, uma forma de operar uma guerra de todos contra todos, governando as vidas e administrando os fluxos, uma guerra continuada e permanente, para dentro (dos sujeitos e dos Estados) e para fora (para outros sujeitos e outros Estados). Guerra maquinada por diversos meios, pela política, pelas guerras, pelas milícias, pelas austeridades, pela subjetivação capitalística, etc. "Trata-se também de um espetáculo programado que serve como arma, como máquina de guerra e como justificativa para a guerra continuada na qual nos encontramos" (Idem, p. 159).

Uma nota: *Máquina de Guerra* é um conceito que foi amplamente desenvolvido por Guattari junto a Deleuze no *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia 2,* especialmente no capítulo *1227 - Tratado de nomadologia: a máquina de guerra*. Neste capítulo os autores vão desenvolver alguns axiomas, problemas e proposições possíveis de análise. Como conceito e potência filosófica, as máquinas de guerra, têm sido tema de diversas pesquisas e práticas por ser um dispositivo extremamente atualizável no presente das lutas sociais. O que traz alguns desafios para esta nota: seria impossível definir em tão poucas linhas (talvez fosse preciso um ensaio apenas para ela), não é prudente um resumo tão sucinto também de suas características. Deste modo, correndo o risco de resumir demais, tentarei alguns comentários de forma mais geral.

Primeiro, a máquina de guerra está contra o aparelho de Estado. Segundo, a máquina de guerra é a exterioridade em relação ao aparelho de captura do Estado. Apoiando as suas análises nos escritos de P. Clastres, comentam que a máquina de guerra "antes inibe a instauração de poderes estáveis, em favor de um tecido de relações imanentes." (Guattari & Deleuze, 2012c, p. 21). No entanto, mesmo em luta contra o Estado, as máquinas de guerra vivem também em relação aos Estados e seus aparelhos constantes de captura. As máquinas de guerra quando capturadas pelos aparelhos de Estado espalham miríades de novas práticas dentro do Estado. "Será possível que no momento em que já não existe, vencida pelo Estado, a máquina de guerra testemunha ao máximo sua irrefutabilidade, enxameiam em máquinas de pensar, de amar, de morrer, de criar, que dispõem de forças vivas ou revolucionárias suscetíveis de recolocar em questão o Estado triunfante?" (Idem, p. 19). Uma espécie de praga que se infiltra no seio daquele que a capturou e continua a se morfosear em outras tantas pragas que é impossível conter - é a peste anti-estatal. No entanto, essa não é uma relação onde é possível uma síntese, seja Hegeliana ou Marxista, mas um contínuo campo de

atrito, uma relação agonística. "Não é em termos de independência, mas de coexistência e concorrência, num campo perpétuo de interação, que é preciso pensar a exterioridade e a interioridade, as máquinas de guerra de metamorfose e os aparelhos identitários de Estado, os bandos e os reinos, as megamáquinas e os impérios. Um mesmo campo circunscreve sua interioridade em Estados, mas descreve sua exterioridade naquilo que escapa aos Estados ou se erige contra os Estados." (Idem, p. 25). Retomaremos este conceito ao longo da tese em aplicações mais mediadas com essa investigação.

Esse pequeno desvio através do conceito de *máquina de guerra* e dos pensamentos anarquistas de Jourdan e Augusto comentando suas leituras destes movimentos sociais insurgentes no século XXI no Brasil (FSM e jornadas de 2013) nos auxiliam a articular uma imagem do pensamento ecosófico. Poderíamos pensar que esses acontecimentos-revoltas estavam carregados de coeficientes ecosóficos, onde as lutas em defesa das vidas estavam reivindicando mudanças para além de uma transformação paliativa-reformista no sistema como ele está. Uma análise e ação que não prevê percursos possíveis para uma transformação real pelas vidas institucionais (Estados, Corporações, etc). Uma linha de fuga que agenciou um campo heterogêneo de ingovernáveis, conjurando máquinas de guerra que se encontram para afirmar uma guerra em comum sem abrir concessões para suas diferenças.

> Se não se trata mais - como nos períodos anteriores de luta de classe ou de defesa da "pátria do socialismo" - de fazer funcionar uma ideologia de maneira **unívoca**, é concebível em compensação que a nova referência ecosófica indique **linhas de recomposição** das práxis humanas nos mais variados domínios. Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. - trata-se, a cada vez, **de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva**, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. Perspectiva que não exclui totalmente a definição de objetivos unificadores tais como a luta contra a fome no mundo, o fim do desflorestamento ou da proliferação cega das indústrias nucleares. Só que não mais tratar-se-ia de palavras de ordem estereotipadas, reducionistas, expropriadoras de outras problemáticas mais singulares resultando na promoção de líderes carismáticos. (Guattari, 2001, p. 15 - meus grifos)

Acompanhamos através dessas narrativas algo que poderíamos analisar como molecularizações das novas formas de resistência ao Capitalismo Mundial Integrado (CMI). Mutações de táctica, de estratégia, de forma, de conteúdo, etc. Mutações que acompanham as mutações nas máquinas e megamáquinas capitalistas, com sua organização policentrada "Hoy en día, el CMI, no posee un centro único de poder. Inclusive sua rama norteamericana es

policéntrica. Los centros reales de decisión están repartidos por todo el planeta.[15]" (Guattari, 2020, p. 52). Essas relações de dominação e repressão não são monopólios dos Estados Maiores, mas se diluem por toda a sociedade, desde os CEO's até os pais de família fascistóides. O CMI, de certo modo, opera através de redes de interconsulta planetária, aprovando e desaprovando em redes muito complexas, ações globais e locais - a condução das consciências se turbinando através de inúmero algoritmos computoinformacionais conectado com novas máquinas de produção material e subjetiva. "O Capital esmaga sob sua bota todos os outros modos de valorização. O significante faz calar as virtualidades infinitas das línguas menores e das expressões parciais. O Ser é como um aprisionamento que nos torna cegos e insensíveis à riqueza e à multivalência dos Universos de Valor que, entretanto, proliferam sob nossos olhos" (Guattari, 2012, p. 41). Por todos os cantos do planeta, as máquinas totalitárias do capitalismo procuram compreender e capturar melhor os desejos e pulsões libidinais para colocá-los a serviço das trocas de mercado.

máquinas totalitárias

Guattari nos convida a pensar a o fascismo e os microfascismos contemporâneos, analisando as similaridades entre as democracias burguesas contemporâneas, o fascismo, o nazismo e o estalinismo, apontando para um certo tipo de continuidade em um maquinismo totalitário que flutua entre esse regimes. "Assim, diferentes 'fórmulas' de captura do desejo, têm sido produzidas pelos diferentes sistemas totalitários; em função da transformação das forças produtivas e das relações de produção." (Guattari, 2020, p. 115 - T.A.). Assim, em diferentes modelizações de realização as maquinações totalitárias seguem atuando em relação a captura do desejo e suas relações íntimas com os modos de produção, material e subjetivo. Em sua análise uma série de máquinas têm se reproduzido "tais como a máquina-bancária, a máquina industrial, a máquina militar, a máquina política-policial, as tecnoestruturas Estatais, a Igreja, etc." (Idem, p. 113 - T.A.). Aponta em sua análise que após a derrota do fascimo diante do capitalismo-democrático-global, foi necessário adaptar as máquinas totalitárias dos regimes para as máquinas das sociais democracias, mantendo seu *phylum* autoritário. "Não obstante, o capitalismo internacional não poderia pensar em eliminar o fascismo, senão na medida em que tivesse a sua disposição outros meios para controlar as a luta de classes, e

[15] T. A. - Hoje, o CMI não tem um único centro de poder. Até mesmo sua filial norte-americana é policêntrica. Os verdadeiros centros de tomada de decisão estão espalhados por todo o mundo.

ensaiado outras fórmulas autoritárias para dominar os desejos das massas." (Idem, p. 121 - T.A.).

Assim no capitalismo acompanhamos um aprimoramento das estruturas fascistas, aqui nomeadas de máquinas totalitárias, que operam de forma ardilosa no capitalismo. No regime semiótico do Capital, ao invés de transformar os trabalhadores em massas conduzidas, procuram particularizar os controles e atomizar as normatizações. Comenta Guattari: "Diferente do fascismo, as máquinas totalitárias capitalistas, ao mesmo tempo que capturam as energias do desejo dos trabalhadores, esforça-se para os dividir, os particularizar, os molecularizar." (Idem, p. 124 - T.A.).

resistência ecosófica

As resistências a estes procedimentos de subjugação ao CMI, portanto, atuam, como vimos, através de novas formas, formas *moleculares*: descentradas, autogeridas, independentes e transversais. "Existe uma escolha ética em favor da riqueza do possível, uma ética e uma política do virtual que descorporifica, desterritorializa a contingência, a causalidade linear, o peso das estados de coisas e das significações. Uma escolha da processualidade, da irreversibilidade e da ressingularização" (Idem, p. 41). Essas escolhas éticas, moleculares, desejantes, estéticas, criativas e singulares são intoleráveis e ilegíveis para as codificações necessárias e brutais das estratificações das máquinas capitalistas. "La molecularización de los procesos de represión y, en consecuencia, esta perspectiva de una micropolítica del deseo, no está ligada a una evolución de las ideas, sino a una transformación de los procesos materiales, a una desterritorialización de todas las formas producción, ya se trate de la producción social, o de la producción deseante.[16]" (Guattari, 2020, p. 127)

As resistências às novas formas de organização das forças produtivas (materiais e subjetivas) inauguram preciosos pontos de convergência no campo da ecosofia subjetiva. A ecosofia habilita uma outra forma de conceber o sujeito e os processos de sujeição-subjetificação.

[16]T.A. - A molecularização dos processos de repressão e, consequentemente, esta perspectiva de uma micropolítica do desejo, não está ligada a uma evolução das idéias, mas a uma transformação dos processos materiais, a uma desterritorialização de todas as formas de produção, seja ela produção social ou produção do desejo.

> O sujeito não é evidente: não basta pensar para ser, como o proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauram fora da consciência, ao passo que o sujeito advém no momento em que o pensamento se obstina em apreender a si mesmo e se põe a girar como um pião enlouquecido, sem enganchar em nada dos Territórios reais da existência, os quais por sua vez derivam uns em relação aos outros, como placas tectônicas sob a superfície dos continentes. Ao invés de sujeito, talvez fosse melhor falar em componentes de subjetivação trabalhando, cada um, mais ou menos por conta própria. Isso conduziria necessariamente a reexaminar a relação entre o indivíduo e a subjetividade e, antes de mais nada, a separar nitidamente esses conceitos. Esses vetores de subjetivação não passam necessariamente pelo indivíduo, o qual, na realidade, se encontra em posição de "terminal" com respeito aos processos que implicam grupos humanos, conjuntos socioeconômicos, máquinas informacionais etc. Assim, a interioridade se instaura no cruzamento de múltiplos componentes relativamente autônomos uns em relação aos outros e, se for o caso, francamente discordantes. (Guattari, 2001, p. 17)

Ao longo do texto vamos acompanhar de forma mais detalhada essa crítica feroz ao sujeito como medida de todas as coisas e ponto de fundamentação filosófico-prática das formas de lutas sociais: não falaremos mais de sujeitos históricos revolucionários, não falaremos mais de uma emancipação social através da conscientização dos sujeitos. Falaremos em componentes de subjetivação, que operam em agenciamento com diversas máquinas sociais (capital, família, escola, democracia, etc) operando processos que podem possibilitar autonomia e sujeição, a depender dos arranjos sociais-ambientais-subjetivos de cada acontecimento. Longe de se tornar uma nova verdade a ser seguida, um novo dogma para se fiar as linhas de pensamento, a ecosofia ou o paradigma estético, o campo da invenção de perceptos e afetos, possibilita uma certa liberação de novos fluxos de produção da vida (material e subjetiva). As aberturas dessa postura ou atitude de análise possibilitam um novo arranjo das forças que estão e seguem em combate - se afastar das questões de classe como fator principal da luta política não nos faz apagar suas opressões ou negar sua existência, simplesmente a coloca em relação transversal com outros operadores de luta como as lutas raciais, as lutas feministas, as lutas das infâncias, dos jovens, etc. As lutas continuam e precisam continuar, proliferando-se por todos os campos, macro e micropolíticos. A novidade, talvez não tão nova assim, é a emergência do *virtual* e da *subjetividade* como máquinas produtoras (passível de ser ocupada pelos que se rebelam) em relação com agenciamentos conscientes, inconscientes, humanos, não humanos, etc.

> Para além das relações de força atualizadas, a ecologia do virtual se proporá não apenas a preservar as espécies ameaçadas da vida cultural mas igualmente a engendrar as condições de criação e de desenvolvimento de formações de subjetividade inusitadas, jamais vistas, jamais sentidas. Significa dizer que a ecologia generalizada - ou seja a ecosofia - agirá como

> ciência dos ecossistemas, como objeto de regeneração política mas também como engajamento ético, estético, analítico, na iminência de criar novos sistema de valorização, um novo gosto pela vida, uma nova suavidade entre os sexos, as faixas etárias, as etnias, as raças… (Guattari, 2012, p. 107)

O processo de cuidado com uma ecologia do virtual poderia ser encarado como as formas pelas quais os grupos (humanos e não humanos) podem ser tornar grupos-sujeitos, que praticam um autonomia em relação a demarcação dos próprios marcos de valoração material e subjetiva, bem como podem proceder por gestos de metamodelização das subjetividades, afirmando e inventando modos viver que não existam (ainda). Para Guattari, essa revolução, que seria a revolução molecular, é um estado de revolução permanente, tal qual os libertários vem afirmando ao longo da história.

A modelização e a metamodelização são conceitos do pensamento de Guattari que acompanham a noção de máquina, que nos comentamos anteriormente no texto (pg. XX). Se estamos observando as máquinas subjetivas, nas palavras de Guattari , "O ser, por mais longe que se busque sua essência, resulta de sistemas de modelização operando tanto ao nível da alma quanto do socius ou do cosmos." (2012, pg. 68). As modelizações subjetivas sofrem pressões, conexões, cortes, inferências de outras máquinas (do desejo, de guerra, da família, dos media, etc), que conferem os seus contornos. Um processo de metamodelização seria possível através de processos de singularização ou em grupos sujeitos que conseguem agenciar de forma transversal e autônoma máquinas estéticas e criar seus próprios marcos referências de valor, linguagem, existência, etc. "O que distingue uma metamodelização de uma modelização é, assim, o fato de ela dispor de um termo organizador das aberturas possíveis para o virtual e para a processualidade criativa" (Idem, p. 43). Com todas as letras, Guattari está convidando para um estado permanente de abertura para conexões com o que ainda não existe, não tem nome, não tem forma, para a potência do virtual, para a potência do inesperado, para a inquietação diante do incorporal e a-significante.

> As máquinas de desejo, as máquinas de criação estética, pela mesma razão das que as máquinas científicas, remanejam constantemente nossas fronteiras cósmicas. Por essa razão, eles devem tomar um lugar eminente no interior dos Agenciamentos de subjetivação, eles mesmo chamados a substituir nossas velhas máquinas sociais, incapazes de seguir a eflorescência de revoluções maquínicas que fazem explodir nosso tempo por todos os lados. (Idem, p. 65)

A análise ecosófica também nos convida a alastrar os tentáculos da análise para uma intensidade nova de percepção, afastando-se das análises estratificadas da economia-política ou da político-social ou da político-ambiental, fundamentada sob marcos transcendentais

como a ideia de Estado, Capital, Estrutura; a ecosofia procura nos planos de consistência perseguir os fios que conectam as distintas máquinas e os distintos de territórios de existência, em um plano de percepção análitica que combina elementos heterogêneos e dispersivos que operam a produção material e subjetiva da vida consciente e inconsciente. Antes da razão, há o corpo, antes do indivíduo, há a malta.

educação libertária

Com algum fôlego para um início de leitura procurei nessas linhas organizar ideias iniciais em torno dos agenciamentos anarquistas e dos agenciamentos ecosóficos, dois componentes importantes no território desta investigação - deste percorrer. Resta-nos, como alertou o início deste ensaio de abertura, o agenciamento **educativo** ou agenciamento da **educação**. Claro, o agenciamento da educação, aqui, não se refere ao campo da educação como um território homogêneo e estável, tampouco aqui buscarei encontrar princípios universalizantes à missão educativa, nem sequer buscarei encontrar uma metodologia unívoca e precisa para a melhor evolução e formação de crianças e jovens (e adultos) como as tantas premissas educacionais supõe. Esse trabalho não é um tratado sobre os novos caminhos da educação que servirá de guia e manual, como uma série de filósofos-profetas insistem em bombardear o público e as livrarias. Não há conciliação ou solução para educação! Ela é um campo de forças em luta. De fato, o que convoquei ao longo da tese nas vizinhanças com a prática e pensamento da educação diz respeito a um fazer mutante e multiforme que é a **educação anarquista** e **educação libertária**.

A educação anarquista é um território abundante, podemos dizer que anarquistas e libertários sempre criaram formas de educação no seio da luta por outros mundos. Iremos acompanhar algumas dessas experiências de forma breve, já que essa tese não aborda uma análise profunda da historiografia da educação anarquista, que já encontramos muito material por outros diversos camaradas como Rodrigo Rosa, Victor Aragon, Tatiana Mourano, Lúcia Parra, Edgar Rodrigues, Silvio Gallo, Amir El Hakim, Filipo Trasatti, Ana Sigüenza, Paco Cuevas, entre outros libertários que vêm produzindo uma investigação rigorosa profunda sobre a historiografia das práticas libertárias em educação. Vale ressaltar a importância da organização e manutenção na cidade de São Paulo do Arquivo João Penteado[17] (USP), que

[17] Ver em https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20700/15262 (consultado em 13/09/2022)

vêm promovendo diversas pesquisas e produções essenciais na defesa da memória do anarquista e educador João Penteado e da educação anarquista. Importante destacar também a atuação de três grupos editoriais libertários brasileiros que vêm publicando o pensamento de importantes libertárias educadoras e educadores, a Tenda de Livros, a Intermezzo e a Biblioteca Terra Livre.

anti-métodos libertários

Anarquistas desenvolveram diversas estratégias e tentaram sistematizar suas concepções sobre educação em diversos momentos da história e com outras diversas divergências e convergências. Para este movimento, irei apenas desenrolar algumas pistas sobre território abundante da prática libertária em educação. Esse percorrer por entre os autores e seus pensamentos é um caminho difuso e sem solução ou saídas - não é possível escrever *um* ou *o* método da educação libertária, pelo contrário, dela podemos encontrar as pistas para uma constante mutação de práticas, com momentos de aglutinações de conjuntos de ideias e outros momentos com disrupção e divergência de caminhos a percorrer. A apresentação ao livro *O Futuro de nossas crianças e outros ensaios*[18]*,* editado em uma parceria entre Intermezzo e Biblioteca Terra Livre, Rodrigo Rosa (2017) nos convida para um percurso: "Caberá, é claro, ao leitor e à leitora percorrer tão convidativo labirinto de pensamentos que nos mostram por onde é possível entrar, mas nunca apontam uma única, predeterminada e definitiva saída, pois as mesmas só existem quando construídas ao compasso daqueles que ousam, intransigentemente, caminhar em direção a liberdade para realmente sair do lugar." (p. 33). Sair realmente do lugar, deslocar o pensamento e a prática, pôr a si e aos seus em constante interrogação, vasculhar por entre as práticas e meandros do pensamento, os caminhos que nos levam para expansão das práticas e contextos de liberdade. Como publicou o Boletim da Escola Moderna de Barcelona: "Nisto consiste o verdadeiro método: ver, recriar, e não repetir mnemonicamente." (Ferrer, 2014, p. 97), o verdadeiro método, é um anti-método, que consiste em recriar como estrutura, portanto, de impossível cristalização.

[18] Reclus, E. Grave, J. Lamotte, E. Nieuwenhuis, D. Laisant, C. O Futuro de nossas crianças e outros ensaios. Intermezzo/Biblioteca Terra Livre, São Paulo, 2017.

Nieuwenhuis afirma que os descontentes são aqueles que procuram por novos caminhos a percorrer, que são o sal que dá sabor e gosto a tudo[19]. As descontentes, as inquietas, as insatisfeitas, as pessoas que não estão de acordo como o presente das vida como ela é - com as verdades cristalizadas a pôr uma poeira tóxica sobre as coisas vivas; essas pessoas, as que estão no limite da borda, são as que podem saltar mais alto e abrir os caminhos da experiência e da descoberta do novo. Os processos de produção do conhecimento acontecem, em linhas gerais, através da experiência e da construção de verdades provisórias (verdade constituída de forma comunitária, pelos debaixo), que em algum ponto, servirão à revolta dos que estão por vir, das novas verdades que estão por vir. Conhecer é revoltar-se contra as verdades cristalizadas e provisórias de um certo território e expandir as fronteiras das possibilidades de conhecer. "Antes de tudo, é preciso proclamar para a criança o direito de pensar, falar francamente, duvidar, ter sua opinião pessoal e também o direito à revolta." (Nieuwenhuis, 2017, p. 53).

A educação para muitos anarquistas é parte da revolução permanente a qual estamos todos engajados. Independente das diferenças geracionais - pôr-se em processo de produção-compartilhamento de conhecimento, autogerindo os próprios processos de forma comunitária, escavando no presente espaços de liberdade e experimentação coletivos - é uma pulsão essencial para cultivar a revolta e as revoluções. Já em Proudhon, na voz de Lazaro (2018), encontramos a relação intrínseca entre revolução e educação: "o filósofo francês apontou que jamais existiria uma revolução que não fosse acompanhada de uma profunda renovação da instrução. E, para isso, defendeu que no momento em que a verdadeira educação fosse uma realidade, neste momento já estaria acontecendo a revolução, porque a educação capaz de formar o homem da revolução é parte dela mesma." (p. 15). Talvez seja possível afirmar uma negação: nenhuma educação anarquista irá produzir pessoas assimiláveis pelos regimes do Capital, do Estado, do Significante. A educação anarquista não procura preparar as jovens vidas (e qualquer outra vida) para se encaixarem no regime de subjetivação capitalista-branco-hetero-antropo-centrado.

anti-cidadão

Vivemos no regime semiótico das democracias capitalistas ocidentais sob a hegemonia do coro ululante de especialistas-do-poder clamando por práticas cidadãs diluídas

[19] Idem. pg. 53.

por todos os tecidos e máquinas das sociedades. O bom cidadão é aquele que é formado para viver a assimilação pelas máquinas de reprodução social, alicerçadas sob a forma de submissão e obediência. O cidadão está sempre pronto a servir o bem comum, um bem comum que é ditado pelo respeito às leis de mercado, à propriedade privada (do corpo, da terra, da fábrica, das mentes, etc), ao exercício constante de adestramento das paixões e a cristalização das formas de produção da vida. Para os anarquistas, é crucial construir na prática educativa (seus meios e fins e processos e pensamentos) as novas formas de subjetividade liberadas para recomeçar um outro mundo. Outro mundo já realizado agora, no presente, heterotopias incendiadas nas brechas do agora. O anarquista brasileiro Silvio Gallo, nos convida a pensar uma educação voltada para uma ***anticidadania***. "Acontece que os anarquistas estavam empreendendo a crítica radical da sociedade capitalista, propondo sua destruição e a construção de uma nova sociedade. A questão ganha assim, uma dimensão diferente: trata-se de forma o *anticidadão,* ou, o cidadão para outra cidade, para outro território que não neste qual ele nasce, um viajante que empreende a jornada em meio aos mares revoltos da revolução que dará no Novo Mundo." (GALLO, 1995, p. 18).

Para os educadores libertários é evidente que a alternância dos regimes de governo dentro das repúblicas ocidentais, seja mais à esquerda ou à direita, não são suficientes para a pôr em movimento os processos necessários para a revolução social-subjetiva-ambiental, que poderíamos chamar de revolução ecosófica. A lógica das escolas como conhecemos na modernidade, está fundada na formação do cidadão obediente e flexível. Obediente às normas estabelecidas de forma vertical (seja pelo partido revolucionário, seja pela mão invisível do mercado, seja pela social-democracia, seja pela ultra-direita). Modelado de forma flexível para suportar as alternâncias dos regimes entre: primeiro, escassez profunda associada à austeridade político-social; segundo, escassez administrada associada aos momentos de bem-estar social. Em todo caso, os anarquistas não confiam nos governos e suas mornas transições, sabem que elas sempre estarão a serviço da manutenção assimilável de novas subjetividades para o sistema estabelecido, para miséria programada do capitalismo mundial integrado.

> E o que se produziu até hoje continuará sendo produzido no futuro; não há nenhuma razão para que os governos mudem de sistema; conseguiram se servir da educação em seu proveito, assim seguirão aproveitando-se também de todas as melhorias que forem apresentadas. Basta que conservem o espírito da escola, a disciplina autoritária que nela reina, para que todas as inovações lhes beneficiem. Para que seja assim, vigiarão constantemente; tenham certeza disso. (Ferrer, 2014, p. 76)

O estado de revolta permanente pode ser avizinhado a uma constante abertura para recomeçar o novo. Josefa Luengo (1993) nos incita a pensar em uma "contra-escola" (p. 66) - um espaço que atue ativamente na construção de práticas de aprender e construir conhecimento na contramão das máquinas escolares centrados na produção de vidas e subjetividades assimiláveis pelo Estado-Capital. Não é uma educação alternativa, não é uma prática de aprendizado com nuances e variações de método - é uma afirmação de uma outra vida, já no presente, uma vida que encontra sua pulsão de vitalidade na revolta e permanente procura por expandir e mudar as formas.

> Para poder vivir y educar en la anarquía debemos en primer lugar, sentirnos lejos de la verdad como posesión individual o colectiva y encontrarnos con una predisposición cotidiana a criticar nuestra propia convivencia, conocer la dinámica social reproductora de estructuras coactivas y buscar incansablemente dónde, cómo y de qué manera podemos avanzar en libertad y por ello educar en libertad.[20] (Luengo, 1993, p. 67)

A experimentação do corpo e do trabalho são componentes transversais às práticas em educação libertária. Em muitas passagens das teorias, em muitas narrativas das práticas, em muitos registros das cotidianidades é destacada a presença da experiência e experimentação como essenciais. Trataremos com mais densidade sobre esse assunto no capítulo *a coragem,* onde procurei desenvolver de forma mais detalhada as proposições e análises realizadas pela anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura e sua ciência encarnada/nômade. Procurei desenvolver a partir das leituras de suas obras, alguns traços que afirmam a presença do corpo (em uma perspectiva holística, matéria-subjetividade) como plataforma principal para produção do conhecimento e da ciência, o que chamei de ciência encarnada.

alguns princípios geradores

Em um livrinho pequeno (e muito potente, uma pequena bomba ou frasco de veneno), encontrado na *Fundación Anselmo Lorenzo* (FAL-CNT) e cedido para meu arquivo pessoal, a anarquista madrileña Ana Sigüenza (2018) procura estabelecer de forma sistemática alguns elementos que são essenciais para as práticas de educação libertária. Procurarei, para encerrar esse percurso inicial do agenciamento educação anarquista, navegar por suas premissas e sua pragmática sistematização. Ela estabelece quatorze linhas de força transversais à educação

[20] T. A. - Para poder viver e educar na anarquia, devemos antes de tudo nos sentir longe da verdade como posse individual ou coletiva e nos encontrar com uma predisposição cotidiana para criticar nossa própria convivência, para conhecer as dinâmicas sociais que reproduzem as estruturas coercitivas e para buscar incansavelmente onde, como e de que maneira podemos avançar em liberdade e, portanto, educar em liberdade.

anarquista, que procurarei transformar em texto, avizinhando sutilmente suas proposições com o campo da ecosofia.

A educação anarquista precisa acionar acontecimentos de forma *integral*, ou seja, que estabeleçam um campo de aprendizagem e produção de conhecimento que conjura, de forma transversal, práticas físicas, intelectuais, artísticas, sociais, éticas e técnicas.

Também aposta que o método, o *processo*, é mais importante do que a finalidade, ou seja, o caminho que se percorre, a sua qualidade, os valores e afirmações ético-políticas que se firmam são em si o que a educação anarquista está interessada.

Afirma também uma preponderância dos aprendizados que estão conectados ao *apoio mútuo* entre alunos, funcionários, professores, comunidade, em outras palavras, procura mais ensinar como conhecer as coisas e criar ciência, de forma horizontal e solidária, do que ensinar conhecimentos que o mundo produziu e serão transmitidos pela memorização de idéias cristalizadas.

Prazerosa, que estimula *os desejos e os afetos* durante seu percurso, práticas que provocam o paladar sobre as coisas do mundo, um novo gosto de produzir os fluxos da vida, ativando o jogo, em seus múltiplos sentidos e potências, como ação geradora de suas incursões. O tesão pela vida, como nos convidou também Roberto Freire e João da Mata.

Faz-se essencial um antagonismo total diante do posicionamento ético neoliberal e competitivo. É essencial a produção de outras dinâmicas subjetivas-sociais-ambientais, ou seja, ecosóficas, que estimulem a *solidariedade e a cooperação* entre as presenças (humanas e não humanas), inventando no presente outros territórios existenciais para habitar.

O *antiautoritarismo* é uma chave essencial para compreender um crítica cosmológica da educação anarquista: não se trata de abandonar as autoridades de cada pessoas (ou animais, ou vegetais, etc) diante de certos aspectos da vida, pelo contrário, os conhecimentos (ciências, saberes, ações, modulações, etc) criados e reconhecidos de forma comunitária precisam ser valorizados e distribuídos. A questão da autoridade é a cristalização da obediência e inibição dos processos de revolta permanente, que são os abafadores-repressores dos embriões de outras subjetividades e processos de singularização. Não aprender a obedecer, nunca! Fogo no parquinho, sempre! Mas…

Parte do processo de rebelião permanente das metodologias plurais da educação libertária encontram sua dose de prudência no conceito de *autogestão*. A autogestão é fogo

que incendeia uma nova forma de liberdade, que descentra a liberdade individual fundada na ideia ficcional de livre escolha, que desloca a prática de liberdade do sujeito como conquistador ou possuidor deste dom divino e afirma um liberdade que é construída no encontro entre os diferentes, uma liberdade coletivo-individual que é concomitante com a rebelião permanente - através do avizinhamento entre essas forças de liberação que a autonomia de grupo pode operar a autogestão da própria vida.

Ainda no gesto dos descentramentos a educação libertária estaria engajada em habilitar diferentes campos de atuação social, das engenharias às artes, dos cuidados às aventuras. Procura recompor os campos do trabalho, construindo as coletividades com suas qualificações específicas para a nova cidade que está em construção, a anarquia. Deste modo, sem centralizar a formação de trabalhadores para os diferentes aspectos da produção da vida como ela é, está engajada em inventar as novas formas que esse trabalhos irão se distribuir e quais serão as necessidades humanas e não humanas para realização dos mesmos.

Neste sentido, também há um interesse em promover encontros que enaltecem as diferenças nos interesses e desejos de cada pessoa engajada nos processos de aprendizagem, incentivando deslocamentos e descobertas de afinidades, previsíveis e inusitadas, de cada pessoa e grupo. Procurando produzir um território de experimentação que atice o florescer das singularidades de forma diversa e imprevisível.

A diversidade de estratégias possíveis para as práticas educativas é uma característica emblemática também entre os anarquistas. Em diversas experiências educacionais (formais e não formais) foram praticados encontros transversais com outros instigadores de percepção além da sala de aula e dos livros didáticos. Práticas de saídas pelas cidades, pelos campos, pelas matas, visitas à sindicatos, fábricas, o uso de linguagens artísticas (música, teatro, dança, artes visuais, fotografia, etc), jogos, esportes, etc, são populares nas experiências libertárias.

A escola não é uma ilha. Anarquistas sempre se ocuparam em conectar as suas práticas educativas com as vozes das ruas, com as experiências das comunidades que estavam inseridas. Muito além de afirmar que a comunidade deve participar da educação dos seus membros na escola através dos órgãos especializados para tal fim, como afirmam as diretrizes e bases de ensino contemporâneas no Brasil; afirma que a rua e a escola são espaços vizinhos que precisam se afetar mutuamente, seja qual for o formato dessa afetação. É preciso estar

conectado com as forças em luta da sociedade-ambiente como um todo para agenciar processos de invenção autopoiéticos e focos de singularização.

Por fim, afirmam uma diferença radical aos processo educacionais alternativos que desenvolvem micro estratégias de ensino-aprendizagem que não questionam o estado do mundo e os processos de exploração que estamos inseridos. Muitas das práticas libertárias foram assimiladas e apaziguadas por outras correntes educacionais que também procuraram se afastar de alguns aspectos tradicionais da escolarização, no entanto, adotam técnicas e perspectivas de forma descolada, apaziguando as potências rebeldes que são inerentes aos anarquismos.

Podemos concluir este movimento com a lúcida e direta consideração de Jaime Cubero em um seminário concedido em 1994 em Florianópolis: "Por educação libertária, entendemos todas as experiências que pensem e vivam a liberdade, a solidariedade e a autogestão entre indivíduos e grupos, com vistas a autoformação e a autonomia dos mesmos." (Cubero, 2015, p. 86).

anti-educação

Deste caldo que percorremos até agora entre ecosofia, anarquismos e educação, comecei a desenhar aspectos preliminares do que estou defendendo como **anti-educação** ou uma **ecosofia da educação anarquista.** Ao longo deste percurso alguns elementos começam a indicar o que poderíamos pensar sobre uma anti-educação e acredito que até o último movimento desta tese teremos os argumentos e os contornos do que estou chamando de anti-educação. No entanto, como forma inicial, faz sentido algumas considerações sobre sua intenção.

Guattari propõe uma abordagem de *contrapoder* (2022, p.30) como forma cotidiana de atuação dos sujeitos e coletivos. Em sua análise, seria preciso investir em processos moleculares de transformação e revolta cotidianas, apoiadas em práticas de apoio mútuo e autogestão, para sair do *loop* da política institucional que não cessa de retroalimentar o mesmo sistema de opressões. Comenta: "Pode-se dizer que a política, enquanto instituição e enquanto relação anti-institucional, é um dos níveis da transformação, mas não o nível determinante. Os níveis da transformação são todas as formas de existência do sujeito, isto é, todos os níveis sobre os quais o poder constrói seu reticulado dos poderes, bem como quando

o sujeito revolucionário transforma e destrói os nós deste reticulado." (Guattari, 2022, p.30). Para Guattari o gesto de *processualizar* as subjetividades encontra ressonâncias nas práticas cotidianas de invenção de novos paradigmas éticos e estéticos para resistir aos poder do Capital, do Ser, do Significante, do Estado. "O processo molecular é o modo de emergência do sujeito. Colocar a questão da tática é colocar a questão da relação com os aparatos institucionais molares, sem novamente cair na política, sem reduzir o processo revolucionário e molecular à hipótese esquemática do confronto institucional." (Idem, p. 31).

Quando estávamos comentando a leitura de Cuevas (2014) sobre o anarquismo e a educação, uma das críticas que é fundante em sua argumentação está localizada na ideia de que os anarquistas não estão construindo uma prática educacional que irá preparar os povos para viver sob o jugo do Estado: seja ditatorial, seja democrático. O anarquismo faz um deslocamento importante na crítica ao poder quando se opõe a qualquer formação Estatal, sabendo que elas não são fruto de nenhum contrato social e não são suportáveis enquanto acordo entre classes. O Estado está organizado sobre a tentativa de monopólio das violências e a tentativa de captura das máquinas de guerra nômades (sob a forma máquina-exercício, máquina-judiciário, máquina-policial, máquina-política-pública, etc). A potência da guerra nômade é indisciplina, enquanto para a guerra de Estado é a tentativa de captura da sua força em prol de uma disciplina reguladora. "Não cabe dizer, pois, que a disciplina é o próprio da máquina de guerra: a disciplina devém a característica obrigatória dos exércitos quando o Estado se apodera deles; mas a máquina de guerra responde a outras regras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro [...]" (Guattari & Deleuze, 2012c, p. 22). Deste modo, a fundante ideia de Hobbes de que o Estado têm sua origem na guerra de todos contra todos e para regular essas guerras seria preciso a criação de um contrato social entre todos os homens, é desmontada pelos anarquistas e pelos ecosofistas. "Em todo caso, está descartado que a guerra produza um Estado, ou que o Estado seja o resultado de uma guerra cujos vencedores imporiam desse modo uma nova lei aos vencidos, uma vez que a organização da máquina de guerra é dirigida contra a forma-Estado, atual ou virtual." (Idem: idem).

anti-política

Augusto (2013) e Passetti (2006) nos estimulam a compreender outros aspectos possíveis. Quando Augusto retoma a inversão feita por Foucault da afirmação do general

proussiano Clausewitz e afirma que a *Política é a guerra continuada por outros meios,* temos um importante ponto de inflexão para tratar a ideia de uma *anti-política*. A anti-política se forma como um elemento fundamental para a constituição de uma cultura libertária, que concebe a vida como movimento, entre continuidades, descontinuidades, reviravoltas, retrocessos, disparates, e, assim, "a política torna-se, em Proudhon, a ciência da liberdade, maneira de como se mover dentro da *revolução permanente.* Esta contém a revolta, que aponta para uma ciência da liberdade *menor*, uma anti-política." (Augusto, 2013, p. 282). Apoiado nos incendiários anos das revoltas em Atenas (2008-2011), aponta para um diferenciação dos desejos entre os movimentos que estão nas ruas. De um lado, aqueles que desejam uma nova política, uma renovação das formas de participação, uma nova educação, uma nova sociedade. Do outro lado aqueles que desejam a morte dessa sociedade, que procuram criar seus fluxos de vida e organização fora do Estado (e contra o Estado). "[...] os libertários ativos se associam arriscando na invenção, apostando na morte dessa sociedade, e fazendo vibrar afinidades singulares (que nada tem a ver com ideologias e semelhanças) na diferença: os iguais existem pela coexistência de diferenças e não pela semelhança. Não são pluralistas, não lutam por hegemonia, tampouco são liberais ongueiros travestidos de anarquistas [...]" (Passetti, 2006, p. 84). Podemos começar a elaborar a ideia de uma anti-política através da negação de qualquer negociação institucional com o Estado, negação de qualquer tipo de disputa, mesmo dentro do pluralismo dos Estados Democráticos que procuram capturar os fluxos de revolta, transformá-los em identidades e governá-los através de direitos sociais. Uma perspetiva libertária da anti-política nos convida a incendiar o Estado (seja democrático, socialista, liberal). Já que as lutas em torno das *utopias* fez conduzir diversas batalhas contra e dentro do Estado, "opôs capitalismo democrático a socialismos de diversas matizes; outras vezes, simplesmente materializou o reverso; entretanto, a relação entre avesso e direito, manteve-se ininterrupta, sem ultrapassar a Idéia de representação com base no verdadeiro e falso, bem e mal, superior e inferior, consciente e inconsciente; permanece até hoje uma resposta de contra-ordem em nome da verdadeira sociedade a ser alcançada" (Idem, p. 82).

Com Ferrer y Guardia, nas leituras feitas por Rodrigo Rosa e Silvio Gallo, há um atentado evidente contra a cristalização de um método ou uma pedagogia ou uma educação anarquista e um convite para entrar em um labirinto de proposições em práticas que estão constantemente em transformação. Podemos pensar que Ferrer desenhou em seus textos e práticas um anti-método, por mais que se tentou em alguma medida reproduzir um método da

Escola Moderna de Barcelona, os textos de Ferrer são evidentes no sentido de não cristalizar suas práticas como uma verdade a ser seguida cegamente: é precisa duvidar de todas as verdades, inclusive aquelas que nós mesmos acreditamos. Outra incentivadora da inquietante interrogação diante do que é vivo, é a anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura, que implica em seus textos que Ferrer *não ensinou palavras*, as palavras, os livros, os cânones, ficavam sempre para depois da vivência, da experiência e da prática. Não poderíamos pensar que a educação libertária gostaria de reformar ou reprogramar as escolas e a educação tal como a concebemos, em seus escritos (que veremos adiante ao longo da tese), os anarquistas acreditam que é preciso queimar, botar abaixo, eliminar e destruir as escolas e a educação tal como a conhecemos.

depois do fogo

Após o fogo que consumirá todos seus alicerces em nossa revolta permanente, o que faremos? E hoje, enquanto estamos fagulhando centelhas aqui e acolá, o que estamos fazendo? Faremos algo que não implica a centralização, que não implica o Estado, que não implica a servidão voluntária, que estaria no campo de uma anti-política (Augusto, 2013), de uma anti-cidadania (Gallo, 1995), de um contra-escola (Luengo, 1993). O que essa pesquisa sustenta como hipótese é de caminhar no sentido de uma **anti-educação** como forma de co-criar espaços de constituição de uma ciência libertária, nômade e menor, onde as subjetividades coletivo-individuais possam insurgir como singularidades vivas e rebeldes. Apostamos que até o final deste trabalho, tenhamos os argumentos suficientes para a constituição de princípios geradores e fagulhas e pistas para uma anti-educação ou uma ecosofia da educação anarquista. Essa ciência libertária foi tratada por Gallo (2007) quando comenta: "Socializar a ciência - isto é, torná-la pública -, que só pode ser construída com o concurso de toda a sociedade, seja na atividade direta de pesquisa e estudo, seja garantido a base social e econômica para que alguns indivíduos possam dedicar-se a essa atividade, é assim, uma opção ética que prepara a renovação política da sociedade." (p. 84). Deste modo, Gallo afirma que muitos educadores e filósofos anarquistas pretendiam que a educação libertária tivesse esse duplo ataque: ao passo que cria condições para instrumentalizar as pessoas e construir a percepção da exploração pelo sistema capitalista; também estavam se preparando para combater em pé de igualdade aqueles que agem politicamente para a manutenção desta sociedade. Deste modo, nos lançamos numa aventura de construir hoje a

singularidade de uma outra terra, uma terra sem amos. Atiçamos o fogo para forjar as veias de um outro corpo, um anti-corpo. Arregaçamos as mangas em coletivos para uma outra anti-sociedade, uma outra prática de produção material, subjetiva e ecológica.

uma hipótese

Procurei neste ensaio inicial lançar alguns fluxos de ideias que organizam a consistência do território desta pesquisa. São contornos que se organizam em apontamentos embrionários e pequenos sussurros de germinação de ideias que ao longo do texto vão ganhar corpo e consistência de afirmação (afinal, uma tese implica na defesa de algo). Este início de conversa foi um convite para um percorrer comigo um itinerário - um *percurso libertário*.

O Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-sol) vem desenvolvendo uma série de verbetes que são publicados em seu site. Um deles, relacionado à abolição das penas, propõe uma forma de *resposta-percurso,* que seria uma atitude libertária diante de um acontecimento/conflito de uma comunidade: "a resposta-percurso problematiza as reacomodações das celas socialmente aceitas até mesmo no interior do próprio abolicionismo penal e explicita a impossível conciliação com a transfiguração do tribunal como forma de perpetuação de assujeitamentos, presentes nas correntes do Direito conhecidas como garantismo, justiça restaurativa e criminologia crítica. A resposta-percurso é uma perspectiva interessada na diferença de efeitos mínimos da afirmação da vida livre."[21] (Abolicionismo Libertário – Verbetes: Abolicionismo Libertário). Esta pesquisa se situa na perspectiva do percurso como uma ação interessada na diferença e na defesa da vida. Aqui, encontramos novamente ressonâncias entre os processos de singularização e a possibilidade de uma resposta-percurso ou *percurso libertário*: ambas seriam uma forma de defender a vida livre em sua prática singular e coletiva.

Percurso que tem se dedicado a encontrar as vizinhanças inconciliáveis entre os territórios da educação, da ecosofia e dos anarquismos. Um tentativa de tornar vizinhas as ideias, sem apaziguar suas dissidências e deixando vibrar alto as melodias possíveis que o choque destes corpos dissidentes fazem ecoar no espaço. É um gesto de composição, sem dúvida, de criação e invenção de harmonias instáveis e melodias indecifráveis. Uma composição que afirma um certo posicionamento diante da vida, diante dos modos de

[21] Ver em https://www.nu-sol.org/abolicionismo-libertario-verbetes/ . Consultado em 20/04/2023.

produzir a vida, que está em luta pela criação de espaços de liberdade e de liberação do desejo. Uma composição intencional e dirigida, em ressonâncias com outras ecosofias e anarquismos e educações que estiveram no caminho, antes e depois dessa pesquisa, produzindo suas práticas e criando algum tipo de *phylum*[22] e de continuidade. Uma composição que procura estabelecer contornos, dar nomes, estabelecer territórios é também um processo de decomposição, de organizações conceituais e arquiteturas de análise que foram acontecendo sem que eu (o Sujeito, o Autor, o Pesquisador) tivesse a intenção clara do que acontecia. Operando também por descentramentos da própria escrita deste texto, através de encontros com outras colegas em diferentes campos de atuação, seja na militância, seja nas instituições, seja nos delírios de boteco. O final de uma frase foi muitas vezes um abismo, que ao fim, despencou em um novo platô de conversação, em um território completamente inimaginável, em uma rota completamente nova. Frases que magnetizam páginas inteiras de um campo vasto de experiências rebeldes que estavam à espreita, esperando a hora do bote para ocupar a produção das ideias.

Ao afirmar a urgência de uma *ecosofia da educação anarquista*, através de uma anti-educação, levanto a hipótese de que esta tese faz um duplo-gesto. De um lado, uma tentativa de fazer uma leitura ecosófica da educação libertária, uma leitura molecular dos anarquismos no campo da educação. Do outro lado, faz uma tentativa de uma leitura libertária do pensamento da filosofia das diferenças, uma leitura anarquista dos pós-estruturalistas. A hipótese que sustento nesta tese é que a ecosofia pode operar como um plano de consistência para a educação anarquista contemporânea, servindo de ferramenta-máquina para expandir as práticas e atualizar alguns conceitos-chaves, tais como: *sujeito, natureza, humanidade, aprender, verdade, coletivo, individual, etc.* Poderíamos localizar essas práticas ecosóficas-libertárias inscritas sob o conceito de anti-educação. É preciso conduzir uma prática anti-educativa, caminhando para uma ecosofia da educação anarquista?

Veremos. Vamos ao percurso! Vamos à viagem! E que viva a anarquia!

---

[22] A noção de Phylum está intimamente conectada com a noção de máquina. O *phylum* é uma continuidade no âmbito das máquinas, através das coordenadas de tempo e de espaço - um *phylum,* ou seja, um fluxo contingente de conexões e cortes, acompanha o desenvolvimento das máquinas, inclusive suas repetições (como vimos anteriormente no contexto das máquinas autoritárias que se desenvolvem em diferentes regimes, sejam democráticos ou autoritários). Comenta Guattari (2022, p. 66) "Inclusive quando há retornos [na história], aparentes repetições, estes retornos, de fato, mascaram e logo deixam aparecer aquilo que defino como phylum maquínico, uma continuidade no nível das máquinas - sobretudo das máquinas tecnológicas e econômicas - que subsistem elas mesmas a uma transformação irreversível, que é uma transformação de desterritorialização.".

aprender com

Há pouco tempo, enquanto pesquisava junto com colegas para produção de um texto sobre o filósofo anarquista René Scherer, deparei-me com um pequeno texto intitulado *Aprender com Deleuze*, um pequeno ensaio publicado em 2005 na *Revista Educação e Sociedade* do Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), com tradução da sempre lembrada Sandra Corazza e Tomaz Tadeu[23]. Eu fiquei encantado! E também ri um bocado! Sentado à sala de casa, já pelas tantas da noite, foi muito curioso ver ali um filósofo abrindo um texto revelando seu truque, abrindo o jogo sobre um certo procedimento de escrita que vai desviar um tanto do assunto que foi encomendado. O haviam convidado para escrever sobre o conceito de Educação (com E maiúsculo) em Deleuze, ao que Scherer responde: Mas, ignorando, para ser sincero, quais eram as idéias de Deleuze sobre a educação, compreendida como um "sistema educacional voltado à aplicação", prefiro, em vez disso, falar daquilo que Deleuze nos ensinou, daquilo que continua a nos ensinar sobre ele, sobre o mundo e sobre nós. (Schérer, 2005, p. 1184)

O texto é um fluxo de leitura carinhoso como o leito de um riacho da Serra da Mantiqueira em dias de primavera, acalentador, convidativo, preciso e sereno. Um convite para ir ali sentindo o que é, onde é, quando é, como é, pra que é que uma pessoa fica afetada pela outra. Um convite para se aproximar um pouco de um acontecimento na vida de um filósofo, precisamente quando esse acontecimento é justamente a vida de outro filósofo. Acho que me encantam essas histórias de amigos, amigas, parcerias das vidas que vão se cruzando ao longo dos caminhos do pensamento. As alianças que se pode cultivar em meio ao nublado e intempestivo presente, este sempre atualizado e sempre indecifrável. As alianças, as práticas de solidariedade, o apoio mútuo, o viver em bando, são interesses que à mim, e aos anarquistas em geral, são essenciais para o cultivo da luta.

Agora, neste movimento, vou roubar um cadinho no jogo da acadêmia, como Scherer falando com o que aprendeu com Deleuze, vou esboçar algumas linhas sobre aquilo que acontece comigo ao entrar em contato com a vida de *alguns companheires*: Félix Guattari, Maria Lacerda de Moura, Adelino de Pinho e João Penteado. Este capítulo também engrena nesta tese algumas bases filosóficas-conceituais que servirão de plano comum para desenvolvermos o pensamento de uma anti-educação ou ecosofia da educação anarquista.

---

[23] Ver em Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

com félix guattari

Obviamente o texto vai percorrer caminhos bem distantes do riacho que descrevi da sensação de ler Scherer, por motivos vários: eu não sou Scherer, e o Guattari não é o Deleuze. Essa afirmação, por mais besta que nos pareça, de que uma pessoa não é outra; é, para mim, essencial para abrir os caminhos desse percurso. Esse *algum Guattari* que eu percebo, que eu leio, que tomo notícias das andanças e algazarras que produziu é um figura muito distante e completamente diferente do que conheço e percebo do Deleuze. E há, no campo das filosofias da diferença, um desejo muito grande de fundir essas duas figuras com uma hegemonia latente na imagem do Deleuze, como o grande pensador e filósofo, com um apagamento da imagem do Guattari[24]. Também não queria conjurar por aqui nenhum antagonismo ou comparação entre um e outro - apenas afirmar uma diferença.

Há um outro fator importante, nós não partilhamos a mesma língua. Eu não falo/leio francês, Guattari não escreveu em português, espanhol ou inglês. Mesmo quando vejo vídeos e entrevistas a sua imagem me soa muito estranha falando em francês, mesmo sendo a sua língua. Esse *Guattari* que eu acesso aqui da América Látina tem falado espanhol e português (raramente, inglês) em nossas conversas-leituras. Esse encontro com *Guattari* é atravessado por outras vozes que traduzem, revisam, organizam, editam, textos e livros e fragmentos do seu pensamento e da sua vida, pessoas as quais vão compondo uma certa polifonia da minha percepção e análise. Organizei este rolê[25] com Guattari em um texto, às vezes, escrito em primeira pessoa para o horror das bancas universitárias.

---

[24] Há uma anedota engraçada, quando fiz estágio docente na graduação em educação junto ao Sílvio Gallo, estava tendo um conversa com um grupo de alunes e estava achando engraçado o modo como eles diziam Deleuze-Guattari, fui perguntando, sondando, tentando entender o que estava achando estranho naquela conversa - conclusão: eles acreditavam que Guattari era um sobrenome ou segundo nome do Deleuze. Além desta anedota, gostaria de enfatizar essa percepção somando a minha à voz de T. Kogawa que foi entrevistado por Anderson Santos em 2020, quando Kogawa disse "Existem alguns grupos acadêmicos que estudam Guattari e especialmente Deleuze, que realizam encontros anuais. A tendência de tais grupos é tentar separar Deleuze de Guattari de uma maneira exegética.", em SANTOS, Anderson (org.). Guattari/Kogawa - rádio livro, autonomia, japão. São Paulo, Sobinfluencia, 2020, p. 92.

[25] *Rolê* é uma gíria que atravessa a cultura brasileira em muitos terminais, desde Gal Costa em *Dê um rolê* (1971), cantando "Enquanto eles se batem dê um rolê / E você vai ouvir / Apenas quem já dizia / Eu não tenho nada / Antes de você ser / Eu sou", e também, Camorra, na música *Rolê* (2001) do algum *Vírus.* Saber do rolê de alguém é saber do seu percurso, da sua trajetória, não como biografia, muito menos como linha reta que se explica ao juntar os termos, o *rolê* é o que trazemos ao presente como atualização daquilo que desejamos. Podemos dar muitos tipos de rolê, aqui, neste texto, o rolê é com outros, com alianças, com forças companheiras que se afetam para produzir um *rolê* junto. Ou ainda, dar um *rolê,* aparece como *fazer um corre,* como vemos em Mc Neguinho do Kaxeta ft. Cebezinho, Kelvinho e Hariel "Eu falei que o mundo um dia ia ser lindo pra nóis / E nossos trampo um dia iria virar / E todos nóis que só corre com os feroz / E quem foi nóis é nóis, e quem não for nem pá / No dia a dia é que nóis vê quem fecha de verdade / A simpatia eu deixo pros sem criatividade / E quem diria, eu pilotando a meca na cidade /Sem simpatia, parça', tamo aê na atividade".

da américa latina ao japão

Quando li a edição do livro *Guattari: Confrontações* feito pela N-1, composto das conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos[26], fragmentos de conversas quando Guattari esteve em viagens pelo Brasil e pelo Japão, fiquei um tanto fascinado como se acompanhasse um filme. Quase escutava o barulho do carro do Laymert, em 1982, conduzindo o Guattari ali pelas ruas da cidade de São Paulo, vivendo uma fase final da ditadura civil-militar, indo ou saindo da sede do Partido dos Trabalhadores (PT) ou de outros grupos de resistência e crítica.

> Até hoje fico comovido com a generosidade de Guattari ao conceder-me a entrevista sob uma condição: a de fazê-la enquanto eu o levava, em meu automóvel, entre um e outro compromisso. Ele não explicitou a razão dessa exigência, mas tenho a convicção de que pretendia neutralizar qualquer veleidade de intelectualismo e de academicismo que, de minha parte, pudesse perturbar nosso diálogo, em virtude da seriedade e do respeito com que eu o considerava. Félix montou, desse modo, um dispositivo que envolvia entrevistador, entrevistado, um gravador e um automóvel, um dispositivo de humanos e máquinas que pudesse liberar os afetos e fazer da entrevista um verdadeiro agenciamento maquínico. Quando penso nisso, vejo despertar minha gratidão pela lição que ele me deu. (Uno, 2016, p. 14)

O primeiro livro que tive acesso assinado pelo Guattari com outra duplinha que não fosse o Deleuze, foi o *Cartografias do Desejo* (1986; 2013) escrito com a Suely Rolnik a partir desses encontros que acontecem em 1982 no Brasil com uma polifonia de vozes e reuniões/entrevistas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Acredito que a primeira edição deste livro foi publicada em 1986, no entanto, a edição que eu carrego é a de 2013 (quanta coisa aconteceu entre esses dois pontos?). O livro com a Suely é quase a narrativa de uma turnê de uma banda de rock internacional, são muitos cenários, muitos lugares, muitos interlocutores, muitas vozes, muitos trajetos, um corre, um rolê enorme com Guattari. O livro tem uma (entre tantas) beleza na escolha da formatação gráfica do impressão com os sinais que ficam percorrendo o livro, apontando quais vozes estão escrevendo naquele momento da leitura, se foi um texto integral, um pedaço de conversa, uma transcrição, muitas montagens, etc.

> De certo modo, este livro é datado: ele traz a marca dos agenciamentos que o geraram. Primeiro, o Brasil de 1982. Intensificação do processo de redemocratização macro e micropolítica: campanha eleitoral para governadores, deputados e vereadores, proliferação de grupos organizados de minorias, uso do termo "alternativo" (ecos dos anos 1970) e coisas do

[26] Uno, Kuniichi. Guattari: confrontações / conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos santos, São Paulo, N-1, 2016.

> gênero. Depois os acontecimentos ocorridos nestes três anos de sua elaboração. As cartografias dessas diferentes experiências e seus confrontos constitui portanto a matéria-prima deste livro. Se, por um lado, esse é um testemunho de tais experiências, por outro, seu caráter cartográfico faz com que extrapole sua condição de datado: como qualquer outra cartografia, seja qual for seu tempo e seu lugar, trata-se aqui da invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de saídas para fora dos territórios sem saída. (Guattari; Rolnik, 2013, p.18)

Dos corres do Brasil, para outros corres no Chile. Em 1991, Guattari esteve por em Santiago a convite de Miguel Denis Norambuena e Francisco Zeger, que atuavam como tradutor e editor, respectivamente, e são essenciais para a circulação do pensamento de Guattari no Chile. O Chile havia acabado de experimentar um plebiscito em 1988 pela continuidade ou não do governo ditatorial de Pinochet e a população chilena havia votado pelo "não!", com grandes campanhas populares e a emergências de uma multiplicidade de movimentos insurgentes e de minorias, conectados e não com formas institucionais, conectados com lutas de povos tradicionais, como os Mapuche, entre outras lutas. Comenta Cristóbal Durán na apresentação do livro *Las Luchas del Deseo - capitalismo, territorio e ecología* (2020), publicado pela Editora Pólvora, em Santiago, Chile:

> El volumen publicado por Zegers fue un volumen urgido, movido y conmovido por la urgencia. En mayo de 1991, Guattari viaja a Chile junto a Norambuena, y Zegers junto a Guadalupe Santa Cruz cordinan e implementan su visita a Santiago, Valparaíso y Villa Alemana. Sus encuentros dan inmediatamente cuenta de donde quería apuntar Guattari. Durante un poco más de un semana de reuniones, hizos lazos con ONG de mujeres, con organizaciones mapuche, con psiquiatras, estudiantes universitárias, artistas, escritores, y expuso o participó de discusiones sobre ecología, cambios sociales, la Amazonia, el capitalismo, economía, política y democracia, antipsiquiatría, comunidad y medicina, feminismo, entre muchos otros tópicos…[27] [28]

Acho que há uma perseguição-insistência do Guattari em *fazer um rolê* nestes dois encontros com dois território latino americanos que estavam vibrando uma efervescência política e cultural gigantescas, agitação que aconteceu tanto nos campos macro-políticos, localizado nas lutas por democratização destes territórios recém assolados por ondas

[27] Cristóbal Durán. *Félix Guattari en Chile: Sobre transiciones y captura, a más de treinta años* ***in*** GUATTARI, Félix. *Las luchas del deseo - capitalismo, territorio y ecología.* Santiago, Editora Polvora, 2020, p. 29.

[28] Tradução do Autor: "O volume publicado por Zegers era um volume emergido, movido e comovido pela urgência. Em Maio de 1991, Guattari viajou para o Chile com Norambuena, e Zegers e Guadalupe Santa Cruz coordenaram e implementaram a sua visita a Santiago, Valparaíso e Villa Alemana. As suas reuniões dão uma indicação imediata do que o Guattari pretendia. Durante pouco mais de uma semana de reuniões, estabeleceu ligações com ONG femininas, organizações mapuches, psiquiatras, estudantes universitários, artistas, escritores, e apresentou ou participou em discussões sobre ecologia, mudança social, Amazônia, capitalismo, economia, política e democracia, anti-psiquiatra, comunidade e medicina, feminismo, entre muitos outros tópicos..."

autoritárias de longas ditaduras civis-militares; como nos campos micropolítico, onde houve um despertar de novos movimentos sociais, localizados para fora das estruturas antigas dos partidos de esquerda, lançando mão de organizações dissidentes, com pautas descentradas da lógica tradicional (estrutura-superestrutura-proletariado-partido-revolucionário), insuflando pautas práticas minoritárias e criando estratégias que acolhiam revoluções moleculares nos campos da sexualidade, das lutas pela terra, da ecologia, etc.

Ainda movido pelo interesse sobre as experimentações político-culturais de territórios fora dos centros de poder do Capitalismo Mundial Integrado (CMI), procurando saber o que estava acontecendo nos países em desenvolvimento ou do Terceiro Mundo[29], podemos observar os *rolês* que Guattari fez no Japão, principalmente em Tóquio[30]. Dessas experiências temos notícias tanto pelas entrevistas feitas pelo Kuniichi Uno, comentada no início deste movimento, como também, pela publicação organizada pelo Anderson Santos, através da Sobinfluencia Edições, *Guattari/Kogawa - rádio livre, autonomia, japão* (2020).

Anderson Santos, na abertura do livro, nomeia Guattari de *militante-multidão*. Alcunha que achei muito preciosa para endereçar a sensação que tenho sobre aprender com Guattari. Os textos que acompanham esta publicação, organizada pelo Anderson Santos, acontecem em entrevistas/transmissões entre os anos 1980 e 1985, no entanto, comenta o organizador, é difícil precisar as datas das visitas e das entrevistas. Em todo caso, Guattari estava percorrendo um mundo procurando encontrar, ouvir, compreender, trocar, agitar diversos grupelhos e aglutinações político-culturais que estava acionando *recomeçar a reconstruir um mundo*, como ele diz em um de suas entrevistas[31]. Nesse correr pelo mundo, encontrou aproximações íntimas, em sua perspectiva, entre Brasil e Japão, apontou para um heterogênese de valores no Brasil e no Japão, com polos ultra-industriais, megalópoles, convivendo com sociedades miseráveis no Nordeste, com "com culturas negras, heranças africanas, tanto no domínio da expressão artística, como no sentimento religioso, na

---

[29] Terceiro Mundo é um conceito contraditório, datado dos anos 70-90 e foi atualizado pelo movimento pró-globalização, como Sul Global. Atualmente abandonamos essa concepção por ser novamente a repetição do gesto de países europeus e norte-americanos nomeando os países que foram colonizados por eles, no entanto, foi a forma que Guattari procurou se referir aos países que estavam nas franjas do capitalismo mundial integrado, que ele visitou inúmeras vezes.

[30] "Vertigem de uma outra via japonesa: Tóquio renuncia seu status de capital do Leste do capitalismo ocidental para se tornar a capital do Norte da emancipação do Terceiro Mundo." Félix Guattari. *Tóquio Orgulhosa.* ***in*** SANTOS, Anderson (org.). Guattari/Kogawa - rádio livro, autonomia, japão. São Paulo, Sobinfluencia, 2020.

[31] "Mas há também uma inteligência e uma coragem coletivas, uma juventude, que existem em todos esses países e que, no estado de corpo-sem-órgãos (já que você me cobra o uso dessa expressão!), são capazes, talvez com uma grande intensidade, uma grande velocidade, de recomeçar a reconstruir um mundo." Félix Guattari *in* UNO, 2016, p. 116.

comunicação humana [...] Talvez exista uma espécie de afinidade inconsciente, secreta, entre o Brasil e o Japão [...] O Brasil é um pouco um laboratório de experimentação social, mas em grande escala" (Guattari, 2016, p. 124).

Correr o mundo, dar um rolê, fazer um corre. Fazer um corre é agenciar alianças para pôr em movimentos maquinações e práticas - em bando. No corre se aprende e se trocam experiências. Correr o mundo, fazer um corre no mundo, percorrer os espaços onde há brechas possíveis para recomeçar o novo, para recomeçar a reconstruir um mundo onde caibam outros mundos. O Guattari esteve muito *aí no mundão*, percorrendo esses lugares para trocar, para conversar, ouvir, saber do que estava vivo por cada canto onde havia fluxos sendo liberados em práticas coletivas. Sem contar, nas incansáveis práticas insurgentes que ele agenciou em Itália, Grécia, França, Budapeste, Palestina, etc.

Um nomadismo curioso este de *algum* Guattari que percebo, um nomadismo de múltiplas viagens pelo mundo, carregando alianças por todas as partes, insuflando e sendo arrebatado por diversos movimentos culturais, políticos, sociais de diferentes partes do mundo; ao mesmo tempo, um nomadismo que o faz voltar muitas vezes para um mesmo lugar, para *La Borde,* para um território onde se cultivam vias para liberar singularidades, onde se vivia suas constantes revoluções moleculares, onde recomeçava em cada encontro, dia-a-dia, os atentados a encarnar processos singularização, um lugar para práticar descontornos.

Comenta Marie Depussé na apresentação do livro *De Leros a La Borde (2012)* com diversos textos de Félix Guattari: "La formación es la vida e la vida es nómada. El combate de una vida contra aquellos que se arrogan las tierras. Félix, militante y psicoanalista, siempre está marchándose y, a sua vez, de retorno. Volvió a La Borde, La Borde no es una tierra."[32](Guattari, 2012b, p. 27). Marie, que conviveu com o cotidiano de La Borde acionando círculos de literatura, comenta um diálogo entre Oury e Guattari: "Nosotros nos quedamos, tenemos que quedarmos. Nossostros somos los cronistas. Ellos, los loucos, van pasando, tienen que ir pasando" (Idem, p. 27)[33].

[32] Tradução do Autor: "A formação é vida e a vida é nômade. A luta de uma vida contra aqueles que pretendem arrogar a terra para si mesmos. Felix, militante e psicanalista, está sempre partindo e, ao mesmo tempo, retornando. Ele voltou para La Borde, La Borde não é uma terra".

[33] Tradução do Autor: "Nós vamos ficar, temos que ficar. Nós somos os crônicos. Eles, os loucos, estão passando, eles têm que passar".

Um nômade que permanece? Uma permanência no nomadismo? Algum contorno para os percursos errantes? Não sei, mas soa bonito o desejo deste viver junto, em bando, junto aos loucos, junto a terra que não é uma terra, junto com seus amigos, junto com seus processos de singularização. Guattari em muitos de seus escritos nos deixa pistas, afirmações, análises, conceituações, críticas, limitações e revoluções em torno dos processos de *grupo*, que ele organizou em uma análise com pólos (por falta de outra palavra neste momento) em posições distantes e opostas: *grupo-sujeito* e *grupo-sujeitado*. No entanto, pólos que não são lugares estáticos ou mesmo possíveis de serem ocupados de forma definitiva, operam como topografias que indicam gradientes de intensidade, atuando em uma contínua sobreposição entre práticas sujeitas e sujeitadas. Mais agonística e menos antagonismo.

la borde

Em outra passagem pelo Brasil, em agosto de 1990, em uma conferência realizada no Ciclo de Conferências e Debates do Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares, na Casa França-Brasil - que foi publicado no Brasil no livro *Caosmose* (1a Ed. 1992 - 2a Ed. 2012) e também na Espanha, com uma versão estendida em relação a brasileira, no livro *De Leros a La Borde* (2013) - Guattari, continua sua análise sobre os seus interesses em realizar processos em grupo, fazendo alguns paralelos vibrantes entre sua biografia, suas práticas de vida e o pensamento ecosófico. A tentativa das próximas linhas é aprofundar os conceitos em torno da ideia de grupo, atravessada pelos conceitos de *processos, singularidades, máquina e transversalidade*.

Jean Oury, amigo de Félix, inspirado na experiência de Tosquelles[34] em Saint-Alban "onde se produzira, durante a guerra, uma verdadeira revolução interna através da luta pela sobrevivência coletiva, a abertura para o exterior [fora dos muros do hospital psiquiátrico], introdução de métodos de grupos, de ateliês, de psicoterapias…" (Guattari, 2012, p. 160),

[34] É preciso uma breve nota sobre o percurso insurgente de Francesc Tosquelles, que foi um catalão, assim como Ferrer y Guardia, que lutou na Guerra Civil Espanhola sob a bandeira do POUM - Partido Obrero de Unificación Marxista. Vale destacar que o POUM foi o primeiro partido marxista à negar as direções do comitê central Russo, que na época, controlava e centralizava os partidos marxistas revolucionários por todo o mundo. Também foi o POUM que lutou junto a CNT - Confederación Nacional del Trabajo durante a frente ampla antifascita e também foi traída pelos comunistas que constituíram o governo espanhol após a revolução. Há narrativas que Tosquelles atravessou a fronteira da Catalunha com a França a pé, escapando do massacre do final da revolução. Marie Depussé, completa: "Era a época da Liberación e começavam a se registrar os efeitos - se nos atrevemos, diríamos as lições - da guerra. Francesc Tosquelles, militante del POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), sobrevivente da Guerra civil espanhola, inicia Jean Oury na revolução psiquiátrica em Saint-Alban.

convidou o amigo para se juntar a equipe de La Borde, em 1955, onde atuou e viveu até o final de sua vida. Oury e Guattari, ambos muito jovens, iniciaram os processos de trabalho para constituir um outro tipo de comunidade entre loucos, técnicos, médicos, trabalhadores, etc. Diz Guattari que Oury o convida "pois precisava, pensava ele, de minha [de Guattari] ajuda para desenvolver o Comitê Intra-Hospitalar da Clínica, em particular o Clube dos Pensionistas. Minha suposta competência nesse domínio vinha do fato de que, desde o dezesseis anos, eu não cessara de "militar" em organizações tais como "os Albergues da Juventude" e toda uma gama de movimentos de extrema-esquerda." (Idem, p. 161). Iniciam um movimento enorme de transformações institucionais, um estudo aprofundado sobre La Borde e seus processos internos-externos de organização podem ser acompanhados pela pesquisa de Larissa Drigo[35]. Entre as transformações está a criação de grupos de trabalho coletivos para o planejamento das atividades cotidianas do Hospital, inclusive contando com revezamento de funções, entre todas as trabalhadoras da instituição, desde os trabalhos de manutenção (cozinha, jardinagem, zeladoria, etc) até os trabalhos técnicos especializados, afirmando que "existe um problema do inconsciente no campo social, e que este problema do inconsciente não diz respeito apenas aos especialistas, psiquiatras e psicanalistas, mas também a todos que, por exemplo, tentam viver sua vida em uma comunidade, em uma escola ou em um grupo militante." (Guattari, 2020b, p. 72). O problema da loucura, das psicoses, das esquizofrenias, dos sofrimentos mentais não estão localizados estritamente nos sujeitos diagnosticados como *loucos*, a problemática que o inconsciente nos coloca é de responsabilidade de todos, não por conta de uma empatia forçada ou um samaritanismo religioso que nos convoca a *ajudar o próximo*. As questões do inconsciente interpelam a todos nós, aos nossos modos de organização social, nossas formas de amar, de viver, de trabalhar, de comer, etc. Quando um grupo militante coloca em segundo plano as questões do inconsciente, colocando em primeiro lugar as questões de classe, deixando o trabalho apenas para os especialistas, está deixando de lado um problema político, um problema que concerne a cada pessoa envolvida na transformação da vida tal como ela é. "A esquizoanálise, por outro lado, gostaria de dizer: não, esses problemas também são seus e não só por alguma ideia de solidariedade humana, mas também por razões que são altamente políticas. Isto

[35] Larissa Drigo Agostinho é bacharel em letras português/ francês pela Universidade de São Paulo, mestre em filosofia pela Universidade de Paris I Panthéon Sorbonne, mestre em literatura francesa e doutora pela Universidade de Paris IV-Sorbonne. Atua nas áreas de filosofia, literatura francesa século XIX e XX, teoria literária e psicanálise.

porque se não se levar esses problemas em consideração, se estará criando, inevitavelmente, uma forma dogmática da política." (Idem, p. 73).

As transformações na estrutura institucional de La Borde procuravam romper com as formas alienantes da divisão do trabalho e a serialização das rotinas, que tornam cada pessoa envolvida no processo um prisioneiro de uma norma. Sejam os loucos através das patologizações ou sejam os técnicos-médicos pelo comprimentos dos protocolos e procedimentos de normalização dos seus pacientes. O que Guattari e Oury e toda a equipe de La Borde estavam produzindo não era um novo modelo de atendimento, mas um gesto que visava um "constante questionamento" (Guattari, 2012, p. 163) das hierarquias e rotinas burocráticas ou ainda uma "recriação interna permanente" (p. 165). "O que usávamos, através de nossos múltiplos sistemas de atividade e sobretudo de tomada de responsabilidade em relação a si mesmo e aos outros, era nos libertarmos da serialidade[36] e fazer com que os indivíduos e os grupos se reapropriassem do sentido de sua existência em uma perspectiva ética e não mais tecnocrática." (Guattari, 2012, p.163). O que é posto em movimento em La Borde é um novo procedimento maquínico de produção subjetiva: novos modos de trabalho de todos os trabalhadores da instituição, fazer funcionar uma autogestão radical entre os trabalhadores sobre seus regimes de trabalho, recursos, estratégias, etc. Estavam não apenas remodelando as práticas subjetivas, mas inaugurando novas subjetividades. O que estavam afirmando era que as práticas psicoterapêuticas poderiam intervir no corpo dos pacientes a fim de recuperar as fraturas do eu e forjar novos territórios existenciais, sem dúvida, no entanto, este processo só é possível com uma mudança no contexto intersubjetivo, ou seja, naquilo que toca às subjetividades de todas as coisas envolvidas, e no campo da pragmática, da vida material e comunitária, que precisaria encontrar novas respostas para as formas de organização e produção.

O encontro com Jean Oury e o pensamento da *análise institucional*, que é este campo de interrogações e questionamentos que Guattari e Oury desenvolvem em La Borde, é atravessado pelo pensamento de Fernand Oury, irmão mais velho de Jean, que estava desenvolvendo uma "pedagogia institucional". Este encontro fez com que Guattari também se envolvesse com os questionamentos da condição estudantil, comenta Guattari (2012, p. 166) "[a condição estudantil] cuja problemática começava, se ouso dizer, a borbulhar no seio da Mutuelle Nationale des Étudiants [MNEF] (da qual me tornei 'conselheiro técnico') e da

[36] A serialidade é um conceito de Sartre, que Guattari define em poucas linhas como: "o caráter repetitivo e vazio de um estilo de existência concernente a um funcionamento de grupo." (Guattari, 2012, p.163)

UNEF, que deveria ser o catalisador dos acontecimentos de 1968.". A UNEF foi a União Nacional dos Estudantes da França e o MNEF foi o Instituto Nacional de Previdência Social para Estudantes na França, os dois movimentos foram disparadores dos acontecimentos insurgentes de maio de 68 na França, que reverberam em múltiplos sentidos por todo o mundo, os quais Guattari foi agente ativo.

redes

A articulação em *rede* é um conceito vital para a compreensão dos aspectos de *grupo-ressingularização* que estou procurando desenvolver neste movimento. Como vimos no movimento anterior, o Capitalismo Mundial Integrado (CMI) opera por redes planetárias policentradas, através de "redes, aos equipamentos coletivos, midiáticos de massa, informatizados, etc. que produzem a narrativa de referência dinâmica, móvel, que muda a cada dia, se atualiza; a narrativa de referência subjetiva, planetária" (Guattari, 2016, p. 74). Uma narrativa que sobrecodifica as subjetividades de forma planetária, que por sua vez conduz as forças produtivas (materiais, subjetivas, sociais, ecológicas, eróticas, etc). "Quer dizer que toda a produção subjetiva se torna ela própria adjacente a essa subjetivação do Capitalismo Mundial Integrado." (Idem, Idem). Quando Guattari faz o deslocamento da problemática do inconsciente do campo individuado-clínico tradicional (terapeuta-paciente) e insere dentro de uma problemática política (social-comunitária), combina este deslocamento à uma prática *molecular* da política (que iremos tratar mais longamente no decorrer do texto). "Penso, ao contrário, que a reconstrução de uma política em larga escala passa através da redefinição de quais são os verdadeiros agenciamentos políticos, começando justamente pelos agenciamentos micropolíticos." (Guattari, 2022, p. 32). Na prática, e neste contexto, o agenciamento micropolítico se dá nas articulações locais entre os grupos de afinidades locais (e internacionais) que se mobilizam para encarar uma transformação, uma luta, uma prática, etc. "Este é um exemplo de como a problemática molecular busca sua própria solução em outra escala, isto é, na construção de uma rede que pode ser local mas também internacional [...] Sim, é a conspiração." (Idem, p. 34). Conspirações para invenção de novas práticas subjetivas, sociais, mentais, ambientais, educacionais, políticas, etc. As conspirações que Guattari nos instiga a produzir são práticas em grupo, em rede, que articula, conecta e, também, corta, elimina, conjura. Trabalhando em La Borde, Oury e Guattari, passaram a compreender que as conspirações que estavam realizando poderiam se alargar para outros

campos, não apenas poderiam, como era parte essencial da sua realização: a questão do inconsciente estendida a todos, "um questionamento mais global sobre a saúde, a pedagogia, a condição feminina, a arquitetura, o urbanismo…"(Guattari, 2012, p. 167).

Entre as décadas de 60-70 diversos grupos passaram a se dedicar à investigação de práticas e pensamentos sobre a "análise institucional" - novamente, não percebida como um programa, mas como um conjunto de questionamentos frente ao problema da subjetividade. Deste caldo borbulhante de conspirações de grupelhos espalhados por todas as partes, surgiu a FGERI (Federação dos Grupos de Estudos e Pesquisas Institucionais) que mais adiante constituíram o CERFI (Centro de Estudos, de Pesquisas e de Formação Institucional), que por sua vez passou a publicar a revista *Recherches*, que publicou cerca de cinquenta números especiais de suas edições e contou com a colaboração de diversos intelectuais e ativistas ao redor do mundo, entre eles, René Schérer, que disparou a escrita deste movimento.

As agitações seguem a se esparramar, como o vírus da máquina de guerra que se infiltra no aparelho de Estado[37], encontrando ressonâncias na Itália, desde a reforma psiquiátrica, liderada por Franco Basaglia e o movimento em volta do *Autonomia*, novo movimento político que inaugurou forças insurgentes na Itália, contando com figuras icônicas como Franco Berardi e Antonio Negri, entre outros. Basaglia centrou suas atividades "no campo social global, aliando-se aos partidos e aos sindicatos de esquerda com o objetivo de conseguir pura e simplesmente que os hospitais psiquiátricos italianos fossem fechados." (Idem, p. 169). Não nos cabe aprofundar os detalhes da reforma psiquiátrica italiana, que possui diversas contradições, entre avanços para práticas de liberdade e retrocessos conservadores, no entanto, precisamos afirmar que atacaram uma dimensão importante da questão que nos interessa: "só uma sensibilização e uma mobilização do contexto social poderiam criar condições favoráveis para transformações reais. [...] Recentrar a psiquiatria na cidade não significa implantar aí mais ou menos artificialmente equipamentos e equipes extra-hospitalares, mas reinventá-la ao mesmo tempo em que se desenvolvem outras práticas sociais com a ajuda direta das populações concernidas." (Idem, p. 170). Ou seja, o que estou perseguindo no aprendizado com Guattari é a indissociação dos meios de produção materiais e dos meios de produção subjetivo, dito em outras palavras, se é preciso rearticular o conjunto da sociedade fundada na exploração de um sobre muitos, é preciso articular uma

[37] Ver em página 34.

transformação profunda nos modos de produção das subjetividades que estão engajadas neste mesmo processo.

Perseguindo um pouco mais as práticas em grupo e rede que Guattari animou por aí, é preciso ainda uma consideração sobre os movimentos das rádios livres no Japão, na França e na Itália. As práticas em grupo e rede que interessavam à Guattari eram aquelas que promoveram os processos moleculares, que em linhas gerais, são aquelas que não reiteram os jogos políticos institucionais e suas armadilhas de captura. "O processo molecular é o modo de emergência do sujeito. Colocar a questão da tática é colocar a questão da relação com os aparatos institucionais molares, sem novamente cair na política, sem reduzir o processo revolucionário e molecular à hipótese esquemática do confronto institucional." (Guattari, 2022, p. 31).

rádios livres

Na Itália, as rádios livres se relacionam intimamente com o movimento Autonomia, "uma parte muito significativa da juventude (não só estudantes, mas jovens trabalhadores urbanos) com categorias que são muito difíceis de distinguir, já que estamos falando de precariedade e não está totalmente compreensível se podemos falar apenas de estudantes ou trabalhadores - constituíram essa nova forma de organização que chamamos de Autonomia, essa nova visão de estruturação das lutas sociais e trabalhistas." (Guattari, 2020b, p. 32). Para Guattari (2020b), os meios de comunicação em massas poderiam tomar dois caminhos possíveis. O primeiro, em sistemas hiperconcentrados com controle das Corporações ou Estados, como objetivo de reforçar a narrativa da subjetividade capitalística endereçada pelo Capitalismo Mundial Integrado (CMI). O segundo, que operaria no campo descentralizado, pulverizando micro-associações que poderiam se apropriar coletivamente das mídias e emitir sinais dissonantes da norma. No caso das rádios, a escolha técnica acompanham as escolhas políticas e micropolíticas, ao seu tempo, com advento de pequenos transmissores independentes, com alcances regionais ou mesmo restrito a bairros, possibilitou pulular diversas iniciativas piratas que transitavam de locais de encontro-transmissão, escapavam de batidas policiais e lançavam no ar programas dissidentes, como a *Rádio Alice*, que Guattari se manteve associado por algum tempo em Bolonha. "É neste contexto de experimentação de um novo tipo de democracia direta que se inscreve a questão das *Rádios Livres.* A fala direta, a fala viva, cheia de confiança, mas também de hesitação, contradição, ou mesmo de

absurdos, carrega consideráveis cargas de desejo. E é sempre esta parte do desejo que os porta-vozes, intérpretes e burocratas de toda espécie tendem a reduzir, a liquidar." (Idem, p. 115). Além da *Rádio Alice,* em 1977, na França outras rádios livres passaram a funcionar entre 1978-79, que "É contrário à instalação de rádios fixas e permanentes, que ficam expostas à intervenção policial. Por exemplo, a *Rádio Paris 80* consiste em pequenas estações de transmissão, todas administradas por algumas pessoas, e às vezes em locais que nem mesmo são estações de rádio" (Idem, p. 44). Além da *Rádio Paris 80*, Guattari também se associou com a Federação de Rádios Livres Não Comerciais. Para Guattari, na voz de um amigo italiano, que ele não cita o nome, uma rádio livre poderia ser definida: "a rádio livre é importante porque quando uma pessoa liga o rádio e ouve sons estranhos - o microfone caindo no chão, pessoas que estão em meio a uma discussão, há uma espécie de choque e a pessoa diz: 'O quê! Isto pode ser rádio!' [...] a rádio que você pode fazer, eu posso fazer, posso falar na rádio e não preciso ser uma celebridade para fazer isso." (Idem, p. 47). Há aqui um fator essencial para os anarquistas no campo da educação: o *faça você mesmo!* Que é claramente denunciado aqui como prática fundante deste grupelhos associados em rádios livres e piratas. Este contexto técnico mais precário (*faça você mesmo!*) e acessível associado ao aspecto experimental das transmissões (*fala viva*) amplia a possibilidade de grupos-sujeitados se tornarem grupos-sujeitos.

metamodelização

Em alguns escritos os *processos de automodelização*, *processos de singularização* e os *grupos-sujeitos*, aparecem como sinônimos de um mesmo acontecimento. Um acontecimento que atravessa de forma transversal a psique, a subjetividade[38], as questões do inconsciente, disse Guattari, "A psique, em essência, é a resultante de componentes múltiplos e heterogêneos. Ela envolve, sem dúvida, o registro da fala, mas também os meios de comunicação não verbais, relações com o espaço arquitetônico, comportamentos etológicos, estatutos econômicos, relações sociais de todos os níveis e, ainda mais fundamentalmente, aspirações éticas e estéticas." (Guattari, 2012, p. 175). Deste modo, quando pensamos em subjetividade, não estamos falando apenas de um sujeito, uma mente, uma pessoa, um organismo ou um corpo. É preciso pensar a subjetividade como uma máquina

[38] "A subjetividade individual, tanto a do doente como a do técnico, não pode ser separada dos Agenciamentos coletivos de produção de subjetividades; tais Agenciamentos comportam dimensões macrossociais mas também dimensões materiais e dimensões inconscientes" (Guattari, 2012, p. 178).

multicomponencial, ativada através de componentes extrapessoais, extrahumanos, extraindividuais, ao mesmo tempo que infrahumanos, infrapsiquicos, infrapessoais. Além disso, é preciso pensar que a subjetividade é constituída por várias pessoas, coisas, pensamentos, plantas, paisagens, etc, ela é um arquipélago. O que diferencia uma subjetividade ou grupo de estar em posição assujeitada (grupo-sujeitado) ou singular (grupo-sujeito), é a sua capacidade de realizar processos de *automodelização*[39].

> Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, em nível econômico, em nível do saber, em nível técnico, em nível de segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter a capacidade de ler sua própria situação e aquilo passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de autonomia tão importante. (Guattari & Rolnik, 2013, p. 55 *apud* Limongelli, 2022, p. 305)

A questão da rede, da conspiração, do inconsciente, do grupo é localizada aqui operando através de quocientes de autonomia que um grupo pode constituir para si. Esse gesto de constituição de si não age no campo da ideia descolada do tempo-espaço - de forma alguma é uma ação representativa! A constituição de si realizada por um grupo acontece no ranger das múltiplas máquinas que estão conectadas a este grupo: máquinas significantes, máquinas a-significantes, máquinas de máquinas (ou, o desejo[40]), máquinas abstratas, máquinas territoriais, máquinas autoritárias, etc. São agenciamentos coletivos de enunciar práticas de novas vidas, para outros gostos de viver, uma nova ordem. "Uma nova sociedade se busca e se constrói. Uma nova ordem no nível doméstico, uma nova relação com o corpo, uma nova relação com a sensibilidade, com a percepção, com a organização social, um novo tipo de produção, uma nova relação com o ambiente, se busca; uma nova relação com os desejos, se organiza." (Guattari, 2022, p. 82). Para constituir essa nova ordem, Guattari desenvolveu uma espécie de *caixa de ferramentas de modelização*, que foi depois reapropriada por Michel Foucault e por tantas outras pessoas. No entanto, adverte: "Um conceito só vale pela vida que lhe é dada. Ele tem menos por função guiar a representação e a ação do que catalisar os universos de referência que configuram um campo pragmático."

---

[39] O conceito de automodelização é recorrente ao pensamento de Guattari e encontramos em muitos textos de temporalidades distintas. Em muitas ocasiões ele utiliza **auto**modelização e outras tantas utiliza **meta**modelização. Acredito que podemos considerar os dois termos como sinônimos.

[40] "Mas o desejo é antes de tudo essa ativação de um outro mundo possível. Este é o nosso problema com o desejo: é a economia do possível que surge de uma ruptura na economia do "já lá", a economia do estratificado, a economia da repetição. [...] O que está em questão com o desejo é a criatividade, uma mudança no sistema, uma ruptura de estruturas." (Guattari, 2020b, p. 79)

(Guattari, 2012, p. 177). São ferramentas, são armas, são coisas que se usam; não coisas que guiam, orientam, direcionam para **o** caminho. Guattari, portanto oferece quatro imperativos para a prática de metamodelização que teriam a proposição de constituir processos de subjetividade ou subjetividades processuais direcionadas para a construção do novo:

- a *irreversibilidade*, a característica de um acontecimento que lhe dá autenticidade, algo nunca visto, uma fissura no conhecido, alicerçada nos processos de finitude;
- a *singularização,* a instigante abertura para lampejos de qualquer ruptura de sentido, a disposição permanente de acolher faíscas de novidade que abrirão para constelações de novas referências;
- a *heterogênese*, é um convite para investigar as singularidades de um território existencial que se apresentam através de diversos componentes de subjetivação;
- a *necessitação,* pode ser caracterizada por aquilo que nos torna finito, por aqui que faz o acontecimento algo inscrito em um território existencial marcado, material, imanente, impossível de ser interpretado ou metaforizado: o afeto, aquilo que mobiliza o corpo;

Estes imperativos constituem ferramentas para os processos de metamodelização, que são características operativas dos processos de singularização e de grupos-sujeitos. Esse deambular com Guattari por todos esses itinerários que ele percorreu, e que nós acompanhamos, faz-me apreender algo precioso em relação a necessidade de articular a revolta nos campos subjetivos, das vidas por elas mesmas, e nos campos exteriores comunidade, ecologia, sociedade, classe, planeta, etc. Uma vivência polifônica das pessoas e dos grupos. Tornar-se um grupo-sujeito, fazer das práticas de automodelização um componente principal dos procedimentos de criação da vida em bando. Cultivar autonomia diante dos marcos referenciais da nossa própria cosmologia. Como se apartar da lógica ego-falo-antropocêntrica[41]? Constituindo para si/nós outros marcos referenciais que enfatizem e organizem as ecologias subjetivas, ambientais e sociais a partir de outro pensamento, que seja através das mulheres, dos animais, das plantas, etc. A ação insurgente deste percurso estaria em alterar as coordenadas que organizam as enunciações, em deslocar os pontos que

[41] Natasha Myers, que é Professora Associada do Departamento de Antropologia da Universidade de York, Toronto, e autora do manifesto-texto "Como cultivar mundos habitáveis: dez etapas (não tão fáceis) para a vida no Planthroposceno." Neste livro, convida para um gesto de conspiração interespécies como forma de escapar do jugo de dominação do Homem, o antropoceno. No antropoceno, vivemos a forma Estado, Capital, Ser, Significante, e no possível plantropoceno, podemos nos aliar com forças vegetais, minerais, animais, etc.

compõem a linha onde se escreve a verdade sobre as coisas, ao invés de utilizar as chaves explicativas da elucidação. Não apenas compreender (*crítica*) os componentes dos processos de subjetivação capitalistas, mas produzir (*clínica*) outros componentes ainda não existentes ou reorganizar os que já existem em máquinas imprevistas. Para encerrar este movimento de acompanhamento de algum Guattari - a respeito desse aprender em bando, viver em malta, tornar-se um grupo-sujeito - há a última parte da conferência dita no Rio de Janeiro, em 1990, que foi omitida pelos editores brasileiros, mas publicada em espanhol:

> El análisis de las formaciones de subjetividades conscientes e inconscientes no es algo exclusivamente reservado a unos especialistas; es algo que nos compete a todos. [...] Las instituciones processuais o los "grupos-sujeitos" que, desde nuestro punto de vista, deberían ser los instrumentos primordiales de una verdadera alternativa a las estructuras represivas actuales reciben así una dimensión temporal propia, una história genealógica de los territorios existenciales que están al alcance de la mano de sus operadores. En estas condiciones, la formación no puede ser unicamente teórica o depender simplemente del relato. La formación requiere una especie de iniciación en la experiencia singular, en el vértigo de la irreversibilidad. (Guattari, 2013, p. 89)[42]

com francisco ferrer y guardia

Francisco Ferrer y Guardia foi um catalão, um revolucionário e uma das figuras mais celebradas na história da educação anarquista, seus escritos e suas propostas ressoam até o presente de forma vigorosa. Atravessou diversos contextos do ativismos político, circulando entre republicanos, anticlericais, libertários, sindicalistas, etc. Há inúmeros trabalhos biográficos sobre sua vida, suas ações, que podem ser encontrados facilmente no site da *Fundació Francesc Ferrer i Guàrdia*[43] e em inúmeras outras plataformas e publicações libertárias, com destaque para a tese de doutorado de Rodrigo Rosa, *Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920),* defendida em 2013 na Faculdade de Educação da USP.

---

[42] T. A. - A análise das formações de subjetividades conscientes e inconscientes não é algo reservado exclusivamente a especialistas; é algo que diz respeito a todos nós. [...] As instituições processuais ou os "grupos-sujeitos" que, em nossa opinião, deveriam ser os instrumentos primários de uma alternativa real às estruturas repressivas atuais, recebem assim uma dimensão temporal própria, uma história genealógica dos territórios existenciais que estão ao alcance de seus operadores. Nestas condições, a formação não pode ser apenas teórica ou simplesmente dependente da história. O treinamento requer uma espécie de iniciação à experiência singular, à vertigem da irreversibilidade.

[43] O nome da fundação leva a grafia em Catalão do nome de Ferrer, é possível ver mais em https://www.ferrerguardia.org/ (consultado 27/09/2022).

Ferrer foi um viajante, trabalhou alguns anos como ferroviário, literalmente, e depois dedicou alguns anos sendo professor de espanhol, o que o levou a frequentar diversos círculos de conspiração social anticlericais e republicanos. Esteve próximo, como a maioria dos agitadores contra as opressões da igreja e dos monarcas, do pensamento positivista, tendo adensado um pouco das suas ideias e também às transformado em novas ideias, e, em linhas gerais, *foi um péssimo positivista.*

Por sorte uma de suas alunas, uma mulher muito rica, Ernestine Meunié, admiradora de suas ideias revolucionárias para o mundo e para a educação, lhe deixa uma grande fortuna de herança, com o compromisso de Ferrer realizar sua experiência pedagógica. A escola foi aberta em 1901, com grande impacto na vida de Barcelona, em uma rua importante da cidade, causando um alvoroço nos poderosos. Em 1906 aconteceu um atentado a bomba contra o rei Afonso XIII, que infelizmente saiu ileso. Após investigações, o autor do atentado, Mateo Morral (1880-1906) é preso e se mata na prisão. Mateo também era bibliotecário da Escola Moderna de Barcelona, o que dá uma justificativa para o fechamento da escola, a destruição de todos seus materiais e a prisão de Ferrer, acusado de ser o mandante do atentado. Ferrer é libertado um ano depois, através de uma grande cooperação internacional em defesa do seu nome e também não encontraram provas suficientes que lhe incriminasse (como se provas fossem necessárias para a ação mortífera do inquérito e da polícia). A sede de sangue da coroa espanhola e sua vassalagem conservadora ainda não estava satisfeita, Ferrer seguia sendo um inimigo do Estado. Ferrer vai pra França e Bélgica, onde segue agitando o pensamento educacional com suas ideias racionalistas e modernas, ativando à distância o Boletim da Escola Moderna e a publicação *L'École Rénovée* em Paris - essas publicações se espalham por diversas partes do mundo e estimulam a abertura de inúmeras escolas modernas e racionalistas em diferentes contextos. Em 1909 retornou a Catalunha para visitar familiares, durante seu exílio escreveu um livro contando em detalhes suas propostas para educação e as práticas da Escola Moderna de Barcelona. "Em agosto daquele ano, eclodiu uma revolta popular contra a guerra que a Espanha fazia no Marrocos, com soldados e pais de família da classe operária. Os operários começaram a se recusar a ir para a guerra e as manifestações cresceram. O período de 26 de julho a 2 de agosto de 1909 foi o mais violento na região de Barcelona e ficou conhecido como "Semana Trágica". Estabelecimentos foram roubados, igrejas e conventos foram incendiados." (Gallo *in* Ferrer, 2014, p. 14).

Há narrativas brilhantes de que os corpos dos padres e religiosos enterrados nas igrejas foram arremessados para a praça pública enquanto as igrejas ardiam em chamas. A repressão em seguida foi brutal em relação às revoltas, inúmeras prisões foram decretadas, inclusive a de Ferrer, que nem estava em Barcelona durante esse período. Ferrer, foi preso, julgado às pressas e fuzilado no dia 13 de outubro de 1909. Seu trajeto de vida foi interrompido de forma abrupta pelas forças desleais da coroa espanhola que há tempos tinham sangue de vingança escorrendo de suas bocas amargas. Em dezembro de 1911, foram retiradas as queixas contra Ferrer, sendo suspensa sua prisão, mas já era tarde demais, o abutres reais-clericais já haviam levado sua vida. Ainda escutamos "ecoar o grito de Ferrer quando, sem vendas e de olhos bem abertos frente a seus executores, lançou ao mundo suas últimas palavras: "Viva a Escola Moderna!" (Idem, p. 15).

Escola Moderna de Barcelona

A Escola Moderna de Barcelona foi capaz em sua curta temporada de existência lançar bases e estruturas e sistematizações que hoje nos alcançam e nos estimulam a seguir criando e desdobrando este projeto educacional. Ferrer foi um grande incentivador da não cristalização das ideias, sejam quais forem, inclusive as suas e as de sua escola. É preciso estar sempre disponível para abandonar as crenças e verdades aglutinadas em um certo momento histórico para se lançar na busca do novo. Cultivava em seus textos, nas práticas da escola, nas publicações um convite para um ensino e produção de conhecimento através da experiência, uma experiência orientada pelo racionalismo e pela ciência. O racionalismo e cientificismo de Ferrer em nada correspondem quando investigamos a fundo as correntes positivistas do seu tempo, muito menos a ciência hegemônica do seu tempo, que como sabemos, essas ideias positivistas levaram a atrocidades históricas, como os processos de higienismo social e, futuramente, o fascismo.[44]

Em agosto de 1901, na Calle Bailén, em Barcelona, Ferrer abriu as portas da sua escola para toda a comunidade da cidade, desde intelectuais, famílias, alunos, jornalistas, críticos, etc. Apresentou seu projeto educacional para todas as pessoas interessadas e começou seus trabalhos. O espaço físico da Escola Moderna foi pensado em cada detalhe, projetado com precisão para aproximar os desejos de uma nova educação, que fosse aberta para todas as pessoas, independente de gênero, classe social e etnia. Espaços amplos e

[44] O conceito de *racionalismo* será aprofundado, torcido, ampliado e lapidado no capítulo *à coragem!*.

arejados, com grandes salas de aula com as paredes cobertas de mapas de diversas partes do mundo, imagens de paisagens, animais, textos, etc. Uma biblioteca com diversos livros traduzidos e escritos especialmente para a Escola Moderna de Barcelona, com literatura para os dois níveis de formação, básico e superior - já que a nova escola precisava formar também novos educadores.

Ferrer dedicou sua vida a criar um ambiente e uma prática educativa que estabelece o **desejo** como força motriz do processo educativo. Em inúmeras páginas dos Boletins da Escola Moderna encontramos rastros para criação de um método, que mais se assemelha a um anti-método: "Nisto consiste o verdadeiro método: ver, recriar, e não repetir mnemonicamente." (Ferrer, 2014, p. 97). A posição ou a atitude que estimulou em suas práticas era baseada no apoio mútuo e na solidariedade diante do conhecimento, um conhecimento tomado pela sua vitalidade. "A medida em que a criança avançar em sua aprendizagem, lhe será apresentada a necessidade de saber, de se instruir, e então se terá o cuidado de não afogar essa necessidade, mas, pelo contrário, de lhe facilitar os meios de satisfazê-la, e então se ensinará logicamente, em virtude das próprias necessidades de seu trabalho, tendo sempre à vista a causa determinante do seu desejo." (Ferrer, 2014, p. 148).

Há um acúmulo das práticas realizadas em outros contextos como em Cempuis e A Colméia que são também desenvolvidas pela Escola Moderna de Barcelona, que podemos nomear de educação integral. Durante o período de existência da Escola Moderna de Barcelona, outros muitos experimentos foram criados em ressonância ao ensino racionalista. Inclusive, entre as viagens dos estudantes para observação e aprendizagem, alguns encontros entre esses diferentes grupos escolares foram realizados, além de trocas de correspondências para comentar leituras de livros em comum. Ver o mundo, correr o mundo foram afirmações éticas diante da vida que a escola levou a cabo como projeto:

> Mas é preciso evitar também o pedantismo na direção das viagens, porque antes de tudo a criança deve encontrar neles sua alegria; o estudo deve se apresentar unicamente no momento psicológico, no instante preciso em que a visão e a descrição entrarem em cheio no cérebro para serem gravadas nele para sempre. Preparada deste modo, a criança se encontra já muito adiantada, ainda que não seja seguido do que se chama de um curso: o entendimento se encontra aberto e tem desejo de conhecimento. (Ferrer, 2014, p. 94).

Junto do projeto da Escola Moderna, Ferrer abriu uma editora, que ficou responsável por publicar novos livros, traduzir grandes títulos do pensamento racionalista e libertário e publicar os Boletins da Escola Moderna, que operavam também como forma de

financiamento e disseminação das ideias fundamentais para a realização do seu projeto. Era de suma importância que a comunidade ao redor tivesse notícias e pudesse participar ativamente das práticas da escola. O boletim cumpria essa função de aproximação da comunidade, associado com encontros semanais, aos finais de semana, o que foi chamado risonhamente por *missa científica*, em que diferentes intelectuais, professores, sindicalistas, militantes, eram convidados para realizar palestras sobre temas diversos e toda comunidade ao redor da escola frequentava.

Com Ferrer cultivamos o aprendizado de conciliar a revolta profunda com a construção de bases sólidas diante da vida. Fundado na dúvida e no desejo o racionalismo de Ferrer atiça para construção, já no presente, de outros mundos que sejam possíveis de fincar os pés e viver. Não se trata de uma revolução futura, mas a realização no agora de outros mundos possíveis.

com maria lacerda de moura

Há muitos trabalhos de investigação sobre a biografia de Maria Lacerda de Moura. Acredito que Maria Lacerda é uma das principais pensadoras, agitadoras, publicadoras, escritoras, militantes, educadoras libertárias do Brasil na primeira metade do século XX. Sua contribuição filosófica é ampla, inovadora, ingovernável, cheia de variações e novas referências, suas contribuições para o feminismo são abissais e recomendo a leitura do livro de Tatiana Maurano intitulado *A Condição Feminina em Maria Lacerda de Moura.*

Através de um texto de Maurano (et.al, 2021) entrei em contato com uma citação de Lacerda de Moura que pode ser um signo interessante para desenhar sua vida: “Calar hoje é ser cúmplice. Pratiquemos o crime inominável da coragem, no meio da covardia e do cinismo da hora presente." (Moura, 1934, p. 112 *apud* Maurano et. al. 2021, p. 8). Uma vida completamente indomesticável, um pensamento fora do tempo e do espaço, uma insaciável perturbadora da ordem e ferrenha incendiária de novas formas de sociabilidade, educação e militância. A anarquista mineira, nascida em Manhuaçu, e como sempre ressalta meu amigo Renato Mendes[45], torcedora do Atlético Mineiro, o Galo de Minas Gerais, vem de uma família espírita e anticlerical. Realizou a escola normal em Barbacena e começou sua atuação

[45] Renato Mendes é ator, dramaturgo e professor de teatro. Mestre em Educação pela FE-Unicamp, pesquisa a Pedagogia Libertária do Teatro Anarquista brasileiro. Formado em teatro pela Escola Nacional de Teatro–ENT e pelo Instituto de Artes da Unesp.

como professora e pensadora da educação. Atuou como professora, participou de campanhas de alfabetização nacionais, contribuiu com publicações em jornais sobre os temas em educação e em 1918 publicou seu primeiro livro, *Em torno da educação.* "Ainda em Barbacena, enquanto professora, Maria Lacerda desenvolveu um trabalho junto às mulheres da região, organizando mutirões para a construção de casas populares. Também nesta época fundou a Liga contra o Analfabetismo, onde dava aulas de alfabetização gratuitas para jovens e adultos." (Jourdan, 2020, p. 31). Já na década de 20 passa a viver em São Paulo e se conecta com as lutas sufragistas e feministas na cidade, participando da Federação Internacional Feminina. Após um período de militância, afasta-se da luta pelo voto e encarna as lutas libertárias, passando a escrever em diversos jornais como *A Plebe* e *O Combate* e cria a revista *Renascença,* volta para as artes, contando com contribuições de anarquistas, socialistas e feministas. "A produção literária de Maria Lacerda de Moura é vasta; são 14 livros, vários escritos em revistas, palestras e conferências, além da edição de uma revista, que circulou por um ano." (Maurano et. al, 2021, p. 2).

sindicalismo e guararema

Sempre presente nos comícios operários, sendo convidada para fazer palestras e conferências pelo Brasil e pelo Mundo, abordando temas relevantes para a condição feminina, para a educação libertária, amor livre, liberdades individuais e no combate ao fascismo. Sua presença se torna cada vez mais inflamada nos meios sociais, promovendo inúmeros encontros e participando de inúmeras *veladas*, como cartografou a pesquisa libertária de Mendes (2021), que eram festas operárias anarquistas:

> Velava-se as festas, pois não raro era o confronto com as forças policiais. Sem a permissão prévia do patrão ou da indústria dona da vila onde sua massa funcionária trabalhava, as festas não poderiam acontecer – o que não as impedia de acontecer. Palestras subversivas, revolucionárias, em defesa da organização de classe, ou discursos sociais inflamados eram proibidos de ocorrer durante as festas – o que não os impedia de acontecer. Assim, a divulgação das festas, e sua programação, eram sempre feitas com cuidado de agitar o público e passar despercebida às forças repressoras a serviço da burguesia. (p. 96)

As festas ocorriam aos finais de semana, durante todo o dia, em galpões improvisados das vilas operárias, sem a necessidade de consentimento e autorização das forças administrativas das vilas ou do Estado. Durante o dia, ficavam dedicados a atividades realizadas pelas crianças, muitas vezes alunas das Escolas Operárias, apresentando números

musicais, recitais de poesias e pequenas cenas de teatro. Maria Lacerda de Moura foi autora de alguns textos dramatúrgicos para os pequenos e pequenas, como aponta Mendes (2021). "No entendimento da autoformação e do ensino das ciências como prazeres, cabíveis à festa, aulas públicas, ou conferências, com convidados ou convidadas aliadas à causa, davam-se entre uma atividade e outra." (p. 100). Entre essas palestras, aulas e conferências Maria Lacerda de Moura é celebrada em diversos momentos por estas festas operárias e suas divulgações nos jornais operários. Às tardes aconteciam geralmente reuniões sindicais, chamadas para greves, debates de conjuntura. A noite era reservada ao Teatro Amador Libertário, momento esperado por todos, onde eram realizadas as peças de autores como Neno Vasco, Malatesta, entre outros. E após as encenação, o bailão, onde se dançava e se festejava a vida.

De 1928 a 1937 temos notícias que ela viveu na Comuna Agrária Libertária de Guararema. Há pouquíssimas notícias ou fontes que se possa saber o que acontecia em Guararema, principalmente pela ação violenta da polícia varguista quando perseguiu e encerrou suas atividades, queimando os documentos e arquivos. E também por estratégia das libertárias e libertários que viveram essa experiência em não deixar rastros para perseguições. O que temos notícia são as publicações de Maria Lacerda de Moura que neste momento são vigorosas e inúmeras, é desse período o livro *A Mulher é uma degenerada,* e o livro *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica,* entre outros. Temos notícia que nessa comunidade viveu e experimentou uma autogestão dos meios de produção da terra e do ensino dos mais jovens, também verticalizaram as práticas sobre um amor livre radical. Durante esse período Lacerda de Moura seguiu proferindo palestras, publicando e se tornou perigosa para o Estado Varguista, que passa a perseguir a anarquista, que vive algum tempo refugiada e depois se muda para o Rio de Janeiro. Em terras cariocas começa uma fase da sua vida voltada para a espiritualidade, que sempre esteve presente em seus trabalhos, afastando-se do campo das lutas sociais mais tradicionais.

O livro *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica* (1934, 2021) é uma obra vigorosa, insurgente, extremamente inovadora para o seu tempo e curta. É quase um livro panfleto que Lacerda de Moura faz dois movimentos importantes, o primeiro de releitura das práticas e obra de Ferrer y Guardia, e o segundo, faz alguns apontamentos críticos e expande o pensamento de Ferrer y Guardia para constituir uma atualização de algumas ideias, como corpo, experiência, ciência, etc. Iremos desenvolver algumas teses sobre educação no

capítulo *a coragem,* no entanto, irei apontar de forma muito sumária algumas ideias que constituem o que tenho chamado de uma *ciência encarnada* em Maria lacerda de Moura.

ciência encarnada

Através de Bakunin as libertárias e libertários passam a construir uma alternativa a definição de ciência, constituindo uma análise científica anti-estatal e popular. Comenta Gallo sobre Bakunin, "trazer a ciência para a vida, pois a vida pode criar e é ela que cria a ciência, e não o contrário. Transformar uma abstração desvinculada do mundo numa atividade humana, profundamente ligada ao homem e à sociedade e em contato com os problemas gerais sofridos por todos, preocupando-se com todos, e não apenas com alguns; preparando-se para ser um dos pilares da igualdade, e não a fonte das desigualdades." (Gallo, 2007, p. 82).

Bakunin, como acompanhamos em *percurso sem conciliação,* reclama a recusa como estratégia de constituinte das subjetividades e para a construção do conhecimento coletivo. Recuperando o pensamento de Ferrer y Guardia que nos instiga a deixar vazar as rebeldias: "os oprimidos, os espoliados, os explorados devem ser rebeldes, porque devem reclamar seus direitos até conseguir sua completa e perfeita participação no patrimônio universal." (Ferrer, 2014, p. 51). É através da rebeldia e da recusa que encontramos os caminhos possíveis para partilhar do conhecimento e dos frutos do patrimônio universal da humanidade, segundo ele.

Deste modo, ainda com Ferrer, o ensino racional e científico deve abolir quaisquer hierarquias entre os seres, principalmente na trilha da aprendizagem, o que vai na contramão com toda a pedagogia de seu tempo, que através de uma replicação das estruturas monásticas prevê a subjugação como processo de aquisição do saber. "O ensino racional e científico deve persuadir os futuros homens e mulheres de que não devem esperar nada de nenhum ser privilegiado (fictício ou real); e que podem esperar tudo o que for racional de si mesmos e da solidariedade livremente organizada e aceita." (Ferrer, 2014, p. 91). Ao que Moura (2021) complementa com sua afirmação de uma individualidade que é preciso afirmar como suporte de invenção de uma vida única, "descobrirá que é o único.. Entrará na posse de si mesmo… é o criador e a criatura… [...] o que queríamos é tomar aquilo que foi parar às mãos do próximo… Cada qual limita os seus sonhos de liberdade às suas necessidades pessoais…" (p. 47). O conhecimento, deste modo, é produzido através de um gesto único, subjetivo, coletivo e solidário, sem hierarquias, prevendo o encontro de todos os seres nas práticas experimentais

dessa ciência libertária. Moura (2021) repete as palavras de Ferrer desta última citação e faz uma crítica a Ferrer e sua fé (termo da autora) na ciência, afirmando que a ciência (tal como concebemos correntemente) é o *Moloch* moderno[46]. Afirma a anarquista: "A Deusa Razão - já ocupou os altares religiosos do misticismo do materialismo histórico. E a Deusa Razão é bem ignorante e pouco modesta… Mudam-se apenas os nomes dos deuses: os crimes de lesa-liberdade de consciência continuam a ser perpetrados diante de outros altares. A mim, não me satisfaz a esterilidade do materialismo econômico." (Moura, 2021, p. 57). Moura nos alerta a duvidar diante da ciência, a encarar a ciência como campo de experimentação e alerta aos seus camaradas contemporâneos que o que Ferrer ensinou não foram palavras, mas gestos sobre o mundo[47], ações de um corpo com outros corpos e não verdades estratificadas escritas em um livro ou muitos livros.

O capítulo *A razão não tem o direito de sufocar o sonho* do mesmo livro faz uma ode da presença do corpo como suporte de acontecimento do conhecimento, o corpo como máquina somática agenciada aos acontecimento que lhe afetam. Uma afirmação completamente fora do tempo e do espaço de interlocução das suas contemporâneas, uma afirmação que vai se concretizar com as insurgências de maio de 68 e o pensamento pós-estruturalista. Havia ali uma pista? Um indício de uma novidade muito nova e quase insuportável para o tempo dela? Moura segue neste mesmo capítulo afirmando uma composição metafísica que não é religiosa, mas conectada com o plano imanente dos acontecimentos, afinada com a perseguição das intuições, dos sonhos, das fabulações, não como muleta para fracos e ignorantes (Moura, 2021, p. 55), mas sim como estimulante para a invenção de outros modos de pensar em produzir, tendo os afetos, o corpo e uma prática científica libertária e experimental. Afirma a mineira anarquista: "um infinidade de sonhos há de povoar a mente dos homens que alçaram muito alto as suas inquietações, perscrutando os abismos de luz e sombra das almas ou penetrando o pensamento no labirinto fantástico dos mundos que vão rolando pelo infinito além." (Moura, 2021, p. 60).

com joão penteado, com adelino de pinho

Nascido na cidade de Jaú, em 1877, interior do Estado de São Paulo, João Penteado vinha de uma família conectada com os movimentos conservadores do século XIX no interior

[46] Moura (2021), p. 49.
[47] Moura (2021), p. 54.

do estado, como escreve Barbosa (2021), sobre as relações de seu pai, Joaquim Penteado: "Com vínculos de fidelidade e confiança com o fundador do Partido Conservador de Jaú (Lourenço de Almeida Prado) e casado com a filha do segundo chefe do partido (Francisco de Paula de Almeida Prado), Joaquim Penteado foi eleito vereador na segunda Camara municipal de Jaú (1869-1872), totalmente conservadora." (p. 69). Entre reviravoltas da política de parentesco de Jaú, Joaquim Penteado abandona a política, empreende no mundo agrário sem sucesso e termina sua vida trabalhando em uma pequena agência de correio instalada na antiga Rua das Flores de Jaú. Barbosa (2021) faz uma análise profunda das transformações da cultura urbana de Jaú com o final do regime escravista, a chegada de imigrantes italianos e portugueses, o isolamento das elites no meio rural e a cidade voltada para os pequenos comerciantes e pessoas despossuídas de propriedades. A Rua das Flores, onde morou João Penteado, tornou-se uma rua comercial, com diversas pequenas lojas e iniciativas. Penteado começou a frequentar os círculos espíritas, que no seu tempo, estavam muito conectados com a crítica ao dogmatismo clerical e tinham ressonâncias com o positivismo, o cientificismo e a maçonaria, segundo Barbosa (2021) "Kardec reconhecia na ciência positiva um caminho que desvenda a realidade material e, sendo o mundo dos espíritos interligado ao mundo material, trataria da mesma necessidade." (p. 87). É através dos círculos espíritas que Penteado entra em contato com a tipografia e passa a desenvolver essa ferramenta na cidade de Jaú. As discussões do círculo espírita, no campo do pensamento social, propunham ideias de modernização, justiça e igualdade. O desenvolvimento da tipografia e da imprensa em Jaú é acompanhada de diversos agentes e intelectuais do círculo espírita, que estavam insuflados por ideais republicanos e liberais.

Penteado se envolve na produção de alguns jornais republicanos em Jaú e depois assume um cargo como professor em uma escola mais afastada do centro de Jaú. É nesse período que terá contato com o anarquista italiano e editor do jornal anarquista *La Battaglia,* Oreste Ristori. Há relatos das visitas de Ristori à Jaú em 1905 e em 1907 há uma carta, segundo Romani (1998), de Penteado para o jornal *La Battaglia* em que elogia de forma entusiasta as palestras que o anarquista havia realizado em Jaú. Além da especulação dos possíveis encontros com Ristori, há registros de colaboradores do jornal anarquista *A Lanterna* por moradores da região da Bica de Pedra, onde Penteado era professor. "Em especial, a localidade de Bica de Pedra, onde Penteado exerceu sua docência e formou outro círculo de amizade e de ideias. Os moradores de Bica de Pedra Arthur Alves Henriques, Avelino Pereira Souza, Ângelo Coutini, Ubaldo Amaral Camargo, Baptista Junior e Belmiro

Coelho Silva faziam doações ao periódico anticlerical *A Lanterna*." (Barbosa, 2021, p. 106). O anarquismo era essa sombra assustadora e rebelde que se infiltrava pelas classes populares em todos os cantos, o dragão de Reclus. Barbosa (2021) em seu estudo aponta para uma onde de cultura libertária em municípios ao redor de Jaú, com contato com diversos jornais anarquistas e os círculos de assinaturas, leituras coletivas e troca de impressos.

Penteado faz enfrentamentos diversos às estratégias de educação que o município de Jaú procura implantar, além de denunciar abusos contra colegas e figuras proeminentes da política regional, como padres e sub-prefeitos. Esses enfrentamentos levam a sua exoneração do cargo de professor. Irá lecionar em um instituto privado, com tendências operárias e de transformação social, fundado por dois colegas militantes das causas sociais, Bento e Ernestina Siqueira - o Instituto Thomas Galhardo. Com estes mesmos colegas e em parceria com o Centro Operário de Jaú, fundou o Centro Operário Beneficente e Instrutivo de Jaú (Barbosa, 2021, p. 198). São anos conturbados da biografia de Penteado entre 1909 e sua saída forçada da cidade de Jaú no mesmo ano. Sabemos que desde a existência da *Escola Social* em Campinas e através de outros periódicos anarquistas, Penteado têm contato com o pensamento de Ferrer y Guardia e com as produções da Escola Moderna, sejam os livros editados, sejam os manuais e livros publicados. Em 1909, o Centro Operário de Jaú organizou um comício público no largo do teatro em protesto ao fuzilamento do anarquista espanhol. Ele retorna para Jaú em inúmeras ocasiões como palestrante do ensino racionalista junto do Centro Operário de Jaú, quem em 1913, dá início a um projeto curto de criação de uma Escola Moderna em Jaú (a escola teve apenas um ano de existência).

> Não vingando a existência da Escola Moderna de Jaú e não tendo um posicionamento mais politizado o Centro Operário de Jaú, os anos de 1909 à 1913 não passariam de um veraneio anarquista de maior intensidade, até porque devido ao círculo social e cultural local estreito as ações contra as manifestações locais eram por demais repressora. Mas Penteado seguiu com seu anarquismo e sua pedagogia racionalista até o fim de sua vida na capital do Estado de São Paulo. (Idem, p. 225)

Escola Moderna No. 1

Em sua militância anarquista em São Paulo, Penteado irá conviver com diversos anarquistas contemporâneos ao seu tempo e participará de atividades sindicais, atuará em jornais e principalmente irá colaborar como pivô de um dos principais acontecimentos da educação acrata paulista, a Escola Moderna No 1. Em São Paulo, suas ideias espíritas e anarquistas ganham corpo e prática em contato com outros anarquistas, Penteado passa a citar

em seus artigos Tolstoi e Kardec, lado a lado, como referências de suas práticas, comenta em sua análise Peres (2010, p. 84). Através do estudo publicado por Jacob Penteado em 1962, Peres (2010) argumenta sobre as condições férteis para as ideias anarquistas no bairro do Belenzinho em São Paulo, onde João Penteado faz morada e onde a abrirá a Escola Moderna N. 1. O Belenzinho era um bairro fabril, afastado do centro urbano, com uma paisagem mista entre zona rural, zona fabril e moradia da classe operária de São Paulo da década de 10 do século XX. Neste bairro, as ideias socialistas e anarquistas circulavam com facilidade entre os trabalhadores e suas famílias que moravam na região. A presença marcante de fábricas de vidro, que capturavam as vidas de jovens e crianças desde cedo para suas fileiras de exploração, como comenta Jacob Penteado (1962) citado por Peres (2010) - industrias com condições terríveis de trabalha, com jornadas extenuantes, ambientes insalubres, com muitos registros de acidentes cruéis de trabalho, entre outras mazelas da vida operária do início do século passado.

Desde 1909, sensibilizado com o fuzilamento de Ferrer y Guardia e as notícias da Escola Moderna de Barcelona, o movimento operário anarquista paulista fez diversas campanhas de arrecadação de fundos e promoção das perspectivas racionalistas para abrir a Escola Moderna N.1 em São Paulo. A Escola Moderna N.1 foi aberta no bairro do Belenzinho em 1912 por iniciativa de anarquistas conectados com o jornal *A Lanterna* e existiu durante 7 anos, até ser fechada em 1919 pelo governo do Estado de São Paulo, durante todo o período João Penteado foi o diretor dessa iniciativa e seu feroz defensor e promotor. A Escola Moderna N.1 possuía cursos diurnos e noturnos, havia uma contribuição financeira dos alunos matriculados, no entanto, todos os materiais escolares eram gratuitos e distribuídos pela Escola e os alunos que não possuíam recursos para contribuir com as mensalidades participavam com recursos materiais ou se engajando nos eventos e campanhas de financiamento. Alí se celebraram as premissas do ensino racionalista, fundado na experimentação, na ciência, na emancipação popular, na coeducação dos sexos, no ensino integral através dos desejos e afetos dos alunos, etc. Durante o período de existência da escola foi publicado o boletim *O Início,* algumas versões digitalizadas podem ser encontradas no Arquivo João Penteado na FE-USP ou no site da Biblioteca Terra Livre. Como comentam Rosa e Ahagon (2013):

> Para atingir seus objetivos pedagógicos, também foi criado um jornal denominado *O Início,* dirigido e redigido pelas próprias crianças. Nele João Penteado visava por um lado fornecer informações das atividades sociais, debater conjuntura nacional e internacional, registrar e rememorar as datas e

> fatos relevantes do movimento operário, e por outro lado, e muito mais importante, divulgar os trabalhos e produções escritas pelos próprios alunos da Escola, transformando-os em agentes ativos do processo pedagógico. (p.14)

Escola Moderna No. 2

No mesmo período, o anarquista Adelino de Pinho tomou a frente da Escola Moderna N. 2, no Brás, bairro vizinho ao Belenzinho. As duas experiências, assim como os dois diretores, eram amigas e se apoiavam mutuamente. Nascido em Portugal, em Aveiro, autodidata, foi analfabeto até a idade adulta, quando se apaixonou pela instrução através dos círculos libertários paulistas. Foi professor da *Escola Social* em Campinas e dedicou a vida para a educação libertária, promovendo palestras, comícios, publicando textos, folhetins, etc. Foi um importante agitador anarquista, conhecido pela polícia varguista como o "professor", segundo a pesquisa de Rosa e Ahagon (2013, p.11). Em São Paulo compartilhou as funções da Escola Moderna N. 2 com Florentino de Carvalho e Renato Salles, outros militantes anarquistas dedicados às práticas em educação, além de contar com o apoio das Irmãs Alves e de visitas e palestras de Maria Lacerda de Moura. As Escolas Modernas foram fechadas em 1919 quando o diretor da Escola Moderna N.3, criada em São Caetano do Sul, foi vítima de uma explosão ocorrida em uma casa no Brás e morreu. Segundo a pesquisa de Ahagon e Rosa (2013), Oscar Thompson, Diretor Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo aproveitou esse acontecimento para conectar a explosão à um preparo de uma bomba caseira que seria utilizada para fins de "terrorismo anarquista", Thompson conectou o atentado que explodiu antes do tempo às Escolas Modernas e fechou todas as unidades.

O insistente jauense abriu em 1920 uma outra escola, chamada Escola Nova, que seguia os princípios do ensino racionalista, no entanto, seguiu camuflada do radar da polícia do Estado de São Paulo, escola que manteve aberta por longo período e que mudou algumas vezes de nome e regulamento, como estratégia de escape dos ditames e normativas do Estado sobre a educação, sendo A Escola de Comércio e depois a Academia de Comércio Saldanha Marinho, onde Adelino de Pinho seguiu lecionando. As vidas desses amigos tomaram caminhos distintos que seguiam se cruzando em alguns pontos. Adelino seguiu atuando como palestrante em diversas organizações, foi para Poços de Caldas para escapar da mira da polícia infiltrada do governo varguista, atuou como editor de *A Plebe*, agitou as páginas de outros jornais libertários com as transcrições de suas palestras, etc. Uma vida agitada e à surdina, como deixa transparecer os relatos das suas presenças, registradas pela investigação

de Ahagon e Rosa (2013), que apresentam documentos forjados pela polícia onde Adelino é mencionado ou visto como articulador de espaços e em reuniões, os pesquisadores da Biblioteca Terra Livre ainda apresentam um bonito relato de Jaime Cubero sobre essa amizade: "Conheci João Penteado e Adelino de Pinho quando o Centro de Cultura Social retomava suas atividades em 1945, após a queda da ditadura getulista. Eu, com dezoito anos, e os dois com idade avançada, participando de reuniões, palestras, excursões e festas. Eles falavam abordando temas de educação, área na qual desenvolveram o melhor de seus esforços nos longos anos de militância." (Cubero, s/d como citado por Ahagon e Rosa, 2013).

troca perpétua

Uma palestra proferida por Adelino de Pinho em 1908 "Pela educação e pelo trabalho", publicada depois em folheto, marca suas ideias de forma emblemática e iremos acompanhar alguns dos pontos que o anarquista autodidata propõe em sua análise.

Adelino enfatizou uma educação fundada na abolição dos castigos e prêmios, voltada para construção da solidariedade entre os pares. "Em todas as escolas, em todos os países e em todos os tempos, o trabalho saudável, dependerá da absoluta exclusão de todo estímulo competitivo, sob qualquer formula ou máscara." (Pinho, 2013, p. 34). Indiferente se uma criança é mais ou menos adaptada aos contornos da educação formal, conseguindo com mais ou menos facilidade realizar as tarefas, de forma comunitária, devemos ser solidários e simpatizar com todas elas, "Logo, como conclusão, as crianças devem-nos merecer todo respeito, toda simpatia, todo o amor. " (Pinho, 2013, p. 27). As diferentes formas de se aproximar dos conhecimentos, com alguns se aproximando mais facilmente das artes e com mais desafios nas matemáticas e outras com mais energia para as atividades físicas ao ar livre e mais desafios com as atividades relacionadas à leitura e escrita, não devemos nos afobar ou encontrar aí problemas de aprendizagem, "Há diversidade de tendências, simplesmente." (Pinho, 2013, p. 28).

É visível a valorização do trabalho, do ofício, da manualidade, do fazer com as próprias mãos o trabalho e a luta. Travou sua luta contra a divisão do trabalho baseada na apropriação do conhecimento por uma classe em detrimento da outra, da desigualdade entre os diplomados e os operários. Adelino incentivou que aqueles que queiram diplomas, que os

peguem - faz parte de um jogo social - mas que não cultivemos burocratas. "Os trabalhadores devem esforçar-se sim, mas de fazer de seus filhos bons trabalhadores manuais, bem hábeis nos seus misteres, bem aptos nos seus ofícios, capazes de viver trabalhando e lutando. O reino dos diplomados é o reino dos acomodados." (Pinho, 2013, p. 28). Radicaliza sua perspectiva, amplamente inspirada no pensamento de Proudhon, na valorização do trabalho humano, da potência do corpo, dos braços, das obras que os trabalhadores inscrevem na terra. "O operário, com um cérebro para pensar, um coração para sentir, um braço para empunhar a ferramenta, é a unidade de valores moral que se impõe [...] O seu braço, auxiliado pela inteligência remove todos os obstáculos; rasga canais, perfura túneis, aplaina montanhas, cava lagos, sulca o oceano. E tudo isso se diploma!" (Pinho, 2018, p. 29).

Adelino aponta uma inversão nas estruturas de valoração do trabalho quando afirma que o trabalho mais valioso é aquele que retribui de forma mais direta para a coletividade, devolvendo a energia que essa mesma acaba de desempenhar para si mesma - o oposto que o mercado de troca capitalista valoriza, este que aposta que o trabalho mais qualificado individualmente deve ser o mais valorizado individualmente, ou seja, o engenheiro mais valorizado em relação ao pedreiro; o médico em relação ao enfermeiro; etc. Em outro folheto publicado no ano de 1920, Adelino é implacável já no título - *Quem não trabalha não come!* Durante as linhas deste manifesto constrói, à moda de Pelloutier, a explicação da lógica da exploração dos diplomados sobre os não diplomados, realizada através do gozo dos frutos do trabalho que alguns muitos produzem para todos, enquanto os muitos que produzem vivem destinados à vala comum como cachorros pisados pela rua[48] e às migalhas dos seus próprios frutos.

> Não há por onde escapar. O mundo é grande o bastante e tem recursos suficientes onde todos empreguem a sua atividade, o seu esforço, as suas faculdades de vida e de trabalho útil e necessário. Só para a casta parasitária de vadios inveterados e crônicos, de zangões da colmeia social que chupam o mel e só deixam os resíduos às abelhas fecundas e laboriosas, é que vai faltar terreno apropriado às suas costumadas proezas e aos seus perniciosos hábitos de consagrada vadiagem. (Pinho, 2013, p. 65)

Afirmando que o mundo tem recursos suficientes e espaços suficientes para que todos possam trabalhar e realizar coletivamente o trabalho de todos e que assim o trabalho será menos embrutecedor e aniquilador da vida. Adelino ameaça: "Apressem-se, pois, em tomar lugar no imenso exército de trabalhadores. Se o sol quando nasce é para todos, o mesmo deve

[48] "Não tem nome, nem pátria, nem categoria social. É a multidão anônima, a canalha vil, a ralé despreziva, a patuleia imoral, a plebe revoltada, o povo sempre iludido. Não tem pergaminhos, nem certidão de idade. Quando morre vai pra a vala comum como um cão, um burro que serve para estrumar a terra." (Pinho, 2018, p. 60).

acontecer com o trabalho que a todos beneficia e do qual muitos não participam. Olhem que quem não trabalha não come." (Pinho, 2013, p. 65).

Devemos destacar que o trabalho que Adelino se refere não corresponde somente ao trabalho masculinista das máquinas ou do campo, por mais que seu texto seja criticável em relação ao sexismo (que poderia ser uma tese à parte). A concepção de trabalho que Adelino se apoia é ampla e envolve uma *troca perpétua* entre todos, todas, a natureza, as artes, as sensibilidades, etc.

> A vida é uma troca perpétua. O homem está em relação de reciprocidade com o meio natural e o meio social, com o universo inteiro e os seus semelhantes. Não nasceu unicamente para conhecer, mas também para agir. Alternativamente ativo e passivo, dá-se e recebe; toma ideia nas coisas, e depois põe suas ideias em suas obras. Entra em comunidade de interesses, de sentimentos, de pensamentos com os outros homens, utiliza-se do trabalho de outrem, e seguidamente, exerce sua atividade em proveito próprio e em proveito de todos. (Pinho, 2013, p. 32)

Nessa farta argumentação de Adelino há uma indicação para um troca constante de todos com tudo, uma abertura constante para as mutabilidades. Seja com o que ele chama de meio individual, social, natural e universal (que poderia ler como cósmico?) - há uma possível aproximação com o pensamento ecosófico de Guattari? Poderíamos ver essas centelhas e faíscas para *uma vida múltipla dentro de uma única vida*, que Ferrer nos deixou escrito? Sabemos que Adelino era um incentivador ferrenho do pensamento racionalista e das ideias de Ferrer e que teve contato com as publicações da Escola Moderna, etc. Há uma linha dos anarquismos na educação que tem cavocado no tempo uma perspectiva dissidente do que seria formar um sujeito, um coletivo, um trabalho? São questionamentos que iremos responder ao longo do texto. O que observamos no texto de Adelino com clareza é a afirmação de que o conhecimento, o trabalho se dá dentro de uma comunidade de interesses e em uma troca permanente de todas com tudo e tudo com cada uma. Em um gesto de permeável de atividade e passividade, como uma membrana transversal, devemos construir esse gesto sempre em duplicidade: "assimilar e produzir, comprender e exprimir, conhecer a verdade e realizar o útil, o bem, o belo; saber e trabalhar." (Pinho, 2013, p. 32).

Lembremos que para Adelino de Pinho, e para os anarquismos como linha de pensamento, a educação se dá pelo trabalho, através do trabalho, para o trabalho - um outro trabalho que não é este que conhecemos e vemos cada vez mais desenvolver suas linhas de exploração e aniquilamento dos corpos e das vidas, um trabalho que contenha em si a troca perpétua com a terra, com os outros seres, com as sociedades, alicerçado na ajuda mútua e na

solidariedade interespécies e planetária. "Não barafustemos, pois, contra o trabalho, mas sim regularizemo-lo de molde a que ninguém deixe de trabalhar, de molde que o trabalho não seja um instrumento odioso de exploração, mas sim um instrumento de felicidade." (Pinho, 2013, p. 33). Este instrumento de felicidade é amplo e agencia o trabalho no campo, na terra, na fábrica, nas cidades, nos teatros, nas telas, nas letras, nas ideias, nos mares, onde for que haja ação das pessoas em agenciamento constantemente mutuante com as forças sociais, ambientais e subjetivas. "Mas nem só de pão vive o homem. O homem têm necessidade de livros, de música, de estátuas, de pintura, de paisagens. Logo, a par dum trabalhador, devemos fazer um pensador." (Pinho, 2013, p. 33).

a coragem

Este movimento se dedica à coragem: à coragem libertária diante do conhecimento, da ciência e da verdade. No entanto, é preciso diferenciar a coragem libertária da coragem heróica - e sua ferrenha assertividade na posse da verdade. O herói, e sua jornada trágica, tal qual conhecemos pelas tragédias gregas, configura um herói que em posse das partes da verdade que vão se revelando ao longo de sua trajetória pode enfrentar destemidamente seu destino trágico. Enfrenta-o com a força da verdade, com a fé cega da verdade (Édipo arranca os olhos inclusive). A coragem heróica está fundada em *saber a verdade* que se está defendendo com a própria vida. O herói possui a verdade baseada na certeza do *saber* que lhe é revelado e, através dos fios costurados pelas Moiras[49], serve (submete-se) ao fático destino enfrentando todas as suas peripécias e extenuantes aventuras.

Aqui trataremos de uma *outra coragem*, uma coragem que poderíamos localizar ancorada em um duplo movimento: por um lado, uma vulnerabilidade radical diante da dúvida e da experimentação permanente; e, por outro lado, o enxame de associações livres e o fortalecimento dos laços sociais-comunitários que tornam possível a produção do conhecimento.

Como descrevi em *percurso sem conciliação,* um dos pilares da constituição de uma *cultura libertária* seria a prerrogativa de não cristalizar, em ponto algum e nem por muito tempo, as verdades que concebe para si mesma[50]. Este gesto (não cristalizar verdades) diante das práticas que uma cultura pode produzir, nos instiga a um gesto radical: pôr em dúvida, pôr em jogo, pôr em experimentação as verdades que constituímos. Apontei também no pensamento de Bakunin o conceito fundamental de *recusa*[51]*,* derivado de uma certa paixão obstinada pela liberdade. Em sua recusa radical, Bakunin, nos instiga a entrar em um estado permanente de rebelião diante das hierarquias e das estabilizações do conhecimento. No entanto, é também em Bakunin que compreendemos que a liberdade, bem como o conhecimento, só são possíveis através da livre associação entre sujeitos em uma comunidade, ou seja, a ciência e o conhecimento são frutos da revolta quando apoiada em

[49] As três moiras, Cloto, Láquesis e Átropos, são filhas de Nix, a deusa da noite e compõem as divindades primevas da mitologia grega. Segundo os gregos, elas tecem os fios de todas as vidas, divinas e humanas, em sua roda da fortuna. São responsáveis respectivamente pelo nascimento (Cloto), desenvolvimento (Láquesis) e pelo fim de uma vida (Átropos). Tecem um fio tão forte, uma linha tão molar, que nem mesmo Zeus é capaz de agir fora de seus arranjos sem afetar destruir a harmonia cósmica das tramas que são fiadas pelas três irmãs.
[50] Ver em página 25.
[51] Ver em página 22.

uma rede livre de associação coletiva. Esse mesmo princípio, da revolta, também foi apontado no pensamento de Nieuwenhuis[52], quando convoca aos educadores e educadoras que persistam no direito da criança à opinião própria, à dúvida e à revolta. Nesta perspectiva o conhecimento é produzido através da experimentação. Através dela há a construção de verdades provisórias, escritas pelos de baixo, pelas comunidades, pelas forças sociais. Para realizar esse gesto de recusa, experimentação e construção de verdades provisórias, é preciso uma *ousadia.* Ousadia que Rosa (2017) convida a ter junto a todas e todos que desejam realmente sair do lugar para percorrer os trajetos de liberdade.

Ainda como prelúdio do debate em torno da coragem para abandonar os conhecimentos já produzidos em busca de novas verdades (mesmo que transitórias), há a belíssima passagem de Francisco Ferrer y Guardia que nos convoca à uma tarefa:

> Não tememos dizê-lo: queremos homens capazes de evoluir incessantemente, capazes de destruir, de renovar constantemente os meios e de renovar a si mesmos; homens cuja independência intelectual seja a força suprema, que não se sujeitem a mais nada; dispostos sempre a aceitar o melhor, felizes pelo triunfo das ideias novas e que aspirem viver vidas múltiplas em uma única vida. A sociedade teme tais homens: não pode, então, se esperar que algum dia queira uma educação capaz de produzi-los. (Ferrer y Guardia, 2014, p.77)

Nesta passagem deixa explícita a relação de *transitoriedade* no procedimento de produção das verdades e dos conhecimentos científicos: é preciso cultivar no seio da ciência a capacidade de destruição-e-renovação, não delimitando um horizonte científico que dite as verdades de um tempo. Ou seja, não se sujeitar a nada e a ninguém. É preciso cultivar homens e mulheres (cis, trans e não binaries) que estejam inclinadas à viverem *vidas múltiplas*, vidas que se transformam no percorrer, vidas que se alegrem com o triunfo do novo, com o triunfo daquilo ainda estava inaudito e imprevisto. Complementa Ferrer y Guardia: "O ensino racional e científico deve persuadir os futuros homens e mulheres de que não devem esperar nada de nenhum ser privilegiado (fictício ou real); e que podem esperar tudo o que for racional de si mesmos e da solidariedade livremente associada e aceita." (Idem, p. 91). Nesta segunda passagem de Ferrer podemos retirar dois fragmentos importantes para essa concepção inovadora de racionalidade e ciência.

O primeiro, quando ele diz negar privilégio e superioridade para qualquer ser *real ou fictício.* Precisamos localizar esta afirmação dentro um debate importante que está em andamento durante todo o século XIX, o qual Ferrer foi entusiasta e acompanhou seus

[52] Ver na página 42.

desdobramentos, em torno do positivismo e seu confronto com o dogmatismo religioso. Rosa (2013)[53] desenvolveu uma belíssima tese de doutorado onde aborda as relações entre ciência, anarquismo e educação, nesta tese apresenta um problema enfrentado pelos novos cientistas do século XIX que estavam debruçados em confrontar os dogmatismos do pensamento religioso através da invenção do método indutivo-dedutivo. Por exemplo, Comte quando desenvolve a Filosofia Positivista. Essa filosofia positivista estaria fundada nos seis grandes ramos das ciências (matemática, astronomia, química, física, biologia e sociologia) e se propunha a criar uma nova religião onde a Humanidade ocupa o centro - no lugar de Deus. Kropotkin - o "príncipe anarquista" como escreve Rosa (2013), importante anarquista tanto da luta quanto do pensamento libertário - acompanhou os procedimentos de investigação da filosofia positivista, principalmente em relação ao método indutivo-dedutivo. No entanto, seu interesse se esvai diante da presunçosa centralidade, quase religiosa, do Homem com H maiúsculo, comenta Kropotkin (s/d, p. 33 *apud* Rosa, 2013, p. 158), "suprimiu, é certo, do seu vocabulário, Deus, a divindade das religiões positivas que o homem deve adorar e quem deve e a quem orar para obter a graça de ficar um ser moral, mas em substituição, colocou a palavra Humanidade com H maiúsculo.".

Dentro dos debates de aceitação-repulsa do mundo científico tradicional às novas ideias-procedimentos positivistas, estavam colocadas diversas questões, destaco duas: devem os debates em torno da ciência serem subjugados ao Homem Universal? Devem os debates em torno da ciência serem subjugados à Igreja, Religião e Estado? Foram questões desenvolvidas por diversos grupos e intelectuais e militantes da época. Recortamos aqui a resposta dada por Ferrer y Guardia na citação acima: *não devem esperar nada de nenhum ser privilegiado (fictício ou real).* A afirmação ética de Ferrer diante deste problema é a recusa a qualquer superioridade cristalizada e estagnada*,* é preciso permanentemente: duvidar, recusar, desfazer e (re-) construir o que é verdade, ciência e projeto. Qual projeto? O projeto libertário da construção de uma (e várias) Terra Livre. Seja pelo Estado, pela Igreja, pelo Homem Universal, pelo Capital, pelo Ser Superior - não interessa se *fictício ou real* - não devemos esperar nada! Nosso papel enquanto cientistas e anarquistas soma o coro do cearense insubmisso, Belchior: *sempre desobedecer, nunca reverenciar.*[54]

---

[53] Rosa, Rodrigo. (2013). *Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920).* Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da USP, São Paulo.

[54] Menção à música de Belchior: "Não quero regra nem nada / Tudo 'tá como o diabo gosta, 'tá / Já tenho este peso, que me fere as costas / E não vou, eu mesmo, atar minha mão / O que transforma o velho no novo / Bendito fruto do povo será / E a única forma que pode ser norma / É nenhuma regra ter / É nunca fazer nada que

O segundo ponto que gostaria de destacar da citação de Ferrer é a última frase da do trecho que estamos observando. Ali, conclama à um gesto radical de construirmos nós-por-nós o conhecimento através de dois elementos: o *racional de si mesmos e da solidariedade livremente associada e aceita*. Através desta racionalidade que não se submete a nada (Homem, Deus, Estado, Igreja, etc), intimamente conectada com uma solidariedade livremente associada, é que constrói-destrói coletivamente novas verdades. Dois movimentos conjuntos: recusa radical de qualquer cabresto; e conexão social profunda para apoiar e co-criar esses processos de criação. A anarquista mineira Maria Lacerda de Moura, algumas décadas à frente, radicaliza esse pensamento e o expande para diversos sentidos como o afeto, o desejo, o querer, a vontade - como veremos fartamente na argumentação ao longo deste movimento da tese.

sub-hipótese

Portanto, após este breve interlúdio sobre o plano que vamos atravessar, neste movimento da tese iremos, como mencionei no primeiro parágrafo, traçar uma cartografia dos traços da *coragem libertária diante da educação, da ciência e da verdade*. Sustentando a sub-hipótese, que deriva da hipótese principal desta tese[55], é que a ciência e a educação libertária estão alicerçadas em um duplo movimento entre revolta-singular e solidariedade-coletiva. E este duplo movimento só se habilita através de um estado permanente de mutação-modelização com aberturas para o novo.

caminhar com

Para tanto, vamos derivar da metodologia principal da tese (*percurso-viagem*) com o seguinte gesto de investigação: *caminhar com. Caminhar com*, configura-se com um passeio com alguém e suas produções neste plano de interesse que é a ciência e educação. É preciso grifar que ao *caminhar com* precisamos nos implicar com a pessoa convidada com quem se

---

o mestre mandar / Sempre desobedecer / Nunca reverenciar" (Belchior. *Como o diabo gosta*. Alucinação [álbum]. PolyGram: 1976.)

[55] "A hipótese desta tese é que a ecosofia se articula enquanto um campo de consistência para a educação anarquista contemporânea, atualizando conceitos como sujeito, humano, história, trabalho, revolução, etc. Para tanto, utilizarei o conceito de anti-educação como operador conceitual e chave de leitura de uma prática ecosófica na educação anarquista. A hipótese é que uma anti-educação poderia ser constituída através de um conjunto de forças insurgentes que agencia três planos: a educação, o anarquismo e a ecosofia."

caminha. Em outras palavras, não é acompanhar o puro pensamento de alguém, mas se implicar com o que é pensado. Arranjar picuinha, achar pelo em ovo, provocar, friccionar, acentuar, expandir, confundir, transformar, etc… *Caminhar com* é uma prática de afetação recíproca, onde *caminhando junto* com alguém é possível criar ativamente algo novo.

Caminhar junto, ir junto, co-ire, são conceitos acionados no pensamento de Gallo (2018) através de Schérer em um artigo intitulado *René Schérer e a Filosofia da Educação:primeiras aproximações*[56]. Gallo está interessado em tentar formular uma filosofia da educação no pensamento de Schérer, para tanto aprofunda alguns componentes (eixos, pivôs, errâncias) importantes da filosofia de Schérer. "Desses eixos, pivôs ou caminhos errantes, destaco três, os mais chamativos na composição de uma Filosofia da Educação e, portanto, mais importantes para esse trabalho: a problematização da infância; uma política da hospitalidade; o anarquismo como marca de um pensamento aberto, rebelde e inovador." (Gallo, 2018, p. 798). O pivô que articula as problematizações da infância, para Schérer, demonstra que vivemos um período onde a criança é compreendida apenas através das pedagogias, dos direitos, das ciências, etc. Todos os técnicos sociais enunciam ditames sobre sua vida, sobre sua alimentação, sua saúde, sua educação, etc. O mundo adulto está distanciado, na análise do francês, das constituições das crianças e seus devires.

> Pensar o devir criança, pensar a infância a partir dele, em sua esfera, é rejeitar o acervo de ideias, os pesados grilhões e disfarces impostos à infância pela tradição pedagógica e psicológica, bem como pelo universo psicanalítico com seus estágios, suas transferências, suas castrações, sua subordinação da infância a uma significação única, à verticalidade de uma única ereção. (Schérer , 2009a, p. 193 *apud* Gallo, 2018, p. 810).

Vivemos, no contemporâneo, o abafamento dos devires das crianças através dos pesados grilhões do mundo adulto, centrado no Eu e subjugado ao Estado e ao Capital. Esses abafamentos constituem uma *perversão pedagógica,* "anuncia que a perversão está na conformação da criança, que é infantilizada, tendo negados seus desejos e sua sexualidade, por uma visão construída pelos adultos e imposta a ela." (Gallo, 2018, p. 808). De forma categórica, a perversão pedagógica consiste em pedagogizar integralmente toda a vida da criança e cristalizar seus modos de desenvolvimento em saber constituídos pelas ciências adultas. Contra esta concepção de educação, pensando em uma não-pedagogia, Schérer apoiado em suas leituras de Fourier, anuncia o conceito errante de *caminhar junto:* "O modo não pedagógico, seria este “caminhar junto”, que são os diversos "agenciamentos"

[56] Gallo, Silvio. (2018). *René Schérer e a Filosofia da Educação:primeiras aproximações.* Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 32, n. 65, p. 793-815.

apresentados em Co-ire , um “ir com”. (Schérer; Lagasnerie, 2007, p. 148 *apud* Gallo, 2018, p. 809). Ir com, caminhar junto - seria possível uma prática de educação fora do estatuto da tutela permanente diante da criança? Arrisco a dizer que sim, uma *anti-educação* se faz urgente para configurar práticas de acompanhamento de investigação sobre o conhecimento junto às crianças, aos velhos, aos adultos, etc. Uma anti-educação que crie contextos para questionar todas as tutelas sobre a vida de todas as pessoas envolvidas, aquelas que aprendem e aquelas que ensinam, ao ponto, que essas figuras se misturem numa grande solidariedade diante do conhecimento. Conclui Gallo (2018):

> Uma Filosofia da Educação pensada com René Schérer implicaria pensar o ato educativo como linha de fuga, como “ co ire ”, ir junto com as crianças, não normatizando e ditando suas ações, mas aprendendo com elas, entrando, com elas, num devir criança que abre possibilidades de investir contra o mundo adulto. Uma produção de minoridades, de invenções, de possibilidades de criação, a cada momento, para além dessa pedagogização integral da qual somos, todos, vítimas e executores ao mesmo tempo. (p. 812-813)

Para tanto, vamos *caminhar com* alguns camaradas que produziram sobre o tema da *ciência e educação libertária*, sendo Stirner, Bakunin, Proudhon, Reclus, Ferrer y Guardia, Jaime Cubero e, finalmente, Maria Lacerda de Moura - que radicaliza vertiginosamente esse pensamento. Moura é uma feroz incentivadora de uma concepção radical da ciência libertária e da coragem, agenciando no interior do seu pensamento racionalista aspectos inovadores. Destaco entre suas irrupções a presença do *corpo* visto como uma superfície de produção conhecimento. Suas proposições inflamam o que compreendemos como: *experiência, sonho, afeto, desejo, vontade, ateliê*, etc. Suas proposições aqui estão defendidas, por mim, através do conceito chave: *ciência libertária encarnada.*

Estas caminhadas com as pessoas libertárias se cruzam com um outro caminhar: *caminhar com* Guattari. Em seus trabalhos, o francês anticapitalista, também procurou desenvolver uma análise com aspectos intra e extra subjetivos, que ao se emaranhar produzem efeitos de dominação ou de *revoluções moleculares:* a depender se são efeitos de readequação subjetiva ou expansão para o novo. Guattari, em certa medida, apoia sua análise em um duplo também: por um lado, a consolidação de grupos-sujeitos[57] que, por outro lado, que esse grupos permitam processos de singularização[58] subjetivos daquilo que o integra. A partir dessas conversas começamos a elaborar o que é uma anti-educação ou uma ecosofia da

[57] Ver páginas 39, 66-69.
[58] Ver páginas 5, 36, 42.

educação anarquista, traçando as aproximações, contribuições e distâncias destes planos de investigação: a saber, educação, anarquia e ecosofia.

coragem obstinada

Na obra do filósofo alemão Max Stirner (2009), o livro *O único e sua propriedade,* somos atiçados a acompanhar um gesto, uma atitude diante da vida que os jovens inspiram, que ele chamou de *coragem obstinada* (p.15). O gesto de *percorrer* os itinerários do mundo que nos é apresentado, podendo agenciar todos os sentidos disponíveis, despossuídos dos medos que o mundo adulto vai tentar soprar em nossos olhos - como uma poeira mortífera: as bipolaridades do bom e do mau, do certo e do errado, do perto e do longe, do real e do surreal, do delírio e da sanidade, do sujo e do limpo, do belo e do feio, etc. Deste modo, antes de cuidar das infâncias, é preciso acompanhar sua revolta obstinada diante do mundo - as infâncias tombam tudo que veem pela frente.

> A pouco e pouco desvendamos tudo o que era para nós inquietante e assustador: o tremendo poder do vergalhão, o semblante severo do pai, etc., e por detrás de tudo encontramos a nossa ataraxia[59], ou seja, ficamos imperturbáveis e impávidos na nossa oposição, na nossa supremacia, na nossa invencibilidade. Já não recuamos, atemorizados, diante daquilo que nos incutiu medo e respeito, mas ganhamos coragem. (Stirner, 2009, p.17)

À criança é negado o direito de servir a si mesma e nada mais. A crítica de Stirner à sociedade está na percepção dos diversos processos de domesticação que o mundo adulto (industrial-sedentário-estatal) produz sobre o espírito. A experiência infantil de descoberta dos dualismos vai de encontro com a razão, a consciência, o espírito, os cuidados com o espírito. Para o adulto, a inquietação violenta-intempestiva dos desejos, das vontades, dos fluxos de produção do vivo na infância, devem ser compreendidas, pesquisadas, observadas e, finalmente, moderadas. A intempestividade precisa ser canalizada para algo *bom, belo, de deus, do partido* - a famosa ladainha popular de que *mente vazia é oficina do diabo.* O

[59] Nota do Autor - "Uma definição do dicionário do termo auxilia a compreensão deste trecho: "O termo grego ataraxia, introduzido por Demócrito (c. 460-370 a. C.), significa tranquilidade da alma, ausência de perturbação. É um conceito fundamental da filosofia epicurista e dos céticos, e pode traduzir-se como imperturbabilidade, ausência de inquietação ou serenidade do espírito. A ataraxia é a disposição do espírito que busca o equilíbrio emocional mediante a diminuição da intensidade das paixões e dos desejos e o fortalecimento das alma face às adversidades. A ataraxia caracteriza-se pela tranquilidade sem perturbação, pela paz interior, pelo equilíbrio e moderação na escolha dos prazeres sensíveis e espirituais.A ataraxia está muito próxima da apatia proposta pelos estóicos, na medida em que ambas caracterizam estados anímicos que contribuem para o alcance da felicidade através da disciplina da vontade para moderar os desejos e para aprender a aceitar os males voluntariamente." Visto em https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$ataraxia-(filosofia) <28/03/2023>

objetivo dos adultos é tentar engajar essa força vitalizadora da revolta em algum *ideal* ou *sonho de sociedade*, seja: o do partido político, da igreja, do Estado, do crime, do tráfico, do *junkie*, do trabalho, do sindicato, dos jovens religiosos, dos jovens direitistas, dos jovens revolucionários, dos jovens jogadores de futebol, de *pokémon*, de RPG, de dança *vogue*, de dança *break*, etc. A infância, como uma vida em devir, não pode servir a si mesma, nesta lógica. A infância que deseja continuar a servir-se da sua coragem obstinada em experimentar livremente é forçada pela sociedade a *aderir* a alguma *identidade*. Comenta Augusto (2013):

> A sociedade investe em ajustar, em dar justeza e direção ao jovem que nega o mundo como este o encontrou e até se empolga quando há certa revolta construtiva contra ela. Ela precisa educar esse jovem para que seu ideal seja introjetado, com mais ou menos força, mais ou menos retórica, mais ou menos argumentos complementares e contraditórios, como o verdadeiro e o justo. E, assim, *pretende conter, senão aplacar, a potência afirmativa que habita essa negação do revoltado contra o mundo, fluxo perigoso que pode acionar a volta do prazer pela vida.* (p.38)

É preciso criar *aderência* a um mundo que constantemente está sendo solapado pelas forças vertiginosas do capitalismo: que varre todas as formas de viver para reenquadrá-las em novos moldes dentro das forças produtivas de contínua exploração. Nesta lógica, no capitalismo, devemos *aderir* à uma *identidade* que situará o sujeito, a criança, o jovem, o perigoso, o ardiloso, o rebelde dentro da normalidade. Filordi (2021), através de uma outra epistemologia (a saber, a ecosófica), nos instiga, também, um gesto de revolta ao processos de adesão a uma subjetividade assujeitada: "De segunda à segunda-feira, conjuga-se o verbo aderir: eu adiro/tu aderes/ele adere/nós aderimos/vós aderis/eles aderem, a quê? Ao output e ao input de desejos institucionalizados, imperializados, pré-configurados. Política do desejo de submissão à mecanosfera. O que aceitamos de bom grado? [...] Escarnecer da conjugação aderir, mandá-la à merda." (p. 192).

Estaria na afirmação do *único* de Stirner algumas ressonâncias para praticar conceitos como o *processo de singularização,* que encontramos em Guattari e no pensamento ecosófico? Acredito que encontramos ressonâncias em ambos na sanha insubordinada diante das adesões ao mundo *tal como ele é*. Seja o mundo dos adultos, do capital, do ser, do significante, do Estado - mandar a merda a adesão a *este* mundo!

Os *processos de singularização*, por sua vez, operam por *metamodelizações*[60], que são as reestruturações do marcos de referência da subjetividade, em grupo e sozinho, através de valores que são criados no próprio encontro, um processo que expande a autonomia de um

[60] Ver página 68.

grupo. Ou seja, em Guattari (2012),"[...] outro elemento da *metamodelização* que proponho aqui reside no caráter coletivo das multiplicidades maquínicas."(p. 42). Metamodelizar é cultivar aberturas nos territórios existenciais para que a experiência possa se enganchar em novos percursos de subjetivação, inusitados e fora da norma, que operam através da "aglomeração de fatores heterogêneos de subjetivação." (Idem, Idem). O processo de singularização é criado através de agenciamentos que se espalham como enxame de miríades de associações possíveis. Este processo aciona uma *relocalização* dos modos de viver: de amar, de comer, de falar, de morar, de produzir, de transar, de sonhar, de cultivar, de educar, de urbanizar, de florestar, etc. Um processo que envolve uma luta que não é apenas mental, no sentido da auto-ajuda ou de um processo psíquico solitário alheio ao mundo. Este processo necessita de conexões diretas com os modos de produção da sociedade: da indústria, do cultivo, do mercado, da política, do desejo e do trabalho. O *processo de singularização*, deste modo, está intimamente conectado com práticas de *autogestão*, seja dos modos de produção, seja das modulações subjetivas-singulares.

A coragem obstinada de Stirner se localiza neste gesto vertical de afirmação de ser único, o que o distancia, em alguma medida, das perspectivas associativistas organizadas presentes no percurso libertário e o aproxima de um associativismo momentâneo - uma sociedade de amigos: "Não há Amizade, mas amigos que a fazem em cada associação, coisa que jamais poder ser apanhada pelo conceito [amizade]." (Passetti, 2002, p. 43). Cubero (2015) descreve três tipos de anarquistas: "a) os individualistas adversários de toda forma de associação; b) os individualistas partidários da associação livre e momentânea, mas contra a organização; c) os partidários da organização metódica e permanente."(p. 65). Poderíamos localizar Stirner como o tipo "b". Vale destacar que Stirner não se identificava como anarquista[61], mesmo que muitos anarquistas tenham respirado e desdobrado suas ideias. Comenta Passetti (2002): "Diante dos soberanos ou de soluções para a sociedade como identificavam as propostas de Proudhon, Stirner prefere associações livres, formadas por

[61] As proposição de Passetti (2002) são contundentes e precisas em localizar Stirner como um anarquista inclusive do anarquismo, fazendo revirar as ideias libertárias e não se submetendo nem a elas, comenta: "Seria convincente, ainda nesta brevíssima apresentação de Stirner, afirmá-lo como um anarquista? Sem dúvida, do ponto de vista da crítica da sociedade, do Estado e da afirmação da liberdade, as dúvidas não permanecem de pé. Seria um desvio colocá-lo pacificamente neste lugar. O humanismo anarquista que se anunciava com Proudhon, a quem ele dedica longuíssima reflexão em seu livro, é inaceitável, transcendental, utópico e exercício de inversão de termos (ou séries no dizer de Proudhon), no qual deixamos o mundo restrito da propriedade privada pelo impessoal da propriedade coletiva ou posse transitória. Para os anarquistas, Stirner somente tem sentido se for lido como um anarquista no anarquismo, vontade que não lhe dá sossego diante da utopia e da justiça social. Para ele não há um agora como preparação para o futuro; não há futuro, somente o presente." (p. 51).

indivíduos livres educados para serem livres para si e não para a sociedade." (p. 24). Stirner situava uma forma de associação através da amizade, da sociedade de amigos com associações livres e móveis. Completa Passetti (2002): "De La Boétie à Stirner procede um outro fluxo, heraclítico, que se volta para a vida livre com base na amizade associativa, maneira pela qual somos capazes de inventar a vida, um povo, por meio de miríades de associações." (p. 25). Sem dúvida o pensamento de Stirner é deliciosamente perigoso para as práticas em educação libertária e foi recuperado por diversas educadoras como Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura. Para ele a escola é o lugar onde se forçam as aprendizagens para a submissão, que prepara as vidas que estão por vir (multiformes e inventivas) para a formatação necessária (e obrigatória) que reclamam o Estado, o Partido, a Igreja, a Fábrica, ao ECA, etc.

> Por isso: nada de causas que não sejam única e exclusivamente a minha causa! Vocês dirão que a minha causa deveria, então, ao menos ser a «boa causa». Qual bom, qual mau! Eu próprio sou a minha causa, e eu não sou nem bom nem mau. Nem uma nem outra coisa fazem para mim qualquer sentido. O divino é a causa de Deus, o humano a causa «do homem». A minha causa não é nem o divino nem o humano, não é o verdadeiro, o bom, o justo, o livre, etc., mas exclusivamente o único que é meu. E esta não é uma causa universal mas sim... única, tal como eu. Para mim, nada está acima de mim! (Stirner, 2009, p. 10)

uns

A coragem obstinada pode ser incorporada através da juventude que está sempre disponível - a saber, a revolta. Revoltar-se é aliar-se com as forças da juventude experimentadora que está, sempre aí no virtual, disponível para a investigação diante do mundo - e nunca aderida a nenhuma identidade, seja ela qual for. "Em Stirner não há uma busca pela sociedade humanista realizando a autonomia do sujeito. Diante da sociedade somente o indivíduo e este se realiza ao não sacrificar sua individualidade à coletividade, mas ao afirmar a associação." (Passetti, 2002, p. 41). Caminhar com Stirner é recarregar as forças para o exercício radical das singularidades e da afirmação de *uns* (idem, p. 56). Com Stirner não há filosofia, ciência, educação, sociedade, indivíduo que possa viver subjugado ao Deus, ao Estado, ao Homem. É preciso revirar os olhos quando nos forçam a obedecer a qualquer um desses operadores de dominação. Stirner incita um estado permanente de revolta de cada único, ao mesmo passo, que essa revolta única é associada com outros únicos também em revolta. Essa associação não acontece através da semelhança e da identificação, pelo

contrário, ela se dá como expansão possível da revolta e da diferença dos *uns* que estão envolvidos. A associação livre se dá através das amizades que se firmam e se rompem, fluidamente. Em *O falso princípio da nossa educação,* publicado em Berlim em 1842, Stirner (s/d) analisa duas correntes da educação: uma fundada na ideia de humanidade, a *humanista;* e outra no domínio da técnica, que ele nomeia por *realista.* O rebelde alemão se contrapõe a ambas, pois ambas estão fundadas sob a ideia de *Saber*, quando seu interesse maior estaria localizado no estímulo ao *Querer,* a saber, educar pela *Vontade*, diz o alemão: "Sim, é mesmo assim, o saber também deverá morrer para que, por meio da sua morte, desabroche de novo como vontade. As liberdades de pensamento, de crença, de consciência, estas magníficas flores de três séculos, voltarão ao seio maternal da terra, a fim de que uma nova liberdade – a do querer – se alimente das suas seivas mais preciosas." (Stirner, s/d, p. 32). Assim, estamos diante de um conjunto de disparadores para a educação: *a revolta, a associação de amigos e o querer.*

recusa implacável

O grande fugitivo de todos os tempos: escapou diversas vezes da prisão e de forças policiais que o perseguiram durante anos. Um dos incendiários fundamentais para compreensão da filosofia anarquista e escreveu inúmeros livros, folhetins, jornais, etc. Um indomesticável defensor das práticas de liberdade, dedicou trechos de seus trabalhos escritos para pensar a educação, sem, no entanto, produzir uma obra sistematizada sobre a educação. Foi um dos principais continuadores do pensamento da educação integral, proposta por Proudhon como politécnica, avançando em diversos aspectos do pensamento do anarquista francês.

Como acompanhamos no percurso inicial da tese, a liberdade para Bakunin não é um *bem* que os humanos já nascem em posse: pelo contrário, é uma prática que é preciso construir socialmente no encontro com o outro. Essa prática de liberdade coletiva está conectada diretamente com outro princípio do pensador russo, que é a *recusa* a qualquer autoritarismo, a *recusa* completa de qualquer superioridade hierárquica. O objetivo da educação em sua concepção deriva destes dois princípios: ela está voltada para a construção de uma *vida rebelde ao sistema capitalista-estatal* e destinada à *construção de práticas de liberdade*. Podemos tomar dois campos distintos de percursos para construção desta liberdade: um para as crianças e outro para os adultos.

Para as crianças, a educação deve ser um processo permanente de revolta e de destituição da autoridade, que é necessária nos caminhos iniciais de descoberta do conhecimento e deve ser negada pela criança ao longo da experiência educacional. Deste modo a liberdade deixa de ser um ponto a se chegar ao final de um processo e torna-se um meio essencial e sem o qual uma outra sociedade, libertária, possa emergir. A liberdade tomada como *meio* (veículo) não significa agir *livremente à revelia dos que estão ao entorno*. Pelo contrário, a liberdade tomada como *meio,* para uma liberdade coletiva, precisa de uma direção para se constituir, de um processo que lhe dê contorno, de uma certa autoridade que lhe ensine a vida em liberdade. Escreveu Cubero (2015) sobre essa percepção de liberdade: "Ser anarquista é lutar pela liberdade de todos, tendo a consciência de que a liberdade dos outros aumenta a própria e não a limita." (p. 48-49) e ainda em outra passagem completa sua análise da liberdade como meio e atuando quase como sinônimo de solidariedade: "Mas a liberdade é muito mais. E é através da conquista da própria liberdade que podemos garantir a solução que buscamos para esses problemas. O caminho da liberdade é o da prática da própria liberdade. É com a prática da liberdade que formamos homens livres." (Cubero, 2015, p. 58). A liberdade é apreendida no processo de educação, ela é ensinada por seus meios e seus fins. Deste modo, como método pedagógico, "Bakunin propone un *continuum* que va desde la autoridad a la completa libertad.[62]" (Cuevas, 2014, p. 90).

Para os adultos, Bakunin propõe o processo inverso do que o destinado para as crianças. Como a origem das opressões está na submissão ao regime capital-Estado, propõe a criação de diversos centros de conhecimento populares, onde quaisquer pessoas poderiam frequentar de forma livre e autônoma. Lugares onde não saberíamos definir com precisão quem são os alunos e quem são os professores, onde as ciências seriam tomadas pela sua expressão mais popular e comunitária, abolindo hierarquias entre o que é chamado de ciência formal e informal. Todas as pessoas estariam convidadas para compartilhar seus saberes e conhecimentos e os colocar disponíveis para outras pessoas, produzindo uma outra forma de produção do conhecimento.

ciência popular

Neste sentido, vale destacar as considerações que Bakunin faz em relação à ciência. Em sua análise a ciência formal produz e assegura a exploração de um grupo social, a elite

[62] T. A. - Bakunin propõe um *continuum* da autoridade à liberdade total.

dominante, quando esta está com a verdade nas mãos e a pode manipular ao seu desejo, estabelecendo o domínio sobre aqueles que não possuem a ciência. A ciência régia é a *Razão* que esquadrinha os modos de trabalho fundados na divisão da produção por especialistas, alienando os trabalhadores do processo de produção da sua própria vida. Bakunin, em um ataque profundo às religiões e ao pensamento iluminista, vai combater a ciência concebida como uma abstração da *vida* e alienada das materialidades da produção da *vida.* Para Bakunin era preciso "trazer a ciência para a vida, pois a vida pode criar e é ela que cria a ciência, e não o contrário. Transformar uma abstração desvinculada do mundo numa atividade humana, profundamente ligada ao homem e à sociedade e em contato com os problemas gerais sofridos por todos, preocupando-se com todos, e não apenas com alguns; preparando-se para ser um dos pilares da igualdade, e não a fonte das desigualdades." (Gallo, 2007, p. 82).

Bakunin afirma que o papel da educação seria de diluir por toda a sociedade essa nova forma de produção científica, que poderíamos chamar de uma ciência popular, uma ciência que estivesse aberta às reflexões que são ativadas através do campo material da sociedade, do campo dos acontecimentos sociais. Essa educação integral conjura em suas práticas ações de formação do corpo, da mente e do social. É preciso que todas pessoas estejam convidadas, à medida que desejem, a contribuir com a construção do conhecimento científico, bem como a construção da liberdade. Antagonizando os iluministas que acreditavam que a ciência seria responsável pela transformação da sociedade em uma coletividade iluminada pela razão, Bakunin de forma muito arrojada subverte essa equação colocando na mesa *as pessoas e suas vidas, os corpos e seus acontecimentos, os de baixo e seus saberes*. A transformação da sociedade só seria possível, caso a poeira suja dos pés daqueles que pisam os asfaltos e os campos do mundo pudessem enlamear os saguões das universidades e das escolas.

equilíbrio ecossistêmico

Elisée Reclus é um pensador essencial para compreensão do anarco-comunismo ou comunismo libertário. É um anarquista que atravessou experiências históricas essenciais para as lutas socialistas, como a Comuna de Paris (1871), além de ser um expoente internacional da geografia social e espacial, tendo grande influência no campo científico do seu tempo. Sua formação acadêmica é um grande percurso pela negação das instituições, quando criança sai de Saint-Foy-la-Grande para estudar em uma escola religiosa em Neuwled. Ele e seu irmão, Elias, apaixonados pela filosofia e sociologia, moravam no mundo rural, onde dedicaram

longos períodos para observação da natureza e realizaram pequenas viagens para o mediterrâneo. Logo foram expulsos da escola e com passar dos anos abandona a ideia de ser pastor, escreve em uma carta para sua mãe: "tempos virão em que cada homem será seu próprio rei e seu próprio pastor [...] mas como alcançar esse futuro se não o realizamos em nós mesmos, não protestamos contra toda idéia interior que tenda a converter-nos a nós próprios naquilo que condenamos?" (Reclus, 1851 *apud* Cubero, 2015, p. 177). Através da amizade dos irmãos Reclus com *Liberto*, um vizinho filho de um anarquista, encontram ressonâncias às suas angústias na cultura libertária. Sua vida é um tremendo vendaval de revoltas e agitação popular (e produção científica), esteve entre fugas e tentativas de criação anarquista na Inglaterra, Irlanda, América do Norte, América do Sul, etc. Contribuiu com III Congresso Geral da Internacional e com II Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, onde fez alianças com Bakunin. Foi preso após a Comuna de Paris e deportado, junto com Louise Michel, para a prisão a céu aberto da Nova Caledônia. Publicou diversas obras, livros, livretos, coleções, artigos e participou da edição de jornais socialistas libertários, como o *Le Révolté* (1879-1882) e *Le Travailleur*. Constitui uma amizade muito estreita com Kropotkin em meados dos anos 80 do século XIX, trocam ideias e colaboram mutuamente em diversos trabalhos, como na obra *Geografia Universal* e *A Conquista do Pão.* Aos 64 anos, após uma vida de rebeldias, inicia a oferta de um curso sobre Geografia Comparada na Universidade Livre de Bruxelas. No entanto, mesmo presente na universidade, não deixou que o fogo da revolta deixasse de arder no seu peito, conclamava seus camaradas: "Jovens ferventes que faziam gestos de heróis diante da polícia tornaram-se pessoas ajuizadas e timidas". Ardia com a juventude sempre presente na sua coragem obstinada pela vida.

correntes distintas, um mesmo rio e o grande mar

Através da leitura de José Maria Carvalho Ferreira (2006) em seu artigo publicado na revista *Utopia* chamado *Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia*, acompanhamos uma primeira lição que o geógrafo anarquista nos dá: não há nem pode haver separação mecânica entre teoria e prática, entre objeto de observação e sujeito observador (Ferreira, 2006, p. 35). As espécies constituem redes de interdependência relacional que as colocam em implicações sistêmicas umas com as outras, sejam elas animais, vegetais, minerais, etc. No campo das análises da nossa constituição biológica e social precisamos deixar que os campos de análise se permitam atravessar mutuamente. Essas

relações podem caminhar em dois sentidos evolutivos: o primeiro, através do apoio mútuo e da solidariedade entre todas, caminhando no sentido do progresso e da ciência; e um segundo, fundado na competitividade e na dominação de uns sobre muitos, caminhando em retrocesso através da ignorância, violência e guerra. Em sua visão, através da *ciência da vida* a sociedade evoluiria de forma natural e racional para um estado de anarquia conectando formas de vida humanas e não-humanas em um equilíbrio ecossistêmico. Escreve Reclus, "Os povos tornando-se inteligentes, aprenderão certamente a associar-se numa federação livre: a humanidade, até agora dividida **em correntes distintas**, não será mais do que **um mesmo rio**, e, reunidos numa só corrente, nós desceremos em conjunto para **o grande mar** onde todas as vidas se vão perder e renovar (Reclus, 1995, p. 205-206 *apud* Ferreira, 2006, p. 35 - Grifos meus).

Correntes distintas, um mesmo rio e *o grande mar:* destaquei estes três momentos da argumentação de Reclus para adensar uma perspectiva importante do autor na análise das espécies vivas através da ideia de *equilíbrio ecossistêmico*, que aponta para um avizinhamento (com dissonâncias) ao conceito de *transversalidade*[63] que Guattari desenvolve suas análises sobre a ecosofia. O *grande mar* pode ser traduzido como a tendência de evolução positiva do campo sócio-humano através da ciência: o desígnio de toda sociedade estaria na emancipação social nos contextos da civilização ocidental. O *grande mar* é o anarco-comunismo. Para tanto, as *distintas correntes*, através de uma relação interespécies em que todas as formas de vida - humanas e não-humanas - se apoiam mutuamente - formando *um mesmo rio* - para evoluir em *grande mar*, em anarquia, em emancipação social. Deste modo, através da cooperação de todas as espécies vivas poderíamos estabelecer uma evolução natural da vida mantendo seu equilíbrio ecossistêmico, escreve Reclus em 1905:

> Coordenar os continentes, o mares e atmosfera que nos rodeia, 'cultivar a nossa hora' terrestre, distribuir de novo e regular o ambiente para favorecer cada vida individual da planta, do animal ou do homem, adquirir definitivamente consciência da nossa humanidade solidária, formando um só corpo com o próprio planeta, abarcar com o mesmo olhar as nossas origens, o nosso presente, o nosso objectivo mais próximo e o nosso ideal longínquo, é nisto que consiste o progresso" (Reclus, 1975, p. 294 *apud* Ferreira, 2006, p. 37).

Nesta farta argumentação de Reclus podemos observar um gosto novo para o conceito de humanidade solidária que parece estar descentralizada da hegemonia da espécie humana, já que compreende um esforço em co-criar as condições necessárias para os

[63] Transversalidade é um conceito de Guattari que iremos tratar parágrafos à frente.

desenvolvimentos individuais das plantas, minérios, animais, humanos em consonância uns com os outros. Forma este grande mar, a anarquia, *um só corpo com o próprio planeta.* Cultivar a ciência da vida, como Reclu nomeia, é cultivar a horta terrestre de modo que todas as potenciais liberdades de cada vida do planeta possam prosperar.

Através do conceito de Grande Família, escreve sobre "um tipo de família que integra todas as espécies animais. Adoptar este conceito implica uma mudança radical nas nossas opções de escravidão e dominação sobre aquelas espécies." (Ferreira, 2006, p. 36). Essa *grande família* caminharia junto com a evolução social através das ciências da vida que procuraria constituir relações *amigas*[64] entre as vidas terrestres, escreveu Reclus: "Quando a busca da amizade substituir a do bem-estar, que mais dia menos dia deverá estar suficientemente assegurado, logo que os naturalistas entusiastas nos tiverem revelado tudo que há de belo, de amável, de humano (e muitas vezes mais do que humano) na natureza dos animais, nós olharemos com outros olhos para todas as espécies, que se atrasaram no caminho do progresso, e acabaremos por fazer delas, não servidores ou máquinas, mas os nossos verdadeiros companheiros." (Reclus, 1975, p. 294 apud Ferreira, 2006, p. 36).

ciências da vida e transversalidade

Neste sentido, de um companheirismo solidário entre humanos e não-humanos, o que seriam as *ciências da vida*? Ferreira (2006) afirma que a vida de Reclus foi dedicada a aprofundar e alargar uma vontade por conhecer todas as formas de vida da Terra - incluindo montanhas, rochas, solo, rios, florestas, animais, vegetais, humanos e sociedade (p. 37). Deste modo: "As ciências da vida para Élisée Reclus não eram redutíveis à biologia, à física e à medicina, mas incluíam também as ciências sociais e humanas." (Idem, Idem). As ciências da vida estão intimamente conectadas com um estudo aprofundado do homem, enquanto entidade analítica e afastado das peias metafísicas da religião e da ideologia. Este estudo aprofundado deriva uma ciência de si próprio, em um âmbito infra-pessoal, assim, o progresso dessa ciência estaria implicado em "um conhecimento infra-pessoal, razão pela qual cada indivíduo deve transformar-se numa função de causalidades e efeitos científicos e

[64] Lembremos aqui, também, de forma complementar à Reclus, a ideia de amizade através do pensamento de Stirner: que são as associações livres, móveis e efêmeras, que indicam práticas de solidariedade e apoio mútuo - e afirmam principalmente a diferença, não a semelhança entre *uns*. Ver página 96.

de progresso, nomeadamente através da auto-educação, da auto-organização e auto-soberania do seu físico, da sua mente e da sua psique." (Idem, p. 38).

É através de um alastramento da ciência por todos os campos antes distintos uns dos outros, aglutinando uma experiência social e *transversal* da ciência, que seria possível constituir uma ciência da vida. Guattari pensa a *transversalidade* como o gesto de acompanhamento e criação dos processos de subjetivação, escreve: "parece indicado forjar uma concepção mais transversalista da subjetividade, que permita responder ao mesmo tempo a suas amarrações territorializadas (Territórios existenciais) e as suas aberturas para sistemas de valor (Universos incorporais) com implicações sociais e culturais" (Guattari, 2012, p. 14). Uma tomada transversal de análise consiste em conceber as substâncias enunciadoras "por um lado, de ordem expressiva linguística, mas, por outro lado, de ordem maquínica, se desenvolvendo a partir de 'matérias não semioticamente formadas'" (Idem, p. 36). E ainda complementa nesta larga argumentação:

> Emergência arrimada nos Territórios coletivos, Universais Transcendentes, Imanência processual: três modalidades de práxis e de subjetivação que especificam três tipos de Agenciamento de enunciação que dizem respeito igualmente à psique, às sociedades humanas, ao mundo dos seres vivo, às espécies maquínicas e, em última análise, ao próprio cosmos. [...] O estabelecimento de um tal ponto transversalista leva a postular a existência de um certo tipo de entidade habitando ao mesmo tempo os dois domínios [atual e virtual], de tal modo que os incorporais de valor e de virtualidade adquiram uma espessura ontológica nivelada com a dos objetos engastados nas coordenadas energético-espaço-temporais. (Idem, p. 124)

Essas ciências da vida, em Reclus, por sua vez, conclamam algumas práticas essenciais para os anarquismos, práticas que serão repetidas e alargadas por todas as experiências libertárias em educação. Sendo: aliar práticas de auto-educação, auto-organização e auto-soberania que atravessam o indivíduo no campo físico, mental e psicológico. Desta última citação de Reclus, é importante destacar dois fatores, o primeiro já explicitado na concepção *físico-mental-psicológica* das práticas de auto-educação, e a segunda, é um comentário sobre a perspectiva científica *stricto sensu* que Reclus se apoia. Segundo Ferreira (2006, p. 38) a ciência da vida está ancorada na perspectiva indutiva-dedutiva, onde os fenômenos acompanhados foram conteúdos através da regularidade e da sistematização universal, formando Leis Gerais. Para Reclus haveriam três leis universais comprovadas: *a luta de classes, o apoio mútuo e a individualidade autônoma*, comenta: "A observação da terra explica-nos os acontecimentos da história, e esta, por sua vez, faz-nos voltar ao estudo mais profundo do planeta, através de uma solidariedade mais

consciente do nosso indivíduo, simultaneamente tão pequeno e tão grande, para com o imenso universo." (Reclus, 1975, p. 72 *apud* Ferreira, 2006, p. 38).

Das *ciências da vida* ao *progresso* vemos surgir no pensamento de Reclus algumas considerações importantes sobre uma proposta de *educação integral,* que foi defendida por inúmeros militantes e autores, inclusive nos congressos da AIT, por Paul Robin e Bakunin. Na *educação integral* a prerrogativa é que as pessoas de todos os cantos do planeta possam acessar os conhecimentos das leis científicas que concernem as suas vidas e, através delas, compreender os funcionamentos das outras formas de vida da Terra. "A educação integral torna-se, assim, num processo de aculturação e de aprendizagem social, que se opõe à educação separada da vida, ministrada pelo Estado, a Igreja e o capitalismo." (Ferreira, 2006, p. 38). A educação integral, portanto, para empreender a tarefa da emancipação social e da Terra, procura inventar práticas de auto-educação que agenciam aspectos físicos, mentais e subjetivos, seja através de escolas libertárias, ou seja em "cursos de adultos, técnicos e profissionais, conferências diurnas e nocturnas, exercícios e demonstrações, exibições teatrais e, por último, universidades populares nascidas em distintos pontos" (Reclus, 1975, p. 227-8).

indivíduo e componentes de subjetivação

Há uma análise potente de José Maria C Ferreira que vale a pena destacar e friccionar com o pensamento de Guattari, no que concerne, para Reclus na leitura de Ferreira, a análise do *indivíduo humano.* Escreve Ferreira (2006):

> Este [indivíduo humano], enquanto subsistema integrante do planeta Terra, só pode ser analisado cientificamente na sua dimensão biológica e social. Como tal, em termos de vida biológica é, simultaneamente, um todo e uma parte ínfima da espécie humana. Por outro lado, como ser social, é um compósito de dependências e complementaridades inter-individuais, cuja síntese interactiva resulta em "construídos" sociais, institucionalizados e formalizados na família, em grupos, colectividades, comunidades, sociedades de características locais, regionais, nacionais e até à sociedade global. (Ferreira, 2006, p. 39)

Um aspecto biológico, ínfimo em relação a sociedade humana e um aspecto social, que opera de forma multicomponencial através de relações entre indivíduos e constructos sociais que se emparelham com instituições, grupos, comunidades, regiões, etc. Um duplo que dimensiona as práticas de análise de um campo infra-pessoal para um campo extra-pessoal, aliando uma análise sistêmica do indivíduo e apoiado em uma leitura multicomponencial deste sujeito.

Há na *caixa de ferramentas de modelização*[65] diversos elementos que Guattari convoca para compreender os modos de produção subjetiva, entre eles está a concepção de *componentes heterogêneos de subjetivação*. Como vimos, a questão da psique, em Guattari, está associada aos múltiplos componentes que constituem os planos sociais, ambientais, virtuais e estéticos. *A psique, em essência, é a resultante de componentes múltiplos e heterogêneos.*[66] Ou seja, para compreender os processos de subjetivação, ou seja, os processos de constituição das subjetividades (sejam sujeitas ou sujeitadas), é preciso colocar a análise em uma operação transversal, percebendo a subjetividade não como uma unidade individual, como define Reclus; e sim, como um agenciamento que se dá no plano singular juntamente ao plano coletivo, com forças e elementos humanos e não humanos - sem centralidade no aspecto humano do plano. Mesmo com concepções distintas de sujeito e subjetividade, há um fator de aproximação na análise multicomponencial de produção desses sujeitos (Reclus) e subjetividades (Guattari). Esta análise multicomponencial, em ambos os pensamentos, reclama por uma leitura *transversal* ou, ainda, de uma *ecologia generalizada* da Terra - guardando diferenças epistemológicas essenciais de cada tempo-local histórico (o positivismo libertário de Reclus e o pós-estruturalismo de Guattari).

mecanosfera e ecossistema

Aqui é possível traçar uma outra relação que é ao mesmo tempo aproximação-e-diferença entre Reclus e Guattari. Ambos perceberam um funcionamento sistêmico entre as diferentes formas de vida que ocupam a terra e em suas análises há a forte presença de conexões entre essas diferentes formas. Poderíamos fazer aproximações-diferenças entre, nomeadamente, *equilíbrio ecossistêmico,* em Reclus, e *mecanosfera,* em Guattari? Vejam bem, não equivale dizer que tratavam da mesma forma essa *forte conexão entre os elementos da Terra*, já que a mecanosfera não opera por sistemas de equilíbrio, como prescrevia Reclus. Muito pelo contrário, a mecanosfera opera por cortes e conexões, estabilizações e desestabilizações, por rupturas de territórios e re-estratificação de territórios. Por mais que Reclus percebesse o equilíbrio ecossistêmico como algo também em movimento, repleto de variações nos arranjos das suas partes, o ecossistema teria uma tendência à estabilidade. Sobre o movimento no conceito de ecossistema, escreve Ferreira

[65] Ver página 67.
[66] Ver página 66.

(2006): é "algo que obedece a uma evolução atravessada por situações de progresso e retrocesso, de reformas e revoluções, de destruição e de criação, de vida e de morte." (p. 39).

A *mecanosfera é um anti-sistema aberto*, ou seja, a mecanosfera não cessa abrir sua membrana maquínica para acessar os agenciamentos a-signifcantes e pré-verbais, não cessa abrir seus elementos para composições com constelações de coisas que estavam apenas no campo virtual, não cessa de fazer agenciamentos com máquinas abstratas e criativas que empurram sempre mais adiante as fronteiras cósmicas da mecanosfera. Carvalho (2021) interroga-se sobre o que é a mecanosfera:

> Mas o que é a mecanosfera? Está lá no contexto vivencial de Ernst, nos ímpetos do Administrador de Admirável mundo novo e nos indivíduos dopados; está aqui ao nosso lado, com nosso estupor: “coisas de vulto estão acontecendo ao nosso redor sem que saibamos; podemos senti-las; não sabemos o que são; mas que acontecem, acontecem. Toda máquina da sociedade reverbera com elas”. Mecanosfera: reverberação de todas as máquinas em nós, conosco, contra nós, para nós, por nós: meca*NÓS*fera. (p. 180)

A mecanosfera poderia ser definida pela articulação das máquinas sociais, técnicas, capitalísticas, subjetivas, animais, vegetais, nômades, todas as máquinas, as máquinas de máquinas, as máquinas desejantes… todas elas se articulando entre conexões e cortes, sempre em movimento. À mecanosfera é impossível a estabilização e o fechamento em um sistema, já que a máquina imperativamente possuiu em seu núcleo um ímpeto autopoiético. Isto é, no seio da máquina há uma vontade terminal de abolir o que está constituído, que por sua vez, é associado com uma necessidade de organizar uma montagem - uma forma, uma operação significante. Assim, a máquina nunca cessa de fazer, desfazer e refazer seus componentes, conexões e cortes. A mecanosfera opera nas ressonâncias dessa dupla articulação entre abolição da forma-reconstrução da forma, isto é, em constante reordenamento dos elementos que compõem sua mecânica.

Já o ecossistema é um sistema, e como tal fechado, que tende a uma evolução e um progresso: quando natural e apoiada nas três leis (luta de classes, indivíduo autônomo e solidariedade) tende a anarquia e quando apoiada na competição, na dominação, na exploração tende ao Estado e ao Capital. Ferreira (2006) no final de seu artigo arrisca algumas palavras a partir do pensamento de Reclus em relação à *totalidade ecossistêmica*: "é-me lícito afirmar que se torna impossível separar mecanicamente qualquer indivíduo de uma totalidade sistêmica, da qual é interdependente e complementar." (p. 43).

Reclus afirmava uma relação íntima entre evolução e revolução, acreditando que poderíamos perceber uma revolução quando em um espaço e tempo acontecem muitas evoluções simultâneas e concorrentes umas das outras. Era adepto da Revolução Social, como os socialistas libertários defendiam em seu tempo, e acreditava que a revolução social demandava de um processo profundo de transformação subjetiva e coletiva. Escreve Ferreira (2006): "Não acção colectiva credível e emancipação social sem identidade colectiva, sem identidade entre os meios utilizados na luta e os resultados finais das mudanças operadas pela revolução social." (p. 44). É preciso conciliar a emancipação social e a individual em uma dupla operação que atravessa as práticas autonomia, autogoverno e auto-educação. Observando as contradições da sociedade de classes, entre as massas de trabalhadores que vivem alheios aos conhecimentos científicos que lhes caberiam acessar e expandir e co-criar, Ferreira, que aponta uma contradição em Reclus, afirma: que não haverá revolução real e emancipação social enquanto mantivermos os mesmos modos de produção da vida - seja subjetiva-individual, seja material-industrial.

fala livre

A coragem de Reclus diante da ciência, da vida e da educação estava associada a falar e pensar livremente, à desobedecer todo o conjunto de regras que por motivos alheios a mim e aos meus nos é imposta, comenta nessa ode a revolta:

> Pensar, falar, agir livremente em todas as coisas! O ideal da sociedade futura, em contraste e, contudo, na continuação da sociedade actual, explica-se pois, de maneira mais clara. Pensar livremente! Em consequência, o evolucionista, tornado revolucionário, separa-se de qualquer igreja dogmática, de qualquer corpo estatutário, de qualquer agrupamento político com cláusulas obrigatórias, de qualquer associação, pública ou secreta na qual o sócio deve começar por aceitar, sob pena de traição as palavras de ordem incontestáveis. Acabaram-se as congregações que só existem para pôr no Index os nossos escritos! [...] Não mais chefes de qualquer natureza, funcionário, professor, membro do comitê clerical ou socialista, patrão ou pai de família, para se impor como senhor a quem é devida obediência (Reclus, 1906, p. 26 *apud* Ferreira, 2006, p. 46)

Aqui reencontramos com força seu embate com o pensamento acadêmico do seu tempo, sua crítica sagaz a uma certa lógica da produtividade (ainda em formação) denunciado os tarados pelo *Index,* a negação dos clubinhos e partidos políticos com seus centralismos nada democráticos onde se aceita as palavras de ordem de forma incontestável, etc. Sua ode a uma vida revolta e livre é contundente e inspiradora. Encontro ressonâncias desse *falar*

franco nas proposições de Passetti (2006) em um artigo publicado na Revista Utopia intitulado *De conversa em conversa: parrésia anarquista.* Passetti (2006) instiga à uma recusa contundente das tentativas de salvar a sociedade tal como ela é - é preciso deixá-la morrer (p.82), deixá-la morrer como recusa radical do nossa forçado estado civil e da identidade de cidadão (e/ou marginal, pilantra, incapaz, etc) que insistem em colar na nossa testa. Através dos estudos de Michel Foucault - que junto a Deleuze e Stirner que, segundo Passetti, anarquizam o anarquismo e produzem anarquias em outros cantos (p. 82) - sobre a *parrésia* (falar franco), faz a seguinte afirmação:

> O anarquista, entretanto, não aprecia a retórica, é um parresiasta. Problematiza quem exerce a função de autoridade superior, seja ele o filósofo, o professor, o rei ou o chefe da organização. O parresiasta profere a crítica sem medo, sem desconhecer que corre risco. Ele é um perigo para o Estado, para o capital, para qualquer chefe. Não pretende seduzir as demais pessoas com seu discurso verdadeiro atingindo consensos e maiorias. Sabe que as minorias não são numéricas, inventa singularidades, deixa de ter vontade de saber para querer. (Passetti, 2006, p. 84)

Nesta caminhada com Reclus (vários), que agenciou Cubero (2015), Ferreira (2006), Passetti (2002; 2006), Guattari (vários), arrisco afirmar que encontramos algumas ilhas importantes do arquipélago que estamos construindo em torno de uma *anti-educação* ou *ecosofia da educação anarquista*.

Alguns pontos sumários para recuperar traços desse caminhar. Observamos uma dupla ação, que conecta por um lado a *produção de singularidades & indivíduos autônomos* de forma inalienável dos *agenciamentos coletivos & o campo social-ambiental-produtivo.* Acompanhamos também que o indivíduo, para Reclus, é constituído através de uma perspectiva multicomponencial com elementos humanos, não humanos e sociais; o que também acontece com a subjetividade que é constituída por multicomponentes subjetivos, agenciados em um plano heterogêneo com elementos humanos, não humanos e sociais - onde Guattari avança e inclui elementos virtuais, abstratos, pré-verbais e caóticos. Houve também uma tentativa de aproximação (que afirmam diferenças profundas) entre o conceito de *ecossistema* e a *mecanosfera*.

apoio mútuo

Um *poeta da ciência*, como Malatesta gostava de se referir ao anarquista russo, o tal Kropotkin. Foi perseguido por quase todas as polícias da Europa, de origem aristocrata do

czarismo russo, recusa suas origens e passa ser um dos mais temíveis agitadores políticos do anarquismo. Muitas de suas obras que conhecemos hoje como livros, foram publicadas em forma de panfletos e pequenas publicações que serviam a função de agitação social e popular. Sua escrita científica é povoada de um detalhamento literário magnético. Quando lemos *O Apoio Mútuo, um fator de evolução,* é impossível não imaginar com detalhes todas as espécies descritas e não se apaixonar pelas cenas que ele pinta com as palavras.

Entre sua vasta produção bibliográfica, que perfilaram nas estantes de diversas escolas anarquistas ao longo da história, como as que menciono neste capítulo, vou destacar o livro *O Apoio Mútuo - um fator de evolução (1901),* que foi publicado durante cerca de uma década antes em pequenas publicações e inspirou de forma decisiva as práticas em educação libertária.

Kropotkin (2022) ataca com veemência as premissas liberais do individualismo: "Na história da humanidade, a autoafirmação individual foi e continua sendo algo bem diferente e muito mais amplo e profundo do que a ideia tacanha, banal e pouco inteligente que, para um grande número de autores, passa por 'individualismo' e 'assertividade'." (p. 37). Para o anarquista russo, a autoafirmação individual acontece em uma prática constante de coletividade e solidariedade. Não há afirmação individual, afirmação de si, desconectada das práticas comunitárias - do mesmo modo, observa essa premissa em diversas espécies vivas da Terra. Afirma também que não é o amor (confrontando a ideia cristã de amor ao próximo) que garante os laços comunitários entre as espécies, é um *outro* sentimento - escreveu:

> Não é o amor, e nem mesmo a simpatia (compreendida em seu sentido literal), o que leva um rebanho de ruminantes ou de cavalos a fazer um círculo a fim de resistir ao ataque dos lobos, ou lobos a formar uma alcateia para caçar; ou gatinhos ou cordeiros a brincar; ou os filhotes de uma dezena de espécies de aves a passarem os dias juntos no outono. Também não é o amor, nem a simpatia pessoal, que leva muitos milhares de gamos, espalhados por um território do tamanho da França, a formar dezenas de rebanhos distintos, todos marchando em direção a um determinado ponto para cruzar um rio. É um sentimento infinitamente mais amplo que o amor ou a simpatia pessoal - é um instinto que vem se desenvolvendo lentamente entre animais e entre seres humanos no decorrer de uma evolução extremamente longa e que ensinou a força que podem adquirir com a prática da ajuda e do apoio mútuo, bem como os prazeres que lhes são possibilitados pela vida social. (Idem, p. 34)

O anarquista russo irá acompanhar diversos contextos de organização coletiva de distintas espécies animais que ocupam o planeta e vai contrapor a tese que foi defendida por liberais, como Wallace, apoiados nos estudos de Darwin. Em muitos momentos, percebe-se

nitidamente que o ataque aos Darwinista é originado por uma predileção dos liberais por um dos aspectos estudados por Darwin, *a competição entre as espécies*. Conforme Kropotkin, este era apenas um dos aspectos da evolução das espécies analisadas por Darwin, não sendo a única e muito menos a preponderante. Essa crítica se dirige, também, às concepções de Hobbes e os contratualistas, que afirmavam a necessidade de um Estado centralizador, com monopólio da violência para defender a vida em comunidade e individualmente. A análise de Hobbes afirmava que o Homem em seu "estado de natureza" vivia em uma guerra constante de todos contra todos, que legitimou o regime de submissão de todos ao Estado, que por sua vez, tem o monopólio da guerra e do exército. Ao que Kropotkin combate com "A própria persistência das organizações clânicas mostra como é completamente falso representar a humanidade primitiva como um aglomerado desordenado de indivíduos que só obedecem a suas paixões individuais e que utilizavam sua força pessoal e astúcia contra todos os outros representantes da espécie. O individualismo desenfreado é um produto moderno, e não uma característica da humanidade primitiva." (Idem, p. 119). O individualismo e a competição, que são avessos ao que se chamou de *natureza humana*, são invenções dos caminhos políticos e históricos que as sociedades humanas tomaram, através de guerras e submissões de alguns sobre outros. A luta libertária, anarco-comunista, é a afirmação de outros laços entre as espécies que incitem o apoio mútuo e a solidariedade como ferramentas revolucionárias do mundo por vir. Em Kropotkin, gostaria de acompanhar brevemente uma carta enviada para Ferrer, onde o russo aconselha seu amigo e camarada anarquista nos percursos que está trilhando na criação dessa nova escola:

> Tudo está por fazer na escola atual. Sobretudo a educação propriamente dita: isto é, a formação do ser moral, ou seja, o indivíduo ativo, cheio de iniciativa, empreendedor, valente, livre dessa timidez do pensamento que caracteriza o homem educado em nossa época; e ao mesmo tempo sociável, igualitário, de instinto comunista, e capaz de sentir sua unidade com todos os homens do universo inteiro e, portanto, despojado das preocupações religiosas, estritamente individualistas, autoritárias, etc. que nos inculca a escola. (Kropotkin, 2014, p. 73)

Aqui podemos destacar novamente essa dupla ação que estamos perseguindo nessas caminhadas com aliados: singularidade-autonomia individual em conexão direta com grupo-solidariedade. Observamos nas palavras do russo uma orientação para este duplo caminho: por um lado, um caminho que congrega um processo vertical de singularização, de afirmação de si, de incentivo a uma individualidade forte diante do mundo e dos próprios desejos; por outro lado, totalmente vinculada a primeira (não *apesar dela*), um caminho que

exerce uma prática coletiva, conectada com outras pessoas, pensando a sua presença no mundo como uma presença acompanhada de outras presenças (não humanas, vegetais, paisagens, sentimentos, etc), que potencializam os instintos igualitários e comunistas de uma nova sociedade. Ainda nesta mesma carta, faz menção à educação integral:

> Em último termo haverá de se recorrer ao *ensino integral*; ao ensino que por exercício da mão sobre a madeira, a pedra e os metais fala ao cérebro e o ajuda a desenvolver-se. Chegará a ensinar-se a todos o fundamento de todos os ofícios, o mesmo que todas as máquinas, trabalhando (segundo certos sistemas já elaborados) sobre o cando e o torno, modelando a matéria bruta, fazendo por si mesmo as partes fundamentais de todas as coisas e máquinas, o mesmo que as máquinas simples e as transmissões de força a que se reduzem todas as máquinas. (Idem, p. 77).

É certo que as máquinas que Kropotkin está mencionando não são as máquinas de Guattari, afinal, não foram contemporâneos e viveram séculos e horizontes epistemológicos distintos. No entanto, é interessante observar já no seu discurso sobre a educação anarquista o aparecimento da influência de processos maquínicos - a saber, máquinas que mobilizam máquinas. Afirma que é preciso educar de forma integral - tal qual Bakunin, Reclus e Cubero afirmaram nas passagens anteriores - atuando de forma a agir na subjetividade (psique), no corpo (físico) e no pensamento (mental) na investigação de caminhos de liberdade para a autogestão da vida. Kropotkin insinua uma outra presença nessa educação integral, de forma tímida, mas faz um anúncio: o que antes eram as aprendizagens dos ofícios, através de funcionamentos maquínicos artesanais ou manufaturados passa por uma desterritorialização fulcral com as máquinas a vapor, a eletricidade, etc. Esse anúncio agencia dois enunciados que se articulam: há uma necessidade de distribuir os acessos ao trabalho de forma autônoma a todo corpo social; e, há uma mudança radical em curso sobre os modos de produção. Parece que nos adverte, em alguma medida, sobre a necessidade de continuar atualizando o que seria essa educação integral, composta também pelo trabalho, enquanto o trabalho em si está em profunda transformação. Guattari em diversos textos convoca para construção de uma revolução molecular, que atuaria justamente na afirmação de que é impossível analisar o contemporâneo sem introduzir outro modo de produção essencial para a reprodução do capitalismo digital-industrial: o modo de produção subjetivo. O que veremos com maior amplitude no próximo capítulo *o trabalho*.

politecnia

O anarquista francês, agitador popular, opositor e contemporâneo ao pensamento de Karl Marx, responsável pela grafia da palavra *anarquista* como atitude e perspectiva política diante da vida. Proudhon - um vulcão nesta morfologia que estamos percorrendo, sem dúvida. Caminhamos lado a lado nos queimando. Possui uma produção filosófica vigorosa, que contempla em diversos momentos os problemas da educação e da instrução popular. Desenhando algumas linhas gerais do seu pensamento em educação, o anarquista francês fundamenta e propõe uma *educação politécnica* através da *escola-fábrica*, para ele o desenvolvimento do trabalho se dá pela educação e a educação se dá pelo trabalho, são processos que se complementam e se expandem mutuamente. Neste sentido "propone el trabajo artesanal y politécnico (lo que denomina como 'politecnica del aprendizaje') como modelo para la educación integral, pues éste abarca la totalidad del proceso de trabajo en la industria) que empobrece el desarrollo personal, cosa que no ocurre en la agricultura, que supone un conocimiento interdisciplinar."[67] (Cuevas, 2014, p. 79). Podemos compreender o ensino politécnico também através da palavras de Gallo (2007)

> Para Proudhon, essa politecnia da aprendizagem traduz-se na união da aprendizagem com a instrução industrial. Para tanto, é necessário que a educação não se restrinja às ciências, às letras e às artes, de modo geral, isto é, a educação não deve estar voltada apenas para o intelecto, mas deve também dirigir-se para os sentidos e a manipulação das coisas, e o aprendizado manual do trabalho. (p. 58)

Apoiado em sua perspectiva mutualista e federalista, Proudhon afirma que a produção e distribuição do conhecimento (sejam das engenharias às artes) deve ser autogerida pela comunidade a qual faz parte, bem como o trânsito de saberes e práticas deve circular livremente entre as comunidades federadas. Deste modo, o ambiente ideal para criação deste tipo de experiência não seria a escola como a concepção tradicionalista a concebia, voltada para instrução intelectual da classe dominante. Seria necessária a invenção de um lugar onde *as coisas* pudessem ser manipuladas ao mesmo passo que *as ideias* são incitadas, um espaço onde o próprio trabalho como concebido ao seu tempo pudesse ser deslocado-reinventado - este *lugar* seria a escola-oficina.

---

[67] T. A. - propõe o trabalho artesanal e politécnico (o que ele chama de "politécnica de aprendizagem") como modelo para a educação holística, já que esta abrange todo o processo de trabalho na indústria) que empobrece o desenvolvimento pessoal, o que não é o caso da agricultura, o que pressupõe um conhecimento interdisciplinar.

A escola-oficina "deve estar na própria fábrica, aberta a todos, em contato direto com a produção." (Idem, p. 60). A escola-oficina é o espaço para a afirmação de uma multiplicidade do trabalho, não sua divisão como a burguesia pretende. Há um traço importante no pensamento de Proudhon que poderíamos nomear, junto com Gallo (2007), de *anti-progresso*. Observando a alienação do trabalhador em relação ao modo de produção fundado na divisão do trabalho, aposta em uma defesa da generalidade do trabalho frente a especialização do mesmo. Atacando as duas derivações da divisão do trabalho (o sistema de dominação e a diferenciação de classes) afirmava a necessidade de uma educação integral em que a pessoa, independente de sua faixa etária, estaria: por um lado, apta a conduzir materialmente a produção; por outro lado, organizar, coordenar e repensar o próprio processo, abolindo a necessidade dos supervisores, gerentes, administradores, visando a possibilidade de autogestão da produção objetiva e subjetiva.

Para Proudhon[68] a educação precisa ser - além de livre e autogestionada - politécnica. Em linhas gerais, a educação politécnica de Proudhon considera importante, para a abolição das classes sociais e da divisão do trabalho baseada na exploração de um sobre muitos, a instrução fundada nas práticas manuais e práticas mentais. Desta forma, contrariando as premissas educacionais do seu tempo, a classe trabalhadora e as comunidades federadas deveriam autogerir localmente seus processos educacionais, começando nos campos técnicos e manuais, através das oficinas de trabalho e depois desenvolvendo este conhecimento em salas de aula com instruções teóricas sobre a experiência prática. O anarquista francês pensava que ao instruir todos com as possibilidades de produzir fisicamente e mentalmente, todos poderiam desenvolver suas potências de forma autogerida, a partir dos interesses de cada pessoa e cada comunidade. Apenas dessa forma os avanços técnicos e científicos poderiam se libertar das correntes da dominação e produzir autonomia e liberdade.

> Em uma democracia real, onde cada um deve ter a mão, a domicílio, o alto e o baixo ensino, essa hierarquia escolar não poderia ser admitida. É uma contradição ao princípio da sociedade. Tão logo a educação confunde-se com a aprendizagem, tão logo ela consiste, no que concerne à teoria, na classificação das ideias, bem como, em relação à prática, na separação dos trabalhos; assim que se tornou simultaneamente coisa de especulação, trabalho e administração, ela não pode mais depender do Estado, é

[68] O trecho deste texto iniciado em "Para Proudhon…" (p. 112) até "a destinação do pulso de vida, dos sujeitos e dos povos" (p. 115) já foi publicado em Limongelli, Rafael (2022). Uma conversação entre ferrer y guardia, lacerda de moura e félix guattari. In Carmen Cavaco, Fernando Albuquerque Costa, Joana Marques, Joana Viana, Rúben Marreiros, Ana Rita Faria, Nuno Dorotea (org.). Atas do XXIX Colóquio da AFIRSE Portugal Instituto de Educação da U.Lisboa, fevereiro de 2022 - Lisboa, Portugal.

> incompatível com o Governo. [...] Mas, uma vez mais, qual a necessidade de autoridade para isso? (Proudhon, 2018, p. 81 *apud* Limongelli, 2022, p. 300)

Encontramos muitos ecos do pensamento de Proudhon em Ferrer y Guardia e irei apontar apenas alguns pontos candentes ao debate em torno do racionalismo e da ciência: o primeiro em relação à crítica da série *ciência-autoridade-governo* e o segundo em relação a série *educação-classe-dominação*.

ciência-autoridade-governo

O positivismo e racionalismo de Ferrer abolia qualquer tipo de autoritarismo científico ou necessidade de hierarquia do conhecimento para produzir ciência, esta é a tese da série *ciência-autoridade-governo*. Para Ferrer o pensar racional era importante para combater os dogmas clericais e conduzir o pensamento para práticas experimentais que verifiquem a verdade a partir da experiência, aferidas (com seus próprios métodos) por cada comunidade e cada pessoa. Ferrer combateu duramente qualquer tipo de salvacionismo religioso, político, humano e científico. O racionalismo de Ferrer estava debruçado em derrubar estátuas, ídolos e dogmatismos. Comenta Gallo (2007):

> […] embora declare-se positivista, a grande coqueluche na época, Ferrer afasta-se muito dos positivistas propriamente ditos, para quem a ciência, por si só, poderia trazer a emancipação do homem e o progresso. Na perspectiva de Ferrer em particular e dos anarquistas em geral, a ciência só pode ser o veículo do progresso desde que seja devidamente distribuída pelo conjunto da sociedade (p. 76 *apud* Limongelli, 2022, p. 301).

Podemos afirmar, que a ciência de Ferrer vasculha por uma verdade fundada na dúvida e no questionamento. Nenhuma autoridade poderia ser admitida. A luta e a chama que ardiam as práticas da Escola Moderna de Barcelona, convidam à práticas de solidariedade diante do conhecimento, à práticas investigativas comunitárias e coletivas. Coletividade onde cada um pode expandir sua potência e liberdade ao infinito e, deste modo, a liberdade e a potência deste grupo expandem também ao infinito. Continua seu argumento:

> Demontrar às crianças que enquanto um homem depender de outro homem serão cometidos abusos e haverá tirania e escravidão, estudar as causas que mantêm a ignorância popular, conhecer a origem de todas as práticas rotineiras que dão vida ao atual regime insolidário, fixar a reflexão dos alunos sobre tudo que à vista nos é apresentado: tal deve ser o programa de nossas escolas racionalistas. Não percamos então tempo pedindo a outros o que corresponde a nós e nós mesmos podemos obter. (Ferrer y Guardia, 2014, p. 91 *apud* Limongelli, 2022, p. 302)

Ferrer apostou junto com Proudhon na potência múltipla da coletividade e do povo: não como uma representação que deve ser barganhada por políticos, polícias, exércitos e industriais; mas como potência de autogestão e autodeterminação. Somente através dessa força autogerida e autodeterminada a ciência poderia realizar sua forma de investigação e questionamento do mundo, independente de qualquer autoridade e lutando pela sua abolição.

educação-classe-dominação

A conversação em torno das estratégias de autogestão e autonomia são essenciais para discutir esta segunda série *educação-classe-dominação.* Em sua perspectiva, o anarquista francês, comenta sobre o povo:

> O Povo é um ser coletivo! Aqueles que o exploram desde tempos imemoriais e mantêm-no em servidão precipitam-se sobre essa coletividade de sua natureza para dela deduzir uma incapacidade legal que eterniza seu despotismo. Nós, ao contrário, extraímos da coletividade do ser popular a prova de que ele é perfeita e superiormente capaz, de que ele pode tudo, e não necessita de ninguém. Trata-se apenas de colocar em ação suas faculdades. (Proudhon, 2018, p. 77 *apud* Limongelli, 2022, p. 303)

Povo abandona qualquer característica representativa e se torna potência de realização no mundo, talvez, como veremos adiante no texto, possa constituir agrupamentos federalizados de forma autônoma, podendo se realizar como grupos-sujeito, como escreveu Félix Guattari. Com Guattari os grupos-sujeitos inventam para si os próprios modos de vida, através de agenciamentos coletivos, territórios existenciais com marcos referenciais próprios, produzindo auto-modelizações inventivas e insubmissas. Proudhon destaca em seu argumento como a educação e a aprendizagem se relacionam nesta equação:

> Separar, como se faz hoje, o ensino da aprendizagem, e o que é ainda mais detestável, distinguir a educação profissional do exercício real, útil, sério, cotidiano, da profissão, é reproduzir, sob uma outra forma, a separação dos poderes e a distinção das classe, os dois instrumentos mais enérgicos da tirania governamental e da subalternização dos trabalhadores. Que os proletários pensem nisso! (Proudhon, 2018, p. 80 *apud* Limongelli, 2022, p. 303).

Para Ferrer a coeducação das classes sociais era uma premissa essencial para a prática insurgente da Escola Moderna. Uma coeducação que não procurava qualquer tipo de conciliação da guerra de classe, acreditava na importante potência da rebeldia, comenta o catalão:

> A rebeldia é uma tendência niveladora, e portanto, racional, natural, e não quero dizer justa, porque a justiça anda desacreditada com suas más companhias: a lei e a religião. Direi bem claramente: os oprimidos, os espoliados, os explorados devem ser rebeldes, porque devem reclamar seus direitos até conseguir sua completa e perfeita participação no patrimônio universal. (Ferrer y Guardia, 2014, p. 51 *apud* Limongelli, 2022, p. 304)

A educação racionalista de Ferrer propôs realizar no presente a utopia que os revolucionários de sua época estavam aguardando para depois da grande revolução. Gostaria de inventar no presente, na prática cotidiana a experiência comunitária e racionalista que aboliria quaisquer privilégios de qualquer classe. Acreditava que a rebeldia e o conflito entre as classes iria aparecer em sua "boa hora" (2014, p. 52), mas antes era preciso co-criar as crianças em um espaço de liberdade e igualdade de possibilidades, principalmente para abolir qualquer tentativa de reprodução de dominação das classes, podendo o filho de um industrial querer ser um artista como um filho de operário querer ser um poeta. Quando a rebeldia aparecer, que ela incendeie e transforme a sociedade que vivemos, varrendo consigo as classes e as dominações. Cada comunidade federada, apoiando essa argumentação em Proudhon, cada grupo-sujeito, apoiando essa argumentação em Guattari, poderá inventar e organizar para si suas formas de produção material e subjetiva, liberando das amarras da classe a destinação do pulso de vida, dos sujeitos e dos povos.

ciência encarnada[69]

Certamente caminhar com Maria Lacerda de Moura provoca um desapaziguamento profundo. Estar junto do seu pensamento é um vendaval que rebenta qualquer estrutura e dogma. Seu modo de pensar é profundamente multifacetado e atravessa uma erudição larga em uma diversidade de temas - como fisiologia, biologia, sociologia, filosofia, política, economia, educação, militarismo, astrologia, religiões, antifascismo, etc. Esta erudição caminha associada à uma prática militante cotidiana e uma revolta diante da vida, do patriarcado, do capitalismo, das religiões, do Estado. Se Stirner encarnava o *anarquismo da anarquia*, Moura (2021) alastra a anarquia-da-anarquia e produz efeitos desterritorializantes no pensamento libertário sobre educação e ciência. Foi feroz defensora de uma *outra racionalidade* que a distanciava, em alguns aspectos, das perspectivas de alguns de seus

[69] Venho desenvolvido este conceito em outros trabalhos, com destaque à Limongelli, Rafael. (2021). *Racionalismo, experimentação e afetividade* in Edson Passetti, Sílvio Gallo e Acácio Augusto (organização). Anarquistas na América do Sul, vol. 1. São Paulo, Hedra.

contemporâneos libertários, que praticavam uma educação-ciência num sentido "dogmático da Deusa Razão" (Moura, 2021, p. 57).

Vale destacar que nasceu em uma família simples, no interior de Minas Gerais, "nascida em 16 de maio de 1887, em Manhuaçu / MG, na fazenda de Monte Alverne, Maria Lacerda de Moura é filha de Modesto de Araújo Lacerda e Amélia Araújo Lacerda, simpatizantes de ideias anticlericais e suas primeiras influências de contestação." (Gonçalves; Bruno; Queiroz apud Moura, 2015, p. 6). Sua família não possuía grandes fortunas, no entanto, eram defensores da modernidade e do livre pensamento, correntes que estavam próximas ao pensamento espírita e maçom no Brasil no início do século XX. Miriam Leite (1997) destaca que ela vivia em condições "modestíssimas de vida, com muito trabalho" (p. 244) e "Era uma autodidata que se diferenciava dos pobres pelo diploma de professora e pelo vigoroso empenho de lutar pela educação e pela libertação das convenções sociais" (Idem). Em sua análise contrapôs um ensino fundamentado na diplomação. Foi contra à máquina de produção de diplomados *almofadinhas*[70]: "É indispensável tirar do diploma o valor sobrenatural que ele empresta ao brasileiro e aproveitar as capacidades e as vocações" (Moura, 2018, p. 119). No capítulo anterior lancei algumas pistas da sua biografia e do seu pensamento em educação e ciência, que retomaremos agora nessa caminhada, tomando por base duas publicações importantes da autora: *A mulher é uma degenerada* (1924; 2018) e *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica* (1934; 2021).

degenerada

Moura (2018) ataca frontalmente um conhecido psiquiatra, Miguel Bombarda, que publicou o livro *A Epilepsia e as pseudo epilepsias* (1896) em que defendia a tese que o cérebro da mulher por ser menor e mais leve, indicava que as mulheres eram degeneradas em relação ao homem. Isto é, menos propensas para as atividades intelectuais e científicas. Através do embate com diversos outros teóricos das ciências e do patriarcado, que tentavam fazer uma tradução de conceitos fisiológicos para os discursos psico-sociais[71], provoca uma interessante inversão: ao comparar o cérebro de diversos grandes pensadores com as pesagens

[70] Ela utiliza o termo *almofadinha* para se referir aos filhos das elites brasileiras que se formavam (no Brasil e na Europa) em alguma área científica ou profissional liberal, de advogados à médicos, e, além de não possuir nenhuma relação com as formas de produção das suas próprias áreas (trabalho intelectual alienado), reproduzem discursos machistas e patriarcais de rebaixamento das mulheres nessas profissões liberais e científicas.

[71] É possível acompanhar com detalhes esse debate entre as páginas 100-114 do livro *A Mulher é uma Degenerada* (2018).

dos cérebro das mulheres apresentadas em diferentes estudos, faz cair por terra o discurso que a mulher teria um cérebro menor, portanto, menos dotada de inteligência e vocações. "Diante dos fatos caiu por terra a teoria antropologista defendida por alguns apaixonados da inferioridade feminina em razão do menor peso do cérebro." (Moura, 2018, p. 114). Sua relação com a ciência é anárquica e autônoma, acredita que a ciência tal como conhecemos através do pensamento régio é falha, alertando para outros funcionamentos-procedimentos que atravessam o pensamento e o conhecimento. Escreve Moura (2018): "Há leis desconhecidas para nós, imbuídos de uma ciência falha, pretensiosa." (p. 36).

Seu feminismo estava apoiado em um confronto contra o Estado, a Sociedade, a Igreja, o Capital e o Patriarcado. Para ela, a questão da instrução feminina, a educação da mulher e a coeducação dos sexos são ações necessárias para a real possibilidade de emancipação social. Enquanto a sociedade conceber as mulheres como "têm sido cantadas pelos poetas e psicólogos baratos: esfinge, enigma, infantilidade, mixto de escrava e rainha que se paga com uma joia e tem exigências de cortesã." (p. 80), não haverá possibilidade de construção da liberdade social. Em seu texto diz que alguns homens pensadores são adeptos de ceder alguns concessões para as mulheres, no entanto, com limitações: "Quer dizer que as mulheres são honestas quando ignorantes ou pouco inteligente [...] para evitar o terceiro sexo, acham que a educação moderna deve permitir e aproveitar as médicas, as advogadas, banqueiras, etc., porém não *deve* proporcionar para todas as mulheres as profissões liberais e 'viris'.". (p. 84). Deste modo, traçando uma linha definitiva sobre a questão da instrução feminina em seu pensamento, é categórica: "A coeducação se impõe. Que todas sejam educadas ao lado do homem. As profissões liberais ao alcance de ambos os sexos. O que é preciso é educar a mulher para o lar e ao mesmo tempo para a sociedade, isto é, para a plenitude do seu desenvolvimento, para sua individualidade. Uma coisa não exclui a outra. Não a coedução com fito de acariciar idiossincrasias masculinas…" (p. 87). Também destacamos dessas citações uma postura feminista que se afirma através de uma análise classista da sociedade - o que soma à sua crítica sobre a luta das feministas sobre o sufrágio universal. Para Moura (2018) nada adianta uma emancipação das mulheres já privilegiadas da sociedade, partes das grandes famílias agro-industriais e milico-governamentais. A liberdade que procura construir se dá através da emancipação que precisa incluir *as de baixo*: as trabalhadoras das fábricas, as crianças, as donas de casa, as mães, as pretas, etc. Para Moura a coeducação sexual está intimamente conectada com a coeducação das classes, como escreveu também Ferrer y Guardia (2014).

experimentalismo anti-excesso racionalista

Ainda no livro de 1924, Moura (2018) desenvolve algumas questões pertinentes sobre um aspecto inovador (e libertário) para as ciências, tão *pretensiosas* em suas práticas de conhecimento. Tão cristalizadas nas suas produções de verdades. Para Moura (2018) a ciência terá um caráter profundamente experimental e é atravessada por elementos heterogêneos. O corpo e suas singularidades são incluídos como superfícies de produção dos sentidos, do conhecimento e da aprendizagem. Para ela, a educação racionalista se afasta de um universo harmônico para experimentar as verdades em um processo de desarmonia: "é a harmonia dentro da desarmonia" (p. 72).

Como Bakunin, Reclus, Kropotkin, acreditava que a ciência é uma prática coletiva, comunitária, e, portanto, "a ciência verdadeira é tolerante, é a investigação, o respeito à verdade no benefício coletivo." (Idem). É em sua afirmação de que a *vida é diversa* (p. 94) que funda sua postura de desconfiança diante dos *excessos de racionalismo* (Moura, 2021, p. 51). Apresenta estudos contemporâneos de outros intelectuais, como J. Dewey, que estavam desenvolvendo alguns avanços significativos sobre a importância de *uma educação dos sentidos*, através da vontade, do desejo e do afeto. Afirmava que as escolas, *contra as quais as crianças naturalmente são*, precisavam incorporar experimentos que proporcionassem pistas sobre os gostos, os desejos, as vocações para viver essa tal *vida diversa*. Para tanto, lança a proposição de *escolas-ateliers,* que encontramos ressonâncias nas *escolas-oficinas* de Proudhon[72], no entanto, com atualizações sobre a relação com o corpo. O corpo como superfície que não se exercita apenas pela higiene, ginástica ou trabalho, como os anarquistas do início do século XX afirmavam. O corpo nas escolas-ateliers são *suportes* para a educação dos sentidos, da sensibilidade, da vontade e do desejo. Para Moura (2018) não se trata apenas de ensinar ofícios, mas afirmar o axioma de Anaxagora: "*o homem pensa por que tem mãos,* o desenvolvimento das faculdades intelectuais, das faculdades inventivas, criadoras, pela educação dos sentidos" (p. 98). Esta educação dos sentidos, feita pelas mãos que mobilizam a intelectualidade, é nítida para o pensamento contemporâneo em educação, porém, em 1924, insuflou uma grande inovação. Sua proposta incita as capacidades criadoras e inventivas: a abertura para a criação estética da existência. Além de constituir as subjetividades através da relação singular-coletivo, haverá um novo acoplamento junto à uma máquina de criação

[72] Ver página 112.

estética, que produz o contato com um novo, abstrato, metafísico, imaginário, etc. Para Moura (2018), "Cada escola primária, cada grupo escolar, cada academia deve ser uma oficina para a vida e não fábrica de diploma" (p. 119). Percebam, uma oficina para a vida, este plano de acontecimentos *diversos* que a ciência régia não pode captar por completo em leis e universais. Ela amplia os gradientes possíveis sobre o que a ciência libertária produz como conhecimento para além da ditosa Razão.

Neste ponto, inserida no debate de uma *educação integral*, faz coro aos anarquistas que estamos caminhando juntos neste capítulo, afirmando que o trabalho intelectual e o trabalho manual caminham juntos, ambos se fortalecem mutuamente (mantendo suas diferenças). Todo trabalhador deve poder fazer ciência e todo cientista deve trabalhar e produzir para a coletividade. Ambos produzem conhecimento, com múltiplos componentes (como vimos em Reclus) entre aspectos subjetivos, culturais, manuais, trabalhistas, sociais, etc. Ao mesmo tempo que soma voz ao coro dos educadores da racionalidade, imprime uma dissonância importante, ao apontar que há diversidade de vida que está para além da Razão e da Ciência. Essas coisas diversas para além do pensável (do *cogito)*, são componentes essenciais para a construção do racionalismo libertário e da ciência anarquista, a qual denominei como *ciência encarnada* (Limongelli, 2021, p. 35).

Muito se fala da influência de Stirner no pensamento de Moura, apontando, inclusive, seu anarquismo com um rótulo de anarquismo elitista. Localizando Moura do lado *anarco-intelectualóide* (de forma pejorativa, como alguém destacado das lutas materiais da sociedade). Suas relações com Stirner são evidentes, cita-o em seus textos e muito de sua verve é ressonância do seu pensamento. No entanto, Moura, é uma autodidata, que teve uma formação básica inicial e conseguiu um diploma de professora através do ensino normalista de uma cidade do interior de Minas Gerais. Fora isso, sua formação se dá através das lutas em torno do feminismo, do antimilitarismo, do antifascismo e da anarquia, frequentando sindicatos, movimentos operários, escolas, jornais, círculos de pesquisa, grupos de resistência, etc. Percebemos em seu pensamento traços fundamentais do pensamento de Bakunin e sua recusa inconteste diante de qualquer cristalização ou hierarquia. Vemos estes gestos implicados prática de demolição-criação[73], fomentados Bakunin ressoando no pensamento de Moura (2018): "Assim é indispensável revolução na educação, a fim de ruir todo o edifício antigo e reconstruir novos alicerces mais sólidos, racionais e científicos" (p.

[73] Ver páginas 18 e 92.

102). A experiência sindical da anarquista mineira é vasta (vide sua presença constante em comícios e veladas[74]), sua experiência educacional também, não só no magistério formal, como professora particular e professora da Academia de Comércio Saldanha Marinho dirigida pelo anarquista João Penteado.

sonhos, afetos, desejos e jogos

Ela fala sobre os *sonhos*.

E isso é um problema para alguns anarquistas. Há uma virilidade estéril da ciência anarquista - que foi composta de fato por muitos homens ao longo da história, ocultando outras tantas mulheres - que se ofende com as *ideias místicas* de Moura e tenta diminuir seu pensamento a nomeando de *anarco-individualista* e *anarco-mística*. É verdade que em algum momento de sua vida irá se afastar das lutas coletivas, após ter experimentado muitas batalhas, fugas, perseguições, greves, etc. Neste afastamento irá incentivar um individualismo mais contundente e uma aproximação com aspectos místicos da existência. No entanto, isso não rebaixa seu pensamento, nem o diminui, nem o coloca no campo das religiões no seu aspecto de dominação: "a religião é a muleta para os fracos e ignorantes" (Moura, 2021, p. 55) . O misticismo de Moura é imanente e fundado na experiência. Escreve Moura (2018) sobre a experiência: "Considerando a experiência como a única mestra da vida, considerando a educação profissional como tendo base científica - toda escola deve ser laboratório, oficina. A iniciativa, a vontade, o ideal só é atingido pelo esforço, pela ambição de se realizar, pelo estímulo nascido das faculdades latentes - uma escola da vida" (p. 103). Seu individualismo é a afirmação da autonomia individual dentro de uma comunidade livremente associada - o que nada difere do preconizado por Proudhon, Bakunin, Reclus, Kropotkin… Escreve Moura (2018), em palavras muito simples, para que *todes*, inclusive os machos-anarquistas, entendam: "Aí temos o indivíduo e a sociedade. Nem o indivíduo tem direito de visar seu próprio *eu* egoisticamente, sem olhar o interesse coletivo, nem a sociedade tem direito de absorver o indivíduo." (p. 101). Não há em Moura um individualismo liberal em que a ação de alguém acontece à revelia das outras ações de outras pessoas no mundo coletivo. Moura afirma esse duplo fator de produção subjetiva, entre singularidade e coletivo.

[74] Mendes, Renato. (2021). Dito e o não dito sobre o maldito teatro anarquista: uma pedagogia libertária do Teatro Social operário em território brasileiro. Unicamp - Faculade de Educação. Dissertação de Mestrado.

Aprofundando a ideia de *educação pelos sentidos, pelos afetos e pelo desejo,* Moura (2018), apresenta a noção de *jogo*, como elemento importante dessa característica da educação racionalista. Escreve Moura (2018, p. 125): "A ciência prova: entre os fatores do desenvolvimento mental está o jogo, cujas diversas teorias se completam dando-se vantagens múltiplas.". Neste sentido, o trabalho manual (assim como o intelectual) é uma continuação do jogo. Complementa sua análise: "É mais do que tudo isso, mais que um passatempo, é também um trabalho intelectual e por conseguinte uma escola do pensamento e da vontade. E o *atelier* escolar não é senão um amontoado de jogos motores, de imaginação, jogos intelectuais, sensoriais, de atenção, artísticos e excitadores da vontade. " (Idem, p. 126). Nesta farta argumentação destaco o termo *excitadores da vontade.* Moura, assim como Stirner e Bakunin, prescrevem que a *vontade* é mais importante no processo de educação do que o *saber.* É o desejo, a sensibilidade, a criação artístico-estética que consiste no objetivo da educação libertária, o qual ela precisa excitar, atiçar, incendiar, inflamar. O jogo, neste sentido, não é uma atividade de transição, relaxamento ou simples exercício físico (como os jogos coletivos, vôlei, futebol, etc). Aqui o jogo é parte integrante do funcionamento da máquina de aprendizagem em sua mecânica e seu desenrolar. A saber, as mãos[75], os sentidos, os corpos, são produtores e atiçadores do desejo que compõe as práticas experimentais da ciência anarquista. Os registros e as narrativas da Escola Moderna, acessados pelos livros, entrevistas, reportagens e pelos Boletins da Escola Moderna, deixam evidente a aposta em estratégias afetivas como parte essencial do processo pedagógico. Comenta Gallo (2014):

> Aí vemos uma significativa inovação de Ferrer, que a pedagogia moderna ainda não teve a coragem necessária para enfrentar, muito menos para incorporar: a afirmação de que aprendemos pelo afeto. Isto é, as crianças só aprendem quando são afetadas por aquilo que será aprendido, quando aquilo desperta nelas a curiosidade, o desejo de aprender. Por isso, ele afirma que embora o aprendizado seja um ato mental, racional, nada se aprende se antes não passar pelo coração, se não mobilizar o desejo. (Gallo, 2014, p. 13 *apud* Limongelli, 2022, p. 305)

O segundo livro que gostaria de abordar nessa análise, escrito dez anos depois de *A Mulher é uma degenerada*, é a obra *Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica* (1934; 2021). Como o próprio título já entrega de cara, é uma análise (e espécie de homenagem) do pensamento Ferrer y Guardia e seus *postulados*[76] sobre educação e ciência. Neste livro,

[75] Ver o trecho referente ao caminhar com Bakunin, quando insiste que a ciência precisa se sujar com mãos que produzem a vida como ela, as mãos dos povos, que plantam, que trabalha nas fábricas, que produzem arte, etc. Bem como, lembrar da menção de Moura ao re-introduzir o paradigma de Anaxagora: "o homem pensa por que tem mãos".

[76] Durante o livro, Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica (1934; 2021), entre admiração e incômodo diante de qualquer produção de mitos e ídolos, Moura se refere à Ferrer como apóstolo, seja da não-violência, seja

Moura analisa profundamente o pensamento de Ferrer e o racionalismo. Ali aponta para grandes descobertas e realizações do educador catalão, como também fricciona seu pensamento através de críticas e atualizações. O mesmo procedimento acontece com o pensamento de Stirner, com o qual ela se aproxima e, também, faz uma crítica severa.

inimigo de quatro patas e máquina escolar

Moura (2021) ataca de forma feroz o que ela identifica como as quatro patas do Estado: "o capitalista, o militar, o sacerdote e o político - dos quais, o capitalista e padre exercem predomínio absoluto." (p. 36). O Estado, o filho querido, o *almofadinha* da mamãe, a sociedade. Moura (2021) invoca a imagem mãe-filho para afirmar que quem cria o Estado é a Sociedade, não o seu oposto: "todo ensino contrário ao Estado é antissocial! Claro! O Estado é o filho dileto da sociedade…" (p. 39). É preciso combater a sociedade e suas práticas, para que ela possa ser outra, através de uma nova constituição das classes e das subjetividades. É preciso transformar os modos de produzir e viver, cultivar e relacionar, etc. Afirma uma outra sociedade, aquela sem Estado e sem centralismos. Conclama Moura (2021): "Assim, qualquer Estado aproveita-se da sua autoridade, da força para defender a sociedade ou o partido político que tem o poder nas mãos. Ir contra a prepotência do Estado que faz da escola o meio de assegurar a sua hegemonia ou a açambarcamento de uma dinastia ou de um partido - é o dever dos verdadeiros revolucionários, de todos os seres humanos que amam a liberdade e respeitam os direitos da criança." (p. 39).

Há um gesto imperativo (ético) diante da escola (a religiosa e a oficial): estas precisam ser combatidas e destruídas. É através da escola, enquanto máquina-escolar, enquanto equipamento coletivo, que se assegura a hegemonia das dinastias, dos partidos, dos bancos, da Amazon, do Grupo Pão de Açúcar, da Google, etc. Recuperando que as máquinas em Guattari são agenciamentos que conectam diversos elementos, heterogêneos entre si (ideias, pessoas, territórios, classes, capital, Estado, etc) e que fazem produzir modulações-padronizações nos modos de produção subjetiva. Podemos anexar ao que Moura chama de escola oficial e religiosa, ao que conhecemos hoje por máquinas-escolares. Em temporalidades diferentes, é claro! Se antes a Igreja Católica e a Oficialidade do Estado estavam envolvidas nestes agenciamentos educacionais como polos de poder de subjugação;

---

daquele que sonha em criar um Éden na terra, entre outras. O termo postulado parece vir da mesma relação ambígua entre inspiração e necessidade de não criar ídolos.

hoje, temos as mais diversas tendências e polaridades de subjugação que atravessam as escolas: polícias, partidos, igrejas de diferentes matizes, fundações educacionais de bancos, indústrias, agronegócio, programas de saúde, indústrias alimentares (lembrar os escândalos da alimentação das Escolas Estaduais de São Paulo e a Friboi-JBS), projetos diversos de capacitação profissional para atuar como mão de obra pouco qualificada para grandes corporações (Redes de Supermercado, principalmente), etc, etc… Uma máquina hipercomplexa que agencia elementos muito heterogêneos que atuam para modular as subjetividades dos jovens e crianças através da educação. A escola atua como um equipamento coletivo e aparelho de Estado, que captura as formas de resistência e as modula à sua vontade. Modulações que são permissivas e desejantes dos interesses dos capitalistas, dos militares, das igrejas, das polícias e das políticas. À esta escola é preciso combater e destruir.

O conceito de máquina escolar é desenvolvido por Carvalho e Camargo (2015) em um ensaio intitulado *Guattari e a topografia da máquina escolar*, onde apresentam uma análise com uma dupla hipótese: a primeira, afirma que a escola é produtora de modelizações subjetivas responsáveis por garantir o assujeitamento dos sujeitos; a segunda, que investiga como provocar curto-circuitos no interior da máquina. Apoiados em Guattari, Carvalho e Camargo (2015), escrevem "que as diferentes máquinas técnicas, sociais e subjetivas parecem funcionar isoladamente, sem qualquer ligação, temos, na verdade, uma gigantesca engrenagem formada por inúmeras máquinas que fazem funcionar a gigantesca máquina planetária conhecida por todos nós como capitalismo." (p.109). Essa gigantesca máquina de máquinas que se conecta com micro-máquinas espalhadas por todo tecido conformam a máquina capitalista. O espalhamento das formas de produção capitalistas para todos os campos sociais, indo além do trabalho tradicional (produção, consumo, mais-valia) abarca outras formas produtivas, capitalizando-as: o trabalho da mulher na casa, o trabalho do aluno na escola, o trabalho do espectador de um filme, etc. A sociedade com a produção capitalista capilarizada por toda sua mecânica (megamáquinas articuladas com máquinas articuladas com micromáquinas, etc) Guattari, Carvalho e Camargo (2015) nomeiam de sociedade *capitalística.* Para tanto, determinam três motivos para este termo.

O primeiro, consiste na interdependência dos fluxos maquínicos do capital, conjurando as formas de produção, trabalho, consumo e também "entram em questão os elementos culturais, os feixes de significantes-significados, as formas de percepção e de

apreensão de tudo o que se pode conceber por realidade, ou o “meu” mundo, incluindo as próprias disposições de convivência das relações humanas." (Idem, p. 112).

Em segundo lugar, consiste em afirmar essa produção subjetiva capitalística pelos equipamentos coletivos e máquinas sociais não como um bloco unívoco. Operam muitas variações de intensidade e cada máquina-escola é atravessada por outras tantas máquinas que variam de povoamento para outro. Não é um universal. No entanto, atua sempre na redundância das modulações normalizadoras. "Essa variação de intensidade, contudo, converge para uma mesma política de afirmação de desejo no campo social e de afirmação de um modo de produção da subjetividade e da relação com o outro. Tudo é sempre animado para controlar e bloquear o que possa desestabilizar o fluxo do controle capitalístico." (Idem, p. 113).

Em terceiro lugar, como um equipamento coletivo maquínico, inserido nos contextos da sociedade capitalística, a escola, não poderia se desvincular de um modo de produção industrial. "Uma vez que a máquina capitalística segue par e passo com a sociedade industrial, a subjetividade tende a ser produzida em linha seriada, contínua e massificada." (Idem, p. 113)

Como equipamento coletivo que serve para modelização das formas subjetivas das pessoas que estão maquinadas no processo, a escola, reproduz por toda sua complexidade uma série de micromáquinas que estimulam a hierarquia, a obediência, a individualização, a competição, o super-egoísmo, etc. Sejam alunos, sejam professores, todos estão submetidos às modulações subjetivas capitalísticas quando estão agenciados à máquina escolar: maquinados pela serialização dos conhecimentos, pelos regimes precários de trabalho, pelos sistemas de penalização e premiação, pela identificação com a norma ou com a anormalidade, etc. A escola, como máquina social dentro da máquina capitalística, constantemente abastece a sociedade capitalística com novos assujeitados: "Não apenas por preparar exclusivamente os estudantes para o ciclo de produção de bens e de serviços como futuros trabalhadores que ocuparão postos de comando ou de sujeição, ou ainda, consumidores abastados ou desabastados, mas, sobretudo, por produzir nesses jovens determinadas maneiras de sentir, de pensar, de se comportar, de desejar, de falar e de se relacionar uns com os outros, pautados nos valores capitalísticos." (Idem, p. 115).

A máquina escolar está localizada nos entremeios das conexões e cortes da máquina capitalística. Deste modo, pensada como instituição modelar, isto é, que produz modulações

subjetivas, as escolas desde seus espaços cercados, suas arquiteturas militares (dos espaços das cadeiras, grades, gaiolas, etc), sua economia das notas e avaliações, sua serialização de gênero, suas distinções de classes, suas práticas individualizantes mediante ao castigo e recompensa, produz o grande exército assujeitado para a sociedade capitalística. "Por isso mesmo, a máquina escolar se torna um local de iniciação ao modo de vida capitalista, pois ajuda a promover a laminação das subjetividades dos estudantes e de todos os indivíduos que circulam pelo seu espaço." (Idem, p. 120).

anti-escolar

Retomando, era claro para Moura (2021) que Ferrer "praticou mais o crime abominável de ser absolutamente sincero e defender, incondicionalmente, a criança - contra a escola religiosa e contra a escola oficial." (p. 36). Podemos arriscar uma análise em que a criança se posiciona contra a escola, como anti-escolar? Contra esta escola tal como a conhecemos? Ora, essa tal escola é dominada pelos super-elefantes: "O que a malícia de todos "sociólogos" e "professores" deseja é a socialização das massas e da individualização deles, a exceção para os tipos do escol… parasitário. São os super-homens, os super-elefantes da cultura e dos privilégios."(Idem, p. 38). Um dos super-homens com que Moura debate frontalmente, neste livro, é Durkheim, que estava sendo celebrado pelos educadores de Estado no Brasil no período dos anos 30 do século XX. De forma franca e direta, Moura denuncia: "Durkheim prega uma educação fascista na qual o Estado, a serviço de um ditador qualquer, decreta a escola-comunidade e prepara a juventude na selvageria e na brutalidade para o assalto ao poder e ao dominismo." (Idem, p. 40). Um dado interessante para esta denuncia, foi o local que ela foi proferida em 1931: na sede da Liga Anticlerical, em São Paulo em uma comemoração de 22 anos da morte Ferrer, depois publicada em novembro de 1931 pelo *Diário de Notícias* e republicado pela *Biblioteca Terra Livre* dentro do livro *Ferrer* (2021b), onde há um versão facsímile da capa de jornal/filipeta com uma foto de Moura (p. 125). Nesta publicação, três anos antes da publicação do livro - em que Moura segue com sua militância ativa junto a outros coletivos e espaços da luta libertária - faz uma importante observação: "Todos reivindicam a escola como uma arma voltada para o futuro das suas ambições. Todos querem, todos se arrogam o direito à exploração da alma da criança." (Moura, 2021b, p. 119). Todos querem inculcar alguma coisa na cabeça das crianças em um investimento de interesse capital-religioso do futuro: a fé e a prosperidade do amanhã

residem nas crianças! Não se cansam de resmungar isso por aí. À esquerda, à direita, por cima e por baixo, todo governo quer administrar a vida das crianças em nome do futuro da nação, e hoje, mais do que nunca, do futuro do planeta. Podemos pensar, neste sentido, que a criança está contra a escola! Contra essa daí que quer governar seus desejos em nome da salvação da Humanidade e da Terra. Se a educação é a modulação que a escola faz operar para se arrogar o direito à exploração da alma das crianças, é preciso ser anti-educação. Defender a alma das crianças, ao que poderíamos chamar, correndo risco de uma aproximação anacrônica, defender outras formas de produção das subjetividades das crianças. A escola opera como um modulador de subjetividades que são forjadas para obedecer aos múltiplos polos de poder que incidem em nossas vidas - ou, para se tornarem a sua contra-face, que se retroalimentam, encarnando o terrorista, o delinquente[77], etc. O que poderia, então, abrir espaço para uma anti-educação?

nem deus, nem estado, nem chefes, nem maridos, nem ídolos

A destituição dos ícones, ídolos e toda bandalha de cacarecos que inspiram obediência, seja pelo temor, seja pela admiração são caminhos para uma anti-educação. Moura (2021) escreve que Ferrer "Derrubou dois altares… iconoclasta, quebrou dois ídolos ferozes, desencadeando a tormenta por sobre seu destino heróico" (p. 36). Não esperar nada de nenhum ser privilegiado[78], contar apenas com sua força (vontade e desejo) e a solidariedade construída por um grupo livremente associado. Essa força singular iconoclasta associada a solidariedade livremente associada aparece em todos os anarquistas que caminhamos até agora, formalizada de forma nítida com Ferrer, aprofundada por Moura e alongada por Cubero. Cubero, atualizando seu pensamento através das palavras de Proudhon: "liberdade e solidariedade são expressões distintas do mesmo conceito [...] o homem mais livre é aquele que mantém as maiores relações com seus semelhantes" (Proudhon, s/d *apud* Cubero, 2015, p. 56). Seguindo a lógica do apoio mútuo de Kropotkin e Reclus em que a máxima é: quanto maior os laços entre as espécies (humanas, animais, vegetais, minerais, etc) maior consiste a força de viver destes agrupamentos. É através dessa solidariedade que é

[77] Ver a importante e popular publicação de Edson Passetti sobre os problemas e tramas do poder em torno da produção do *menor*, *do delinquente.* Uma modulação subjetiva que se reinsere, num movimento antropoêmico, sem cessar dentro-e-fora de uma economia das ilegalidades. Ver em Passetti, E. *O que é menor?* Brasiliense. São Paulo, 1987. Ou ainda em: Passetti, E. *Política Nacional do Bem Estar do Menor.* Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1982.

[78] Ver em páginas 77, 87 e 88..

possível o acesso a conhecimentos, práticas, aprendizagens, criação, etc. Moura (2021), arremata o debate sobre viver em comunidade e o exercício de evitar "quaisquer "ismos"- por que o educador não tem o direito de violar a razão humana através da escola e nem lhe assiste o direito de impor as suas ideias ou as suas predileções políticas ou sociológicas."(p. 27).

Podemos afirmar ainda que Ferrer e Moura seguiram quebrando ídolos em seus pensamentos: essas estátuas de bronze plantadas nas praças públicas para homenagear o passado frio e estático. Imagina a cena da imagem de uma criança como futuro do planeta feito uma estátua de cera derretendo ao sol do meio dia de verão no Capão Redondo. É uma grande psicose coletiva esse peso que se infere nos que estão por vir. É preciso arruinar a concepção da criança como algo já conhecido, e, principalmente, constituir uma educação livre de quaisquer dogmatismos. É preciso aniquilar a tutela da vida das crianças congeladas em estátuas das projeções que os adultos têm planejado para o futuro.

A ciência de Ferrer, sob a leitura de Moura (2021), era uma ciência sem verdades únicas e sectárias, acreditava que a potência da ciência estava justamente em sua característica experimental e progressiva, onde ideias e pensamentos podem ser abandonados diante de novas experiências e novas investigações. A verdade evocada por Ferrer era uma verdade fundada na dúvida, na curiosidade, no incessante vasculhar pelo novo. Comenta Lacerda de Moura (2021), "O que ele [Ferrer] pretendia era libertar a própria criança de todas as cadeias, inclusive da cadeia mais forte do preconceito de estar de posse da verdade única. Não ensinou palavras…" (Moura, 2021, p. 54 *apud* Limongelli, 2022, p. 306). Moura em ressonância ao pensamento da educadora da *Escuela Moderna de Barcelona,* Soledad Villafranca, enfatiza que o ensino racionalista estava dedicado a ensinar todas as verdades experimentais, sendo elas o oposto (ou não) do que se acreditava antes da experiência acontecer, escreve Villafranca: "Ensino racionalista, quer dizer ensino que tem como meio a razão e como guia a ciência: como esta ainda não disse a sua última palavra sobre qualquer assunto, resulta que o ensino racionalista não tem um programa fixo." (Moura, 2021, p. 58 *apud* Limongelli, 2022, p. 306).[79] O ensino racionalista e científico consiste na constituição, destituição e reconstituição de métodos, ou seja, uma procura contínua por anti-métodos. Isto

[79] O trecho deste texto iniciado em "era uma ciência sem verdades…" (p. 127) até "não tem um programa fixo." (p. 128) já foi publicado em Limongelli, Rafael (2022). Uma conversação entre ferrer y guardia, lacerda de moura e félix guattari. In Carmen Cavaco, Fernando Albuquerque Costa, Joana Marques, Joana Viana, Rúben Marreiros, Ana Rita Faria, Nuno Dorotea (org.). Atas do XXIX Colóquio da AFIRSE Portugal Instituto de Educação da U.Lisboa, fevereiro de 2022 - Lisboa, Portugal.

é, a cada nova descoberta, constituir novas ideias, que poderão ser destituídas. Partindo da demolição fazer florescer novas experiências, novas descobertas, etc. Claro, nem tudo é mudança intermitente! Existem princípios, linhas de continuidade nas práticas, que estão constantemente expandindo e remodelando através desses constantes acessos ao novo. Em Ferrer há indicações sobre os pilares da educação integral, a saber, educação moral, intelectual e física - ressoando os anarquistas com os quais caminhamos até agora neste capítulo. Em uma carta de Ferrer escrita em Roma, expõe o objetivo claro da Escola Moderna: "o valor da educação estriba-se no respeito à vontade física, intelectual e moral da criança. O verdadeiro mestre será o que se abstenha de impor sua própria vontade, suas próprias vontades, suas próprias ideias e apele cada dia mais, para as energias da própria criança" (Ferrer, s/d *apud* Moura, 2021, p. 29).

Ferrer foi exterminado pela Igreja Católica Espanhola muito cedo, corja de covardes! Moura em seu ensaio faz um trabalho muito consciente de analisar as experiências de continuidade das experiências racionalistas. Escolas que advém da grande coalizão internacional em diferentes cantos do planeta, organizadas de forma local e internacional, de implantação e investigação em torno das escolas científicas e racionalistas. Na análise de Moura (2021), neste processo histórico após a morte de Ferrer (vejam que ela escreve esse livro cerca de 25 anos depois), um outro ídolo emerge das experiências em torno da educação racional e científica: a Deusa Razão. "O que é certo é que todos os altares estão de pé: os ídolos é que mudaram dos nomes…" (p. 45). A ciência, para Moura, está articulada de forma direta com guerra, com os cálculos frios das fileiras de soldados, com o cálculo frio das fileiras de trabalhadores de um fábrica, o cálculo frio que constrói uma Razão de Estado e um governo de todas as vidas, humanas e não humanas. Escreve Moura (2021), fazendo alusões à emergência de uma nova religião, *a científica*: "Ferrer esperava o advento do Éden na terra. A sua fé se devotava ante o racionalismo puro e ante a ciência pura. [...] A ciência é o Moloch moderno. A civilização do bezerro de ouro vai morrer de apoplexia científica. As guerras de hoje obedecem a uma técnica absolutamente científica." (p. 49).

Moura acompanhou uma mudança de interesses dos governos em relação à educação na transição para o capitalismo industrial e urbano. Lembrando que Moura viveu na década de 20 em "São Paulo que se urbanizada aceleradamente, fazendo-a muitas vezes refletir sobre a multidão solitária," (Leite, 1997, p. 245). Se antes a educação religiosa se apoiava na manutenção da completa ignorância e obediência das suas populações, nas sociedades

industriais essa *multidão solitária,* precisa de uma qualificação profissional: "como contra-choque [à ignorância e obediência], a necessidade econômica e a conquista de mercados a exigir de cada país a formação de um exército inteligente de operários para suplantar a produção e a industrias de outras nações." (Moura, 2021, p. 50). De um lado temos fascismo emergente em todos os cantos do mundo nos anos 30, *atualizando um novo Ato de Fé e Santa inquisição* (Idem, p. 51), deitando os horrores de uma dominação pelo extermínio; de outro lado "reivindicações proletárias eivadas de excessos racionalistas para opor um dique à crendice, à ignorância e à superstição." (Idem, p. 51). Há aqui um alerta na conjugação do verbo em *eivar* em forma adjetiva: *eivado*, que significa, segundo o dicionário online de português: "contaminado; que foi contaminado; que está infectado: *texto eivado de erros*."[80]. Há a indicação clara de um excesso racionalista que teria contaminado as reivindicações operárias na ciência e na educação.

inquietude e caosmose

Escreve Moura (2021) nesta farta argumentação, combatendo os dogmatismos, sobre as verdades experimentais que o racionalismo libertário procura construir:

> Há verdades experimentais, fatos comprovados e cujas causas, cujas simples explicações a ciência não descobriu. E não se pode negar fatos comprovados, embora não tenham sido decifrados, nem mesmo compreendidos pelos luminares da ciência humana oficial. [...] Como é mais nobre confessar o estado mental da ignorância diante dos fatos e colocar o ponto de interrogação inquieto e torturante, curioso diante de tais incógnitas! (Moura, 2021, p.58 *apud* Limongelli, 2022, p. 306)

Moura inicia uma argumentação em defesa de uma postura ética diante do conhecimento flexionada sob gesto da *inquietação torturante diante da dúvida.* Inquietar-se diante do conhecimento, investir na dúvida, lançar-se nos mares mais desconhecidos povoados de elementos que *não estão já aí* no mundo: elementos que se criam através da experiência, da observação, do pensamento, dos sentidos, dos sonhos, dos afetos. Lacerda de Moura afirma ainda a importância de ao ensinar ciência, não se ensinar verdades únicas e absolutas, mas ensinar a observação, a experiência e o raciocínio. Incita um comunalismo dos processos de produção das verdades científicas. Comunalismo, que é apoiado em um agenciamento coletivo, para realizar a ocupação da fábrica de produção de verdades! Ocupar em prol de conhecer os *mecanismos* de investigação diante das torturantes e necessárias

[80] Ver em https://www.dicio.com.br/eivado/ <03/04/2023>

dúvidas. Moura adverte que por um lado estamos diante do *sim* dogmático atualizado pelo fascismo nascente, que é filho dileto da Igreja[81]; e de outro lado o *não* dogmático que procura abafar o "sorriso da dúvida e da música dos sonhos" (p. 52). Assim, o sonho, um certo tipo particular de metafísica, livre das religiões e transcendentais puristas do positivismo, são elementos fundamentais na construção da *ciência encarnada* (Limongelli, 2021, p. 35). Moura escreve:

> A metafísica livre de peias religiosas, a metafísica que nada afirma é o poema e a terra da promissão dos nossos **sonhos** de cavaleiros andantes do infinito. A dúvida, a incerteza, o anseio de saber mais, a esperança de decifrar o indecifrável, a nostalgia através do tempo e para além do espaço, um poema, uma luz interior iluminando a consciência, a lei de causa e efeito no mundo moral, **sonhar** que a vida é eterna, fugir do *hoje, aqui e agora* é um deslumbramento de liberdade - para escalar o espaço e saltar por cima das misérias sociais. (Moura, 2021, p. 56)

Neste ponto Moura faz uma declaração extremamente disruptiva para o que se admitia como ciência. Afirmando um método de produção do conhecimento com elementos heterogêneos ao campo que os *almofadinhas acadêmicos* jogam sua bola, elementos como: *o que está para além do tempo e espaço,* a *metafísica que nada afirma,* o *sonho,* a *dúvida,* o *anseio,* a *inquietude.* Um ataque profundo à ditadura do saber absoluto baseada nas ciências tradicionais, mesmo as ciências da vida de Reclus, este conjunto analítico entre a biologia, a física, a medicina, as ciências sociais e humanas, precisaria adicionar um elemento a mais: o desconhecido, a dúvida, o que não tem forma, o que é afeto e virtual - as tais matérias sem forma que Guattari incita a acessar em *caosmose*. Moura (2021) é categórica: "o homem é um animal que sonha fora da terra." (p. 56). O que seria esse sonhar o fora? O que seria sonhar fora da Terra? Seria uma abertura para acessar o novo de forma ativa?

Guattari (2012) convoca o conceito de *caosmose* (que inclusive dá nome ao livro: *Caosmose - um novo paradigma estético*) para considerações sobre o fora e o que está na exterioridade do enunciado. O *meio ambiente* no qual se inscrevem e se atualizam as máquinas e os agenciamentos. É através do acesso a este *meio ambiente caosmótico* que temos acessos a elementos heterogêneos virtuais que nos incitam a atualizar nossas subjetividades em lugares novos. "Insisti, em terceiro lugar, no caráter incorporal e virtual de uma parte essencial do "meio ambiente" dos agenciamentos de enunciação" (Guattari, 2012, p. 42). Para construir o conceito de *caosmose,* e sua implicação com o pensamento de Moura,

[81] Ver no livro Moura, Maria Lacerda de. (2018). *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital.* Editora Entremares, São Paulo.

vamos atravessar um percurso não muito longo do pensamento de Félix Guattari e Suely Rolnik.

A começar por observar a crítica que Guattari elabora sobre os dualismos entre ser/ente, sujeito/objeto. Guattari (2012) se afasta da crítica bipolar e aprofunda análise intensiva dos aspectos ontológicos, através dos registros atuais e virtuais. Pensando a interface maquínica, afirma que elas operam de forma heterogenética. Isto é, conectam-se continuamente com elementos diversos, inclusive aqueles que não possuem forma-conteúdo, seja pela via do nominalismo significante ou pelo realismo materialista. Estes são os *virtuais*. Através dessas conexões com os virtuais, com as alteridades diferenciais, fundamenta a contínua expansão dos territórios existenciais ao acessar o novo. Distanciando-se das condições ternárias (tese-antítese-síntese), incluindo um quarto elemento, Guattari (2012) afirma que as possibilidade de metamodelização são acessíveis por que incluímos no seguinte diagrama: *Fluxos / Phylum Maquínico / Territórios Existenciais* (p. 43) - um quarto termo, os *Universos Incorporais*. Escreveu: "O quarto termo vale por um enésimo termo, quer dizer, a abertura para a multiplicidade. O que distingue uma metamodelização de uma modelização, é, assim, o fato de ela dispor de um termo organizador das aberturas possíveis para o virtual e para a processualidade criativa." (Guattari, 2012, p. 43).

Com Guattari (2012) caminhamos em uma corda bamba. Estamos sempre entre essa linha fina entre o virtual e o atual. Caminhamos com nossos territórios existenciais margeando uma membrana fina, entre o atual, nominalizado e significado, e o virtual, incorporal e a-significante. A corda, a interface, a margem, a membrana fina são diversos nomes para dizer sobre o território e o lugar onde se situa a pessoa. O sujeito se situa em um ponto terminal da subjetividade que vive enganchada em outros elementos. Acompanhemos Guattari (2012):

> A escolha do Capital, do Significante, do Ser, participa de uma mesma opção ético-política. O Capital esmaga sob sua bota todos os outros modos de valorização. O Significante faz calar as virtualidades infinitas das línguas menores e das expressões parciais. O ser é como um aprisionamento que nos torna cegos e insensíveis à riqueza e à multivalência dos Universos de Valor que, entretanto, proliferam sob nossos olhos. (p. 41).

A opção ética do Capital-Significante-Ser nos solapa os processos subjetivos, entramos em circuitos de reprodução fechados, sem possibilidades de romper os modos de produção subjetiva. Repetimos os mesmos percursos subjetivos por que não conseguimos encontrar novos universos de valor que o Capital insiste em taxar. Decalcamos no nosso

corpo os mesmos trajetos de sempre sobre as formas sobre o mundo, o modo que lemos, que amamos, que comemos. Em tudo, substância e sensação, já há nomes, prescrições, usos, significações, que não conseguimos deixar de repetir. Mesmo que estejamos constantemente atravessados pelo desejo, pelas coisas inesperadas, pelos afetos mais inquietantes o possível. Assustadas, nos agarramos com todas as forças a ideia daquilo que somos. Um *eu* que unifique esse campo de experiências e se explique como ente definível! Um *eu* que auxilie no processo de domesticação de sensações bárbaras e disruptivas! A gaiola do ser é um ambiente mais adorado pelas pessoas. Veja, sem ser alguém, como é possível ter uma conta nas redes sociais?

E há outra atitude, diante dos mesmo acontecimentos. Diante ao *meio ambiente* dos agenciamentos, é possível uma escolha da *processualidade.* Escreve Guattari (2012): "Existe uma escolha ética em favor da riqueza do possível, uma ética e uma política do virtual que descorporifica, desterritorializa a contingência, a causalidade linear, o peso dos estados das coisas e das significações que nos assediam. Uma escolha da processualidade, da irreversibilidade e da ressingularização." (p. 41). A escolha processual, no entanto, não é uma solução dialética entre dois caminhos opostos - ela é um risco. Um risco já que pode escapar para formas autoritárias através de formas reativas, através das religiões, dos grupos supremacistas, acentuando uma individualidade sem coletivo. E pode também se empenhar em processos mais coletivizados, sociais, ecológicos, políticos, etc., para articular um gesto de metamodelização, isto é, processualizar-se.

máquina moura-rolnik

Rolnik (2018) no prelúdio do livro *Esferas da Insurreição - notas para uma vida não-cafetinada,* publicado em São Paulo pela N-1 Edições, nos conduz a percorrer os caminhos que compõem uma política do desejo. O desejo, para Rolnik, é o elemento que corta a face da superfície topológico-relacional. A superfície topológico-relacional é a que designei acima como *a corda bamba, a membrana, a margem* na qual habitamos entre o atual e o virtual. Topologia entre as formas constituídas de um território existencial e as forças que afetam o plano onde essa existência habita. Nesta superfície as subjetividades habitam, onde é possível, em certa medida, configurar um sujeito, que é uma formação subjetiva intrínseca ao nosso contexto sociocultural. "Sua função [a superfície topológico-relacional] é a de possibilitar que nos situemos na vida social: decifrar suas formas, seus códigos e suas

dinâmicas por meio da percepção, da cognição e da informação, estabelecer relações com os outros por meio da comunicação e senti-las segundo nossa dinâmica psicológica." (Rolnik, 2018, p. 52). Essa configuração é aquela chamada de *familiar*, é aquela que nos reinsere, sempre, dentro de uma mesma gestão da vida. Este familiar é o que, nas nossas sociedades coloniais-capitalistícas (p.52), opera de forma intensiva e ampla as significações, vetando vetores de transformação que estão sempre à espreita.

O que está à espreita? Como enxame de forças, os afetos e os perceptos nos rodeiam, nos envolvem, nos tocam. Como escreveu Wislawa Szymborska no poema *Autonomia, "*O abismo não nos divide. O abismo nos cerca.". O abismo, as coisas sem forma, as forças que não se deixam calcular… O que está à espreita é carregado afetos e perceptos. Perceptos não são percepções e afetos não são sentimentos, carinhos ou ternurinhas. "Perceptos e afetos não têm imagem, nem palavra, nem gesto que lhes correspondam - enfim, nada que os expresse - e, no entanto, são reais, pois dizem respeito ao vivo em nós mesmos e fora de nós." (Rolnik, 2018, p. 53). São acontecimentos que tocam, arranham, afetam, molham, soam, abalam, atingem - não são substantivos, são justamente a afetação intensiva das substâncias heterogêneas da vida. Opõem-se, deste modo, ao saber-cognitivo da percepção *familiar* e constituem um saber extracognitivo, que para evitar mal entendidos com a palavra intuição, Rolnik (2018), o chama de "saber do corpo" ou "saber-do-vivo", ou "saber eco-etológico" (p. 54). Um saber descentralizado do *sujeito que conhece* (*cogito ergo sum*). Um saber que se dispõe polinizado pelas experiências subjetivas que estão tensionando o plano de forças extrapessoais: "Nessa esfera da experiência subjetiva, somos constituídos pelos efeitos das forças e suas relações que agitam o fluxo vital de um mundo e que atravessam singularmente todos os corpos que o compõem, fazendo deles um só corpo, em variação contínua, quer se tenha ou não consciência disto." (Idem, p. 54). É preciso destacar que a imagem de *um só corpo* não se refere a uma unidade universal e genérica onde se encontram todos os seres vivos. A perspectiva de Rolnik e Guattari é antagonista a qualquer ideia universal. Pelo contrário, cada subjetividade, composta por elementos humanos e não humanos, configura um corpo que está conectado com outros tantos corpos, formando uma rede complexa de relações maquínicas. "Aqui não há distinção entre o sujeito cognoscente e o objeto exterior: o outro, humano ou não-humano, não se reduz a uma mera representação de algo que lhe é exterior, como o é na experiência do sujeito; o mundo vive efetivamente em nosso corpo e nele produz germes de outros mundos em estado virtual." (Idem, p. 55). Suely está afirmando uma experiência possível fora-do-sujeito, que afeta a constituição dos sujeitos, abalando as

produções da subjetividade. O sujeito e sua máquina que estão em constante montagem-desmontagem-remontagem. Moura (2021) estaria afirmando *um sonho fora da terra* como uma experiência fora do sujeito? Podemos acoplar as análises, formando uma nova máquina, *a máquina moura-suely*, para pensar uma nova posição ética diante da vida, da ciência e da educação?

Vamos aprofundar os mecanismos da política do desejo escrita por Rolnik. Constituindo nosso território existencial nessa interface entre formas-forças e atual-virtual, precisamos considerar como essas relações se configuram para a realização no presente de uma forma, de uma pessoa, de um grupo, de uma vida. "Sendo assim, os mundos virtuais engendrados na experiência das forças produzem uma fricção com a experiência das formas moldadas segundo as cartografias socioculturais vigentes" (Suely, 2018, p. 56). As virtualidades que estão sempre à espreita, seja através da política, do ativismo, da arte, da abstração, da loucura, da paixão, etc. Estas podem ser recuperadas e acionadas pelos territórios existenciais. Essas forças virtuais atuam como enxame sob formas que nos modelam. Tais modelagens, assujeitadas sob a forma de indivíduo, estão relacionadas aos marcos de referência socioculturais dominantes impostos pelo Capitalismo Mundial Integrado (CMI) e pelo regime colonial-capitalístico cafetinado. Rolnik (2018) descreve o regime *cafetinístico* como a "política de inconsciente dominante neste regime, a qual atravessa toda sua história, variando apenas de modalidades junto com as suas transmutações e suas formas de abuso da força vital de criação e cooperação. Neste sentido, podemos também designá-lo por inconsciente colonial-cafetinístico." (p. 36). Quando algo estranho acontece, um mal-estar, sentimos um nó na garganta, uma ansiedade inominável, um aperto no peito dentro do busão lotado, um desconforto alarmante diante da própria vida, vivemos uma experiência de turbulência sob as modelagens que nos submetemos pela política colonial-cafetinística. Algo estranho e familiar que atravessa, ao mesmo tempo, o plano da sensibilidade. Inquietação, dúvida, afetos… Essa inquietude desestabiliza os contornos que temos sobre nós, sobre as leituras do mundo. Tudo se turva. Ainda somos nós, mas quase já não podemos mais ser… é insustentável. Por um lado, como escreve Rolnik (2018, p. 56), queremos conservar as formas de vida como já conhecemos (as modelagens do regime cafetinístico) e retomar a vida como ela sempre foi, assujeitada. Por outro lado, queremos, de forma não-racional, conservar essa vida em germinação que nos contagia de repente. Queremos perseguir essa inquietude. Queremos escutar o zumbido de um novo mundo que está germinando. Algo aconteceu, é isso. Nessa situação de inquietude e dúvida, como

também escreveu Moura (2021), Rolnik (2018) afirma: "a pulsação do novo problema dispara um sinal de alarme que convoca o desejo a agir." (p. 57).

A ação do desejo, que viabiliza a recuperação de contorno de uma experiência subjetiva, pode seguir dois pólos dentro da *política do desejo*: a ativa e a reativa. Escreve Rolnik (2018): "duas políticas do desejo em questão ocupariam os extremos opostos no vasto e complexo espectro de micropolíticas que orientam suas ações no atual regime, de cujo embate resultam os destinos da realidade [contornos] - da posição do desejo de mais submissão ao regime de inconsciente colonial-capitalístico, na qual se daria uma entrega total à expropriação da força de criação, [por outro lado] à mais desviante, na qual se daria a sua total reapropriação [processualizar-se]." (p. 58).

Claramente esses polos não se organizam em um plano cartesiano onde seria possível calcular os gradientes de expropriação de si e apropriação de si de forma linear matemática. Entre esses pólos há a vastidão dos desertos e suas miríades de associações possíveis. É importante, no entanto, localizar uma diferença abissal entre as duas práticas: por um lado, permanecer na mesma configuração, tomar um remédio para o *tal mal estar* e seguir as modelizações dominantes; por outro, entrar em processos de germinação da vida nova que se anuncia, compreendendo que esse processo envolve a desestabilização daquilo que consideramos ser. Uma política do desejo desenhada dessa forma nos convida a caminhar entre oscilações da experiência dentro e fora do sujeito. Podemos afirmar que se trata "de uma subjetividade que está apta para sustentar no limite da língua que a estrutura e da inquietação que esse estado lhe provoca, suportando a tensão que a desestabiliza e o tempo necessário para a germinação de um mundo, sua língua e seus sentidos" (Idem, p. 60). Sustentar um estado *fora de balanço*, habitar a dúvida *errante*, sustentar uma *inquietação*, cuidando de abrir espaços para outras formas de amar, conhecer, saber, viver, andar e pensar que ainda estão germinando. "A atualização desse mundo em estado virtual que seu gérmen anuncia se efetuará por meio da invenção de algo - uma ideia, uma imagem, um gesto, uma obra de arte, entre outros; mas também um novo modo de existência, de sexualidade, de alimentação, uma nova maneira de se relacionar com o outro, com o trabalho, com o Estado ou qualquer outro elemento do entorno." (Idem, p. 61).

A dúvida e a inquietude, na máquina moura-rolnik, são os alarmes que acionam o desejo de agir. Ambas envolvem um elemento de abertura para acessar novas experiências as quais a ciência e as modulações socioculturais não são capazes de ler e codificar em Leis,

Universais, etc. O posicionamento ético anarquista de Moura encontra ressonância profunda no posicionamento ecosófico de Rolnik: ambas optam por um movimento em variação contínua de investigação, isto é, abertura para a montagem, desmontagem e remontagem da subjetividade individual e coletiva. Preparar a garganta para gestar as palavras-mundo que são disparadas pelo corte que o desejo traça na topografia relacional do mundo. Fazer que o mundo se multiplique em enxames de diferenciações "num processo contínuo de composição e recomposição." (Idem, p. 61). Moura (2021) também se debruça sobre a inquietude diante das incógnitas do conhecimento provocado pelos sentidos, pelo corpo, pela experiência da vida como algo diverso, como vimos nesse caminhar com seu pensamento. Moura (2021) também se vê em uma bifurcação para dois gestos distintos para a guerra que se declara surdamente por toda a sociedade, em uma arena: "Um deles defende a civilização do bezerro de ouro, o progresso material, a técnica industrial, o passado, a rotina, a reação, a autoridade, a tirania, a Inquisição, os autos de fé fascista ou racista. Outro saúda, nobremente, heroicamente, o alvorecer de uma Alba Nova - para o respeito à vida, para o advento da liberdade individual e a livre expansão da consciência humana" (p. 68). Por um lado a reprodução das modulações do Capital e por outro as invenções de si para a liberação dos fluxos da vida. Gallo (2015) escreve sobre "[...] uma pessoa que seja capaz de pensar por si mesma, de decidir por si mesma, de viver por si mesma; e isto só é possível como exercício do cuidado (inquietação) de si, com a tomada de sua vida em suas próprias mãos." (p. 430).

Não se trata, em Moura (2021), de uma tentativa de conciliação entre o ensino religioso metafísico e o ensino científico da Deusa Razão, um caminho de equilíbrio entre o *sim dogma* (igreja) e o *não dogma* (racionalismo). É uma proposição que extrapola uma análise dialética entre essas duas polaridades, anexando a este paradigma um elemento extra, o quarto termo de Guattari[82], que faz todos termos se reposicionarem em novo arranjo. Localizei este quarto termo - este desorganizador, este dispositivo de errância - no corpo, nos sentidos, nos afetos e nos sonhos. Aqui está a ciência encarnada de Moura, uma ciência que só é possível com o suporte do corpo. Não o corpo biologizado pelo dogma cientificista, nem o corpo sacralizado pelas religiões (sejam quais forem). O corpo como lugar de fricção e abertura ao desejo, ao novo, ao virtual. Insiste Moura (2021) sobre a presença de um novo elemento que é preciso ser ocupado pelos debaixo: "Tudo são ideias (e ideias falsas!...), entretanto - que riqueza possuímos - se somos o dono do nosso próprio corpo?" (p. 46). O

[82] Ver página 131.

corpo, aquilo que possuímos e suas infinitas veredas de experimentação que nos levam para um labirinto, entre dúvida e saber, entre encontrar e perder, entre formular os conceitos e abandonar as fórmulas, entre conhecer e desejar.

> Nunca ninguém conseguiu matar no cérebro e no sentimento humano a tendência às cogitações metafísicas. De onde viemos? Para aonde vamos? Que significa o Universo? Por que razão rola os mundos em órbitas matemáticas através do espaço? Por que razão o átomo dos astros é perfeitamente idêntico ao átomo que circula no meu sangue? Por que razão o meu *Plexus Solar* ou cérebro abdominal é a antena poderosa de um rádio vivo que recebe do Cosmos as impressões e as transmite ao cérebro através de uma glândula que é toda luz? (Moura, 2021, p. 55)

diagrama moura-godinho

Aprofundando as percepções diante da inquietude como atitude ética diante da vida, gostaria de acoplar as análises de Rolnik (2018) e Moura (2018, 2021, 2021b) ao pensamento subtil de Ana Godinho Gil (2013). Villafranca, recuperada por Moura, afirma que a educação racionalista não possui um programa fixo[83]. A ciência libertária, deste modo, nunca dá sua palavra final sobre a verdade e está sempre um passo antes da cristalização do dogma. Nas ressonâncias do pensamento de Deleuze e Guattari, Godinho (2013), propõe um encontro arquitetado por diagramas, ao invés de programas: "como os primeiros traços imprecisos, mas absolutamente necessários, que antecedem ou iniciam o processo de criação; mais que um esboço, um diagrama." (p. 132). Podemos comparar o programa à estrutura e o diagrama às máquinas: a primeira com ares de eterna e a segunda com pulsão de finitude. Os programas têm a vontade de eternidade, de fixidez, de significação, por exemplo: o programa revolucionário bolchevique, o programa de distribuição de notas de uma escola, o programa político-pedagógico de uma instituição, o programa de prevenção de certas doenças, etc. Os diagramas são "um certo modo de pensamento, talvez lhe possamos chamar experimental, ou os experimentamos tão só encontrarmo-nos. Um encontro não linear que ultrapassa as ligações habituais e triviais. Procuramos conexões de um certo tipo, resistentes e com uma consistência capaz de se aproximarem dos abismos, de entrarem mesmo no caos. Para chegar, talvez, perto do imprevisto improvável que abre o pensamento e o alarga." (Idem). Experimentar um diagrama é pôr a si em movimento junto com os componentes que conformam um acontecimento - um encontro. O diagrama está em contínua recomposição a partir dos arranjos que ele agencia entre coordenadas espaço-temporais (o atual e as formas

[83] Ver página 127.

modelares de Rolnik) e universos incorporais (o virtual e a variação das forças de Rolnik). Estar junto ao diagrama é afirmar a inquietude do pensamento como potência de movimento. Para Guattari, Deleuze, Rolnik, Gallo, Scherer e Godinho, o pensamento acontece quando está em movimento e o movimento acontece quando nos deparamos com um problema. Um mal-estar (Rolnik, 2018), um sonho fora da Terra (Moura, 2021), um arrombamento para Godinho (2013): "Quer dizer, é por uma abertura forçada (arrombamento) que um pensamento pode nascer. Um tipo de violência que se exerce e é vital que se exerça." (p. 132). É através do problema que o pensamento pode acessar uma instabilidade, desmoronar algumas pedras dos seus muros significantes, tremer a terra monoculturada dos valores dominantes. O problema arromba a porta, mete o pé no peito e toma de assalto a normalidade, a homeostase, o equilíbrio. "O encontro transporta o problema." (p. 133).

Relacionamo-nos aqui com a intempestividade, a imprevisibilidade, as variantes incompreensíveis, as palavras ainda sem dicionário. Os elementos não estão *já aí*[84] definidos por uma substância indiferenciada ao encontro. Os diagramas permitem que as coisas possam se fazer à medida que elas se molham umas das outras, na medida em que elas se avizinham, na medida em que elas se enovelam. "*Não programáticos, mas diagramáticos*, isto é, que não invalidam as realidades contingentes e as singularidades da ordem do desejo." (Guattari, 1981, p. 223). Há muitas formas de abordar esse "avesso" (Guattari, 1981, p. 165) da racionalidade. Moura soube bem denunciar as atrocidades que se fizeram ao soterrar de normas a vontade de viver. Tentaram matar qualquer viver fora da razão, no avesso da razão. Extermínios cometidos pela igreja, pela escola, pelo estado e pelos militantes dogmáticos. Podemos, também, tratar como uma anomalia, tentar curar. Podemos tratar como um ruído estranho que arranha a comunicação, mas com uma boa antena, um sinal 5g, podemos estabelecer uma comunicação sem ruídos. Sempre recuperando o desequilíbrio para um novo equilíbrio. No entanto, para Guattari, "em vez de abandoná-lo a sua irracionalidade aparente, vamos então tratá-los como uma espécie de matéria-prima, como uma espécie de mineral de que se podem extrair elementos essenciais à vida da humanidade, especialmente à sua vida de desejo e às suas potencialidades criativas." (1981, p. 165).

[84] Guattari (1981) acusa uma cosmovisão de mundo fundada na afirmação de que os acontecimentos (as coisas, pessoas, ações, arranjos, etc) já *estão aí* para serem apreendidos antes mesmo de nós começarmos a procurar. Uma visão de que as coisas existem substancialmente em si mesmas, com seus significados definidos de forma ontogenética. Esse "déjà là" [já aí] constitui a cristalização das coordenadas espaço-temporais de constituição dos territórios existenciais. Ela condena para fora do campo do provável qualquer gesto de singularidade e de criação. "A legitimidade das leis só diz respeito ao passado desse "déjà là" e a um futuro calcado nesse passado, um futuro probabilístico, um futuro livre de toda improbabilidade maior, em outras palavras, de todo acontecimento singular." (p. 162).

Nos diagramas nós podemos *caminhar junto* (Gallo, 2015), ir junto ao desejo, acompanhar *os mundos em germinação* (Rolnik, 2018), estar junto dos *excitadores da vontade* (Moura, 2018), para constituir um pensamento. A saber, recomeçar o novo no pensamento. "E são os demónios, potências do salto, os encontrados que provocam o encontro. Num entretempos (sem fora, nem dentro) que fulgura nos intervalos, diz Deleuze: nesse entretempos a balança mudou. Quer dizer, como se se tivesse encontrado uma zona onde as partículas e as forças se con-fundem, a saber, fundem-se em conjunto." (Godinho, 2013, p. 133). A balança mudou, algo aconteceu, um problema/encontro introduz um movimento: resta a nós escolher *reprogramar* uma vida modelada pelo regime colonial-cafetinístico ou *diagramar* as substâncias para lutas de liberação das formas que constituam novos arranjos de viver?

Esse *jogo do aqui-agora* (Godinho, 2013, p. 134) é incontornavelmente irracional, não pode ser captado pelo *cogito* sem que, no instante exato do pensar, abandonemos toda a multiplicidade. Aí o acontecimento se reprograma dentro de outro jogo, fora do aqui-agora, dentro do jogo da significação, da linguagem, da estrutura, etc.

No entanto, não estamos falando de um se deixar fazer *na banguela*[85]*, desgovernadão*, sem noção, abandonado, ao léu… É justamente o oposto, como os anarquistas defendem, assim como estas ecosofistas, precisamos ocupar os modos de produzir a vida: o nosso corpo, a nossa ética, o nosso imaginar, o nosso sonhar. Moura, encarnando a ciência, trazendo-a ao corpo, convida uma reocupação de si. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Onde estamos então? Quem convida ao encontro? De onde vem o problema? "Vem, não de um *quem* escolheu ou a pensou, de nenhum eu (nem sujeito nem objecto), mas dessa “outra coisa”, sem tradução nem interpretação, totalmente nova. Essa outra coisa que num encontro extrai dele singularidades, vibrações, ressonâncias, mil ínfimos outros encontros desconhecidos, comunicações estranhas, ar que passa, uma neblina que chega, afectos intraduzíveis e invisíveis, mil coisas incaptáveis." (Idem).

Deste modo, cultivar a inquietude diante da vida não é um gesto individual feito por alguém tomado por uma coragem inabalável diante do mundo, como um herói de livros infantis. Cultivar a inquietude não é a tomada de consciência ideológica de um sujeito, que a partir do seu esclarecimento racional toma as rédeas do mundo e faz a revolução. A

[85] Expressão popular: *desceu a rua de bicicleta na banguela*, poderia significar que a pessoa desceu uma ladeira com um bicicleta sem freio, sem chinelos, com guidão torto e de olho fechado. Na banguela quer dizer sem contorno, sem direção, sem cuidado.

inquietude não se toma pelas rédeas do governo do sujeito sobre si e os outros. A inquietude não é acessada na fala individualizada no confessionário do psicanalista, do professor, do coordenador e do padre. "São precisamente os clichês que diminuem as forças e impedem o novo. Destruí-los provoca o pensamento, perturba a doxa, as hierarquias e as organizações, é todo um trabalho manual de limpeza, uma luta intensa." (p. 138) A inquietude é um acontecimento que passa como neblina. Seu ponto de origem é intraduzível. É o engendramento de uma comunicação estranha, de um dialeto improvável entre elementos heterogêneos: um cachorro que descreve o sonho de uma formiga enquanto caminham pela perna da moça sentada na beira da rua? Ou outra coisa, não sabemos ao certo. "A inquietude que provoca o encontro, o desassossego que amplifica e desfaz, a cada instante, multiplicidades de pequenas percepções. Esta inquietude, fé ou paixão, é como uma comichão que não nos deixa sossegados." (Idem). Uma pulga atrás da orelha, a orelha quente, uma intuição qualquer, um mal estar, um nó na garganta, um desejo de viver, uma vontade de explodir, etc. Uma qualquer coisa se desperta nas topografias relacionais, nos agenciamentos, nos territórios existenciais onde habitam elementos humanos e não-humanos. Algo tira o sossego. Alguém se apaixona. Um lance se aligeira pela espinha e não queremos mais entrar naquela rua daquele bairro naquela hora com essa roupa, etc.

Há uma descentralização do desejo para fora dos sujeitos, que provoca uma espécie de gingado, de swing, de balanceado, de maresia, de oscilação permanente entre os campos do pensar (cogito) e do sentir (afetos). "Há um “eu penso” que é na verdade um “eu sinto”. Penso sentindo, penso criando. Pensar sentindo." (Idem). O pensamento é engendrado pelo sentir. O sentir é ativado pelo problema. Um pensamento que está carregado de futuros improváveis - como pé de manga em dezembro em São Paulo - é carregado-movido por diagramas, não programas. É o impossível que está à porta, à espreita. E que arromba a porta como Jack Nicholson em *O Iluminado*, caminhando pelo corredor com um machado nas mãos, "Come out, come out, wherever you are", para em seguida esburacar a porta, meter a cara e dizer: "Here's Johnny!"[86]. "Em filosofia, como nas artes em geral ou na vida, procuram-se encontros impossíveis, trata-se de um pensamento impossível, segundo Deleuze; pensamento impossível quer dizer tornar pensável, por um material de pensamento muito complexo, forças que não são pensáveis. Tornar sensíveis forças que não o são." (Idem).

---

[86] "Come out, come oute, wherever you are" pode ser lido em brasileiro como "apareça, apareça, onde você estiver". "Here's Jhonny!" por sua vez "O Jhonny chegou!". Em *O Iluminado [The Shining (Original)]*. Direção e Produção: Stanley Kubrick. USA: Warner Bros, 1980.

Quando a sensibilidade devêm em afetos e perceptos estamos operando em um regime de captação das forças virtuais, dos universos incorporais, da caosmose. Assim, como em Rolnik (2018), aqui há a afirmação de que há *lances* que se sentem e que ainda não tem imagem, verbo, sinônimo, nome, etc. Sensações que se acessam no corpo e que são intraduzíveis. "Há um “eu sinto”, sentindo sem cessar num desagregar-se, desequilibrando-se, numa desarticulação permanente e iminente." (Godinho, 2013, p. 136). A mudança na balança, a errância, o problema e a instabilidade provocam uma perturbação no estado das coisas, no entanto, como criar as ferramentas para sintonizar a percepção nesse campo sensível? Como organizar nosso *plexus solar* (Moura, 2021) para entrar em conversação com esse campo de conexões? Como navegar por um diagrama?

Deleuze oferece algumas respostas possíveis ao afirmar um ouvido e um olho impossíveis, capazes de tornar visível e audível aquilo que é virtual, que está ainda por vir, que não está *já aí.* Através dos conceitos de olhar háptico e de visão cutânea, em Deleuze e recuperados por Godinho, poderíamos desorganizar as funções do corpo para acessar tais sinfonias inauditas. Em Guattari, vivemos uma radicalidade desse gesto, enganchado numa perspectiva ecosófica, que se abre para a sensibilidade em todos os níveis sociais, políticos, ambientais, subjetivos, militantes, virtuais, etc. Para acessar o diagrama, em Guattari (2015), é preciso fazer um caminho no sentido oposto ao *ir em busca de algo* e afirmar uma hospitalidade radicalizada em relação aos outros, aos acontecimentos. "Salgamos de las políticas consensuales, aceptemos la alteridad del otro, su diferencia; a partir de este movimiento ético de acogida del otro puede advenir algo."[87] (p. 62). Para constituir movimentos políticos radicais de transformação da vida tal qual ela é (regime colonial-cafetinístico) é preciso construir movimentos abertos "a una nueva forma que permita superponer, establecer una relación polifónica"[88] (p. 63).

Como entrar em uma relação polifônica em um agenciamento com componentes pré-verbais, incorporais e virtuais sem perder todos os contornos do corpo? Como não desaparecer no meio de tanta fumaça? Afinal, o diagrama é o acesso às energias do caos. "O diagrama é uma catástrofe, um caos. Mas não deve produzir catástrofe. É uma zona de mistura de forças, e desenha o percurso possível da matéria em movimento. As sensações. São elas que o diagrama desenha e torna nítidas. Pinta-as." (Godinho, 2013, p. 138). Somos

[87] T.A. - Vamos nos afastar da política consensual, vamos aceitar a alteridade do outro, sua diferença; a partir desse movimento ético de acolher o outro, algo pode acontecer.
[88] T.A. - a uma nova forma que possibilita a sobreposição, o estabelecimento de uma relação polifônica

atravessados por forças avassaladoras de elementos sem forma, há uma grande confusão, como veremos no próximo capítulo, esses momentos podem nos levar para recrudescimentos arcaicos (racismos, fascismos, conservadorismo, etc) como podem nos levar para investigações de novas formas de organização coletiva. Nada está garantido, tudo está em jogo. O posicionamento ético que podemos assumir neste torvelinho de acontecimentos instabilizantes é o de *caminhar junto* das sensações que estão germinando. "Primeiro há um caos-abismo, depois catástrofe e algo sai, quando sai, já que nada está dado de antemão, é caos-germe. Esse caos implicará uma ida até o início da história do mundo, até às bases geológicas. Ou ir até o começo do mundo, o mundo antes do mundo." (p. 139). Ou seja, é preciso uma diretividade, uma condução, um acompanhamento, uma escuta sobre esses acontecimentos, para canalizar essas forças disruptivas para um gesto criativo. Rumar para o novo, afastando o gesto redundante e a normalidade. "Depois [do caos] é preciso controlar o diagrama. Não pode proliferar, assim como não pode ser reduzido ao mínimo, são os seus perigos. Mas se ele se torna operatório saímos da catástrofe em vez de nos afundarmos nela. Saímos por um salto, num instante sem mediações." (p. 140). Uma espécie de guiança, orientação, navegação, percurso, caminhada, acompanhando é necessária para saltarmos para fora do caos de forma autônoma, que possibilite uma reocupação de si, um processo de singularização, um processo de transversalidade, individual, coletivo, medioambiental, cultural, produtivo, etc. A superfície dos acontecimentos diagramáticos produz um corpo, que "está sempre na interface do actual e do virtual que ele pode assegurar a passagem de um a outro por uma maquinaria que é a alma do diagrama." (p. 141). Assim, a constituição de um corpo se dá através dos processos diagramáticos. "O diagrama constrói um corpo, um corpo que pensa a sentir, num devir sensível – no encontro com o outro corpo –, é uma máquina, opera com o que se passa nesse corpo (partículas, fluxos, singularidades), provoca, convoca e determina as relações de variação entre os elementos, traça o plano, ou diagramatiza o que se passa, para chegar ao plano de composição." (p. 141). A realização de si, a partir das constelações de referências de valor (espaço-temporais) constituídas de forma autônoma, diagramatizada em agenciamentos que conectem diversos campos do viver (produção, subjetividade, trabalho, ciência, pensamento, arte, habitação, etc) é um atitude ética diante da vida que pode ser percebida entre as ecosofistas e as anarquistas. Estamos mirando a reocupação de si através de uma nova sensibilidade, de uma nova forma de produzir (material e imaterialmente) a vida, os modos de produzir, amar, transar, morar, comer, relacionar,

amigar, plantar, conduzir, etc. Pensamos o novo com um novo pensamento: ecosófico e libertário.

dogma e deserção

A educação e ciência libertária deveriam cultivar subjetividades que possuam a coragem de ocupar os próprios corpos. O corpo que é nossa única possessão. Ocupar os modos como produzimos nossa vida, como sonhamos o mundo, como desejamos as experiências, com queremos governar as nossas comunidades. Estar em posse de si mesmo! Sem criar nenhuma nova religião baseada na *egotrip* do *Único*, como adverte Moura (2021), elaborando uma crítica a Stirner: "Nesse erro doloroso [sufocar o sonho pela razão] estão caindo os revolucionários de todos os matizes avanguardistas. A crítica a esses iconoclastas e criadores de religiões novas é digna da pena de Max Stirner (*O único e sua propriedade*) embora até ele não tenha escapado, criando a *Religião do Único*… nos seus excessos de demolição." (Moura, 2021, p. 57). Estar em posse de si, apropriar-se dos modos de produção da própria vida, sempre na relação entre subjetividade e coletividade, é um mecanismo que constitui a *ciência encarnada,* um procedimento de conhecer através, também, dos sentidos, dos sonhos, das coisas sem forma. Faz um crítica direta sobre o centralismo do debate do conhecimento inserido no materialismo histórico: "A Deusa Razão - já ocupou os altares religiosos do misticismo do materialismo histórico… E a Deusa Razão é bem ignorante e pouco modesta… Mudam-se apenas os nomes dos deuses: os crimes de lesa-liberdade de consciência continuam a ser perpetrados diante de outros altares. A mim, não me satisfaz a esterilidade do materialismo econômico." (Moura, 2021, p. 57). Há aqui uma radicalidade do pensamento de Moura, que já anuncia a necessidade de combinar as análises materialistas, econômicas, à outras matizes de pensamento - a saber, o sonho, o fora da terra, a inquietude, a metafísica, etc.

Estamos construindo junto com Moura uma grande transformação nas perspectivas científicas anarquistas, o *plot twist* da autora não consiste em encontrar uma verdade mais verdadeira que a verdade anterior, seja ela religiosa, científica, mística, ou o que o valha! Sua disrupção não aponta uma solução dialética entre pólos *pró-* ou *contra-* as ciências, pelo contrário, é uma defensora ferrenha da ciência. Sua contribuição essencial para o movimento operário e para as lutas contemporâneas anarquistas é a introdução dentro do espectro científico *o corpo, os sentidos, os afetos, os sonhos*, que operam outras modulações na

formação das subjetividades e das individualidades. Operam para além do estéril materialismo econômico, introduzindo um outro aspecto, uma outra máquina, enganchando um outro plano de elementos na análise: as máquinas abstratas, as máquinas criativas, máquinas ecológicas, etc.

A coragem que Moura (2021) nos coloca é a de não nos calarmos diante da inquietude de nossas subjetividades, diante das dúvidas e mistérios que a vida apresenta. "A covardia mental é a mais poderosa das armas reacionárias." (p. 71). Recuperando a recusa como forma de produzir uma outra ciência, um outro cultivo subjetivo, um outro gosto pela vida, Moura (2021), reivindica um direito à *deserção* (p. 72). Escreve a anarquista que sonha: "tenho o dever de reivindicar os meus direitos individuais, de ser livre, de desertar, de fugir de todos detetives morais, cuja missão é dominar, e escravizar - para reduzir à rotina, à imbecilidade, à cretinice e à covardia." (Idem, p. 73). E arremata, "antes de exigir de quem quer que seja, eu tenho a obrigação de exigir de mim mesma, cuidando da minha própria realização" (p. 73). Ninguém pode querer se opor aos processos de retomada de si de ninguém. É preciso constituir resistências ao que é modelado pelas máquinas subjetivas capitalistas. Para realizar esse processo de tomar posse de si mesma, cuidar da própria realização no mundo, Moura (2021), desenvolve e convida a um gesto em três momentos: "conhecer-se.. educar-se… realizar-se… só pode semear, quem já colheu de si mesmo." (p. 76).

o trabalho

As mãos, as ferramentas, as máquinas, as armas, os lápis, os cadernos, as bocas, etc. Os corpos humanos e não-humanos enganchados uns nos outros, produzindo, maquinando e trabalhando toda uma pletora de coisas: bens, serviços, poemas, aprendizagens, cidades, etc… O trabalho é um elemento fundamental dentro dos anarquismos e, especialmente, para a via da educação libertária. O lema: *a educação pelo trabalho,* ressoa em todas as vozes libertárias que se dedicaram à educação. É um uivo ululante de que é preciso integrar as práticas educativas aos múltiplos componentes do trabalho humano para afirmar a potência de todas as pessoas: sem competição e sem hierarquia. Só através de uma educação que mistura as pegadas éticas, físicas, intelectuais, trabalhistas, artísticas, poderíamos constituir as bases de uma sociedade onde a divisão de classes é abolida, organizada de forma autônoma (auto-governo) e descentralizada em federalismos (solidariedade).

Vimos, no movimento anterior, a crítica de Bakunin apontando que a ciência consolida o *Saber,* este promove a divisão das forças de produção, apartada em especialistas, articulando a dominação das classes intelectuais - os mestres - sobre as classes operárias - o trabalho manual. A educação integral é a possibilidade de construção da liberdade. Acompanhamos também Reclus e Ferreira incitando a transformação dos modos de produção do conhecimento: a ciência partilhada e apropriada por todas as pessoas da comunidade. A ciência destinada à expansão dos laços de solidariedade entre as espécies companheiras. Isto é, afirmando a conexão solidária entre humanos e não-humanos, na qual as vacas e cavalos deixam de ser o quinto estado explorado sociedade: "todo esse mundo de operários quadrúpedes que dão o seu concurso com extrema boa vontade às empresas de seu amo, constitui [...] um quinto Estado, semelhante ao quarto [operários], só que se encontra mais na situação do escravo dos tempos antigos do que na situação moderna de assalariado." (Reclus, 1975 (vol. 8) *apud* Ferreira, 2006, p. 40). Ao que Ferreira (2006) completa:

> No sentido amplo, é possível deduzir da obra de Élisée Reclus a lógica revolucionária da luta de classes, quando o operariado luta contra o capitalismo. O mesmo já não podemos dizer, quando se utiliza o conceito de trabalhador identificado com dos desígnios da emancipação social. Reside aqui sua principal contradição. Como é que é possível estar de acordo com o pressuposto da luta de classes, se ela encerra pressupostos de emancipação social em relação ao Estado, à religião e ao capitalismo, mas por outro lado, mantém a essência de um modelo de produção e consumo anarco-comunista baseado na escravidão e dominação de outras espécies? (p. 45).

Ferreira aponta uma contradição em torno da categoria conceitual: o trabalhador. Para Ferreira, se estamos na luta contra o capitalismo e sua maquinaria, precisamos estender a emancipação para todas as formas de vida (não-humanas), o que implica uma transformação radical nos meios de produção/consumo e consequência o abandono do conceito de trabalho e trabalhador tal como os conhecemos. A educação integral seria, para Reclus, a possibilidade de construção de novos equilíbrios ecossistêmicos, alterando profundamente os meios de produção e consumo, para uma nova relação de companheirismo com a Terra e as vidas que nela habitam. Acompanhamos também no pensamento de Kropotkin a importância de liberar a espécie humana do trabalho embrutecido pelo Estado, Igreja e Capital. É preciso expandir a solidariedade e o apoio mútuo, alterando as formas de pensar, sentir e trabalhar. Sua crítica é dirigida para um duplo movimento: expandir o acesso ao trabalho livre para todas as pessoas da sociedade; ao passo que se alteram as dinâmicas de produção compartimentadas pela ciência e o poder. Acompanhamos também as proposições em torno da educação politécnica de Proudhon e a criação de *escolas-oficinas*, que funcionariam lado a lado com as fábricas, educando as crianças e jovens, pelo e no trabalho. Podemos pensar que Proudhon propunha uma *politecnia de aprendizagem* (Cuevas, 2014, p. 79; Gallo, 2007, p. 58) como modelo para uma educação integral, onde os alunos estudam os diversos campos do conhecimento, trabalham em diferentes frentes industriais, exercitam-se para o cuidado físico e convivem com as artes para o desenvolvimento moral. Um acoplamento entre aprendizagem das diferentes áreas do conhecimento com a instrução industrial. Deste modo, todos teriam possibilidades tanto para realizar como para coordenar o trabalho, combatendo as hierarquias que imobilizam a ação criativa e implicam a divisão do trabalho fundado na exploração de um sobre muitos. Em Ferrer, acompanhamos, a consolidação das propostas de ensino integral, ampliando a tríade moral-física-intelectual em associação com uma educação do "meio" (natural e social). Com uma sensibilidade ímpar e associado com diversas educadoras, como Soledad Villafranca, faz um acoplamento importante à tradição libertária em educação: incentiva uma educação através do *afeto e do desejo*. Em Ferrer, o trabalho também é um operador importante, ao ponto de afirmar a coeducação das classes sociais, procurando eliminar, através do racionalismo, as hierarquias e dominações entre o saber e o fazer. Maria Lacerda de Moura, a encarnação da coragem de abolir todas as hierarquias, aprofunda as proposições em torno do trabalho e da educação, provocando uma expansão do conceito de *escola-oficina* para *escola-atelier,* radicalizando a importância dos afetos, dos sentidos, dos sonhos, na construção do conhecimento, chegando a afirmar que o trabalho é a continuação

do jogo. Adelino de Pinho, anarquista autodidata, contribui de forma importante, a partir do anarcossindicalismo, na afirmação de uma educação pelo trabalho. Em seu manifesto, *Quem não trabalha não come - ó parasita, deixa o mundo!* (1920), faz uma crítica direta aos poderosos proprietários que vivem no luxo, consumindo o que a sociedade produz, enquanto aqueles que de fato ocupam a produção dos bens da sociedade vivem na miséria. Só uma educação apoiada na solidariedade e na capilarização dos modos de produção do conhecimento por toda a sociedade poderiam se contrapor ao "reino dos diplomados é o reino dos acomodados." (Pinho, 2013, p. 28). Dito isto, nesta breve retomada de algumas ideias que já apresentei, bosquejo afirmar que o conceito *trabalho* é pensado, criado, expandido, torcido, friccionado por uma série de anarquistas e faz parte das bases dos pensamentos educacionais libertários. É a partir do trabalho e da educação dos debaixo que a educação libertária constitui para si mesma novas formas de trabalhar e educar, procurando construir a emancipação das espécies e da Terra.

Acompanhamos as práticas em educação destes anarquistas circunscritos ao século XIX e primeira metade do século XX. Neste período, outra prática presente da cultura libertária é a comunicação. Seja através de publicações diversas, livros, revistas, jornais, panfletos, cartazes, etc; e práticas estéticas no teatro, na poesia, nos eventos comunitários, nas veladas, etc. A comunicação com as populações se dava através de grupos auto-geridos em torno de ideias, desejos, militâncias e afinidades. Há um sólido trabalho de investigação em curso da anarquista Fernanda Grigolin através da ação da Tenda de Livros e da atividade *Charlas y Luchas*, que conecta diversas militantes e pesquisadoras libertárias, como Aline Ludmila, Beatriz Silvério, Samanta Colhado em torno da investigação de mulheres anarquistas e feministas na América Latina e suas publicações. Há diversas pesquisas no campo da cultura visual operária que se reúne em torno dos arquivos (*Arquivo João Penteado, Arquivo Edgard Leuenroth, Centro de Documentacíon e Investigación de la Cultura de Izquierdas, etc*) e centros de cultura e bibliotecas (Centro de Cultura Social de São Paulo, Centro de Cultura Libertária de Lisboa, Biblioteca Terra Livre, entre outras). Não iremos aprofundar os detalhes da cultura visual libertária e suas estratégias de comunicação, propagação, difusão e expansão da cultura da liberdade, da autonomia e da revolução.

máquina *vuela-buela*

Como uma breve nota sobre a prática da propaganda anarquista, gostaria de destacar uma vida de ímpeto rebelde, com uma prática incansável de espalhar feito enxame de micro-revoltas as ideias libertárias: Juana Rouco Buela (1989-1969), através da sua narrativa sobre si mesma em sua autobiografia *História de uma ideal vivido por uma mulher (1964)*. Juana escreve sua autobiografia aos 70 anos, o que torna tudo mais vivo e explosivo - uma vida dedicada a promover os ideais anarquistas por todos os cantos onde um corpo pode ir. Lê-se com um gosto do passado que se atualiza, entre as memórias que ascendem e aquelas que são dissipadas pelo tempo. Constitui neste livro o que Ingrid Ladeira nomeia de *escrita de si*:

> Ler, portanto, uma autobiografia é saber que ali não estão depositados segredos profundos de seus autores e autoras, mas sim o mais importante das suas lembranças de uma vida inteira. A "escrita de si" se constitui como uma prática moderna cujo objetivo é conferir importância a um indivíduo, guardando uma memória individual e reconhecendo que cada ser tem trajetórias de vidas diferentes. Prática que revela como as trajetórias dos indivíduos se modificam ao longo dos anos, alterando assim a sua própria identidade. (Ladeira, 2022 *in* Buela, 2022, p. 15).

Juana Buela é uma irrupção vulcânica! Aos 25 anos já havia sido deportada de três países diferentes, tendo se engajado em diversas rebeldias e cruzado o oceano atlântico, o rio da plata e diversas fronteiras. Nasceu em Madri em 1889 em uma família operária, sua mãe, seu pai e seu irmão, Ciríaco. Com a morte prematura de seu pai, sua mãe, esmagada pelo capital na fábrica e pelo trabalho de cuidado com casa e filhos, vê a oportunidade de enviar seu filho, Ciriaco, para Buenos Aires, para viver com uma tia mais abastada. Após alguns anos, em 1900, Juana com 11 e Ciríaco com 20, toda a família Buela se muda para Buenos Aires. Através de seu irmão passa a frequentar assembleias, sindicatos, reuniões de cunho social em centros de trabalhadores e operários. Juana, que sempre trabalhou nas fábricas e não teve acesso ao estudo formal, com desejo de mergulhar nos temas da revolução, aprendeu autonomamente a ler e escrever. "Óbvio, não com exatidão, mas o suficiente para ler um opúsculo, um livro ou um manifesto e, gradualmente, fui me aprimorando." (Buela, 2022, p. 30). Com 15 anos, quatro anos depois da sua chegada em Buenos Aires, já participava das ações diretas do FORA (Federação Obrera Regional da Argentina) e teve seu "batismo de sangue" (p. 31) nas comemorações do Primeiro de Maio de 1904. Em confronto com a polícia, um camarada foi morto e a cidade explodiu de revoltas. Aquilo não a assustou,

"serviu para refrescar meu coração e meu espírito jovem." (Idem). Em 1905, aos 16 anos, o FORA organiza um congresso e Juana atua como delegada. Em 1907, junto de Maria Collazo organiza um Centro Feminino dentro do FORA, o primeiro da história operária da Argentina, onde atuavam mais de 19 *compañeiras*[89], realizando palestras e publicando em jornais operários do seu tempo. No mesmo 1907, o FORA organizou uma Greve de Inquilinos (p. 34), que se alastrou por toda a cidade feito fogo em pólvora. "As mulheres se defenderam do ataque policial jogando água fervente contra os policiais e bombeiros" que tentavam desalojar uma grande ocupação de moradia com mais de 200 famílias. Houve um confronto e uma criança, Miguel Pepe, foi morta pela polícia. A pólvora se tornou bomba e toda a população aderiu à greve e as manifestações contra a ação brutal da polícia e do Estado. O Estado apavorado aciona a Lei da Residência (p. 36), criada 1902, para legitimar deportações de elementos perigosos, e, aos 18 anos, "a polícia me considerou em elemento perigoso para a tranquilidade do capitalismo e do Estado, e fui deportada." (p. 37). É recebida por *compañeiros* e *compañeiras* no porto de Barcelona que tentam resgatá-la, após um confronto com a polícia, um interrogatório de 48 horas, é liberada para responder em liberdade, mas precisa sair de Barcelona e da Espanha em alguns dias. Antes de partir, se encontrou com Teresa Claramunt e foi visitar o jornal *Tierra y Libertad*, viajou para Madrid, onde conheceu, já bem velhinho, Anselmo Lorenzo, e algumas escolas racionalistas inspiradas por Ferrer. Em Madrid se envolve com o movimento anarquista, que resolvem convidá-la para uma palestra sobre sua experiência na Argentina com o FORA. No entanto, é presa antes, levada de volta para Barcelona, outro interrogatório de 48 horas; escoltada até seu embarque de navio, recebe uma passagem para Marselha e mais 30 pesetas para sair de vez da Espanha. Marselha não lhe apetece, pelo idioma e pela ausência de movimentos libertários. Parte para Gênova, é recebida por parentes com uma situação financeira mais estável, Juana, volta a trabalhar nas fábricas de engomadoria. Recebe, em 1909, notícias de uma greve organizada por um sindicato em uma cidade pequena perto de Gênova, Parma. Soube da organização de um piquenique com mais de 500 crianças das famílias de trabalhadores rurais grevistas e resolveu ir ter com eles. À procura de encontrar mais anarquistas em meio a multidão em torno da tribuna, cava espaço entre os que ali estão até o pé da tribuna, apresenta-se para quem está organizando falas e pede a palavra - que lhe é cedida! "Que emocionante! Depois de tantos meses transitando de um lugar para outro, eu me encontrar diante daquela multidão falando

[89] Durante a sua autobiografia sempre se refere aos amigas e amigas como companheiros e companheiras, o que a tradução para o português manteve em língua espanhola, *compañeros e compañeras.*

sobre um acontecimento tão humano, tão afetuoso." (p. 45). Ao descer da tribuna é aguardada por um camarada italiano, Tonietti, que também foi deportado de Buenos Aires junto com ela. Após esse encontro e articulações entre *compañeros,* e a ajuda de Sra. Sarita, a mulher que lhe alugava um quarto, consegue embarcar como garçonete em um navio para Montevidéu. Feliz de voltar para América Latina e um pouco mais perto de sua família, envolve-se com o movimento anarquista uruguayo. Frequenta encontros no café *El Pombo*, "daqueles encontros saíram muitas vezes manifestos e artigos para os jornais" (p. 47). Integra a FRTU (Federação Regional de Trabalhadores do Uruguai) e em 1909 funda o jornal *La Nueva Senda* (p. 48). As prensas, a redação e o editorial estavam alojados em sua casa, onde também tinha uma pequena oficina têxtil. A prisão, acusação e fuzilamento de Ferrer foram noticiados em *La Nueva Senda.* Quando Ferrer é assassinado pelo Estado Espanhol uma grande revolta popular se insinua em Montevidéu, com passeatas, comícios, tribunas espalhadas por toda cidade. "Falei pouco, mas sim, lembro-me de ter dito àquela enorme multidão que havia um representante da Espanha no Uruguai" (p. 52), em marcha a multidão se encaminhou em direção a embaixada espanhola, gritando: "à embaixada! à embaixada!". Na semana seguinte, um policial bate à sua porta e deixa um recado alertando que ela se apresentasse ao delegado-geral - o que ela não faz. Montam vigias policiais na porta de sua casa, controlando todas as pessoas que entram e saem, entre camaradas, aprendizes da sua oficina, etc. Com o passar das semanas e a situação se tornando cada vez mais insustentável, bola um plano! E com ajuda de aprendizes e *compañeros*, foge. Em plenos olhos da polícia, faz um *mise en scène,* colocando seu véu em uma *compañera,* que sai de sua casa caminhando com outras *compañeras,* para um lado da rua. Enquanto, Buela, vestida em um terno masculino, sai com mais três *compañeros* caminhando para o outro sentido da rua. A polícia aborda a suposta "Juana" (a amiga vestida com seu véu), quando percebe que não se trata dela, mas de um truque, Buela já estava em fuga, longe dali, *volando*[90]. O caso ficou muito popular entre os jornais operários que noticiaram o feito com manchetes escritas: "*Vuela, Buela!*" (*Voa Buela!*). Além de ressaltar a inoperância e ignorância das forças policiais. Disfarçada de viúva rica de luto, com vestido preto elegante, chapéu e véu no rosto, embarca de trem para Buenos Aires, sem nenhum inoportuno policial. Em Buenos Aires, sua mãe ainda está tentando liberar ela do processo de deportação. Ela muda de nome, passando a ser conhecida por Juana Rouco. Em 1910, com 21 anos, novo nome, participa ativamente da greve geral impulsionada pelo FORA, até ser presa, deportada de volta para o Uruguai. Em

[90] T.A. - voando.

Montevidéu, a polícia, possessa pelo último papelão do caso *vuela, buela!*, faz todo o processo ser moroso com inúmeras idas e vindas para juízes e delegacias. Após a ladainha da Lei e Juízes, é liberada com pagamento de fiança. Segue se envolvendo com a luta libertária em 1912 e 1913, ativa em jornais como *La Batalla, Solidariedade, El hombre, La Nueva Senda, e*tc. Em 1914, em contato com alguns anarquistas franceses, resolve ir a Paris. Embarca clandestina em um navio, facilitada por alguns *compañeros* que trabalhavam nas embarcações. É descoberta no início da viagem. Com alguma empatia, o capitão lhe oferece que desembarque no porto de Santos, o que ela negocia para acontecer no Rio de Janeiro, onde conhecia gente. O capitão aceita. Juana "Já havia tomado o cuidado de coletar os endereços dos *compañeros* que moravam em todos os portos por onde o navio fazia escala." (p. 67). O capitão lhe deixou no Rio de Janeiro, sem suspeitas policiais. Foi recebida por José Borobio, que lhe apresentou para José Oiticica e o círculo libertário do Rio de Janeiro. Ali no rio atuou por quatro anos, contribuindo com jornais como *A Voz do Trabalhador, A Voz do Padeiro, Guerra Sociale,* entre outros. Foi ativa, oferecendo palestras em espaços libertários como Fraternidade e Progresso, na Gávea, *Juventud de Tabueja*, conectada ao anarquismo madrilenho, e no Centro Cosmopolita, onde foi presa e solta no mesmo dia pela polícia. Retornou em 1917 para Buenos Aires, através de um barco costeiro, evitando imigrações policiais e afins. Ali se associa a Liga Racionalista, para incentivar os estudos e práticas anarquistas em educação. Neste período o FORA estava articulado com greves parciais, escolas libertárias, greves gerais, em muitas cidades da Argentina, do urbano ao rural. Em 1909, durante uma greve dos metalúrgicos de Vasena, os patrões colocam capangas armados em frente à fábrica para abrir fogo em qualquer pessoa que passasse por ali. Foram tantos tiros e gatilhos que 5 adolescentes foram mortos, todos entre 14 e 17 anos de idade. Isso levou o FORA e a população a uma Greve Geral. Foram semanas de diversos confrontos armados por toda Buenos Aires, com articulações em terra e no mar. Os sindicatos libertários se fortaleceram, ampliaram seus números, enquanto a repressão também aumentava. "estima-se 55.000 trabalhadores levados à delegacia presos e fichados ou deportados [...] Tudo isso não interrompeu por um único momento o ardor e entusiasmo dos quadros sindicais e culturais." (p. 89-90). Em 1920, aos 31 anos, muda-se para Rosário, abre uma livraria e articula leituras na Biblioteca Anarquista Emílio Zola. Articula atividades culturais junto a uma cantona, Libertad Lamarque, filha de um militante libertário, e viajam para diversas cidades rurais do entorno. "Lá o problema agrário era um dos mais candentes. Era um local de contração de trabalhadores e *compañeros* [...] onde nós anarquistas tínhamos

razões mais do que suficientes para fazer propaganda ideológica, com demonstrações das exploração a que estes trabalhadores eram submetidos [nas colheitas] pelos proprietários das terras." (p. 93). Sua vida segue cheia de revoltas e reviravoltas, em 1921, a FORA organizou uma turnê pelos interiores da Argentina para encontrar com sindicatos, trabalhadores, associações, escolas, etc, para promover os ideais libertários e articular as lutas. Entre as cidades de Quequén e arredores, onde havia uma forte atividade portuária, conta sobre encontrar muitos camaradas que havia encontrado em outras localidades do interior. Àquela época era muito habitual os trabalhadores migrarem de região para região em busca dos trabalhos sazonais, seja no campo, seja no porto, seja em algum aspecto da indústria. Eram chamados de "*linyeras*" que viajavam constantemente através de trêm e comboios de mercadorias, de forma ilegal na maior parte das vezes: "Eram chamados "linyeras" porque com sua única bagagem transportavam um maço de roupa nos ombros e subiam em todos os telhados de qualquer trem de carga, que era a forma como viajavam." (p. 104). Além da sua única bagagem de roupas, muitos anarquistas viajam com calhamaços de panfletos, jornais, manifestos, livros e toda sorte de propaganda para a insurgência. Em cada localidade, uma nova luta, em cada canto, a tentativa de integrar as lutas. "Se tinham adotado esse modo de vida, era para poder realizar o intenso e extenso trabalho de propaganda, para eles uma alegria viver, e sacrificam o seu bem-estar pessoal em prol do ideal que queriam e defendiam em qualquer parte onde se encontrassem." (p. 104).

Nessa narrativa de Juana fica evidente um infatigável compromisso com a promoção dos ideais libertários por todos os meios possíveis. Cultivando redes de solidariedade internacional, onde houvesse espaço, estava ela ali, falando em tribunas, escrevendo nos jornais, fomentando escolas, construindo greves, dando palestras, etc; sempre conectada com as lutas sindicais anarquistas e a classe operária. Podemos afirmar que sua vida libertária cria uma prática de ação direta como propaganda pelo ato: fugir da polícia, falar na tribuna, expor a si nos jornais, nos livros, nos folhetos, encarar a polícia de frente e sem medo das armas, aliás, "os trabalhadores estavam bem armados e prontos para se defenderem, com a força de sua consciência." (p. 87). A prática militante dela atravessa a educação de si (autodidata) e dos outros (associações diversas) de forma autogerida através dos sindicatos, greves, centros, piquetes, ofícios, jornais, livros, etc. Sua vida é um grande enunciado ético-estético *com* os povos - conclamando para revolta e luta, ao mesmo tempo, que se transforma e se forma através das próprias lutas.

sub-hipótese

Portanto, dito isto, o *trabalho* e a *propaganda* atuam como forças importantes no plano em que se articula o anarquismo e a educação anarquista. O pensamento e as práticas que localizamos são, no entanto, como vimos, entre o século XIX e início do XX. Muita água passou embaixo da ponte do trabalho e da propaganda depois disso… e já não podemos dizer que se tratam dos mesmos acontecimentos. Despenca, feito jaca madura, em nossa frente um problema essencial para o desenvolvimento da hipótese desta tese, a saber: se é preciso seguir atualizando as práticas libertárias em educação, torna-se necessário a interrogação diante do trabalho e da comunicação no presente? A resposta afirmativa é retumbante! No entanto, coloca-se um segundo problema, com respostas que nos custarão o percurso deste capítulo, a saber: com advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), quais percursos são colocados para uma educação comprometida com a autonomia singular, autogestão comunitária, liberdade e solidariedade?

Tratei de pintar alguns princípios de quatro experiências educacionais importantes para a trajetória libertária e que articulam de forma essencial a relação entre as forças do trabalho e da aprendizagem, sendo elas: o Orfanato de Cempuis e Paul Robin; as Bolsas de Trabalho e Fernand Pelloutier; A Colmeia e Sebastien Faure; e o Centro de Instrução Feminina e as Irmãs Soares. Acompanharemos no olhar de Ferreira (2013) frente às transformações inerentes das formas de produção, consumo e da sociedade através do advento da Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e suas implicações. Ferreira (2013) descreve um panorama dos 30 anos gloriosos do capitalismo mundial entre 1945-75 e analisa as transformações no espaço-tempo de produção, consumo, comportamento humano, distribuição, com o advento das TIC. Acompanharemos também as contribuições de Jaime Cubero (2015) para compreender o que ele nomeia como *nova ordem* do capitalismo mundial. A partir dos eventos e resistências ao evento internacional ECO-92 elabora noções preciosas para atualização das lutas libertárias contra o capitalismo e seus múltiplos polos de poder internacional.

Quem também analisou profundamente as relações entre a comunicação, os *mass media*, a dominação e o trabalho foi Guattari em inúmeros de seus trabalhos. Para tanto, através das interlocuções realizadas com Franco Berardi (Bifo) em entrevista à Paolo Bertetto, companheiros do movimento autonomista italiano, irei destacar diversas proposições e fricções com os conceitos: trabalho, trabalhadores, classe operária, estrutura, máquina, revolução molecular, revolução permanente, desejo, etc. São categorias, pequenos

focos autopoiéticos, que Guattari criou para constituir o arquipélago conceitual da Revolução Molecular e da negação do trabalho. Perseguindo ainda o conceito de máquina, irei acompanhar as proposições de Larissa Drigo Agostinho em um artigo belíssimo intitulado *Guattari: máquinas e sujeitos políticos* (2020). Neste artigo, Agostinho (2020) orienta muitos percursos para a constituição do conceito de máquina em oposição às estruturas. Ela localiza a máquina ao lado, *literalmente*, do sujeito. Aponta o sujeito como o ponto de ruptura de toda a máquina. Há também, neste percurso, uma retomada das relações do Capitalismo Mundial Integrado (CMI) e das máquinas-escolares através do texto de Carvalho e Camargo (2015). A partir dessas contribuições poderemos expandir ainda mais as análises para a construção de novos sabores do slogan libertário *pela educação e pelo trabalho*.

Com o objeto de desenvolver a hipótese principal (a atualização da filosofia da educação libertária através do plano de análise ecosófico), nos colocamos o seguinte problema: como a educação libertária pode se posicionar hoje, se as tecnologias da comunicação e da informação (a telemática, a internet, as novas-velhas mídias, o teletrabalho, etc) deslocaram toda nossa organização social e subjetiva para novas relações entre dominação e resistência?

máquina libertária borboleteante

Em um texto publicado pelo *Centro de Cultura Libertária* de Almada (Portugal) - com sem data de impressão precisa, parte da coleção *Brochura Social: número um, volume um*, editado por Lima da Costa e Neno Vasco - encontramos uma análise contundente de Pelloutier sobre a propriedade privada e o valor de troca que o capitalismo impõe sobre o trabalho atuando como definidor das desigualdades de classe. O mesmo processo que condena uma parte da população à miséria e uma outra pequenina ao luxo. E entre as duas classes se articulam uma série de polícias e milícias que garantem a estrutura pela violência. "Constituiram-se progressivamente as milícias, os exércitos, as magistraturas, a polícia, incumbidas de proteger o organismo social, os parlamentos, os ministérios, encarregados de os administrar. E como estas diversas funções custam caro sem produzir coisa alguma os pobres tiveram que redobrar seus esforços para satisfazer as necessidades dos parasitas" (Pelloutier, s/d, p. 10).

Em outra passagem, onde procura elaborar como seria uma sociedade em que a troca e o mutualismo formariam uma nova sociedade, livre das opressões, escreve: "Comer e pensar, extrair da terra os frutos e do cérebro as ideias: tal deve ser a ocupação humana." (Idem, p. 12). Ao decorrer do texto, ele defende uma estratégia de luta e ação, conhecida como anarco-sindicalismo ou sindicalismo-radical, que estaria articulada com a existência das Bolsas de Trabalho e de uma Federação Internacional destas Bolsas de Trabalho. As Bolsas de Trabalho foram lugares que alguns municípios franceses cederam ao movimento dos trabalhadores organizados, extremamente inspirados com as ideias de mutualismo e federalismo de Proudhon, onde seriam realizadas ações de articulação dos sindicatos, centros de apoio a trabalhadores adoecidos, centros de formação e instrução, centros de auxílio à desempregados, etc. Principalmente, na perspectiva de Pelloutier, as Bolsas de Trabalho e sua Federação, estariam a serviço de uma autogestão da produção de diversas qualidades (grãos, minérios, artes, etc) que poderiam utilizar a troca e intercâmbio de trabalhadores, criando uma outra circulação da produção fora do esquema de exploração do capitalismo e do mercado.

> Entre a organização sindical que se elabora e a sociedade comunista-anarquista, no seu período inicial, há concordância. Nós queremos que toda função social se reduza à satisfação de nossas necessidades; o sindicato também o quer, esse é seu fim, e cada vez mais ele se emancipa mais da crença de necessidade de governos. Nós queremos o livre acordo dos homens; o sindicato só pode existir expulsando do seu seio qualquer espécie de autoridade e de coacção. Nós queremos que a emancipação social seja obra do mesmo povo, a organização sindical também o quer. (Pelloutier, s/d, p.18)

Pelloutier foi secretário geral da Federação das Bolsas de Trabalho de 1895 e 1901 e foi um dos animadores principais das práticas de educação popular realizadas nesses contextos. Financiado pelos fundos de greves, por práticas mutualistas, as bolsas de trabalho organizaram inúmeras ações diretas de educação popular. "Las bolsas de trabajo se convirtieron, pues, en centros destinados a la educación y discusión de los problemas que afectaban a la clase obrera. La enseñanza estaba dirigida por los obreros más cultivados. Los servicios de enseñanza comprendía: una biblioteca, una oficina de informaciones, un museo social, cursos profesionales y cursos de enseñanza general."[91] (Cuevas, 2014, p. 101). Através

[91] T. A. - Assim, as bolsas de trabalho tornaram-se centros de educação e discussão dos problemas que afetavam a classe trabalhadora. A educação era dirigida pelos trabalhadores mais instruídos. Os serviços educacionais

das Bolsas de Trabalhos se fomentou espaços essenciais para cultivo da memória e aprendizagem libertária, contando com importantes bibliotecas anarquistas, com o museu do trabalho, algumas oficinas de informação e propaganda, que objetivaram formalizar e armazenar os documentos e notas emitidas pelas organizações dos trabalhadores. Ficou conhecida como a universidade dos trabalhadores, onde se organizam cursos formativos em diversos campos, das engenharias às medicinas às artes, etc.

integral

As proposições libertárias para uma educação antiautoritária se articulam com o pensamento e a prática de Paul Robin, principalmente, na tentativa de sistematização da ideia de educação integral. Robin, antes de embarcar nas lutas socialistas libertárias, estudou para se tornar professor na Escola Formal francesa e exerceu a função em escolas regulares, onde se desencanta com o processo de educação como o concebemos. Inicia seu percurso libertário se mudando para Bruxelas. Em Genebra, conhece Bakunin na Associação Internacional de Trabalhadores e apresenta no congresso de 1868 uma moção a favor da Educação Integral, onde foi parte do Conselho Geral, até ser expulso junto com outros socialistas antiautoritários.

> Enquanto aqueles que há séculos impõem o seu domínios ao povos com a falsa promessa de fazê-los felizes, brigam, lutam, às custas de seus súditos e inclusive desfrutam às expensas dos seus bolsos, a minoria inteligente dos trabalhadores, totalmente desiludida, entende-se, organiza-se e reverte ativamente a corrente de decadência em que os déspotas precipitam a humanidade. Há quase cinco anos [...] proletários de todo os países vêm se unindo em Associação Internacional. (Robin, 1989, p. 92)

Em sua luta internacionalista pela emancipação dos povos, dos pobres e dos trabalhadores, defendeu sempre a que a educação seria uma estratégia essencial para a revolução social. Uma revolução que poderia inaugurar uma sociedade fundada na igualdade: "Por conseguinte, em nome da justiça, queremos para todos uma educação completa, integral. Só aqueles que partem do velho princípio teológico podem classificar os homens em duas castas: os que trabalham e os que se divertem, os que obedecem e os que mandam. A justiça não pode legitimar a desigualdade!" (Robin, 1989, pg. 89).

---

incluíam: uma biblioteca, um escritório de informações, um museu social, cursos profissionalizantes e cursos de educação geral.

O correlato ao prefeito da cidade de Cempuis, com alguma familiaridade com os pensamento de Paul Robin, o convidou para se tornar o diretor do Orfanato de Cempuis, o que aconteceu entre 1880 e 1894. Em Cempuis, Robin pôde ativar uma das primeiras experiências duradouras de educação anarquista com jovens e crianças, são 14 anos de prática. Cempuis acolhia em torno de 150 crianças e jovens, que moravam no orfanato por diversas razões, seja por sanções de má conduta, por ausência de tutores e por questões do que conhecemos hoje como saúde mental. Desenvolveu diversos deslocamentos importantes dos modelos educacionais do seu tempo, descentralizando o ensino religioso para um ensino racional e científico. Afastou-se das teorias de aprendizagem pela memorização de verdades e formulações. Aprofundou um ensino voltado para ensinar os meios de produção dos conhecimentos. Afirmou, para o horror da sociedade patriarcal da época, uma educação com meninas e meninos juntos. Robin defendia um processo educacional transversal ao desenvolvimento das capacidades físicas, morais e intelectuais, como as definia.

As atividades físicas de Cempuis ocupavam pouco mais de um terço da jornada diária. Entre atividades como natação, equitação e ginástica (em um ginásio equipado com diversos aparelhos), além de atividades ao ar livre, com diversas modalidades de jogos. A alimentação em Cempuis era completamente vegetariana. Acreditava que essas práticas alimentavam de forma integral os jovens: mente, corpo e comunidade.

As atividades do campo intelectual, manual e artístico aconteciam por linhas de interesse de cada grupo de educandos, orientados a primeiro descobrir na observação do meio, isto é, a natureza, a cidade, a sociedade, a escola, as fábricas, os fenômenos, etc. Após a observação e afetação sobre os assuntos que lhes interessavam estudar, começam a experimentar as suas práticas. Após essas primeiras fagulhas de desejo por temas que teriam afinidades, eram encaminhados para processos de investigação experimental e teórica, sejam em laboratórios, estudos de campo e leituras em aula. Estavam abertas sempre as possibilidades de descoberta vocacional, independente do gênero da jovem, e eram estimuladas que começassem a experimentar a profissão, pelo menos 3 horas por dia, a partir dos 12 anos de idade. Cempuis também possuía uma gráfica, onde se ensinava e se aprendia as técnicas de editoração e impressão.

As atividades da moral, estavam voltadas para criação de uma nova moral, que distanciava os jovens da moral burguesa e religiosa. A moral libertária era fundamentada nos ideais de Kropotkin de solidariedade humana e apoio mútuo. Deste modo, haviam dois

aspectos importantes para o cultivo da nova moral: o modo de vida das escolas e sua forma de gestão, por um lado; e por outro lado, a escolha dos conceitos e teorias que eram ensinadas na escola, abolindo quaisquer ideias que estivessem carregadas de teologismo e liberalismo.

> A organização da escola de Cempuis procurava colocar todos os membros da comunidade, professores, alunos, direção, funcionários num plano de igualdade: todos deviam respeitar a todos e a liberdade de cada um era considerada fundamental para o bom desenvolvimento dos estudos. O relacionamento entre professor e aluno era baseado na discussão na pergunta procurando fazer com que a criança desenvolvesse seu espírito crítico e sua autonomia, e nunca a submissão. (Gallo, 2007, p. 87)

Gallo (2007) nos narra um pouco das experiências em Cempuis, para as crianças as atividades eram mediadas por diferentes objetos experimentais, como balanças, lupas, lunetas, pinças, barômetros, termômetros, etc. Quando estavam mais crescidas, por volta dos dez anos, poderiam começar a participar das atividades realizadas nas oficinas. Em Cempuis haviam oficinas de sapataria, imprensa, encadernação, forja, carpintaria, costura e uma lavanderia. A rotina das crianças até os 13 anos, quando finalizavam o ensino primário, era constituída por 9 horas, com 5 horas destinadas a trabalhos manuais - entre horas de oficina e de trabalhos coletivos - e 4 horas de atividades de ensino formal, com aulas e leituras. Após o ensino primário, entravam no período de "borboleteamento", em que ficavam migrando cotidianamente entre as oficinas (madeira, metal, forja, costura, tipografia, gráfica, serviços gerais, etc.). Após a fase experimental das diversas possibilidades de ofício que poderiam ser trilhados, os jovens vão escolher um universo para o qual querem se dedicar e ali ficarão cotidianamente para desenvolverem suas habilidades - sabendo que sempre poderiam mudar.

nem isso, nem aquilo

A biografia de Sebastien Faure é extremamente singular, a começar pelos últimos anos de sua vida. Aos 76 anos, deixa a França e vai para a Espanha lutar nas colunas da revolução junto a Durruti. Uma verve no mundo. Passou por inúmeros contextos de militância, sendo julgado no Processo dos Trinta[92], foi editor do periódico *Le Libertaire* e passou a vida viajando realizando palestras sobre os princípios libertários em diversas partes do mundo. Suas palestras eram extremamente aclamadas e foram fonte de financiamento da experiência da comunidade *A Colmeia (La Ruche)*. Em A Colmeia haviam diversos tipos de

[92] Jean Maitron, Le mouvement anarchiste en France, Tel Gallimard (first ed. François Maspero, 1975), tome I, chapter VI, "Le Procès des Trente. Fin d'une époque", pp.251-261

vinculação das crianças, algumas moravam no sítio, outras iam diariamente e moravam com suas famílias. Lá as crianças e jovens realizam diversas atividades, entre jogos, aulas, ofícios, etc. No entanto, Faure não definiu A Colmeia como uma escola, "A Colmeia não é, pois, nem uma escola, nem um internato, nem um orfanato" (Faure, 2015, p. 50). Financiada de forma totalmente autônoma, com recursos provenientes de organizações de trabalhadores ao redor do mundo, doações das famílias (quando as mesmas tinham alguma condição), venda de materiais e produtos cultivados/produzidos dentro da comunidade, assinaturas dos periódicos que foram publicados, doações de militantes em suas palestras ao redor do mundo. Essa forma de existir, nem pública, nem privada, nem escola, nem orfanato, colocou A Colmeia em constante atrito com as fiscalizações estatais (o que não parecia um problema que angustiava Faure), "A situação continua a mesma: o legislador ignora a A Colmeia e A Colmeia ignora o legislador. É simples, franco, claro e preciso." (Idem, p. 56).

Era praticado um horizontalismo radical na organização interna desta experiência, mesmo que houvessem funções diferentes entre cada pessoa colaboradora (diretor, professor, aluno, funcionário, etc) as decisões foram tomadas através de assembleias, sempre abertas para participação de quem estivesse interessado. "É a vida em plena luz, é a plena confiança, é a troca simples e franca de opiniões, de coração aberto. É o meio mais seguro e melhor para impedir intrigas e a formação de panelinhas, baseadas nos segredos e silêncios." (Idem, p.64). Faure era o diretor, que tinha função de lidar com diversas frentes e atividade públicas, credores e instituições, auxiliar na coordenação das diversas atividades que aconteciam no mesmo espaço, mas "com os grupos e companheiros, ele [o diretor] se coloca ao lado dos seus colaboradores e se reintegra ao grupo, deixa seu cargo e se torna apenas mais um, nem mais nem menos." (Idem, p. 58). Há uma experiência de compartilhamento e gestão dos recursos internos da comunidade, autogerido por todos, sem uma centralização hierárquica, mas uma liberdade de usos constituída em coletivo, comenta Faure sobre o acesso aos recursos pelos colaboradores

> [Todos] Tem acesso, não obstante, a um pouco de dinheiro próprio; existe para esse fim um caixa comum, onde podem retirar o que seja necessário sem dar satisfações, sendo que eles mesmos são os únicos juízes de suas necessidades, e sinto-me feliz em dizer, como elogio a todos, que já passados quase dez anos de existência d'A Colmeia, todos os nossos colaboradores têm utilizado da caixa comum com absoluta discrição e reserva, de modo a pesar o menos possível sobre o nosso orçamento. (Idem, p. 62).

A organização das crianças é feita mediante um fato objetivo: os pequenos, os médios e os grandes. A repartição nestes grupos está relacionada às vontades e capacidades de cada criança/grupo em realizar tarefas distintas. Em linhas gerais, os pequenos tocam o dia entre a brincadeira, o jogo, algumas aulas e algumas atividades de cuidados da casa (descascar legumes, limpar, etc). Os médios articulam seus dias entre atividades lúdicas, atividades nas oficinas (variando entre técnicas, inspirado pelo borboletear de Robin), atividades de ensino em aulas e leituras livres. Os grandes dedicam seu tempo para o ofício que escolheram desenvolver, participam de forma voluntária nas aulas e, caso queiram, podem se engajar ativamente na gestão da escola e no ensino dos médios e dos pequenos.

> A educação deve ter por objeto e por resultado formar seres tão completos quanto seja possível, capazes de ir mais além de suas especialidades cotidianas, quando as circunstâncias ou as necessidades o permitam ou o exijam: os trabalhadores manuais, de abordar o estudo de um problema científico, de apreciar uma obra de arte, de conceber ou de executar um plano, até mesmo de participar a uma discussão filosófica; os trabalhadores intelectuais, de pôr a mão na massa, na fábrica ou nos campos, um papel decente e um trabalho útil. (Idem, p. 109).

A Colmeia se empenhou em realizar muitas ações que convidasse a comunidade a participar da sua vida. Assim como, A Colmeia viajava para conhecer outros lugares. Essas ações afirmam que a escola e a aprendizagem não são ilhas desconectadas da sociedade e da natureza. Os processos de educação realizados por Faure pretendiam uma prática de auto-formação coletiva, em que a comunidade, os sindicatos, as associações, as cooperativas, as famílias, os artistas - e quem mais houvesse - fossem parte ativa na formação de si e das novas vidas germinadas n'A Colmeia. O que era produzido nas oficinas d'A Colmeia autosustentava a experiência escolar (marcenaria, forja, roupa, cadernos, alimentação) e suas publicações eram distribuídas em diversos contextos da luta operária, o que era responsável por grande parte do financiamento da experiência educativa. Convidavam e demonstravam para outros grupos e associações as possibilidades de criar outras formas de educação popular.

Anualmente havia um festival n'A Colmeia, que participavam camaradas de diversas partes do mundo que se inspiravam ao som dos corais, das leituras de poemas, das músicas, das comidas e "Todo mundo leva, nos seus pulmões, uma provisão de ar puro e vivificante e, nos seus corações, a alegria e a emoção, por muito tempo. Esta grande celebração é uma oportunidade, aos que nunca viram A Colmeia, de visitá-la detalhadamente, e aos que já conhecem, o momento de rever o ambiente no qual crescem as nossas queridas crianças, que

são também um pouco as suas, e verificar o contínuo desenvolvimento da obra" (Idem, p. 138).

Além de operar esse convite de fora para dentro, as crianças da Colmeia estavam sempre que possível viajando para outros contextos, outras paisagens, seguindo os conselhos de Reclus, aprendendo a geografia do mundo com seus próprios corpos. Essa prática das viagens se dá como uma afirmação de outra forma de aprendizagem, não como exemplificação de conteúdos vistos em livros, como que se chama hoje de "estudos do meio" nas escolas; mas, sim, como formas de experimentar o novo (sensibilidade) antes de pensar sobre este novo. Produz, assim, práticas de descentramento das zonas do conhecido ao se lançar sensivelmente para o novo. "Possam as fronteiras de seus jovens corações alargar-se sem cessar e habituar-se a abraçar, em um mesmo sentimento de fraternal solidariedade, todos aqueles que, sejam quais forem a terra em que vivam, as vestes que usem, a língua que falem, aspirem à emancipação universal." (Idem, p. 148).

transdisciplinar e compartilhada

Maria Angelina Soares e Maria Antonia Soares, as irmãs Soares, nasceram em uma casa simples do Bairro da Mooca em São Paulo. Neste tempo seu bairro era uma mistura de polo industrial com zona rural, ainda afastado do centro da cidade, o bairro congregava muitas indústrias de diferentes portes, desde oficinas à fábricas, "a casa da família Soares era um ponto de encontro educativo (Universidade Popular Racionalista) e sindical (União dos Sapateiros)" (Ludmila *et al*, 2021, p. 15). Com uma família composta de militantes anarquistas, é provável que Maria Antônia Soares tenha estudado em uma escola libertária dos seus 08 aos 12 anos, em Rosário (Argentina), onde seu irmão, fugindo da polícia de Santos, foi atuar como professor. Ludmila (2021) destaca uma menção de Juana Buela (p. 20) a um centro feminino de jovens idealistas criado em São Paulo, exaltando a importância dos centros para o fomento da emancipação das mulheres e da sociedade. A Mooca, o Brás, e Belenzinho e o Bom Retiro, estava passando por profundas transformações. O protagonismo libertário em bairros como Bom Retiro e Brás se transformaram e, depois de 1914, outras localidades, como Mooca, Ipiranga e Lapa, próximas às linhas de trem, às fábricas e às moradias operárias. É neste contexto que em 1913 é aberto do Centro de Jovens Idealistas, que carregam o seguinte programa, publicado em 1915 pelo jornal *Grito Operário* e em 1920 pelo jornal *A Plebe* (Ludmila *et al*, 2021, p. 147): a) reunir o maior número de mulheres; b)

relações estreitas e amistosas entre essas mulheres em busca da emancipação; c) criar escolas gratuitas para jovens; d) criar bibliotecas e publicações; e) organizar conferências festivais. Vale destacar que no jornal *A Lanterna* de julho de 1913, na contra-capa (Idem, p. 146), o centro é designado como um centro de "*propaganda* em favor da emancipação da mulher, isto é, tirá-la da escravidão em que se encontra e colocá-la no lugare que lhe corresponda na sociedade." (Idem, Idem). Este centro reuniu diversas mulheres em torno de temas variados, foi importante durante a greve geral de 17 no Brasil, articulou diversas lutas e práticas públicas, entre publicações, manifestos, etc. Durante algum período, articulam uma escola dominical para mulheres, de caráter anticlerical e libertário, procurando através da educação fomentar a propaganda pela educação da mulher e a guerra social. Antonia Soares (Ludmila et al, 2021, p. 54) escreveu que "por meio de jornais, livros, folhetos, boletins, comícios, conferências etc… nós temos nos comunicado com ele [o povo, os trabalhadores], temos-lhe confiado às nossas aspirações.". A comunicação é uma ferramenta para opor as campanhas de desinformação e difamação que a burguesia acuada propagava sobre os anarquistas e suas práticas terroristas."Sentíriamos muito, no entanto, que os trabalhadores, deixando-se seduzir pelo canto da sereia burguesa, caíssem no laço que os capitalistas lhes armam, o que os levaria ao mais completo aniquilamento moral, ao último degrau da escravidão moderna." (p. 55). Dentro do Centro Feminino de Jovens idealistas as mulheres trocavam e compartilhavam responsabilidades em relação à organização das atividades públicas, operando através de autogestão. "A não distinção entre quem realiza edição, tradução, impressão e distribuição é intencional, fazendo com que a militância anarquista seja uma prática transdisciplinar e compartilhada por um corpo editorial expressado em um conjunto de militantes." (Ludmila et al, 2021, p. 170). Nas experiências de ativismo do Centro Feminino vemos a articulação profunda entre propaganda, educação e trabalho acionados através das práticas de publicação, escola dominical e realização de comícios-palestras. As mulheres partilham muitas vezes a assinatura dos textos compostos pelo Centro Feminino e compartilham os trabalhos especializados da editoração de modo a negar a divisão do trabalho dentro de suas próprias organizações. Ademais, realizam campanhas de financiamento e agenciam práticas junto às escolas libertárias existentes em São Paulo, como as Escolas Modernas N.1 e N.2.

autogestão, propaganda e estética

Selecionei essas quatro experiências de educação, pois acredito que elas encontram uma resposta muito potente e sensível para criar um *outro trabalho* dentro das práticas libertárias de educação. As Bolsas de Trabalho, Cempuis, A'Colmeia e o Centro Feminino de Jovens Idealistas, realizaram no presente de suas práticas algumas transformações radicais nos campos do trabalho, da propaganda e da educação, que gostaria de elencar para alguns comentários: *primeiro*, na forma de organização do trabalho nas próprias instituições, através da autogestão radical da administração e do conhecimento; *segundo*, a implicação entre difusão do conhecimento extra-escolar através de campanhas populares de propaganda e ações públicas; *terceiro*, no posicionamento ético-estético diante da divisão do trabalho, acionando o dispositivo *borboletear* frente a serialização da divisão do trabalho.

A autogestão, evidentemente, é um conceito chave para lermos as quatro experiências. Evidente, por um lado, já que todas as experiências não apenas praticaram autogestão nas suas próprias formas de organização, tensionando diferentes sentidos do que nós chamamos de divisão do trabalho. E por outro lado, também evidente, pois essas distintas experiências tematizaram a autogestão em suas formas de produção de conhecimento, seja nas práticas escolares, nas publicações, nos comícios e na propaganda da ideia anarquista de autogestão. As Bolsas de Trabalho eram articuladas em torno de uma federação, descentralizada e mutualista, autogerida pelos sindicatos libertários. As Bolsas operavam por troca e intercâmbio da produção de diferentes qualidades, mantendo uma circulação fora do mercado capitalista. Sua gestão, sustentabilidade e organização eram realizadas por trabalhadores e para trabalhadores, sustentando de forma emblemática uma radicalidade diante da divisão do trabalho, criando espaços onde todos aprendem e todos ensinam, independentes das suas posições no mundo do trabalho, seja intelectual, manual, artístico, etc. A'Colmeia operava um sistema de autogestão administrativa e educacional aberta a todas as pessoas que integram o processo, das trabalhadoras da manutenção, cozinheiras, jardineiros, agricultores, professores, diretores, alunos e comunidade. Na narrativa de Faure, era um espaço aberto para o *falar livremente* poderia ampliar a confiança mútua. Assim, a solidariedade e o apoio entre as pessoas fomenta uma nova forma de educação e vida. A Colmeia, que *não é orfanato, nem escola,* poderia ser vista como um território educacional autogerido. Toda a produção coletiva d'A Colmeia nos trabalhos da agricultura, como os trabalhos de costura, como as vendas dos periódicos, como as festividades com apresentações artísticas que arrecadavam recursos

constantes para a escola, eram produzidos por todas as pessoas envolvidas, alunos, professores e trabalhadores. O trabalho produzido por todos, gerido por todos, partilhado para todos e que educa a todos. Muitas vezes não sabemos identificar as autorias dos comunicados e manifestos do Centro Feminino de Jovens Idealistas pois muitos foram escritos através de um trabalho coletivo, que através da autogestão nos próprios meios de comunicação aboliu a divisão do trabalho entre si. Autogestão como prática do ensino mutualista, onde todos ensinam e aprendem em fluxo contínuo de uns para os outros.

A propaganda é a lama do negócio![93] A lama tóxica das barragens que destruíram Brumadinho e Mariana! A propaganda é a lama intoxicada de obediência, consumo, servilismo, violência e apatia. Uma lama espessa e pegajosa que se capilariza por todo campo social, os modos de comer, de dormir, de amar, de rezar, de sorrir, de produzir, etc. É, também, através da propaganda do capital, do Estado, da Igreja, da Corporação que vão se modelando os desejos, as condutas, as práticas. Anarquistas sempre estiveram atentos a isto, como acusa Antonia Soares, sobre a atenção necessária ao *canto da sereia* que atrai a embarcação operária para se espatifar nos rochedos. As Bolsas de trabalho se ocupavam largamente com a sustentação de uma cultura libertária através da criação de para bibliotecas anarquistas, museus do trabalho e diversos arquivos onde eram armazenados panfletos, jornais, comunicados, normativas, instruções, etc. Lembrando que a biblioteca e o museu se diferenciam muito do que conhecemos hoje como espaço espaço atomizado de consumo individual da arte, como são as mega-exposições contemporâneas. A biblioteca libertária operava como lugar de encontro e ensino mútuo[94], com leituras coletivas em voz alta de livros para camaradas que ainda estavam iniciando processos de alfabetização, bem como grupos de estudos de temas diversos, etc. Eram espaços de difusão do pensamento libertário, uma anti-propaganda capitalista. Cempuis e A Colmeia possuíam em suas instalações oficinas de tipografia, imprensa e encadernação, onde produziam livros, jornais, periódicos, panfletos, cartazes, comunicados, etc. Os materiais eram produzidos por todos os integrantes das instituições, professores, alunos e trabalhadores através das experiências de educação mútua em um sistema de autogestão. Em A Colmeia essa prática ganha extrema importância

[93] Alusão ao jargão popular "A propaganda é alma do negócio", fiz uma paródia afirmando que na verdade a propaganda é a *lama* do negócio.

[94] Ver mais em Limongelli, Rafael; Pinheiro, Flávia. (2022). The New Library of Un-documentend Life and Knowledge. in 50 jaar ATD: zeven essays van alumni, Amsterdã. Link: https://issuu.com/kunsthogeschool/docs/atd_bibliotheek_50jr (consultado em 04/05/2023).

e alargamento, sendo inclusive um dos modos principais de financiamento da escola, entre as oficinas a única que produzia para fora da escola, para um mercado cooperado, era a tipografia. Agenciando um mercado cooperado entre "os sindicatos, as cooperativas, as universidades populares, as Bolsas de Trabalho, as lojas maçônicas, os grupos de vanguarda, todos os amigos d'A Colmeia, e também a multidão de companheiros que, individualmente, seguem com interesse o desenvolvimento da nossa obra." (Faure, 2015, p. 121). Além do Festival Anual d'A Colmeia com apresentações de teatro, dança, poesias, música, comida e bebida produzidas pela comunidade, além de comícios e palestras sobre a educação das crianças. Durante o Festival Anual um grande número de camaradas de diversas localidades francesas se reuniam para celebrar a cultura libertária. A propaganda pelo ato, ato de fazer escolas, de fazer comícios, de fazer greve, de fazer sindicatos, de fazer teatro, de fazer poema, de fazer a comida, etc. Uma propaganda produzida de forma autogerida e distribuída através do engajamento direto de quem recebe os materiais, que podem inclusive tomar as coisas pelas mãos e integrar os seus meios de produção (como uma leitora de um jornal que se torna parte do jornal; uma espectadora de uma peça que resolver querer ser atuadora de um grupo libertário, etc.)

Há a sanha capitalista de estabelecer os de cima e os de baixo. Os filhos dos de cima, como é de costume na família, estudam as ciências, a política, as indústrias, as engenharias e perpetuam a ordem do privilégio. Quando jovenzinhos e alimentados, brancos e rosados, os filhos dos de cima cultivam ensinos diversos em escolas que atendem a formação intelectual desses nobres futuros donos da bola - o mundo. Aprendem as formas de governo, as formas de planejamento industrial, as formas de militarização e policiamento, etc. Já os filhos dos de baixo, quando muito jovens, magros e maltrapilhos, vão para as fábricas assim que a força já torna possível carregar alguma coisa, obedecer alguma ordem, auxiliar na cozinha, na limpeza, etc. Os de baixo desde muito cedo sabem ter nas mãos as próprias forças para sustentar seu trabalho, pouco tempo para livros e mapas. A vida imediata vai conformando a sua própria vontade e vocação. Enquanto os de cima, feito parasitas, saboreiam os gostos e aptidões das mais suculentas fatias do trabalho, os debaixo são levados para os ofícios subalternizados, catando as migalhas do banquete burguês. Não há muita escolha de vocação, não há prazer. "Sem dúvida, o operário que vai para o seu trabalho como o escravo para o seu cativeiro, não tem gosto nem aptidão para nenhum trabalho e a ele é indiferente trabalhar nisto ou naquilo; é a sorte que aguarda o triste aprendiz" (Faure, 2015, p. 97). Há a sanha de distribuir a tristeza servil para os debaixo enquanto os de cima consomem a fartura do

conhecimento e do trabalho. E há, com alegria, a sanha libertária em desmoronar essa estrutura de reprodução da opressão através da educação.

borboletear

Uma máquina muito potente desenvolvida no pensamento de Fourier, recuperada por Robin, Faure, Scherer, Gallo, é a *máquina borboletear*. Em A Colmeia, os trabalhadores estabeleceram uma resposta ética diante desse procedimento de serialização da vida, estabelecendo um período de pré-aprendizagem, nas palavras de Faure (2015), onde cada uma "experimenta diversos ofícios e cada um deles o tempo suficiente para estabelecer entre uns e outros as comparações necessárias, da qual ela [a aprendiz] é o centro." (p. 98). Em A Colmeia as crianças poderiam viver na comunidade até certa idade e depois ir embora, estavam livres. As que continuavam se engajando na comunidade através oficinas de produção que escolheram, na socialização do trabalho e na educação dos mais novos, por consequência. No entanto, o gesto de borboletear entre várias experiências de trabalho, entre diversas oficinas, não serve apenas ao feito de encontrar o trabalho que mais lhe cai bem, que lhe dá mais prazer, também ativa um processo de educação, aliando corpo e mente. Nas palavras de Faure (2015):

> Ao mesmo tempo, continua os seus estudos: não somente porque está longe de haver adquirido a soma de conhecimento gerais que, no futuro, qualquer que seja a profissão que exerça, lhe serão indispensáveis; não somente porque já chegou a idade em que, com mais maturidade, aproveitará melhor os ensinamentos que lhe forem dados, mas ainda, sobretudo porque, trabalhando alternadamente, cada dia, de uma maneira regular, na aula e na oficina, estabelecerá, de forma irremediável, mesmo sem suspeitar, uma relação muito útil entre os seus trabalhos aqui e os seus estudos acolá; entre a formação de sua inteligência, sua visão e suas mãos, entre a sua cultura geral e sua aprendizagem técnica. (p. 98-99)

A argumentação de Faure nos ajuda a compreender na prática o que Proudhon procurou planejar através de uma *politecnia de aprendizagens*. A multiplicidade de experiências que uma aprendiz pode navegar, a partir de alternâncias entre oficinas e alternâncias que faz em relação aos estudos dos diversos campos do conhecimento, se arranjam para constituição de um prazer e autonomia diante do trabalho. Através dessas palavras de Faure compreendemos, também, os processos contínuos de desdobramento do conhecimento, não só para a escola, mas para o desenvolvimento da própria comunidade que

se está inserido, alternando entre a produção direta dela mesma e, ao mesmo tempo, do seu planejamento, da sua organização.

Gallo (2018) descreve o anarquismo de Schérer nas seguintes palavras: "O anarquismo proposto por Schérer não está mais ligado a reivindicações individualistas, mas é concebido no contexto de uma nova sociabilidade, gestada no mundo dilacerado de nossos dias, apontando para uma nova forma de comunitarismo, centrado na hospitalidade." (p. 800). Um comunitarismo que se afasta do pensamento individualista de Stirner e se aproxima de uma abertura para o outro, da *hospitalidade*: "Elas formam um apelo a uma hospitalidade permanente, sem reservas e sem limites, de nossas casas, de nossas pátrias, de nossas almas, de nossos corpos." (Schérer, 2005, p. 226 *apud* Gallo, 2018, p. 800). O pensamento da hospitalidade é operacionalizado por uma constante possibilidade de abertura de si para o outro, pensando o outro, como o imigrante, o estranho, o desajustado, o fora da ordem, o fora do mundo, o diferente. A radicalidade do pensamento de Schérer parece ser disparada pelo acirramento das formas globais do capitalismo e as crescentes ondas de imigração dos países subalternizados em constante guerra e extrativismo para os países dominantes nos pólos do capitalismo. Essa abertura radical, não conforma um sistema no pensamento de Schérer, mas sim, um gesto de errância, como escreve Gallo (2018), "não é de modo algum sistemático; ele está mais para uma errância criativa que para a construção de um sistema explicativo." (p. 800). Essa linha de errância se constitui como gesto do seu anarquismo filosófico e está apoiado no conceito de *borboletear,* que Schérer encontra em Fourier: "de que encontrei a melhor expressão em Fourier: um estilo “ambiente e fragmentado”, correspondente à dominância da paixão dita “alternante” ou “borboleteante”: mover, mudar. Eu fiz apenas incursões, propus pontos, sem insistir" (Schérer; Lagasnerie, 2007, p. 202 203 *apud* Gallo, 2018, p. 801). A *hospitalidade* associada ao *borboletear* leva a uma radicalidade do conhecimento como uma substância coletiva e partilhada por todas e todos. Como os gestos de errância, o conhecimento não pode ser pensado apenas por um, ele é pensamento coletivizado, sempre em movimento. O conhecimento é constituído nas errâncias entre uma pessoa, uma coisa, uma ideia, um instrumento, uma máquina, outras pessoas, outras ideias, etc. "Há aí, claro, um paradoxo criador, mas é ainda assim um paradoxo em que a ideia de criação coletiva foi abolida. É absolutamente necessário ser si mesmo, é isso que é sufocante. Esmagador. É necessário sair disso." (Idem, Idem). É preciso, portanto, constituir-se em grupos e coletivos, para constituição de um "si fora de si": de uma hospitalidade errante. A anarquia, para Schérer, é uma ausência de princípios, quaisquer que sejam, si mesmo. Para

ele, "a “an-arquia”, a ausência de princípio é justamente a possibilidade de saída da filosofia da consciência, lançando-nos mais para a direção do outro do que para nós mesmos." (Gallo, 2018, p. 803). Ou seja, até mesmo o princípio de uma consciência pré-concebida, anterior ao sujeito, que precisa ser esclarecida (ou emancipada), é uma imposição de um modo subjetivo já fechado e acabado. O que leva à afirmação de uma consciência que seja ativa na abertura às inquietudes, através dos problemas, dos abalos que constituem o pensamento. Não há recusa das organizações coletivas, de forma alguma, segue valendo a máxima de Reclus que *a anarquia é a expressão mais pura da ordem*, no entanto, não de ordens transcendentais, não de ordens impostas por um pensamento representativo, pré-concebido e determinado: seja pela história, uma ciência ou uma divindade. O pensamento acontece a partir das inquietudes que as próprias ações, em errância, convocam nos encontros entre as pessoas, coisas, modos, ideias, práticas, etc. Fazer os diagramas de Godinho (2013). A educação estaria no gesto constante de uma anti-pedagogia, instituída contra o dispositivo-pedagógico da modernidade, acionando uma prática em constante mutação e variação, como escreve Gallo (2018), sobre traços do anti-sistema da filosofia da educação de Schérer:

> significa pensá-la não como sistema e como proposição de uma forma de educar; ao contrário, significa pensá la no âmbito da crítica, da denúncia de um estado de coisas perpetuado pela modernidade, o que o filósofo caracterizou como um “dispositivo pedagógico”, e no convite a uma construção coletiva de elementos que possam conectar se e reconectar se, produzindo novos panoramas, novas possibilidades. A educação pensada, vivida e praticada como devir e abertura. (p. 804).

Devir de abertura, hospitalidade radical, politecnia de aprendizagens, alternâncias no aprender, mãos e mentes articuladas em torno de uma máquina borboleteante que investiga, dentro dos anarquismos, a potência de uma *troca perpétua* (Pinho, 2013, p. 32) que o trabalho mantém com a vida. À revelia das máquinas de extrativismo, de exploração, de subordinamento, encontramos nas práticas libertárias a investigação por um outro gosto pela vida. Um gosto que se faz partilhando, recebendo, oferecendo e articulando comunidades livremente associadas através de pensamentos coletivos que procuram estabelecer uma partilha da vida comum. Recuperamos a perspectiva de Adelino de Pinho neste ponto, que na sua visão anarco-sindicalista e autodidata, afirmou: "Alternativamente ativo e passivo, dá-se e recebe; toma ideia nas coisas, e depois põe suas ideias em suas obras. Entra em comunidade de interesses, de sentimentos, de pensamentos com os outros homens, utiliza-se do trabalho de outrem, e seguidamente, exerce sua atividade em proveito próprio e em proveito de todos."

(Pinho, 2013, p. 32). A alternância e a errância é inauguradora de uma *máquina libertária de borboleteamentos*.

trabalho e tecnologia

Ferreira (2013) em seu artigo *As Tecnologias de Informação e Comunicação no Controle do Comportamento Humano,* publicado na Revista Ecopolítica, nos provoca tensionamentos importantes para compreender alguns deslocamentos nas formas de controle do comportamento humano na transição dos regimes de operação do fordismo-taylorismo para o capitalismo digital marcado pela presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Sua análise através de dimensões sócio-históricas expõe três motivos para investigar a emergência das TIC: a primeiro, na percepção de que a economia virtual cresce mais do que a economia real; o segundo, na percepção de que as TIC conseguem reproduzir infinitamente o trabalho vivo, o que as antigas máquinas-ferramentas não poderiam fazer; o terceiro, afirma "que o trabalho vivo reprodutível das TIC é interno e externo à condição-função do fator de produção trabalho." (p. 89), isto é, há um novo regime de governo das condutas, deslocando as antigas governanças na base da hierarquia formal e da tomada de decisão. Sua análise se divide em três movimentos, dos quais iremos acompanhar apenas os dois primeiros: o primeiro, que diz respeito à uma análise dos "trinta anos gloriosos do capitalismo" (p. 90), a saber, entre 1945-1975; e o segundo, que propõe acompanhar a ascensão das TIC e suas novas formas de modulação e controle da função trabalho, a saber, a vida e sua produção.

trinta anos gloriosos

Ferreira (2013) irá analisar as relações imbricadas entre produção, fator de trabalho, consumo, distribuição e controle no período que denominou como anos de glória do regime capitalista, o que coincide com o que ele nomeia de *economia real* (p.90). Na análise do anarquista português, as automatizações do trabalho através da racionalidade pós-fordista ainda mantinham certa autonomia do fator de produção trabalho em relação às máquinas-ferramentas. Ora, era preciso a força viva do fator de produção trabalho (operários) para operação das máquinas. A era dos serralheiros, pedreiros, mecânicos, metalúrgicos, torneiros, eletricistas, etc. Mão de obra qualificada para operações que envolviam um

conhecimento e energia do trabalho vivo do fator de produção trabalho, sendo este trabalho vivo insubstituível para o funcionamento das máquinas-ferramentas. Por não ser substituível, torna possível as lutas sindicais em torno das melhores condições de trabalho, habitação, consumo, etc. Que foi marcadamente influente na constituição dos Estados de Bem-Estar Social (onde eles existiram, no Brasil, nunca chegamos a consolidar um propriamente dito). O controle do fator de produção trabalho operava através de três linhas: "no espaço-tempo da divisão social do trabalho, da autoridade hierárquica formal, do processo de tomada de decisão e do processo de liderança." (p. 91).

autoridade, decisão e liderança

O taylor-fordismo - e sua vontade de disciplinarização, segmentarização, serialização e padronização - incita o controle da função de produção trabalho em sincronia com os funcionamentos das máquinas-ferramentas, que por sua vez, operam na lógica do *time-is-money*, incessante e exaustivamente, a cada segundo, sem cessar. Para driblar o fator de autonomia do trabalho vivo, que poderia se organizar em sindicatos e ocupações, aciona uma hierarquia formal, para modular o comportamento humano. "A plasticidade social do controle do factor de produção trabalho é fundamentada nas relações entre chefes e subordinados no espaço-tempo dos diferentes níveis de autoridade hierárquica formal que subsistem em cada organização, instituição ou empresa." (p. 92). Ferreira nos aponta as formas de controle dos fiscais de linha de produção, das organizações cotidianas em torno do chefe e seus capatazes, coordenadores e aí por diante. Uma forma de controle através das disciplinarizações cotidianas do fator de produção trabalho, no campo material e objetivo das forças de produção. Nesta modulação do controle a máquina-ferramenta não é um fator relevante, sua modulação se faz direto no espaço-tempo do trabalho vivo: horários de entrada/pausa/saída, nas permissões e limitações de circulação, nas determinações dos modos de agir físico-corpóreo, etc. Além da hierarquia formal, a modulação do comportamento opera por focos de tomada de decisão. As tomadas de decisão são operadas pelas figuras dos empresários, dos investidores, do capital financeiro, no topo da pirâmide organizacional, que, conjuntamente a economia real, estavam em plena expansão da acumulação de riqueza. Essa tomada de decisão se desdobra na "existência de níveis de autoridade hierárquica formal [o que] obrigava a sucessivas codificações e decodificações da informação, conhecimento e energia diretamente reportada a cada decisão que emergia do topo para a base da pirâmide

organizacional." (p. 93). O que nos encaminha para um terceiro fator da modulação do controle do fator de produção trabalho: a liderança. "O líder deve possuir informação, conhecimento e energia para influenciar os subordinados que estão diretamente relacionados com a sua esfera de ação." (p. 94). Essa liderança formal muitas vezes é capturada das próprias fileiras do fator de produção trabalho, onde há gente com conhecimento da energia e do funcionamento das materialidades do trabalho. Muitas vezes eram líderes informais (às vezes, sindicalistas) que eram capturados em líderes formais.

distribuição, troca e consumo de bens e serviços

Além dos aspectos de modulação do comportamento do fator de produção trabalho, através dos elementos da liderança, tomada de decisão e hierarquia formal, a economia real dos trinta anos gloriosos, remete a uma estrutura "entre o conteúdo e as formas do espaço-tempo confinado à produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços." (p. 94). A transformação das matérias primas (inputs) em mercadorias (outputs) estava circunscrita ao espaço da fábrica (urbana ou agrícola, pequena ou grande, terrestre ou marítima) e com tempos muito variados e complexos a depender do tipo de mercadoria. "Nessa época, o trabalho morto automatizado nas máquinas-ferramentas dispensa parte substancial da energia do fator de produção trabalho, mas não consegue esse desiderato de se transformar em trabalho vivo reprodutível em relação à informação e ao conhecimento que formavam o “saber-fazer” dos estratos sócio-profissionais no espaço-tempo do processo de produção de mercadorias." (p. 95). Isto é, o trabalho vivo da classe operária era essencial para garantir a produção dos outputs, que na sua distribuição e consumo, garantem a extração da mais-valia. Obviamente, conectados com as máquinas, afinal, sem elas a energia e o espaço-tempo do fator de produção trabalho seria pouco lucrativa. As máquinas aceleram a produção, mas não se garantem sem a ação humana. Ora, vemos claramente como o capital mundializado infere de forma contundente na modulação e controle do fator de produção trabalho, através da hierarquia formal, tomada de decisões, liderança e o espaço-tempo enganchados na esteira produção, distribuição e consumo.

O capital mundializado visa a expansão do lucro, com fluidez entre as diferentes nações, o que torna as fronteiras em meras linhas em um mapa qualquer e precisam acoplar novas máquinas à produção: os sistemas de distribuição, de mercadorias e ideias. "A produção gigantesca de mercadorias e as elevadas taxas de crescimento atingidas nos países

capitalistas desenvolvidos nos princípios da década de setenta do século XX permitiu a criação e desenvolvimento de muitas empresas no setor dos transportes e dos meios de comunicação." (p. 96). O mercado como espaço-tempo de circulação das mercadorias é o núcleo da troca de bens e trabalho no capitalismo mundial. "Neste domínio, os transportes fluviais, aéreos, rodoviários e ferroviários revelaram-se fundamentais para a distribuição de mercadorias nos mercados local, regional, nacional, continental e mundial. Como meios de comunicação importantes para o espaço-tempo de distribuição de mercadorias refira-se o telefone, fax e correio."(p. 96). Nota-se que as tecnologias eram muito pouco automatizadas nessa configuração de modulação do controle do fator de produção trabalho. Seguindo a esteira de análise, é através do mercado que há a distribuição e o consumo. Estes afetam toda a vida social, pública e privada. Nos trinta anos de glória do capitalismo, raramente coincidiam o espaço-tempo da produção e do consumo. A facilitação da circulação de capital no espaço-tempo do consumo dentro mercado, é estimulada, pela burguesia, através das aparentes conquistas sindicais e a consolidação do Bem-Estar Social.

trabalho não pago das mulheres

Este acesso ao consumo, acionado pelo estado de Bem-Estar Social, influi em outro campo do fator de produção trabalho: a vida doméstica. A vida familiar nuclear também opera uma influência direta no fator de produção trabalho, que é essencial nos cuidados com a manutenção da casa, da saúde família, da escolarização, do cotidiano e que, feito hegemonicamente por mulheres, não é pago. "No que concerne à divisão social do trabalho e à autoridade hierárquica, a mulher e os filhos exercem funções e tarefas subalternas. Estas formas de dominação e exploração subsistentes entre homem e mulher também existem entre pais e filhos. Evidentemente que a mulher na quase totalidade dos casos funcionava como “fator de produção trabalho” sem receber qualquer tipo de remuneração salarial." (p. 99). Neste sentido, podemos destacar que os eletrodomésticos de todos os tipos, desde familiares urbanos aos pequenos eletrodomésticos rurais, impactam diretamente nas possibilidades de expansão da economia real das famílias nucleares, que por sua vez, também se vêem de alguma forma independentes em relação a estes maquinários. "Quer estejamos num tipo de organização do trabalho tipicamente capitalista, quer estejamos num tipo de organização do trabalho próprio à economia doméstica das estruturas familiares, em ambos os casos, verifica-se que os meios tecnológicos empregados no espaço-tempo do consumo não supriam

grande parte da energia, informação e conhecimento humano que eram imprescindíveis para a ação individual e coletiva do fator de produção trabalho." (p. 99). Assim, sob o período dos anos gloriosos do capitalismo, entre 1945-75, vivemos essa hegemonia da economia real, operando através das máquinas-ferramentas que são indissociáveis do trabalho vivo (energia, informação e conhecimento) do fator de produção trabalho. O trabalho vivo e a atividade individual-coletiva do fator de produção trabalho possuem uma independência-autonomia diante da produção (e da máquina). Essa independência estimula práticas variadas, desde o servilismo ao sindicalismo. A tese principal de Ferreira sobre este período pode ser lida na farta argumentação:

> Como denominador comum da economia real, é lícito extrair a sua essência material em mercadorias palpáveis e objetivas. Por outro lado, devemos inferir da distintividade e da diferença subsistente entre o espaço-tempo da produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços. Por fim, não obstante a utilização de máquinas-ferramentas, meios de comunicação, transportes e eletrodomésticos, a indispensabilidade da energia, informação e conhecimento humano revelou-se importantíssima para a ação individual e colectiva do fator de produção trabalho. Neste sentido, o controle do comportamento humano do fator de produção trabalho realizou-se basicamente segundo os princípios e práticas da organização científica do trabalho taylorista e fordista. (Ferreira, 2013, p. 100-101).

tecnologias da informação e da comunicação (TIC)

Vivemos a era ciborgue[95], estamos enganchados em tantas máquinas (abstratas, tecnológicas, digitais, algorítmicas, desejantes, etc.) que por sua vez estão enganchadas em outras tantas máquinas que nem em companhia da melhor cadela farejadora do cosmos seria possível encontrar os veios dessa rede de conexões. Por todos os cantos, todas as capilaridades da vida, as tecnologias da informação e da comunicação se infiltram. Uma infiltração incômoda que coloca mofo no canto das cozinhas subjetivas. As memórias de momentos felizes organizadas por calendário-álbuns nas galerias de fotos dos smartphones associadas aos perfis individuais com backups frequentes; o tesão administrado pelas políticas de comunidade de aplicativos de paquera e encontros; etc. *Para não morrer basta ter um USB-C à mão para recarregar?*

[95] Ver em Haraway, Donna. (s/d). Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia, feminismo-socialista no final do século XX. São Paulo, Monstro dos Mares.

Ferreira (2013) nos oferece uma interessante definição das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC): "Geralmente as TIC são conhecidas como um conjunto diverso de *hardware* e *software* corporizadas nos seguintes exemplos: informática, robótica, telemática, inteligência artificial, cibernética, biotecnologia, biociência, tecnociência, nanotecnologias, Internet, linguagens WEB, etc.." (p. 101). A relação de *input* e *output* que observamos no funcionamento das máquinas-ferramentas do regime anterior parece ter se multiplicado através de *hardwares* e *softwares.* Essa nova relação passa a organizar os cortes e as conexões que as operações automatizadas das TIC irão perpetrar. Ainda subsiste às TIC uma energia, informação e conhecimento humanos - que são essenciais para o seu funcionamento. "Na essência dos seus mecanismos automáticos, complexos e abstratos, subsiste um imenso conhecimento, informação e energia humana. As TIC, por essa razão, integram no seu seio um imenso trabalho humano reprodutível em qualquer contexto interativo protagonizado pelo homem e essas tecnologias." (p. 101). Mesmo subsistindo às TIC, o trabalho humano vivo (energia, conhecimento, informação, programação) se torna facilmente reproduzível ao infinito. O fator de produção trabalho, neste contexto ciborgue, relaciona-se de outra forma com as novas máquinas, as TIC. No universo das TIC as autonomias que o fator de produção trabalho mantinham em relação às máquinas-ferramentas são completamente diminuídas. Diante das indústrias dos anos gloriosos, os trabalhadores podiam sempre parar as máquinas, não trabalhar e parar a produção. Havia um conhecimento, informação e energia do fator de produção trabalho sem as quais as máquinas-ferramentas não poderiam produzir. Isso já não é mais uma realidade com a ascensão das TIC: as operações maquínicas não dependem como antes do engajamento humano para serem conduzidas. As TIC não precisam, necessariamente, do trabalho vivo para operar a produção.

global e imaterial

Há um deslocamento profundo de uma economia real para uma economia virtual. "Com a força estruturante das TIC no processo de produção, distribuição, troca e consumo de bens e serviços, a economia real da materialidade das mercadorias e do trabalho morto incrustado nas máquinas-ferramentas é progressivamente substituída pela economia virtual da imaterialidade das mercadorias e trabalho vivo reprodutível das novas tecnologias." (p. 102). As maquinações automatizadas da tríade produção-distribuição-consumo fazem ruir os limites do espaço-tempo das máquinas-ferramentas onde antes estavam confinadas.

Globalizam-se, o mercado é planetário e local ao mesmo tempo. As fronteiras se flexibilizam para o escorrer do caldo capitalista. "Observa-se que o espaço-tempo do processo de produção de mercadorias da economia virtual nas sociedades contemporâneas não permite a existência de fronteiras físicas entre ele e outros espaços-tempos de distribuição, troca e consumo." (p. 103). Não há cisão entre os espaços e os tempos de produzir, consumir, circular - todos estes processos estão distribuídos de forma capilar nos diferentes aspectos sociais. Este processo fica muito claro com a internet e o consumo de bens e serviços: não há o que você não encontre para consumir na web, viagens, amores, sexo, drogas, livros, conhecimento, cursos, formações, remédios, etc. As transações bancárias hiper-rápidas para os consumos *get to go*, as miríades de aplicativos de delivery que seduzem com a comida a apenas dois toques do dedo nas telas, etc.

Junto com Ferreira, arriscamos afirmar que o consumidor, em muitos momentos, atua como integrante do fator produção trabalho enquanto está consumindo - por este trabalho, nada recebe. Vejamos dois exemplos: caixas eletrônicos e redes sociais. Os caixas eletrônicos espalhados pela cidade onde, no encontro entre sujeito-consumidor e terminal eletrônico de dinheiro, realizam-se operações, como: compra, empréstimos, saque de moedas em espécie, etc. Toda essa transação, produção de mercadorias bancárias, acontece através de transações auto-realizadas no sistema computo-informacional do banco. Ou ainda, nas redes sociais, como *Instagram,* onde os usuários se tornam produtores de conteúdos de suas próprias vidas. Seja de forma profissional dentro de um mercado de *influencers* e *marketing*. seja pela vida cotidiana de cada uma que produz os conteúdos de si mesmas. Em todos os casos, trabalham, sem receber nada por isso, para produzir conteúdos para uma grande corporação internacional de informação e comunicação, a saber: o *Instagram*. Ainda servem de banco de dados para outras tantas outras pequenas e grandes iniciativas de mercado que assediam as telas com propagandas, anúncios, etc. Serve-se de bom grado ao *amo-internet*. Nestes dois casos, vemos como nitidez a ausência de limites e fronteiras entre os espaços-tempo da produção, da circulação, do consumo de bens e serviços, possibilitados pelas TIC.

codificação-decodificação

Neste contexto de desestruturação da economia real em direção a uma economia virtual, a modulação do comportamento humano do fator de produção trabalho deixa de se assentar nos três movimentos de *hierarquia formal - tomada de decisão - liderança*. Não é

possível localizar a modulação em uma relação estrutural ascendente ou descendente entre subordinados e chefes. "O auto-controle está disseminado por todas as funções e tarefas que envolvem diferentes qualificações e competências do fator de produção trabalho." (p. 105). Um autocontrole da modulação humana que está enganchado em inúmeras máquinas de codificação-decodificação que estão em constante operação. O andamento frenético dessas máquinas demanda uma correspondência de energia humana de informação e conhecimento que opera (e é operada) pelas TIC. "A emissão, transmissão e recepção da informação, conhecimento e energia do fator de produção trabalho tem que estar em interação sistemática com os estímulos e as respostas provenientes das TIC incrustadas no processo de trabalho e da organização do trabalho do processo de produção de mercadorias." (p. 105). *A argumentação de que vivemos em uma era ciborgue fica cada vez mais palpável.* Vejamos, o fator de produção trabalho acionado pela modulação de comportamento humana corresponde aos estímulos e respostas das TIC que por sua vez correspondem ao sistema acumulação de capital. O corpo do trabalhador está direta e intimamente conectado a um conjunto de operações maquínicas associadas às demandas de produção, distribuição, consumo de bens e serviços. Através de um fluxo constante de codificação-decodificação de elementos analíticos-simbólicos o fator de produção trabalho modula seu modo de viver, trabalhar, produzir, pensar, etc.

Há um incessante codificar e decodificar e codificar novamente e… a cada porta de entrada/saída de servidores, banco de dados e comunidades das miríades de conexões virtuais que as redes de informação e comunicação esparramam pelo globo. "Assim sendo, as linguagens analítico-simbólicas das TIC nas sociedades contemporâneas são uma probabilidade imperativa de reprodução de trabalho vivo no espaço-tempo do processo de produção, distribuição, troca e consumo da economia virtual." (p. 101). O engajamento junto às TIC requer que o fator de produção trabalho possua certas "capacidades cognitivas e emocionais." (p. 101), compreendendo uma nova categoria sócio-econômica-cultural de trabalhadores especializados. "O espaço-tempo de criatividade, liberdade e autonomia do operário clássico da economia real é extinto e integrado como trabalho vivo reprodutível nos mecanismos complexos e automáticos das TIC." (p. 104). O avanço das TIC irá alargar cada vez mais o número de populações de desempregados, aumentando as austeridades governamentais e corporativas na contenção de quaisquer revoltas. O saber-fazer dos torneiros, metalúrgicos, costureiras, engomadeiras, não são mais necessários ou requisitados. O trabalho vivo que as TIC ainda precisam são de outra categoria, estão à serviço da

manutenção das TIC, é preciso ser qualificado para operar as novas máquinas abstratas da produção capitalista. As corporações transnacionais disputam entre si a tomada de mercados nos confins mais distantes do planeta, fechando pequenos e médios negócios locais, lançando no desemprego massas famélicas de classes populares. Os que conseguem acessar, manipular um smartphone, com alguma alfabetização digital, são arremessados para regimes de contrato ultra-precarizados nas mais diversas margens da produção capitalista. A concorrência entre Estados, corporações, grupos, pessoas, se expande paroxisticamente. O capitalismo financeirizado é a terra de ninguém modulada a cada instante por novos códigos e decodificações.

> A concorrência mundial entre o fator de produção trabalho para ter emprego é grande, daí que não seja de admirar que os que são considerados qualificados passem a desqualificados e vice-versa. Na ocorrência, a tendência geral desse processo de concorrência e de competição mundial no quadro da racionalidade instrumental do capitalismo gera a precariedade da vinculação contratual do fator de produção trabalho e, como consequência lógica, o aumento exponencial do desemprego no processo de produção de mercadorias.

As legiões de jovens entregadores de aplicativos precarizados que alugam uma bicicleta em um aplicativo (bicicleta do Itaú, por exemplo) para fazer entregas através de outro aplicativo (Ifood, por exemplo) guiados por mapas de outros aplicativos (Google Maps, por exemplo) para receber um dinheiro virtual em um outro aplicativo (app de bancos, crediários, em geral). Entregam com fome a comida de algum desconhecido, oito, dez, doze horas por dia. Uma vida fodida, dormindo entre entregas em bancos e esquinas das grandes cidades. O regime colonial-cafetinístico (Rolnik, 2018) mostra claramente suas garras neste cenário: o regime contemporâneo atualiza a escravização da vida do povo preto das cidades. Um abuso contínuo de sua força vital para a manutenção de uma vida miserável. As forças produtivas são operadas através de modulações de programas (software e hardware) que atualizam suas normas de participação a cada instante, impedindo ou permitindo uma nova circulação, autorizando ou bloqueando um uso e um usuário, etc. Modulações programadas através da organização da racionalidade capitalista, interessada em a cada instante expandir as cifras do lucro e da maximização do capital. Ao mesmo passo que injetam doses cavalares de representações analítico-simbólicas, conduzindo uma economia do desejo às capturas do sistema de obediência.

Ferreira (2013) afirma que as transformações de *inputs* analíticos-simbólicos em *outputs* de bens e serviços, na economia virtual, requerem do fator produção trabalho competências cognitivas e afetivas particulares para a organização do trabalho. Essas competências operam modulações no comportamento humano através de sistemas de estímulo-resposta em relação às operações das TIC. Isto é, o trabalho e o comportamento humano são maquinados pelas TIC. O espaço-tempo de acontecimento de toda a cadeia do capital (produção-distribuição-consumo) não possui fronteiras entre si, integrando maquinações de forma local, regional, global, planetária e extra-planetária[96]. As fronteiras são varridas junto com as pessoas e seus trabalhos. A miséria se expande. As multinacionais de logística internacional disputam terrenos para construir galpões de operação em cidades miseráveis da América Latina onde a legislação e direitos trabalhistas são uma fantasia do passado, sonegando impostos em esquemas ininterruptos de corrupção com as instituições estatais[97] para garantir a precarização do fator de produção trabalho e a maximização do lucro. O fator de produção trabalho é arremessado para precarização em âmbito local, regional e planetário. "Porque é um processo integrado e sistemático de fluxos de energia, informação e conhecimento humano, sem fronteiras e sem limites, o controle do comportamento humano do fator de produção trabalho é difícil de consumar com base no modelo clássico da organização científica do trabalho." (p. 112). A patente de consumidor é cedida apenas àqueles que conseguem aceder ao nível de partilha dos bens da sociedade digitalizada. Para consumir é preciso encarnar um fator de produção trabalho, não pago, que implica uma competência específica de codificação-decodificação das TIC.

---

[96] Lembremos da fantasia fascista de Elon Musk em colonizar Marte. "Isso é o que apontou uma nova análise que identificou que o CEO da SpaceX [Elon Musk] atualmente controla mais de 27% de todos os satélites ativos em órbita — algo em torno de mil de um total de 3.500." e ainda, afirmando sua sanha autoritária e imperialista, disse "Não pode pagar? Faça um empréstimo e pague-o trabalhando para a SpaceX assim que chegar lá, o que definitivamente não se caracteriza como servidão porque… Marte? Porque acontece em Marte. Parece lógico.". Ler matéria completa em https://jacobin.com.br/2021/02/elon-musk-quer-impor-o-feudalismo-em-marte/ Consultado em 11/04/2023.

[97] Lembremos do galpão da Amazon, do outro estúpido bilhonário Jeff Bezos, que foi implantando na cidade de Tijuana (MEX). Ver em https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/09/13/o-controverso-armazem-da-amazon-no-meio-de-favela.ghtml Ou ainda os que estão em andamento em Cajamar, interior de São Paulo (BRA), à 50km da capital. Ver em https://www.reuters.com/article/construcao-amazon-cajamar-idBRKBN1FT2LX-OBRBS Consultado em 11/04/2023.

Ferreira (2013), portanto, convida para uma transformação nas análises do trabalho e do emprego, que não se sustentam mais pelas mesmas concepções que existiam no passado. "Mantendo-se as tendências estruturantes das TIC na economia virtual, as concepções clássicas que subsistem sobre o trabalho e o emprego são obsoletas." (p. 112). São dois elementos que compõem essa hipótese de Ferreira. A primeira, é o fato de que o trabalho vivo das TIC pode ser reproduzido ao infinito. Este fato condena milhões de pessoas para fora do campo do trabalho tradicional. O trabalho, que era possibilidade de promoção social, torna-se uma impossibilidade como estratégia de sobrevivência. O trabalho perde valor social. O segundo, funda-se com a desqualificação generalizada pela exclusão do circuito do mercado capitalista e constitui uma massa de desempregados que se atualiza diariamente pelas superfícies da terra.

Alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial[98]. As ausências galopantes de emprego e trabalho fazem desmanchar as estruturas sociais, culturais, políticas, econômicas, subjetivas, desejantes, etc. O mal-estar que Rolnik (2018) descreveu se atualiza no *desmanche* que Ferreira descreve. Através do constante e ininterrupto varrer-recompor-varrer das forças sociais no plano da topologia relacional, as subjetividades se vêem numa bifurcação: por um lado, uma atitude reativa que insiste, a qualquer custa, seguir se submetendo ao mal-estar; por outro lado, uma possibilidade ativa de recompor sua posição nessa luta, procurando inventar outro gosto pela vida. Esse mal-estar e esse desmanche provocam duas consequências evidentes para Ferreira (2013): "Um que deriva do esgotamento e destruição dos recursos naturais que servem como *inputs* e *outputs* das empresas e da espécie humana em geral. Outro, gerado pela guerra civil inter-individual à escala mundial decorrente da inexistência de trabalho e emprego, mas também pelas disfunções e perversões criadas pelos sistema econômico, social, político e cultural." (p. 113). O que está em jogo é o próprio porvir das formas vivas que conhecemos hoje no planeta: humanas e não-humanas. Ou nos matamos mutuamente em uma sequência sem fim de guerras, guerrilhas, extermínios, chacinas, terrorismos, assassinatos e feminicídios. Ou a terra nos mata com calor, enchentes, erupções, desequilíbrios ambientais, etc. Por uma via, ou por outra - a vida e sua pulsão estão em jogo contra o mundo das TIC.

---

[98] Referência a música de Caetano Veloso. *Fora da ordem.* Circuladô [álbum]. MTV: 1991.

a nova ordem mundial

Jaime Cubero, em uma palestra no IPUSP, em 1995, faz para si uma pergunta e a responde com nitidez cristalina: "E o que é ser anarquista? Ser anarquista é, antes de tudo, uma atitude ética. Ante a iniquidade, um ímpeto de Justiça leva o anarquista a romper racional e afetivamente com o sistema vigente." (2015, p.117). Romper racional e afetivamente, compondo com quadro pintado por Ferreira (2013), afirma uma infiltração do "sistema vigente" nos modos de produção da racionalidade capitalista e suas tecnologias; ao mesmo tempo, que assedia os planos afetivos e sensíveis de produção dos imaginários. Anarquizar consiste em recusar essa maquinação capitalista sob nossas vidas, rompendo com uma atitude ética no mundo. Anarquizar é imaginar o que é impensável.

polícias do mundo

A nova ordem mundial, tal qual desenhamos com bastante detalhe em Ferreira, é anunciada também no pensamento de Cubero (2015). Uma análise sobre a outra, irei compor uma sobrecamada relacional com ambas. *A Nova Ordem Mundial* é um texto datilografado de 1995 em que Cubero (2015) analisa o seu tempo, anos 90, uma "época de grandes mudanças" e elabora alguns posicionamentos éticos para compreendermos o desenvolver de uma nova organização do trabalho. Cubero sabe que essas "grandes mudanças" agem pelos "interesses estratégicos de preservar a ordem reinante" (p. 211). Acusa como criminoso o feito de recuperar a noção de fim da história, como fez Fukuyama[99], aproveitando o fim do bloco soviético para afirmar a vitória planetária da civilização capitalista democrática sobre qualquer outro regime. Como se tivéssemos atingido o ápice, o céu na terra, a bondade por todos cantos do planeta. "O resultado era o triunfo universal da democracia liberal do Ocidente e da sua economia capitalista que ao nível da vida quotidiana se traduz pela sociedade de consumo." (p. 212). Cubero (2015) escreve que a crise do capitalismo se articula de formas diversas pelos diferentes cantos do planeta, destaca o G-7 quando os chefes de estado estavam "com a preocupação de reconstruir o mundo à imagem e semelhança das sociedades que governam" (p. 212). Uma paródia escrota! Aquelas caras

[99] Escreveu Cubero (2015): "Francis Fukuyama, um japonês de 36 anos, em Washington, relançou a tese de Kojève num artigo publicado na revista The National Interest. Aproveitando a derrocada do comunismo, ele fala do desaparecimento do último rival sério do Liberalismo (o outro doi o fascismo, esmagado de 2 Guerra Mundial)." (p. 212).

bondosas mumificadas pelo poder: tava na cara! A palavra de ordem dos líderes do mundo no G-7: todos nós, os de baixo, deveríamos engolir goela abaixo as imposições dos modos de vida daqueles que ganharam a 'grande guerra da história' em nome da democracia e da humanidade cidadã.

Cubero (2015), analisa os conflitos entre norte e sul globais, destacando que mesmo comportando 75% da população mundial, o sul tem acesso apenas a 20% de toda riqueza produzida no planeta. Afirma que os fluxos de dominação e resistência atravessam diversos polos de poder. "Os centros de poder que transcendem aos próprios Estados têm seu principal suporte no grande complexo industrial-militar a nível planetário. As economias dos países do Primeiro Mundo, principalmente os EUA, são altamente militarizadas." (p. 213). O modo de produção da maquinaria capitalista está, portanto, articulado em diversos polos e centros de poder espalhados pelo planeta, congregando um grande aparato militar para suprimir quaisquer revoltas. Os EUA, junto com os órgãos internacionais (ONU, UNESCO, UNICEF, *UNI-DUNI-TÊ*, etc.) - e quem mais do terceiro setor que quiser meter o bedelho (ONGs, Fundações, Institutos, etc) - tornam-se a polícia do mundo. Melhor seria falar *das polícias do mundo*: "Polícia dos programas de computadores, dos sites de relacionamento, dos protetores de tela e de arquivos, dos e-mails suspeitos e suspensos. Polícia das violações institucionais, polícia de polícia, dos desrespeitos aos direitos e das aplicações de exceções governamentais. Polícia que porta uma arma, mouse, telefone celular, escutas de satélite, câmeras escondidas e conversas de coxia. Polícia das ruas e polícia dos planetas, que governam vidas encarceradas nos campos de concentração a céu aberto." (Augusto, 2013b, p. 35). Ao Terceiro Mundo foram dadas belas 'escolhas' em 'liberdade': ou uma democracia enfaixada de militares e gringos; ou uma ditadura de militares e gringos para construir a mesma democracia enfaixada.

Cubero (2015) evoca, também, os acontecimentos em torno da realização da ECO-92 no Rio de Janeiro, R-92, onde os países vitoriosos vieram, curiosamente junto com as comemorações de 500 anos de invasão do território originário latino americano, apresentar um novo plano de "neocolonialismo" e "eco-imperialismo", com objetivo de debater a nova hegemonia sobre "áreas economicamente e potencialmente ricas, inclusive no aspecto de reservas ecológicas e da biodiversidade" (p. 213).

Podemos ver nessa análise, sobre as *polícias do mundo*, como uma contra-face dos efeitos de *desmanche* e *mal-estar* que desenhamos com Ferreira (2013) e Rolnik (2018)? Ao

desmanchar as possibilidades de emprego e trabalho, condenam-se milhares e milhões para subempregos diversos. Enganchados em regimes precarizados, em condições insuficientes para a existência… O fogo da revolta haveria de arder em algum ponto? Seja a revolta canalizada para a construção de novos mundos, seja a revolta canalizada pela violência e pelo regime de ilegalidades. Ao mesmo tempo, para realizar uma expansão constante das fronteiras de onde é possível explorar, os capitalistas clamam pela liberação dos fluxos de capital por todo o mundo. A nova ordem mundial, com os governos, as TIC, as polícias, organizam um grande complexo civil-militar-informacional-digital para garantir a paz social - numa perspectiva securitária - para os donos do mundo. Nada podemos esperar dos governos, dos Estados e seu séquito de instituições democráticas: "a experiência histórica nos demonstra que os Governos, e quando digo Governo digo Estado, jamais resolverão o problema" (Cubero, 2015, p. 214).

Anos antes, em 1989, Cubero (2015) é entrevistado pelo *Jornal Libertárias.* Sua primeira resposta é inspiradora! Perguntam-lhe se ele percebia uma redescoberta do anarquismo, ao que ele responde: "A partir dos anos 60, nas manifestações de jovens, estudantes e operários, viam-se surgir ao lado das bandeiras vermelhas a bandeira negra, o sinal da reunião dos anarquistas." (p. 249). As bandeiras negras voltaram a flamular pelas ruas, pelos piquetes, pelas manifestações. O dragão sempre a espreita de Reclus[100] grunhiu cuspindo fogo! Para Cubero, na tentativa de neutralizar qualquer tipo de revolta popular durante os anos de glória do capitalismo, desenvolveu-se a política do Estado de Bem-Estar, consolidada na sociedade de consumo e na produção industrial (máquina-ferramenta). A revolta de 68 pôde colocar o suposto Bem-Estar abaixo! "A ânsia de viver e criar. O desejo de liberdade, fundada na solidariedade, em oposição a competição em todos os níveis, lógica do capitalismo, é latente nos seres humanos e pode explodir em circunstâncias imprevisíveis." (Cubero, 2015, p. 250). A paixão, o pathos, inclusive é um operador essencial para a educação libertária, sendo preciso uma educação pela paixão[101]. É através do agenciamento da intuição sensível, intelectual e *páthica* que acedemos ao conhecimento.

[100] Ver página 32.

[101] Em um texto de 1994, Cubero afirma a necessidade de uma intuição páthica: "As vias de conhecimento são a sensibilidade, a intelectualidade e a afetividade. Temos, portanto, uma intuição sensível, uma intuição intelectual e uma intuição páthica (do grego *pathos,* afeto, paixão). Há uma interatuação entre elas." (Cubero, 2015, p. 48).

Quando lhe perguntam sobre a perspectiva do anarcossindicalismo naquele momento, 1989, sua resposta faz uma coincidência de análise com as de Ferreira (2013). Cubero (2015) acredita que o anarcossindicalismo continua sendo uma estratégia válida, foi essencial na constituição da cultura libertária, no entanto, vive um tremendo retrocesso desde a Revolução Espanhola de 1936. "Penso que para superar essa crise muitos conceitos precisam ser reformulados. A realidade vai se transformando e as estratégias devem evoluir em conformidade a essa transformação." (p. 250). Observando os mesmos impasses em torno dos conceitos de trabalho, operário e emprego, através das transformações do capitalismo, afirma: "Basta o exemplo do conceito de operário, que vem desde o século passado e ainda é mantido em estatutos e documentos de sindicatos e da própria AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) e que hoje, face ao surgimento de uma múltipla gama de atividades nos vários setores da produção e serviços, envolvendo técnicos e trabalhadores de diferentes níveis, passa a ser excludente." (p. 250). Isto é, o conceito de operário, para Cubero (2015) e para Ferreira (2013), jaz obsoleto para uma análise da luta de classes diante da emergência do novo funcionamento dos modos de produção. Essa nova maquinação dos processos de produção, de distribuição, de consumo e de trabalho opera através de uma multiplicidade de atividades, fluxos, conexões e cortes através das TIC. Cubero (2015) lembra que no *XVIII Congresso da AIT* a União Sindical Italiana enviou uma proposta de alteração dos estatutos sobre o conceito de emprego e trabalho. Houve, também, em Barcelona, em 1989, uma jornada dedicada ao tema "Novas Tecnologias e Sociedade". Cubero (2015), afirma que "O fenômeno de novas tecnologias e sua aplicação industrial está provocando, desde sua origem, não só uma profunda reconversão dos meios de produção e serviços, mas também toda uma nova filosofia que afeta a recomposição das classes sociais, do mercado mundial do trabalho e da própria concepção de trabalho…" (p. 251). Também há nesta análise um deslocamento profundo de toda a sociedade com a emergência das TIC, alterando não só os meios de produção objetivas, como também toda a concepção de modo de vida: como se pensa, como se trabalha, como se constitui classe, etc. Acima, Cubero, nos convida a "reformular os conceitos" da anarquia, todos aqueles sejam necessários para o movimento anarquista "não ficar à margem do processo, que se acelera" (p. 252) de transformação social. É preciso encarar um desafio evidente, enquanto militantes anticapitalistas e libertários: encontrar um

arranjo possível que conecte as antigas aspirações do anarquismo com as possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento e a radical garantia de liberdades (p. 251).

maquínica e capitalística

Tudo fora da ordem, tudo dentro da ordem - cada um no seu quadrado, todos em seus lugares: Atenção! Alto lá, alí debaixo, deixe a esquerda livre, veja se o mesmo se encontra no andar antes de entrar. Pare! Siga! Vai que vai… As *grandes transformações* no mundo do trabalho que Ferreria (2013) e Cubero (2018) nos alertam é amplamente tematizado por Félix Guattari. Não apenas tematizado como assunto filosófico. Guattari, como vimos no início da tese, cultivou diversas formas associativismo anticapitalista e incendiava lutas contra essa nova organização do mundo. O fez junto de diversos movimentos sociais (saúde mental, antipsiquiatria, MST, PT, mapuche, autonomistas, leninistas, anarquistas, ecologistas, educadores, arquitetos, etc) e em diversos formatos (clínica, partido, grupelhos, rádios, jornais, revistas, cinema, federações, etc). Ainda insistindo em uma sobreposição de análises - como se pudéssemos sobrepor mapas conceituais desenhados em folha folha vegetal, um sobre o outro, encontrando relações, tensões, aproximações, acoplamentos - irei acoplar as análises anteriores aos desenhos conceituais de Guattari. O farei através do livro *Revolução Molecular* (1981), publicado em 1977 em francês[102], acoplada a conversação com Franco Berardi (Bifo) e Paolo Bertetto, no mesmo ano, 1977, e publicada pela primeira vez em italiano em 1978, *Desejo e Revolução* (2022) e outros textos e palestras realizadas no Chile entre 1980-81, publicados nos anos 80 e republicadas em uma versão ampliada pela Pólvora Editorial sob o título *Las Luchas del deseo* (2020).

As análises se confundem em muitos momentos com as que situamos neste movimento. Há, também, proposições muito inovadoras de Guattari que podem nos servir para darmos respostas-percursos sobre os problemas levantados por Ferreira e Cubero. Tais como, *subjetividade maquínica, força de produção desejante, política do desejo, sociedade capitalística, aparelhos coletivos e enunciados coletivos, revolução molecular, luta de classes, operariado, recusa do trabalho*, entre outras. Para acompanhar esses acoplamentos, caminho junto com Carvalho e Camargo (2015), Carvalho (2020) e Agostinho (2020) que através de suas leituras me apoiam em compreender alguns destes conceitos, criam análise

[102] Guattari, Félix. (1977). *La Révolution Moléculaire*. Encres - Éditions Recherches.

complementares e expandem as possibilidades de pensar-agir o mundo e atualizar as estratégias de emancipação, liberação, luta e revolta.

maquínico

Carvalho e Camargo (2015) constituem uma imagem interessante para compreendermos o funcionamento do conceito *maquínico*. Nesta imagem do pensamento dos autores, o conceito *maquínico* está associado à uma produção, uma subjetividade, uma sociedade, um fluxo de capital, uma modulação e uma dominação. *Maquínico* é o funcionamento do agenciamento de miríades de máquinas que estão enganchadas umas nas outras, operando entre codificações, rupturas e sobrecodificação. Através do quadro de Richard Lindner, *Boy With Machine*, (1954, óleo sobre tela, 102 x 76 cm) (p. 106), os autores observam o concatenamento de diferentes engenhocas maquínicas acopladas ao corpo de um menino, que parece mover e ser movido por esse emaranhado de fios, conexões, cortes e fluxos. "Em outros termos, toda máquina se articula a um encadeamento produtivo advindo de outras máquinas." (p. 109). Estamos enganchados em diversos processos de produção de outras máquinas, ao mesmo tempo que estamos enganchando outras tantas máquinas em outros processos de produção. "A máquina se atualiza conforme a sua produção e a finalidade de seus agenciamentos. Por isso mesmo, cada máquina possui consistência própria e faz produzir as suas consistências subjetivas advindas de suas operações." (p. 110). Estamos enganchados e emaranhados. Um novelo movediço de pessoas e máquinas e semióticas e enunciados coletivos e formas de trabalho e... Guattari elabora "a noção de máquina desejante para sublinhar a continuidade das funções, dos órgãos e mecanismos mentais e afetivos do homem com a máquina. O funcionamento do homem e da máquina formam um só movimento, quer se trate de máquinas proposicionais, semióticas, materiais, sociais: só existe maquinismo." (Guattari, 2022, p. 88). *Só existe maquinismo*. Estamos costurados de forma imanente nas relações estabelecidas com as máquinas que nos rodeiam, sejam elas as máquinas materiais (automóveis, casas, indústria, computadores, etc), sejam máquinas semióticas (mensagens de whatsapp, transações bancárias, e-mails, comunicados, filmes, amazon, mercado livre, etc), sejam máquinas sociais (escola, família, emprego, prisão, delegacia, boteco, etc). As transformações que encontramos no pensamento de Ferreira e Cubero aqui ganham dimensões adicionais a respeito das microinfiltrações do capitalismo mundial integrado, operado maquinicamente, nas capilaridades mais íntimas da reprodução

da vida. Tanto Ferreira como Cubero, afirmaram que é preciso toda uma nova categorização sobre trabalho-emprego e suas formas de relação com o resto da sociedade. Percebem que essa grande transformação que vivemos dos anos 70 em diante, com as TIC, mobilizam outras formas de produção até então insuspeitas. O funcionamento maquínico, no entanto, para Guattari, não está localizado apenas no surgimento das TIC, as conexões entre máquinas e homens, é mais antiga, localiza-se com a emergência do Estado, do seu aparelho de captura e das máquinas de guerra nômade. Essa análise emergencial das máquinas na antiguidade e seu *continuum* através de cortes, atualizações e desdobramentos, pode ser analisada nos platôs 12, 13, 14 e 15 no livro *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 2*. Não nos deteremos aqui nessa genealogia das máquinas, no entanto, é importante destacar que no capitalismo contemporâneo - o que Guattari nomeia de Capitalismo Mundial Integrado (CMI) - há uma atualização importante no *phylum maquínico.* Uma atualização que provoca um deslocamento radical nos modos de produção da economia material para os modos de produção de uma economia do desejo ou economia subjetiva. O *phylum maquínico,* em linhas gerais, seria o fluxo de energia espaço-temporal onde acontecem os desdobramentos de uma máquina, através de diversas linhagens maquínicas, operadas através de continuidades, bifurcações, retrocessos, desvios, acoplamentos, etc. "Inclusive quando há retornos, aparentes repetições, estes retornos, de fato, mascaram e logo deixam aparecer aquilo que defino como *phylum maquínico*, uma continuidade no nível das máquinas - sobretudo das máquinas tecnológicas e econômicas - que subsistem elas mesmas a uma transformação irreversível, que é uma transformação de desterritorialização." (Guattari, 2022, p. 66).

As microinfiltrações capitalistas foram analisadas por Camargo e Carvalho (2015) adotando o verbo *polvilhar* como o efeito desse enxame de assédios que as operações maquínicas perpetuam na constituição das subjetividades na *nova ordem mundial*. A sociedade age para barrar os fluxos singulares "de maneira *polvilhar*, em toda potencialidade subjetiva singular para enquadrar, balizar, constituir e conduzir, fazer adaptar e dar sentido aos modos de viver, de pensar, de sentir, de valorar, de perceber o mundo e a si mesmo, de se consentir aos sistemas qualificadores, enfim, de viver como se vive." (p. 112). Ou seja, as operações maquínicas das relações de produção-consumo ressoam em outras produções "em todos os níveis da economia desejante contaminados pelo capitalismo (ao nível do indivíduo, do casal, da família, da escola, do grupo militante, da loucura, das prisões, da homossexualidade, etc)." (Guattari, 1981, p. 20). Neste sentido, como o capitalismo se capilariza por todos os campos da vida social através do agenciamento de miríades de

máquinas enganchadas umas nas outras, implicando modos de produção umas nas outras. Deste modo, podemos pensar em uma sociedade *capitalística,* isto é, o capitalismo capilarizado em operação maquínica generalizada (micro e macro).

sociedade capitalística

Para estofar o conceito *capitalístico*, Carvalho e Camargo (2015), desenvolvem dois elementos analíticos. O primeiro elemento, afirma a interdependência entre os fluxos maquínicos de capital. Os fluxos maquínicos do capitalismo não operam mais através de fronteiras e delimitações espaço-temporais, como observamos em Ferreira e Cubero, sua força de descodificação e sobrecodificação da matéria produtiva (inputs) para a produção capitalista (outputs), envolve todas as camadas da vida social, desde o campo micropolítico (pensar, amar, sonhar, transar, trabalhar) ao campo macropolítico (políticas internacionais, ONU, OTAN, UNESCO). O segundo elemento são os processos de redundância da ordem e da polícia do mundo, distribuindo fechamentos nos fluxos de liberação do desejo local e globalmente. É impossível pensar o funcionamento da mega-máquina capitalística como um bloco unívoco e uniforme. O capital é uma categoria de circulação semiótica, além de uma categoria de produção de bens e consumos. As TIC produzem codificações e sobrecodificações atualizadas minuto-a-minuto para as quais é preciso uma produção semiótica singular para sua decifração, operação, manuseio, produção, consumo, etc. Deste modo, o CMI se infiltra nas produções de bens e na produção de categorias semióticas, por processos de estratificação dos territórios subjetivos, sociais, ambientais, etc. "El CMI favorece las innovaciones y la expansión maquínica sólo en la medida en que puede recuperarlas y consolidar los axiomas sociales fundamentales sobre los cuales no puede transigir: un cierto tipo de concepción del socius, del deseo, del trabajo, del tiempo libre, de la cultura, etc."[103] (Guattari, 2020, p. 50). Para expandir as fronteiras da axiomática[104] capitalística, o CMI precisa distribuir uma série de fechamentos nos fluxos liberados de desejo para realizar as suas recuperações através de modulações subjetivas, inserindo-as novamente na ordem das coisas. Eis aqui a redundância da ordem capitalística, que reinsere a cada minuto uma série de modulações subjetivas subjugadas ao seu funcionamento.

[103] T.A. - O CMI favorece as inovações e a expansão maquínica somente na medida em que possa recuperá-las e consolidar os axiomas sociais fundamentais sobre os quais não pode transigir: um certo tipo de concepção do socius, do desejo, do trabalho, dos tempos livres, da cultura, etc.
[104] Ver em página 28-30.

Completam Carvalho e Camargo (2015) "a sociedade capitalística é aquela que se devota a lutar e a combater, a fechar em certos territórios e a retirar de outros, a inventar e a produzir vacinas paralisantes de todo tipo contra os processos de singularização." (p. 113).

equipamento coletivo

Guattari (1981) elaborando sobre as estruturas repressivas da sociedade capitalística desenhou uma derivação do conceito *Aparelhos Ideológicos de Estado* de Althusser. Pouco interessado nas fantasmagorias da ideologia, Guattari investiga como a contínua transição entre equipamentos como escola, a prisão, a justiça, a família, o sindicato, a igreja, o partido, o clube, a gangue produzem um *continuum* (p. 65) na formação coletiva das forças de trabalho. A *reprodução das forças de trabalho* (p. 66) - necessárias para a contínua extração da mais-valia do trabalho - opera através de uma diversidade de fluxos de produção (matéria-prima, eletricidade, trabalho humano, saber, semiótica, significado, subjetividade). Neste ponto Ferreira (2013) e Guattari (1981) se encontram: "o trabalho de semiotização que é feito com a formação profissional não pode ser dissociado do trabalho de modelagem e de adaptação dos trabalhadores às relações existentes na oficina e na fábrica." (p. 65). Ferreira (2013) havia advertido que com as TIC o trabalho passa a demandar uma operação de codificação semiótica de signos encriptados pelas máquinas e pelo fluxo de capital. Os *aparelhos coletivos*, nomenclatura que Guattari adota para se esquivar da *ideologia*, são responsáveis por adestrar as classes subalternas, aplicar as modulações capazes de constituir uma subjetividade capitalística no corpo social, singular, ambiental, cultural, etc. O que Ferreira nomeou de *controle do comportamento humano*, passamos a nomear de *modulação de subjetividades capitalísticas*.

modulação de subjetividades capitalísticas

Cada um no seu quadrado, somos envolvidos por constantes *injeções de representações inconscientes* (Guattari, 1981, p. 66) que nos adormecem o corpo para uma sonâmbula peregrinação entre casa-trabalho-sexo-(quando-dá!)-lazer-casa-trabalho. As passagens constantes de uma malha de aparelhos para outra malha de aparelhos - estando dentro (como o trabalhador, homem de bem) e fora (como o bandido, homem mal) do "sistema" - modulam as subjetividades através da subordinação maquínica dos fluxos vitais.

A contínua expansão do CMI, faz com que os territórios existenciais tradicionais (sujeito, casa, família, emprego, comunidade) sejam varridos constantemente por grandes perturbações na ordem da vida (vejam as favelas urbanas que vivem eternamente entre despejos e reocupações). Este constante solapamento da vida coletiva pelo capital, engendra um outro movimento: o de recuperação daquele território vivo (populações) através de uma nova modulação. Esta, por sua vez, será material e semioticamente compatível com as novas tecnologias de extração da mais-valia. "As pessoas, de fato, só servem aqui para enquadrar, "canalizar" - no sentido da teoria da informação - um trabalho de semiotização que passa cada vez mais pela televisão, pelo cinema, pelos discos, pelas histórias em quadrinhos, etc" (Guattari, 1981, p. 65), ao que podemos adicionar: pelos *feeds* das redes sociais, pelas notificações de interação nos sites de relacionamento, nos avisos de *SMS* do SUS sobre campanhas de saúde, etc. Uma intoxicação semiótica a cada esquina do planeta!

sujeito, história e subjetividade

Larissa Drigo Agostinho (2020) ao localizar a máquina ao lado, *literalmente*, do sujeito, afirma, também, que o sujeito é justamente o ponto de ruptura da máquina. "A máquina descreve, portanto, uma transformação histórica e social, um acontecimento cujo ponto de ruptura seria o surgimento de um sujeito inconsciente, de um desejo, de um novo desejo." (p. 109). A máquina atual é a recusa da máquina anterior, uma morte através da incorporação dos restos e sobras da máquina anterior. Uma máquina que engendra uma outra máquina, através dos cortes e conexões do seu Phylum Maquínico. Enganchadas umas nas outras, as máquinas se desdobram em outras máquinas. A subjetividade, deste modo, é maquínica, operada através do engendramento de máquinas. As investigações de Guattari sobre as máquinas, na leitura de Agostinho (2020), estavam direcionadas na emergência de um novo sujeito da história: "Guattari está preocupado não com as estruturas que saem às ruas para afirmar seu saber e exigir reconhecimento ou reparação, todavia, com o sujeito dos acontecimentos, aqueles capazes de romper com as máquinas e com as estruturas de produção capitalista, um sujeito político, da história." (p. 110). A emergência de um sujeito da história que se distancia do sujeito revolucionário marxista confabulado sob uma teoria transcendente da história. O sujeito que Guattari investiga não é o fruto da luta das classes, através da análise materialista histórica. "Um sujeito que não se define em relação ao saber ou ao gozo, contudo, em relação à história e aos acontecimentos." (p. 110). A história não está localizada

nas estruturas e suas tomadas de posse. A história dos acontecimentos se dá justamente nos momentos de ruptura. A mesma ruptura que o sujeito produz na máquina que engendra um novo maquinismo e um outro sujeito. As rupturas possíveis nos campos relacionais, como vimos em Rolnik (2018) e Godinho (2013), são as fissuras que desejo produz na superfície topográfica-relacional do sujeito, mobilizando um alarme sobre um mal estar, uma alteração no campo de forças, como a vibração em uma teia de aranha que se percebe pelos afetos e perceptos[105]. Agostinho (2020) expõe com nitidez: "A questão seria, por conseguinte, a de pensar em que condições uma ruptura é possível, uma ruptura que fosse capaz de dissociar ou de distinguir sujeito e máquina, de distinguir a singularidade subjetividade e a sujeição maquínica." (p. 112). As análises de Guattari estavam direcionadas para a transformação do mundo como tal. Afirmar que todo processo subjetivo é carregado de um maquinismo material e toda produção material é maquinada através de esquemas subjetivos, é justamente afirmar que uma subjetividade maquínica pode se bifurcar para uma relação de assujeitamento-reativa ou de liberação-ativa. "Há um deslocamento da subjetividade, ela é cada vez mais maquínica e menos humana, o que não significa mais alienante mas, para mim, ao contrário, mais libertadora." (Guattari, 2022, p. 53).

Para Guattari (2022) era preciso de *dessubjetivar* a história e "admitir que a história não está centrada sobre o homem, que existem agenciamentos maquínicos, dos homens, dos organismos, das funções, e que há, além disso, um policentrismo decisional." (p. 64). A ideia forçada do sujeito como medida de todas as coisas, é uma tentativa de registrar uma série de acontecimentos sob uma unidade monocêntrica: Histórica (com H maiúsculo) e linear. Essa entidade transcendente, o Sujeito, agiria a partir da consciência de si mesmo, por decisões livremente arbitradas em todos os campos - como conjuga o mito do livre arbítrio judaíco-cristão. Pelo contrário, é o sujeito do inconsciente que Guattari procura. Uma produção singular que se processualiza em todos os momentos da vida através das aberturas para o novo. O que move a história, portanto, não é o esclarecimento do sujeito revolucionário através da sua consciência de classe, ativada por uma ideologia e guiada pelo partido de vanguarda: "O motor da história é muito mais um funcionamento que associa a enunciação semiótica, a produção de um campo material, a produção de um campo maquínico, que agrega e integra elementos que antes eram postos no registro do sujeito e elementos que eram postos no registro do objeto." (Guattari, 2022, p. 64). Deste modo,

[105] Ver páginas 38, 133 e 141.

podemos esboçar uma definição de *agenciamento*: como algo que é produzido, que não encontramos no pólo sujeito ou no pólo objeto, que atravessa esses campos, sem dúvida, mas não se restringe a eles. É simultaneamente, sujeito, objeto, maquina, palavra, carro, telefone, mensagem, braços, mão, digitação, etc. Seria "uma máquina na ordem semiótica e na ordem das enunciações semióticas, tanto quanto na ordem da montagem dos fluxos materiais, dos fluxos sociais, dos econômicos e assim por diante." (Idem, p. 65). Deixando de lado a decisão monocentrada para experimentar policentralidades decisionais, que se afetam mutuamente, num engengradamento de uma máquina em outra… um enganchamento de um processo de produção (semiótico, afetivo, material, a-significante, pré-verbal, etc) em outro processo...

capitalismo mundial integrado (CMI)

Em *Las luchas del deseo*, Guattari (2020), afirma dois elementos definidores para defender a tese da mundialização do capitalismo e sua integração. A primeira, é que o capitalismo atualmente se relaciona de maneira policentrada com todos os países e povos que estavam historicamente apartados (e escapados): como os países do Terceiro Mundo, os países do antigo bloco soviético, os povos e países do continente africano, etc. O segundo, é que a tendência mundial é que nenhuma atividade humana e não humana escape aos controles dos fluxos de capital, desde as formas de cultivo no campo, de trabalho nas cidades, de relacionamento afetivo, de migrações de espécies, de ondulações oceânicas (ver as praias de surf artificiais no litoral paulista no Brasil[106]), etc. *Tá tudo dominado?*

Há um movimento duplo da axiomática capitalística: ao passo que ela distribui fechamentos sobre todos os fluxos de energia no tempo-espaço global, seja no campo macro e micropolítico; ela também promove proliferações moleculares em diversas direções, desterritorializando as formas de viver por todo canto, a cada minuto, com atualizações instantâneas e permanentes. O capitalismo colonizou todas as formas de vida que já existem na terra e vive à espreita para abocanhar as que estão em germinação. O CMI, deste modo, opera por um procedimento duplo de desterritorialização das formas de vida e recomposição em modulações assujeitadas. *Tá tudo dominado?*

Guattari (2020) estabelece três pontos focais de análise: i) produção, sistema econômico e axiomática da sociedade; ii) as novas segmentaridades locais (molecular) e

[106] Ver em https://costanorte.com.br/variedades/litoral-no-interior-praia-artificial-faz-sucesso-entre-surfistas-profissionais-1.346443 Consultado em 24/04/2023.

globais (transnacionais); iii) as máquinas de guerra revolucionárias. Iremos acompanhar esta análise que serve para ancorar as noções apresentadas até agora sobre *maquínico, capitalístico, sujeito inconsciente, aparelho, enunciado, etc.*

sistema econômico

O primeiro foco de análise se dedica a desenhar alguns elementos do CMI relativos à produção, sistema econômico e axiomática. A expansão do controle e inferência capitalismo para todas as atividades produtivas da terra e incorpora uma série de atividades que antes não se enquadravam no conceito de trabalho, como: as produções marginais, as atividades domésticas, o esporte, a cultura, a aprendizagem da criança, a interação nas redes sociais, o trabalho de sonhar, etc. Em *Desejo e Revolução,* Guattari (2022), identifica quatro tipos de trabalho[107] que se diferenciam do trabalho concebido por Marx e os socialistas do século XIX. O primeiro seria o *trabalho do desejo*, o desejo da criança de pular o muro do vizinho e desobedecer a mãe ou de fazer cocô nas calças (driblando as regras maternas de controle do esfíncter). O segundo, são aqueles que estão associados ao *valor de uso*, como cozinhar para os seus amigos um jantar, produzir fotos de uma praia para vincular descrições no *google maps*, deixar avaliações em fóruns de turismo como *tripadvisor, booking, airbnb,* etc., são trabalhos que agregam valor a um uso. O terceiro, está relacionado a *produção de mercadorias* dentro de um sistema de equivalências e trocas, seja nos serviços, salários, etc. O quarto, mas não último, já que devem haver outros tantos (esporte, cultura, lazer, etc), o trabalho de *normalização* ou *antiprodução*: "o trabalho dos policiais, dos carcereiros, uma grande parte do trabalho dos docentes, trata-se de um trabalho que não tem como finalidade a produção de mercadoria mas sim a produção de uma ordem social, de uma redundância social." (Guattari, 2022, p. 55). Isto é, os fluxos de desterritorialização e recuperação do capital operando em nível generalizado por todas as camadas da produção da vida. A localização do trabalhador dentro de uma cadeia de produção não é mais possível de ser cartografada apenas pela sua prática individualizada como um ponto em uma massa. Pelo contrário, os processos maquínicos de produção da sociedade capitalística, a sequência de enganchamentos de máquinas umas às outras, vai localizar uma fração de trabalho humano, cada vez mais dispensável, como vimos em Ferreira (2013). "Así, las reivindicaciones

[107] A análise das quatro formas de trabalho não se pretende universal, Guattari adverte que devem haver outras (Guattari, 2022, p. 54)

sindicales que apuntan a la disminución del tiempo de trabajo, pueden volverse perfectamente compatibles con el proyecto de integración del Capitalismo; y no solo compatibles, sino incluso deseadas, para que el trabajador pueda dedicarse a actividades financeiramente improductivas, pero económicamente recuperables." [108] (Guattari, 2020, p. 47). As inovações computo-informacionais, as TIC, neste sentido, aprimoram as práticas de desterritorialização/recuperação já mencionadas, através dos sistemas de integração maquínico-semiótico (p. 48). "De este modo, el capital es mucho más que una simple categoría económica relativa a la circulación de bienes y acumulación. Es una categoría semiótica que concierne al conjunto de los niveles de producción y al conjunto de los niveles de la estratificación de los poderes."[109] (p. 49). Todos os níveis de produção se submetem aos fluxos de capital, estabelecendo uma servidão estratificada e capilarizada em todos os campos de produção da vida. O capital precisa das proliferações moleculares para seguir suas reciclagens, renovações, reinvenções, que são possibilitadas pelas expansões constantes dos focos autopoiéticos[110] maquínicos, no entanto, só permite tais expansões na medida em que pode recuperá-las para determinar os modos de viver, de desejar, de trabalhar, de ter lazer, de cultura, etc.

clausura, desterritorialização e sistema geral de segmentaridade.

No momento seguinte, Guattari estabelece três elementos para compreendermos o processo axiomático do CMI, a saber: *clausura, desterritorialização e sistema geral de segmentaridade.*

O elemento da *clausura*, como já vimos, consiste em distribuir fechamentos nos fluxos de singularização e expansão molecular das potências criativas humanas e não-humanas. No entanto, além disto, a clausura também se relaciona com um elemento de reconversão dos fluxos de capital dentro de um mesmo território. O Capital já invadiu todos os territórios humanos, mesmo aqueles reservados pelas políticas de proteção ambiental, indígena, quilombola, ribeirinho, etc. O CMI extravasa e supera sua fase

[108] T. A. - Assim, as demandas sindicais visando a redução do tempo de trabalho podem se tornar perfeitamente compatíveis com o projeto de integração do Capitalismo; e não apenas compatíveis, mas até mesmo desejadas, para que o trabalhador possa se dedicar a atividades financeiramente improdutivas, mas economicamente recuperáveis.
[109] T. A. - Assim, o capital é muito mais do que uma simples categoria econômica relacionada à circulação de mercadorias e à acumulação. É uma categoria semiótica que diz respeito a todos os níveis de produção e a todos os níveis de estratificação de energia.
[110] Ver em páginas 10, 47 e 156.

colonial-imperialista. Tá tudo mesmo dominado, no entanto, essa dominação, para atender um contínuo renovar das práticas de exploração, provoca constantes reconversões dos fluxos de produção, material e afetiva, dentro de um mesmo território. O CMI encontra por todos os becos e vielas, por todas as florestas desmatadas e as favelas queimadas pela polícia, por todas as novas construções de novos bairros em florestas, por toda nova obra de estruturação de novas avenidas para novos carros, por toda política de uso de novos aplicativos de transação bancária… por todos estes meios o capital segue se proliferando, desenvolvendo mercados cada vez mais artificiais[111]. Sejam bens, sejam afetos, sejam representações semióticas, com a proliferação infinita de aplicativos de streaming para todas as ideias, gêneros, grupos, etc., sejam quinquilharias inúteis como o caso da SHEIN, que é uma empresa chinesa (país teoricamente comunista) que produz de forma desenfreada algo chamado de super-ultra-fast-fashion, colocando em circulação todos os dias milhares de novas mercadorias, elevando taxas de consumo às alturas, bem como, extraindo de forma cada vez mais violenta os recursos naturais e depositando na terra toneladas de lixo industrial e descarte[112]. Estamos nos deslocando dos regimes coloniais e imperialistas, onde se percebia com nitidez as regras do sistema, para um momento de *overlapping* intermitente de regimes diversificados, que se integram através de efeitos de desterritorialização, o que poderíamos chamar, junto a Guattari (2020), de *sistema colonial-imperialista desterritorializante* (p. 51).

O elemento de *desterritorialização* do capitalismo não procura um universalismo de regimes. Para o capital, tanto faz se ditadura, neofascismo, capitalismo, socialismo burocrático, comunismo estatal e democracia burguesa. Brincando de uni-duni-tê ele escolhe ao seu bel prazer a formação estratificada da política institucional, desde que permita uma homogeneização dos modos de produção, circulação e controle social. Nos EUA milhões de jovens *influencers* consomem com euforia e desenfreadamente as mercadoria da SHEIN, que é sediada na maior potência comunista do mundo. Estes jovens, ainda, ditam moda para outros milhares de jovens precarizados das periferias do sul global, que sonham em consumir uma blusinha que só o dólar pode comprar. Aqui está a potência policentrada da tomada de decisão do CMI que apontei anteriormente neste texto: não interessa onde, quem e como, mais à esquerda, mais à direita - o capital só quer se reproduzir a qualquer custo. Para tanto,

---

[111] É possível pensar que a integração da Inteligência Artificial (IA) para acesso público em qualquer smartphone, através dos *Chats GPT* (ver em https://openai.com/blog/chatgpt, consultado 17/04/2023), opere uma nova evolução nas formas de produção de trabalho-valor-lucro de forma completamente artificial, mecanizada e com uma potência exponencial de reprodutibilidade infinita do trabalho humano.

[112] Ver em https://thegamecollective.com.br/blogs/business/shein-do-crescimento-a-ma-noticia e https://www.ecycle.com.br/fast-fashion/ (consultados em 17/04/2023).

não mede esforços em desterritorializar regimes democráticos para recompô-los em ditaduras, e vive-versa. Neste ponto, não interessa a política fisiológica à moda antiga, o que está em jogo é um grande efeito de manipulação subjetiva através dos meios de comunicação em massa, pelos equipamentos coletivos, por nós mesmo, etc. "El poder de CMI está siempre en otra parte, al interior de mecanismos desterritorializados. Esto lo hace aparecer hoy como algo imposible de aprehender, de localizar y de atacar."[113] (Guattari, 2020, p. 53).

O elemento *sistema geral de segmentaridade* se relaciona com a habilidade do CMI em distribuir zonas de desenvolvimento muito diferentes entre si ao longo do planeta, de forma policentrada, que fica muito difícil manter as definições de primeiro e terceiro mundo. Em zonas muito ricas se distribuem grandes zonas de miséria, como os moradores de rua das grandes cidades dos EUA após a crise (ou reconversão) imobiliária de 2008[114]. Do mesmo modo, mantém hiper-ricos vivendo em países do terceiro mundo, criando verdadeiras aristocracias no meio de violência e destruição sócio-psíquico-ambiental, como o projeto barrado pelas autoridades brasileiras de construção de um resort de luxo na praia de Boipeba, na Bahia, iniciado pela família Marinho, dona da Rede Globo[115]. A potência expansiva do capitalismo, impõe reconversões dos regimes entre desterritorializações e recomposições, que operam através de uma escrita em *palimpsesto*[116], reescrevendo sobre a mesma superfície novas modulação de produção material e subjetiva. Esta imposição do CMI permite uma disciplinarização das formas de trabalho, através das inúmeras modulações do trabalho, da fábrica ao nômade digital, ao mesmo tempo que segmentariza todos os espaços do planeta.

A aristocracia do mundo pode seguir os fluxos de circulação do capital e trafegar por todos os cantos do mundo, enquanto as demais categorias humanas e não humanas, estão relegadas a confinamentos diversos por diferentes rincões do planeta onde vivem submetidas a uma verdadeira *fábrica mundial* (Guattari, 2020, p. 54). Confinados em campos de concentração e trabalhos escravizados por toda parte do mundo. Podemos ver nas diversas operações-denúncias de trabalho escravo no Brasil no campo[117] e, também, nos maiores

---

[113] T. A. - O poder do CMI está sempre em outro lugar, dentro de mecanismos desterritorializados. Isto faz com que hoje pareça ser algo impossível de ser apreendido, localizado e atacado.
[114] Ver em https://www.histedbr.fe.unicamp.br/colunas/artigos/a-crise-imobiliaria-de-2008-e-a-politica-internacional-estadunidense (consultado em 17/04/2023).
[115] Ver em https://www.bahianoticias.com.br/noticia/278979-megaempreendimento-de-boipeba-entenda-o-que-esta-em-jogo-para-a-construcao-do-resort-de-luxo (consultado em 17/04/2023).
[116] Palimpsesto é um "Manuscrito em pergaminho que, após ser raspado e polido, era novamente aproveitado para a escrita de outros textos (prática usual na Idade Média)." segundo https://www.dicio.com.br/palimpsesto/ Consultado em 22/04/2023.
[117] Ver em https://diplomatique.org.br/terceira-escravidao-no-brasil/ (consultado em 17/04/2023).

festivais de música do mundo urbano[118]. Os campos de concentração a céu aberto em todo o mundo controlados por localização via satélite (GPS) por agentes das transnacionais trabalhando nos coworkings regados a café (e cocaína) nas grandes cidades com o ar condicionado e carpetes engomados. Essa segmentaridade e segregação de espaços do CMI coexistem com uma conjugação generalizada destes fluxos, onde uma operação digitada por um executivo em um email nos EUA pode significar a demissão em massa de trabalhadores da região do ABC no Brasil. Por conta da desterritorialização e sua multicentragem o capital é rei e senhor de todos os segregados - suas vidas e forças nas mãos dos destinos do capital. "El CMI no solamente interviene a escala mundial, sino también en los niveles más personales. Inversamiente, las determinaciones moleculares inconscientes no cesan de interactuar sobre componentes fundamentales del CMI."[119] (p. 55). *Tá tudo dominado?*

Vale a pena viver sob esse regime?

lutas moleculares

Guattari (2020) no livro escrito junto a Antonio Negri, *Les Nouveaux espaces de liberté* (1985), afirmam que o trabalho pode ser liberado. Dizem o trabalho é um traço indelével da produção de vida humana junto à Terra. No entanto, tanto nos países socialistas quanto nos capitalistas, o trabalho está submetido, como vimos com Cubero e Ferreira, à uma "máquina logocêntrica, autoritária e potencialmente destrutiva." (Guattari, 2020, p. 182 - T.A.). Enquanto nos países desenvolvidos, do norte global, os indicadores de qualidade de vida dos trabalhadores, consegue, muito raramente, uma condição favorável, "se ha pagado con una acentuación y un cambio de naturaleza de la dominación, con la disminución de los grados de libertad, con una precarización de la paz en las zonas limítrofes, marginales [...] La disminución relativa de la explotación en las zonas metropolitanas, ha sido pagada con la exterminación en el Tercer y Cuarto mundo." (p. 182).

Deste modo, a segmentaridade do CMI atua nos planos macropolíticos, como aos planos micropolíticos - e na era da nanotecnologia, aos níveis nanopolíticos. No campo macropolítico as contradições entre Leste-Oeste, Norte-Sul, organizam-se em forma de uma

---

[118] Ver em https://www.cartacapital.com.br/justica/festival-lollapalooza-e-flagrado-com-trabalhadores-escravizados-em-sao-paulo/ (consultado em 17/04/2023).

[119] T. A. - O CMI não está ativo apenas em escala global, mas também no nível mais pessoal. Por outro lado, determinações moleculares inconscientes estão constantemente interagindo com componentes fundamentais do CMI.

produção multidimensional, sobrepondo camadas de relações que muitas vezes se antagonizam. "Nunca estará de más insistir en el hecho de que la *axiomatización*, la producción de nuevos axiomas en respuesta a esas situaciones específicas, *no proviene de un programa general,* no depende de un centro conductor que dictaría esos axiomas. La axiomática del CMI no está fundada en análisis ideológicos, es parte integrante de su proceso de producción."[120] (p. 57). Deste modo, as lutas nacionais, são implicadas em lutas regionais, que por sua vez, são implicadas em lutas globais, em uma espécie de rizoma multidimensional que inclui inúmeras singularidades geopolíticas, psíquicas, históricas, culturais, estéticas, etc.

No campo molecular das lutas sociais, Guattari (2020), identifica duas vertentes: uma localizada nas lutas sindicais no sentido clássico (economia, sociedade, direitos, etc) e outra localizada no campo das lutas do desejo (modo de vida, meio ambiente, sexualidade, cultura, etc). A primeira, quando desvinculada de uma estratégia global de lutas abre espaço para as recomposições, recuperações e integrações pelo CMI. Ademais, as lutas sindicais não nos levarão para os mesmos caminhos que o passado traçou: "No volveremos a asistir a enfrentamientos tipo 1848, Comuna de París o 1917 en Rusia; ya no asistiremos más a una ruptura neta, clase contra clase, que inicie la redefinición de un nuevo tipo de sociedad." [121] (p.59). Estaríamos fadados a viver no mundo dos bilionários? Guattari (2020), convida a articular uma outra forma de resistência, que conectem o local e o global, através das revoltas moleculares e das lutas do desejo. Como uma espécie de vírus, tal qual observamos nos mecanismos das máquinas de guerra nômade[122], que se espalham por todas as capilaridades e veias entupidas de representações capitalísticas, corroendo o corpo-mundo-do-capital, por dentro, por fora, por todas as vias onde o desejo encontre espaço para seguir suas mutações e variações.

---

[120] T. A. - Nunca é demais enfatizar que a axiomatização, a produção de novos axiomas em resposta a estas situações específicas, não vem de um programa geral, não depende de um centro orientador que ditaria estes axiomas. A axiomatização do CMI não se baseia em análises ideológicas, ela é parte integrante de seu processo de produção.

[121] T. A. - Não testemunharemos mais confrontos do tipo 1848, Comuna de Paris ou 1917 na Rússia; não testemunharemos mais uma ruptura líquida, classe contra classe, que inicia a redefinição de um novo tipo de sociedade.

[122] Ver em páginas 49 e 188.

fim da classe operária

Guattari (2022), em conversação com Bifo, é tomado por um desejo incandescente de cortar das nossas práticas rebeldes qualquer tipo de purismo revolucionário, aproximando-se da revolta de Maria Lacerda de Moura contra qualquer tipo de ser superior, seja real ou fictício, seja do dogma ou da ciência, seja do conversador ou do revolucionário cristalizado. "Ninguém é revolucionário puro." (Guattari, 2022, p. 41). Uma vez mais, Guattari instiga um combate contra qualquer Universal. A luta revolucionária clássica, seja sindical, seja pela terra, seja pela economia, operava por arranjos de duplicidade: a burguesa e a operária, a má e a boa, a suja e a pura, etc. Ao que Guattari confronta: "uma vez que a duplicidade sempre é o elemento simétrico do purismo, da univocidade política" e nos instiga à uma "Polivocidade contingente, polivocidade pragmática!" (p. 40). Acusa que a luta binária entre os pólos reafirma a presença do *Uno que a todos governa.* Isto é, a disputa pela ocupação do espaço do Uno para construir uma nova realidade (a saber, a ditadura do proletariado) sob uma nova univocidade (a hegemonia do operário). Dogma, atrás de dogma - à direita e à esquerda. Lembrando que quando nos situamos à esquerda e à direita estamos nos situando em relação a um mesmo ponto de poder, o Estado. Seja no parlamento, no executivo, no sindicato, etc. Ferrer - que nos instigou a construir um mundo em que homens, mulheres, queers, trans, cis, todes, possam *viver vidas múltiplas*[123]. Guattari também convoca a ação singular diante do trabalho e da revolução, para que esta seja construída em polivocidade, por todos os meios, por todos os cantos (nano, micro, macro, cósmico, etc).

Assim como Cubero (2015) e Ferreira (2013), Guattari (2022) também afirma que os conceitos de trabalho, emprego e operário são obsoletos para construir uma prática de emancipação social através da luta revolucionária. Diante de todas as transformações que acompanhamos: a nova ordem mundial (Cubero, 2015), a ascensão das TIC e da economia virtual (Ferreira, 2013) e o capitalismo mundial integrado (Guattari, 1981, 2001, 2020, 2021, 2022) seria impossível manter as mesmas formas de reconhecimento das lutas, dos sujeitos revolucionários e da organização da revolta com os mesmo conceitos: é preciso uma atualização. Em sua conversação afiada com Bifo, que se intensifica fala-a-fala, Guattari (2022), afirma: "Penso que, hoje, para acabar com o poder do Estado, com a luta de classes e com a exploração, é preciso acabar não apenas com a burguesia, mas também com a classe

[123] Ver em página 87.

operária, é preciso, assim, acabar com um certo tipo de subjetividade, de oposição, que se torna cada vez mais dualista e maniqueísta." (Guattari, 2022, p.47).

tudo é trabalho

O conceito de classe operária em oposição à burguesia exclui outras tantas formas de trabalho realizadas pelas crianças, mulheres, músicos, atores, etc., estas pessoas trabalham mas não são operárias. Como vimos, no capitalismo mundial integrado, outras tantas categorias de trabalhos são indexadas na axiomática capitalística[124]. Guattari elencou quatro (trabalho do desejo, trabalho do valor de uso, trabalho da produção de mercadoria e serviço, normalização/antiprodução) e devem haver outras. "Entre mesmo os operários, alguns trabalham na construção da bomba atômica, outros fabricam armas que servirão para exterminar esta ou aquela minoria étnica." (Guattari, 2022, p. 41). Bifo tenta argumentar que há uma distinção entre os diferentes tipos de *trabalho* no pensamento de Marx, entre *work* (capacidade física de realizar trabalho) e *labour* (processo de criação do valor de uso), ao que Guattari responde de forma categórica: "Não, pois o capitalismo não faz essa distinção, não há uma atividade sequer que não esteja sobrecodificada pelo capitalismo: assistir televisão, mijar, foder… não são atividades, tudo está completamente codificado na grade do capitalismo, tudo é trabalho." (Guattari, 2022, p. 59). As capilaridades da infiltração capitalística na sociedade modula todas as atividades humanas e não-humanas em trabalho e as capitaliza. "Em todos os níveis fragmentados da existência cotidiana, há um nível determinante que é aquele da entrega da vida ao trabalho produtivo, da cristalização, da capitalização da vida, da transformação de todos os níveis fragmentados da vida, de sua redução a força de trabalho, isto é, tornar a vida um meio de produção e, enfim, capital." (Guattari, 2022, p. 60).

O que está em questão é um combate contra a hegemonização da classe operária sob todas as modulações das forças de trabalho na sociedade. Essa hegemonia é constantemente estimulada pelos partidos políticos e sindicatos na luta política institucional, varrendo para fora da mirada da revolução as diferenças e as polivocidades. Essa tentativa de hegemonização da classe operária através da política tradicional não permite perceber as relações íntimas entre as classes. Guattari desloca a análise do *front* da luta de classes para um *continuum* entre as classes: "Por isso digo que hoje estamos diante de uma sociedade de

[124] Ver em Páginas 193-194.

classe e de uma oposição de classe que estão completamente concentradas em um certo tipo de mercadoria e de valor, que formam um *continuum* com a burguesia capitalista comercial dominante e a burguesia do Estado, um *continuum* no qual se encontram todas as burocracias do movimento político operário sindical e os trabalhadores sociais da própria classe operária." (Guattari, 2022, p. 57). A sociedade capitalística depende de uma organização sindical burocrática reivindicando coisas como: formação continuada da categoria, progressões salariais e benefícios sociais (entre seguros de saúde, crédito pré-aprovado), etc. Como nos alertou Ferreira (2013), a nova categoria sócio-cultural dos trabalhadores na era das TIC é formada por um fator de produção trabalho que demanda capacidades afetivas, cognitivas e semióticas para as leituras dos códigos semióticos das novas máquinas de produção. Esta classe organizada pelos sindicatos e estas reivindicações através dos sistemas hierarquizados (partido, sindicato, parlamento, etc) permitem que, alguns, trabalhadores tenham acesso ao consumo e a este tipo de capacitação. Deste modo, estimulam a expansão do mercado artificial capitalista, vendendo geladeiras, iphones, roupas da Shein, assinaturas de aplicativos, etc. Acelerando as economias internas dos países e o acúmulo de capital das corporações internacionais. "É muito importante tanto ter petróleo quanto um partido comunista e um sindicato comunistas fortes - tudo isto é indispensável para uma economia capitalista desenvolvida." (Guattari, 2022, p. 58).

Não se trata de uma classe operária, nem mesmo de uma subjetividade operária, as quais poderíamos articular para insuflar as práticas de revolta. O conceito de subjetividade maquínica, como vimos, atua nos enganchamentos constantes entre pessoas, trabalhos, máquinas, semióticas, linguagem, territórios, etc[125]. Essa subjetividade maquínica explode o conceito de classe operária, homem, mulher, criança, etc. Não há o sujeito da classe operária. É impossível encontrar um porta-voz da história quando se está sentado na representatividade capitalista do partido, do sindicato e do movimento. Guattari abandona o conceito de sujeito para investir no conceito de *agenciamento coletivo*. "Lá onde dizem que existem sujeitos individuados [...] eu diria que existe um agenciamento a-subjetivo e a-significante que ao mesmo tempo é produtivo, representativo, útil, desejante, mercantil, sem que em algum momento seja possível fazer uma separação, introduzir uma fratura entre uma pessoa, um objetivo, uma finalidade, um sistema de troca." (Guattari, 2022, p. 63). Neste ponto recuperamos também a afirmação de uma história sem sujeito, dessubjetivada. Ora, como

[125] Ver em páginas 190-192.

seria possível um sujeito da história incrustado de representações transcendentais não ser recuperado pelas amarras de um programa, um partido, um centralismo, um unitarismo, um Estado? O sujeito não é a medida de todas as coisas! Aliás, qual o sentido da medição (esquadrinhamento) do mundo, senão as práticas de extrativismo material e subjetivo dos povos e da Terra? O sujeito que se perca de si mesmo e se encontre novamente em bando, em práticas de autogestão e apoio mútuo!

O motor da história não é a ideologia e sim a ruptura com as capilaridades da sociedade capitalística através de uma revolução do desejo, de uma revolução molecular. Dentro dos mecanismos de desterritorialização e reterritorialização que o CMI articula em todas as atividades no planeta, *os agenciamentos revolucionários são aqueles que não se deixam reterritorializar* (Guattari, 2022,p. 65). As capturas do CMI, como vimos, operam através desse constante solapamento e reintegração das forças vitais da Terra (humanos e não-humanos), desterritorializam as práticas do vivo para remodelar em subjetividades capitalísticas, submetidas aos delírios de expansão do capital. Um *continuum* entre desterritorialização e reterritorialização sob os mandos policentrados dos fluxos de capital. "O agenciamento revolucionário, então, é aquele que se coloca no fluxo da desterritorialização, e não tem como objetivo recompô-la, permanecendo sempre dois passos atrás em relação ao processo em ato." (Guattari, 2022, p. 68).

uma vida fodida

A juventude convida o novo, resiste às intempéries constantes provocadas pelo CMI e tem se levantado cada vez mais contra as injustiças de gênero, climáticas, periféricas, raciais e da infância. Como seria possível exigir dessa juventude que arranjasse um emprego? Que emprego? Estes já não existem! E quando existem são para uma vida fodida pelo capital. É essa vida que desejamos para *os que vem*? Jornadas extenuantes, condições precarizadas, uma vida de merda para pagar impostos, boletos, contas, dívidas, etc. "Torna-se intolerável, então, reinvindicar o direito ao trabalho quando este, cada vez mais, se torna alienante e desgostoso. E o que fariam os jovens? "Eles se entediariam". Mas é, evidente, todo um modelo de sociedade, todo um modelo de relação com a vida, de relação com a atividade que está em questão." (p. 70). A luta de classes (que existem, sem dúvida) não são o motor de transformação da história. Pelo contrário, a luta de classes é aquilo que assegura a conservação da ordem de um certo tipo de sociedade, a saber, o capitalismo (mesmo aquele

Chinês ou o antigo Soviético). Guattari defende que a contradição não está mais localizada apenas no dentro das relações de produção. Assim como todas as atividades se tornam trabalho, as contradições se espalham por todos os níveis da sociedade (nano, micro, macro, cósmico). Os povos do sul do mundo sentem a revolta moer seus ossos, assim como a fome mói a barriga de suas crianças e mulheres - de Delhi aos Yanomami[126]. Somos nós, os colonizados do mundo, os constantemente recolonizados pelo mundo, que somos lançados a viver as ressonâncias das contradições planetárias, a pagar pelas crises dos mega ricos do mundo. São a minas de Lítio na Bolívia que promovem um golpe de Estado para pagar a sanha fascista de Elon Musk. São as minas de Cobalto no coração do Congo para construir os componentes do Tesla, da Apple, da Google[127]. "É um novo proletariado mundial que aparece e que busca novas soluções, não se trata de uma nova classe operária. É um novo proletariado mundial que se forma e se desenvolve conjuntamente com mulheres, as crianças" (Guattari, 2022, p. 71) e com a putas, com as bichas, com as *cholas,* com os *mapuche,* com as zapatistas, com os curdos, com o povo preto, com os povos originários, com os povos quilombolas, com os povos periféricos, com os povos ribeirinhos, com os povos caiçaras e assim por diante… Somos nós, os de baixo, fazendo ranger as máquinas hipercomplexas do capitalismo, não os sindicatos ou qualquer um que queira falar em nosso nome. E se alguém vier tentar falar em nosso nome *vai levar um pau pra deixar de caô*[128].

[126] O mundo acompanhou, uma vez mais, através dos meios de comunicação em massa, a crise humanitária que vem assolando as comunidades Yanomamis no território ocupado pelo Estado Brasileiro. Ver em https://diplomatique.org.br/tv/porque-destruir-os-yanomami/ (consultado 19/04/2023).

[127] Ver em https://www.bbc.com/portuguese/geral-50828077 (consultado em 19/04/2023).

[128] *Caô* é um gíria popular do Rio de Janeiro que significa *mentir, mentira, enganação, golpe,* entre outros sinônimos. Referência à música de Zeca Pagodinho. *Comunidade Carente*. Alucinação [álbum]. MTV: 2003. "Eu moro numa comunidade carente / Lá ninguém liga prá gente / Nós vivemos muito mal / Mas esse ano nós estamos reunidos / Se algum candidato atrevido / For fazer promessas vai levar um pau / Vai levar um pau prá deixar de caô /E ser mais solidário / Nós somos carentes, não somos otários / Prá ouvir blá, blá, blá em cada eleição / Nós já preparamos vara de marmelo e arame farpado / cipó-camarão para dar no safado que for pedir voto na jurisdição / É que a galera já não tem mais saco prá aturar pilantra / Estamos com eles até a garganta / aguarde prá ver a nossa reação".

revoluções moleculares

Tá tudo dominado?

Não! Não tá não!

Nossos desejos ainda insistem em escavar na terra devastada pelo capital algumas centelhas de vida e subversão. Os *povos de baixo*, não mais a classe operária, mas todas as minorias que se esfolam cotidianamente nos confins do planeta podem, local e globalmente, instaurar novas modulações para a vida: "a problemática molecular busca sua própria solução em outra escala, isto é, na construção de uma rede que pode ser local mas também internacional…" (Guattari, 2022, p. 34). Quando as modulações da sociedade capitalística estão infiltradas em todos os níveis, ativando práticas moleculares de repressão e assujeitamento da vida, o novo proletariado mundial pode constituir para si novas armas para insuflar revoluções moleculares. "Não são inteligências superiores, mas pessoas capazes de se movimentar, pessoas com capacidade de conexão que excedem as suas funções profissionais, que estão além dos quadros hierárquicos habituais." (Guattari, 2022, p. 34). As práticas de revolução molecular não estão disponíveis apenas para os especialistas em lutas de classe, como querem os partidos e sindicatos, centralizando a ação revolucionária na classe operária e na vanguarda do movimento. Bakunin que dedicou sua verve revolucionária a esparramar por todo corpo social os modos de produção das ciências, como tentativa da construção de uma ciência popular, onde todas as pessoas com as mãos-na-massa poderiam apalpar as intimidades do conhecimento. Assim como Guattari (1981) também convoca para um abandono dos especialistas para fazer ciência e revolução: "A ciência não tem nada a ver com justas medidas e compromissos de bom tom! [...] Maio de 68 nos ensinou a ler nos muros, e desde então começamos a decifrar as pichações nas prisões, nos asilos e hoje em dia nos mictórios. É todo um novo espírito científico que está para ser feito." (Guattari, 2022, p. 38). A revolução molecular, deste modo, está pichada nos muros da vida, está na mão de quem quiser e desejar manipular as suas forças, emergindo dos pontos inflamados das opressões do capital, em agenciamentos revolucionários.

agenciamentos revolucionários

Os agenciamentos revolucionários são aqueles que não se deixam reterritorializar, como vimos, ficam sempre um passo antes das cristalizações das palavras de ordem. Não

estamos mais diante dos cartazes da revolução russa, com os camponeses e os trabalhadores das fábricas segurando com braços musculosos as ferramentas, as foices, os martelos, etc. Não estamos mais diante dos cartazes da revolução espanhola, com o operariado rompendo os grilhões que acorrentam o planeta. Não estamos, em suma, diante de nenhuma representação da revolução e dos sujeitos revolucionários. "Ao contrário, constata-se que um certo tipo de revolução não é mais possível e, ao mesmo tempo, se afirma que outro tipo de revolução se torna possível, não a partir de um certo tipo de luta de classe, mas através da emergência de uma revolução molecular, que coloca em jogo as classes sociais, os indivíduos, uma revolução maquínica e uma revolução semiótica." (Guattari, 2022, p. 74). Nesta argumentação de Guattari ficam claras as intenções de praticar uma revolução em uma diversidade de *fronts* - não apenas no *front* classe social. A revolução perpassa, de forma transversal, uma multiplicidade de outros *fronts*: o *front* da economia libidinal, o *front* da produção semiótica, o *front* das relações intersubjetivas, o *front* da racialidade, o *front* do gênero, o *front* da ecologia, *o front* dos modos de viver, habitar, amar, sonhar, imaginar… Incita "uma transversalidade - entre o problema do urbanismo, de burocratização, da neurose, de micropolítica no seio da família com as crianças, no seio do casal com o falocratismo, da vida coletiva, da ecologia… Estamos na presença de uma processo de pesquisa em massa. Não são mais os especialistas do pensamento ou militantismo que propõem novos modelos, mas pessoas diretamente interessadas que experimentam novas maneiras de viver." (Guattari, 2022, p. 67). Há um cansaço de explicar para os programas revolucionários dos partidos e sindicatos que insistem em colocar as lutas minoritárias como secundárias em relação a grande revolução da classe trabalhadora. "É aqui que se põe o problema de uma espécie de revolução permanente, de revolução molecular, que se articula com todas as outras revoluções - social, ecológica, econômica -, e que seja em alguma medida um questionamento, uma gestão quase artificial do desejo." (Guattari, 2022, p. 76).

recusa do trabalho

É neste sentido que a recusa do trabalho aparece como arma essencial, em todos os campos, não apenas o trabalho clássico, mas o trabalho infiltrado em todas as atividades humanas e não-humanas. A recusa do trabalho como um instrumento de *deserção* (Moura, 2021, p. 72) de um modo de vida que é insuportável. "Acabar com a chantagem da miséria. Valor de desejo - valor de uso - valor de trabalho. A aristocracia operária, o lumpen… Que

miséria? Que trabalho? Reapropriação do tempo. Direito de esquecer a hora." (Guattari, 1981, p. 58). A recusa do trabalho como uma aposta vigorosa na criatividade que os *agenciamentos coletivos de enunciação* podem co-criar outras formas de organização social-ecológica, onde os fluxos de desejo sejam a ponta de lança que perfura a constituição da vida. "E é esta a nossa revolução: não queremos mais suportar, o nosso desejo não quer mais suportar um mundo de estupidez, que sempre nos reconduz aos valores naturais, às hierarquias, aos papéis, aos sistemas sociais de trabalho, de alienação. É o nosso desejo que nos conduz ao centro da revolução. O nosso desejo!" (Guattari, 2022, p. 81). Reencontramos aqui, neste palimpsesto de sobreposição de análises, a ética anarquista de Cubero (2015) que instiga a atitude libertária de recusar material e afetivamente o sistema vigente[129]. Não se trata apenas de uma alternância de regime social, trata-se de uma transformação profunda no campo da sensibilidade, dos afetos, das sensações, das cosmologias, daquilo que acreditamos e sentimos. Fazer diagramas (Godinho, 2013), respostas ativas (Rolnik, 2018). Há um cansaço tremendo de repetir as velhas fórmulas da história que recolocam sempre os revoltados dentro do sistema, a partir de um apaziguamento das lutas e das rebeldias. A velha história do jovem piromaníaco que se torna um adulto bombeiro (Passetti, 1998).

As visões sistêmicas e estruturalistas da transformação social esperam que o sujeito da história fique ali "bem comportadinho" (Guattari, 1981, p. 158) dentro das previsões que a estrutura lhe confere: ao operário sua ditadura do proletariado, *ao vencedor as batatas*[130], etc. Como vimos não é possível que este Sujeito da História provoque qualquer tipo de ruptura. O antigo sujeito revolucionário, que está lá bem comportado no seu papel dentro da estrutura, ainda no regime das duplicidades: operário e burguês, certo e errado, etc. Enquanto as estruturas *expulsam* qualquer possibilidade de singularidade e os sistemas *extraem* e *exploram* para si próprios as singularidades. Um processo de revolução molecular libera as singularidades para encontrarem novos arranjos dentro dos agenciamentos coletivos de enunciação. *As singularidades são o motor da história*, são as fissuras que o desejo provoca na topografia relacional do mundo que rompem com as coordenadas do real e abrem espaço para o novo: "são as singularidades que produzem territórios desterritorializando outros, que inventam novos agenciamentos, que secretam processos inéditos de semiotização e de subjetivação." (Guattari, 1981, p. 163). A ação singular, vejam bem, não é uma ação individual ou individualista. Acompanhamos ao longo deste texto que as singularidades e os

[129] Ver página 181.
[130] Referência ao romance de Machado de Assis, *Quincas Borba* (1891).

processos de singularização não estão centrados em um sujeito, um objeto ou uma prática. Os processos de singularização são transversais e agenciam elementos completamente heterogêneos entre si: partes do corpo, das máquinas, das ideias, das plantas, das espécies minerais, animais, etc. São arranjos, são modalidades de viver, são experimentações inusitadas. Processos de singularização que conectam: "Eu e Outro, homem e mulher, pai e filho… O que importa, agora, não são mais entidades polarizadas, reificadas, mas processos maquínicos, que, juntamente com Gilles Deleuze, denomino "devir": devir sexual, devir planta, devir animal, devir invisível, devir abstrato…" (Guattari, 1981, p. 170).

As revoluções moleculares travam um combate às "merdas institucionais organizadas para acolher [os indivíduos]: a escola, a hierarquia, o exército, o aprendizado a fidelidade, da submissão, da modéstia, do gosto pelo trabalho, pela família, pela pátria, pelo sindicato, para não falar do resto…" (Guattari, 1981, p. 13). A verdade atribuída à revolução dos trabalhadores liderada pelo partido revolucionário, seja pelas vias da violência das armas ou das vias institucionais, opera um esmagamento do desejo. Não há o purismo revolucionário. O que existe são as miríades de possíveis feixes de liberação do desejo que podem se agenciar com máquinas de guerras revolucionárias. Talvez, possam borboletear práticas libertárias. As revoluções moleculares são os agenciamentos que se abrem ao *devir*, que abolindo as cisões entre as substâncias, radicalizam uma abertura para arranjos insuspeitos. Se o capital está infiltrado em nossas práticas desejantes, contaminando como um economicismo tacanha nossos modos de desejar, solapando nossa libido, abocanhando nossa pulsão de viver em regimes arcaicos e autoritários, é preciso agir para liberar o desejo.

a poesia dói

"Militar é agir" (Guattari, 1981, p. 12). Agir por onde? É preciso uma reocupação de si e dos próprios processos de criação da vida. Reapropriação que Moura (2018, 2021), Godinho (2013) e Rolnik (2018) também incitavam. Guattari (1981) escreve: "Creio que uma multidão de fronts devem ser criados à medida que a classe operária, as organizações do movimento operário se fazem contaminar pela subjetividade da classe dominante." (p. 26). Precisamos constituir uma multidão de fronts de lutas, lutas das bichas, das cholas, das monas, das manas, das minas, dos manos, das quebradas, das mulheres, das crianças, dos sonhos, das plantas, dos animais, dos mares, das florestas, etc. Uma multiplicação de irrupções libertárias por todos os cantos até que se torne impossível para a axiomática do

capital absorver. Vencer pelo cansaço deles diante da nossa multiplicação contínua de revoltas. Deixar os aparelhos de captura do Estado, do Significante, do Capital, zonzos de tantas novas formas de vida que não se reterritorializam. Talvez, possamos seguir as *Instruções para esquivar o mau tempo*, de Paco Urondo, poeta latino-americano assassinado pela ditadura argentina nos anos 70:

> Em primeiro lugar, não se desespere e em caso de agitação não siga as regras que o furacão quererá lhe impor.
> Refugie-se em casa e feche as trancas quando todos os seus estiverem a salvo.
> Compartilhe o mate e a conversa com os companheiros, os beijos furtivos e as noites clandestinas com quem lhe assegure ternura.
> Não deixe que a estupidez se imponha.
> Defenda-se.
> Contra a estética, ética.
> Esteja sempre atento.
> Não lhes bastará empobrecê-lo, e quererão subjugá-lo com sua própria tristeza.
> Ria ostensivamente.
> Tire sarro: a direita é mal comida.
> Será imprescindível jantar juntos a cada dia até que a tormenta passe.
> São coisas simples, mas nem por isso menos eficazes.
> Diga para o lado bom dia, por favor e obrigado.
> E tomar no cu quando o solicitem de cima.
> Dê tudo o que tiver, mas nunca sozinho.
> Eles sabem como emboscá-lo na solidão desprevenida de uma tarde.
> Lembre que os artistas serão sempre nossos.
> E o esquecimento será feroz com o bando de impostores que os acompanha.
> Tudo vai ficar bem se você me ouvir.
> Sobreviveremos novamente, estamos maduros.
> Cuidemos dos garotos, que eles quererão podar.
> Só é preciso se munir bem e não amesquinhar amabilidades.
> Devemos ter à mão os poemas indispensáveis, o vinho tinto e o violão.
> Sorrir aos nossos pais como vacina contra a angústia diária.
> Ser piedosos com os amigos.
> Não confundir os ingênuos com os traidores.
> E, mesmo com estes, ter o perdão fácil quando voltarem com as ilusões acabadas.
> Aqui ninguém sobra.
> E, isto sim, ser perseverantes e tenazes, escrever religiosamente todos os dias, todas as tardes, todas as noites.
> Ainda sustentados em teimosias se a fé desmoronar.
> Nisso, não haverá trégua para ninguém.
> A poesia dói nesses filhos da puta.[131]

Uma prática inconsciente muito diversificada, inventiva, criadora, disruptiva é contrária à boa manutenção da axiomática capitalística. O fascista não sabe rir. O riso lhe

[131] Este poema foi escrito por Paco Urondo enquanto estava preso em Cárcere da Villa Devoto em abril de 1973.

corrói o fígado. "A prática da felicidade torna-se subversiva quando ela é coletiva" (Guattari, 1981, p. 58). Revolucionar em uma legião de sorrisos e poemas estranhos tomando vida. Aquilo que os canalhas não aturam! O insuportável sol da vida invadindo como o sol de Maiakóvski[132] a fazer as pessoas brilharem como faróis! "Conspirar quer dizer respirar junto, e é isso que somos acusados, eles querem nos impedir de respirar porque nós nos recusamos violentamente a respirar em seus locais de trabalho asfixiantes, em suas relações individuais, familiares, em suas casas atomizantes. Há um atentado que confesso ter cometido, é o atentado contra a separação da vida e do desejo, contra o sexismo nas relações interindividuais, contra a redução da vida a uma prestação de salário." (p. 59). A força da conspiração está na potência de um movimento que está ocupado em demolir a vida como ela é, sem muita preocupação com os projetos de sociedade que virão a seguir.

No entanto, não se trata de uma prática vaga e fluida. Não é um deixar-fazer-a-toa, há um posicionamento ético da máquina de guerra nômade, que está sempre, feito praga, espalhando suas vontades de abolição da centralidade do uno (Estado, Capital, Significante), de expansão de uma política do desejo ativa e da defesa da vida liberada das modulações asfixiantes do capital. Há sempre o risco das práticas moleculares serem absorvidas por modulações arcaicas ao invés de bifurcaram para agenciamentos revolucionários. Como se trata de uma revolução em todos os campos, da psique e dos modos de produção, essa potência molecular é portadora de "coeficientes de liberdade inassimilável, irrecuperáveis pelo sistema dominante" (p. 221). No entanto, "o melhor e o pior podem decorrer desse tipo de fermentação, cujo resultado depende essencialmente da capacidade dos agenciamentos explicitamente revolucionários em encontrar sua articulação com as lutas de interesse, políticas e sociais." (p. 221). No átimo que as forças desterritorializantes da axiomática capitalista solapa as formas de vida, podemos tomar a via das forças revolucionárias ativas, como também, os equipamentos coletivos podem capturar suas forças para modular em conformidade com as estratificações molares.

desejo de viver, novas armas

Guattari nos instiga a investigar um desejo de viver: "Não é ao nível dos gestos, dos equipamentos, das instituições, que o verdadeiro metabolismo do desejo - por exemplo,

[132] Referência ao poema *A Extraordinária Aventura vivida por Vladimir Maiakóvski no Verão na Datcha*. Tradução de Augusto de Campos.

desejo de viver - encontrará seu caminho, mas sim no agenciamento de pessoas, de funções, de relações econômicas e sociais, voltada para uma política global de liberação." (p. 66). Assim a revolução que se quer pôr em curso, para liberação global do desejo, é aquela que não se restringe aos trabalhadores, mas abrange a todas as pessoas "as mulheres, as crianças, as minorias sexuais, etc… as que pesam sobre sensibilidades atípicas, as que pesam sobre o amor aos sons, às cores, às ideias… Uma revolução, em qualquer domínio que seja, passa por uma libertação do desejo." (p. 67). Os movimentos clássicos de luta pela transformação e emancipação social precisam cultivar nos seios de seus militantísmos uma nova sensibilidade, que permita acessar práticas descentralizadas, heterogêneas, inesperadas e inauditas: "tantas maneiras de inventar, de maquinar novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura." (p. 139). O *ronco surdo da batalha*, anunciado nas frases finais de *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, só pode ser ouvido quando há uma política do sensível em curso. O ouvido impossível de Godinho (2013). Caso contrário, cairemos na reprodução do mesmo som da máquina capitalística de inscrição do poder. Reprodução das dualidades. Reprodução da referência ao Uno. Reprodução da redundância da axiomática do capital. "A atividade teórica dificilmente escapa à tendência do capitalismo que é de ritualizar, de recuperar toda prática, por menos subversiva que seja, cortando-a nos investimentos desejantes [...] todo desenvolvimento teórico que tem por objetivo as atuais lutas de classe deveria preocupar-se prioritariamente com sua abertura à produção desejante e à criatividade das massas." (Guattari, 1981, p. 77). As formas tradicionais de luta social precisam urgentemente conectar novas armas, reciclar suas práticas, diante do processos de solapar-recompor-solapar do CMI, é preciso encontrar os meios de fabricar "novas armas para enfrentar as perturbações que suas [CMI] reconversões e sua segmentaridade acarretam." (p. 224).

oito pistas

Guattari (1981) procura encontrar novas armas para uma nova maneira de organizar a sociedade, que combatam um duplo inimigo, a saber: a destruição das explorações capitalísticas em classes, castas, raças, gêneros, etc; e os valores centralizados na micropolítica do músculo, do falo, da territorialização, etc. Na tentativa de criar um "gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes" (p. 139), Guattari nos deixa oito pistas para constituição dessa nova sensibilidade.

A primeira, consiste em "não atrapalhar" (p. 139), isto é, desaparecer antes que as formulações se cristalizem em programas fechados em si mesmos, em palavras-de-ordem.

A segunda, destaca que "quando alguma coisa acontece isto prova que alguma acontece" (p.139), isto é, não interpretar os acontecimentos a partir de representações, o desejo não precisa de porta-voz para se enunciar: o que acontece é aquilo que acontece e pronto. Não precisamos de detetives do inconsciente para redirecionar os acontecimentos para uma redundância do significante.

A terceira acusa que "a melhor posição para se escutar o inconsciente não consiste necessariamente em ficar sentado atrás do divã" (p. 140), isto é, a questão da psique, do inconsciente, não está nas mãos dos especialistas da saúde mental, ela é uma responsabilidade de todas as pessoas que desejem tomar pelas mãos a questão. Uma revolução molecular não é um desafio dos asilos, dos hospitais psiquiátricos, ela se estende para todo grupo revolucionário que procura inventar uma vida nova.

A quarta indica que "o inconsciente molha os que dele se aproximam" (p. 140), isto é, não é possível uma neutralidade diante dos acontecimentos, os agenciamentos explodem as cisões entre objeto, sujeito e acontecimento: todos saem molhados pela mesma chuva.

A quinta aponta que "as coisas importantes nunca acontecem onde esperamos", isto é, a riqueza de um processo revolucionário molecular vai se "medir pela variedade e pelo grau de heterogeneidade destas espécies de transferências rizomáticas, de maneira que mais nenhuma espécie de semiologia significante, de hermenêutica universal ou programação política poderá traduzi-la, colocá-las em equivalência" (p. 140). Isto é, não é possível teleguiar o desejo para recompô-lo dentro de um elemento explorável pelo capital.

A sexta redireciona o que a psicanálise conhece por transferência para uma prática transversal, isto é, a relação não se dá pela duplicidade entre paciente-terapeutra auxiliado por um terceiro termo, a saber, a estrutura da linguagem. A transversalidade aposta no agenciamento coletivo de enunciação que conecta diversas substâncias que se engancham umas nas outras para produzir processos singulares.

A sétima radicaliza uma instabilidade diante das práticas, "nada é adquirido de uma vez por todas", isto é, cada novo enganchamento de máquinas, cada novo agenciamento maquínico estabelece sua própria consistência - nada está garantido.

A oitava que diz sobre todas as outras afirma que "toda ideia de princípio deve ser considerada suspeita", assim como Ferrer, Villafranca, Moura, Bakunin, Stirner, é preciso cultivar a dúvida e a inquietude diante de todos os princípios que verificamos no mundo.

terra livre

Até agora a palavra anti-educação aparece vinte-e-cinco vezes ao longo do texto[133]. São algumas pistas. Este movimento do texto procura organizar algumas destas ideias e aprofundar alguns pivôs[134], tentando encontrar conexões entre os diferentes aspectos já enunciados. Para tanto, desenvolvi um procedimento para esse último capítulo. Anunciei que no percurso-viagem[135] iríamos nos embrenhar junto às ideias, práticas e pensamentos que entrássemos em contato. Abolimos ao longo do trajeto as distinções entre sujeito, objeto e pensamento. Estamos em campo e jogando a partida. Estamos todos habitando o mesmo plano de investigação, procurando construir, a partir dos encontros, um novo pensamento sobre o novo - sobre o que está por vir. É impossível sair ileso quando estamos investigando. Investigar é agir e agir é militar[136]. A estratégia popular à todas as movidas libertárias que temos conhecimento na história dos anarquismos é a **ação direta**: agir localmente, pensar globalmente, sentir cosmologicamente. Inclusive você, cara leitora, está implicada neste processo: embrenhando-se na escrita, negando suas partes, empatizando com outras, lançando novos rumos para as ideias, etc.

Cubero (2015) nos disse que ser anarquista é uma atitude diante da vida. Uma posição em um jogo de forças. Passetti (2002, 2006) e Reclus e Ferreira (2006) e Faure (2015) nos inspiram a falar francamente[137], falar abertamente[138], falar com coragem[139]. Ter uma atitude ética impulsiona uma ação estética - uma ação criativa - diante da vida. Essa criação estética da vida, como forma de ação direta, é atiçada pelo pensamento de Moura (2018, 2021), Godinho (2013), Rolink (2018), Scherer e Gallo (2018). Guattari (1981, 2012, 2020, 2021, 2022) também instigou o gesto de *tomar a palavra*[140], ocupar a si mesmo, inventar a partir das associações livres (dos grupos-sujeitos) novos territórios existenciais. Tomar uma posição é colocar a si dentro do jogo das forças. Não se trata de observar um quadro à distância e balbuciar palavras mortas em forma de uma análise. Não há neutralidade. Não se trata de um teatro com quarta-parede[141] onde os personagens vivem dramaturgias independentes da

---

[133] A saber, nas páginas 19, 48, 51, 53, 55, 92, 93, 109, 127 e 128.
[134] Ver página 90-91.
[135] Ver página 14 e 91.
[136] Ver em Guattari, 1981, p. 12.
[137] Ver página 43.
[138] Ver página 161.
[139] Ver página 108.
[140] Ver página 31 o comentário sobre o pensamento de Guattari e na página 77 o comentário de Maria L. Moura.
[141] Na encenação do teatro realista há um conceito chamado de "quarta parede". Seu significado é quase literal. As encenações procuravam reproduzir a vida de forma realista, com cenários reproduzindo casas, escritórios,

relação com o público. Guattari (1981) incendiou o inconsciente como representação. Basta do teatrinho cafona do papai-mamãe-filhinha. Édipo perdeu seu papel de protagonista. Prometeu foi desacorrentado, já está em outra história, vivendo outros lances… e o que sobrou foi a rocha inexplicável.

> Sobre Prometeu contam-se quatro lendas:
> De acordo com a primeira, ele foi acorrentado ao Cáucaso por ter trazido aos seres humanos os segredos dos deuses, e os deuses enviavam águias para devorar pedaços do seu fígado, que sempre se recompunha.
> De acordo com a segunda, Prometeu, ante os bicos dilacerantes, afundou-se cada vez mais na rocha, até tornar-se uma coisa só com ela.
> De acordo com a terceira, sua traição foi esquecida no curso dos milênios, os deuses esqueceram, a águia, ele mesmo.
> De acordo com a quarta, ficou cansativo o acontecimento irrelevante. Os deuses se cansaram, as águias se cansaram, a ferida cansada se fechou.
> Permanece a rocha inexplicável. – A lenda tenta explicar o inexplicável. Como ela vem de um fundo de verdade, de novo tem que terminar no inexplicável.[142]

Estamos todos exaustas de tanta representação injetada[143] como um vírus de paralisia nas subjetividades: são as sirenes das políticas, são as câmeras de vigilância, são os letreiros, os outdoors, as propagandas, as direções, as correntes de whatsapp, as catracas materiais e virtuais, as normas de participação das comunidades, os cartões de bancos, ônibus, clubes, descontos, mercados, crediários, os perfis dos inúmeros aplicativos de paquera, de esportes, de conversas, de estudos, de dívidas, etc, etc. Militar é agir. Agir. Precisamos seguir os pés de Prometeu, as asas das águias e a regeneração ferida - e dar o fora! Precisamos esquecer o programa. Precisamos lembrar dos diagramas. Precisamos *desertar* (Moura, 2021) de uma vida fodida. Seguir os traços que nos instigam a novos movimentos. Tal qual o povo de *Omelas*, no conto de Ursula Le Guin (2021), quando descobrem que toda sua alegria e bem-viver eram constituídos sobre o sofrimento miserável de uma criança trancada em um armário abaixo da prefeitura. "Cada pessoa sozinha, vai para Oeste ou Norte, em direção às montanhas. Elas continuam. Abandonam Omelas, caminham em direção à escuridão e não voltam. O lugar para onde se dirigem é ainda menos imaginável para a maioria de nós do que a cidade da felicidade. Não consigo descrevê-lo de todo. É possível que não exista. Mas elas

---

etc. Bem como os atores e atrizes operam dentro de uma lógica de encarnação do real, de reprodução literal da vida como se conhecia. No entanto, se fosse reproduzida uma sala de uma casa burguesa 'realmente' o público não poderia ver a peça, pois haveria uma parede em sua frente. A quarta parede, deste modo, é uma parede imaginária que separa público e artistas. Esse conceito foi rompido durante as práticas revolucionárias do realismo soviético e do trabalho incansável de Bertold Brecht.

[142] Kafka, F. (2000). "Prometheus". In: BROD, M. (Org.). _____. Hochzeitsvorbereitungen auf dem Lande und andere Prosa aus dem Nachlaß. Frankfurt: Fischer, p.74. Tradução de Antonio Cícero publicada em http://antoniocicero.blogspot.com/2008/01/franz-kafka-prometeu.html Consultado em 03/05/2023.

[143] Ver página 179 e 190.

parecem saber para onde vão, aquelas pessoas que abandonam Omelas" (Le Guin, 2021, p. 45).

Já é muito cansativa essa vida implicada nas máquinas da exploração capitalista. Isto, todos sabem! São anos de servidão para consolidar uma morte ainda mais servil. A vida passa e vamos embora de mãos amarradas e bocas tapadas. São muitas valas comuns. Basta! São as valas do regime civil-militar no Brasil espalhadas por todo território[144]. São as valas comuns dos crimes de maio em São Paulo[145]. São as valas comuns dos povos das florestas (indígenas, caiçaras, quilombolas, ribeirinhos, etc)[146]. São as valas comuns dos jovens pretos e pretas periféricos de todas as cidades brasileiras[147] e do sul global[148]. São as valas comuns dos loucos fossilizados nos antigos (e novos) hospitais psiquiátricos. Não esqueceremos do Juquery![149] Não esqueceremos da Clevelândia do Norte[150]. Se não são valas comuns, são campos de concentração a céu aberto[151], das periferias de São Paulo às inúmeras regiões em guerra no continente Africano. É preciso tomar uma posição diante da vida. Desta vida! Desta vida fudida e cafetinada[152] que nos é imposta pela mecanosfera maquinada nos fluxos do Capitalismo Mundial Integrado.

---

[144] Ver em https://www.nu-sol.org/blog/hypomnemata-165/ (consultado 03/05/2023).
[145] Ver em https://ponte.org/crimes-de-maio-de-2006-o-massacre-que-o-brasil-ignora/ (consultado 03/05/2023).
[146] Ver em https://www.fundobrasil.org.br/blog/violencias-sofridas-pelos-povos-indigenas-no-brasil/?gclid=CjwKCAjwjMiiBhA4EiwAZe6jQ7a_RLv1QKKtk2qAgQ05x1nBQlTYXnfm5zOQIv4Y0y5XILd4oO5tTRoCgXkQAvD_BwE e em https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/taxa-de-assassinatos-de-indigenas-aumenta-216percent-em-dez-anos-diz-atlas-da-violencia.ghtml (consultado em 03/05/2023)
[147] Ver em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48504184 e em https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-somam-80-das-mortes-violentas-de-jovens-no-pais-aponta-estudo/ Consultado em 03/05/2023.
[148] O artigo de Ana Paula Motta Costa tem apontado para um *juvenicídio* na América Latina, ver em https://www.scielo.br/j/rdp/a/Wg85rjtWsXwQkZyS49cXqnL/ (consultado em 03/05/2023).
[149] Ver em https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/06.065/1957 (consultado em 03/05/2023)
[150] "No final do século XIX, após a proclamação da República e durante todo o século seguinte, a violência continuou. Arthur Bernardes ergueu, em 1922, o campo de concentração da Clevelândia do Norte, destinado, sobretudo, a isolar até a morte militantes anarquistas como o negro Domingos Passos. Seguiu-se a isso, dos anos 1930 até o meio da década seguinte, a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas e, após um breve intervalo, o golpe civil-militar de 1964, responsável pelo “desaparecimento” e assassinato de inúmeras existências identificadas como subversivas." extraído de https://www.nu-sol.org/blog/hypomnemata-175/ (consultado em 03/05/2023).
[151] "As prisões são sua brutal reminiscência. Na sociedade de controle, os campos de concentração funcionam a céu aberto como programas de inclusão. Suas modulações multiculturais e pluralistas não só atravessam prisões de segurança máxima e programas de penas alternativas, como articulam a população consensualmente nas vigilâncias eletrônicas da rua ao espaço sideral. O campo de concentração é uma tática de controle territorial de populações que migrou do confinamento pela repressão estatal para a integração social por meio da proliferação de direitos." extraído de https://www.nu-sol.org/blog/campo-de-concentracao/ e ver em https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/5933 (consultado em 03/05/2023).
[152] Ver em páginas 11, 134, 136, 145 e 179.

Nós somos os debaixo. Não somos só as operárias e os operários. Somos todas que sustentam o trabalho do mundo: mães, crianças, jovens, estudantes, amadores, artistas, radialistas, esportistas, ecologistas, pixadores, revoltados, precarizados, cozinheiras, faxineiras, catadores de latinha, putas, cantoras, atrizes, carregadores de carga, entregadoras, operários, etc. Somos o novo proletariado mundial. Os precarizados da vida planetária. Somos os que sentem vibrar na barriga o amargor da fome. Somos quem tintilam os dentes de frio nas ruas grandes cidades. Somos os que escapam de balas perdidas nas periferias. Somos os que escapam dos jagunços nas matas nas zonas de extrativismo rural. Somos as mulheres que esmagam com as mãos as facas para se defender dos agressores nas ruas. Somos as crianças que enfurecidas queimam as escolas e bloqueiam as vias da cidade com mesas e cadeiras. Nós somos a vida nova impedida de florescer, que irá incendiar os muros que bloqueiam nosso sol. Nós somos aqueles que devem brilhar, brilhar para sempre, brilhar feito farol[153]. Nós somos a conspiração[154]. Somos nós, os de baixo, fazendo ranger as máquinas hipercomplexas do capitalismo.

É preciso tomar a palavra, tomar uma posição, tomar uma dose e partir para a ação. Ação direta. São miríades de fronts[155] possíveis de se engajar, cada front enganchado em redes transversais com outros tantos fronts. "O que é um anarquista? Aquele que, ao tomar uma opção, aceita a responsabilidade desta opção." (Le Guin, 2021, p. 27). Os de baixo juntos para produzir uma prática comum anticapitalista, procurando inventar novas práticas de liberdade. Miríades de revoluções moleculares explodindo pelos arredores do planeta, pelos arredores das subjetividades, pelos arredores das matas, dos rios, dos mares, etc.

São ilhas e "apesar de serem 'ilhas' pequenas rodeadas por um mar imenso e adverso"[156] podem construir arquipélagos de vitalidade e revolta. Tomar a palavra e assumir uma posição, são gestos que implicam realizar uma composição[157]. Compor implica uma atitude ética e estética ao mesmo tempo. Uma atitude ética assentada em uma hospitalidade radical (Scherer e Gallo, 2018; Guattari, 1981). Hospitalidade radical que afirma um acolhimento do outro, uma escuta ativa e atenta ao que nos rodeia, ao que nos circunda. Hospitalidade radical ao outro, à outra, à isso e àquilo. Hospitalidade da diferença. Acolher,

---

[153] Referência ao poema *A Extraordinária Aventura vivida por Vladimir Maiakóvski no Verão na Datcha*. Tradução de Augusto de Campos
[154] Ver em páginas 18, 64, 68 e 210.
[155] Ver páginas 206 e 208.
[156] Coletivo Barricada de Livros. (2021). Viver a utopia - cinco ilhas de um arquipélago disperso. Barricada de Livros, São Paulo.
[157] Ver páginas 22, 52 e 137.

escutar e transformar a própria existência a partir do enlace com o outro. Estamos todos enganchados, uns nos outros, maquinalmente. Deste modo, como poderíamos tentar barrar as afetações do outro sobre nós? Somente dopados dessa lama tóxica que a *egotrip* contemporânea nos impõe. É preciso constituir uma ética que seja da ação. E esta ação não está mais no eixo que sai de mim para o outro, como: a missão do herói, a missão da classe trabalhadora, etc. A ética da hospitalidade habita o enlace, o encontro, o imprevisto e o desconhecido de cada novo agenciamento de corpos, ações e ideias. "Mesmo o maior extrovertido, ao conhecer o mais amável dos desconhecidos, experimenta um certo temor, embora possa não se aperceber disso. Enganar-me-a? Destruirá a imagem que tenho de mim próprio? Invadir-me-a? Destruir-me-a? Mudar-me-a? Será diferente de mim? Sim, isso será." (Le Guin, 2021, p. 49).

Uma atitude estética porque implica a criação do novo. Implica manusear as forças do que não havia *ali* até então. Atropelar a normatividade do *já ai*[158]. Ação estética pois é um bosquejo[159], pois é uma resposta ao Mal-Estar[160] e ao Desmanche[161]. Ação criativa, pois é um *pensamento fora da terra* como instigou Moura (2021, p. 56). Estamos diante de uma prática de rede. Na rede cada nova configuração dos seus pontos alteram todo o arranjo entre todos os pontos. A rede[162] não é estática, não se pode fotografar a rede, não é possível desenhar um mapa da sua forma. Seu movimento constante é incapturável pela sua consistência maquínica. Maquínica, já que está em constante montagem-desmontagem-remontagem. Lembramos que o acesso ao novo, em Godinho (2013), é o mergulho no caos e na catástrofe.

Nós somos a real catástrofe. Nós somos a vida por vir.

A catástrofe muda tudo de lugar. De repente a balança virou. De repente o jogo de forças se deslocou. De repente uma barragem rompeu. De repente um fuzil disparou. De repente, não mais que de repente, a política expansiva da axiomática capitalística encontrou um novo ponto de exploração. É preciso um gesto criativo profundo diante da vida. Não estamos falando da genialidade dos artistas. Não estamos falando da criatividade individual para dar novas respostas às transformações do capitalismo. Inclusive essas respostas individuais nada tem de criativas. São apenas, como vimos em Ferreira (2013), respostas aos estímulos das TIC que estão em perpétua atualização de seus *softwares* e *hardwares*, levando nosso comportamento junto dos seus *updates*. *A estética, aqui, para nós, anarquistas, é a*

[158] Ver página 131, 140 e 143.
[159] Ver página 19.
[160] Ver páginas 136, 139 e 181.
[161] Ver página do 181.
[162] Ver página 63.

possibilidade da revolta-singular assentada na experiência coletiva do associativismo libertário e livre. A possibilidade de criar vida nova, *vida diversa* (Moura, 2021, p. 94).

Com o risco de soar um pouco místico, mesmo não o sendo, precisamos configurar *novas constelações e novos arquipélagos de resistência*. "A anarquia não é um modelo utópico ou abstracto de sociedade, mas uma constelação de valores que devem influenciar a nossa ação quotidiana, individual e coletiva, pessoal e social." (Bertolo, 2018, p. 214). A cultura libertária não possui mapas e manuais de uso. Nós somos a constante transformação dos nossos próprios modos de vida. A cultura libertária é minoritária[163], ela implica molecularidades constantes, mudanças de paradigmas, alterações de eixos, revisões de práticas e atualizações de valores. À diferença das incessantes desterritorializações do capitalismo, nós, os libertários e libertárias, desterritorializamos vida a partir dos desejos, das forças de vida, das potências de florescimento e das práticas de liberação. Ainda marcando outra diferença às desterritorializações da axiomática capitalística, nós, os libertários e libertárias, nunca nos reterritorializamos por completo, ficamos sempre dois passos antes das palavras-de-ordem. Outra vida é possível: "é na efectivação, resiliência, proliferação e interacção de experiências como estas que o anarquismo se revela uma alternativa positiva, necessária e consistente à sociedade atual e ao sistema capitalista, pelo qual aquela é objeto de controlo e dominação" (CBL[164], 2021, p. 11). As práticas moleculares da cultura libertária convidam para um acompanhamento do desejo. O desejo não pertence a *um sujeito*, mas o desejo constituído na interface entre a revolta-singular e a livre-associação, através dos *agenciamentos coletivos* (Guattari, 1981, p. 178).

A metodologia do movimento de conclusão do texto, vai arrematar algumas ideias sobre as relações entre a anti-educação e a ecosofia da educação anarquista. Para tanto, procurará constituir *arquipélagos de experiências-do-pensamento*. Conectar, cortar, compor, posicionar, tomar a palavra, falar francamente, etc. "A experimentação de uma nova maneira de viver, de uma nova forma de estar em comunidade, consubstanciada através da concretização de espaços formais ou informais da anarquia, para que as "ilhas" dispersas possam se transformar em arquipélagos" (CBL, 2021, p. 12). As novas armas[165] que precisam ser inventadas para as novas rebeldias no presente são materiais e imaginárias. É preciso a construção de um novo imaginário, uma nova sensibilidade.

---

[163] Ver página 27.
[164] Nota do Autor: CBL - Coletivo Barricada de Livros.
[165] Ver página 211.

Deste modo, este movimento está separado em arquipélagos, que conversam entre si. O primeiro arquipélago é relacionado seção ***a coragem*** e o segundo arquipélago é relacionado seção ***o trabalho***. Estes arquipélagos procuram responder às hipóteses levantadas em cada um dos movimentos, que por sua vez se relacionam com a hipótese central desta tese: o pensamento ecosófico pode ser um plano de consistência para a atualização de práticas libertárias? Em cada arquipélago retomaremos as sub-hipóteses apresentadas, procurando no agenciamento dessas ilhas separadas de pensamento e prática, respostas-percursos para as suas inquietudes. A partir dessa viagem por essas ilhas iremos aprofundar o que seria uma ecosofia da educação anarquista, a saber, uma anti-educação.

arquipélago da coragem

> *Idiotas. Que mais havia de fazer? A bravura, a coragem - o que era a coragem? Ela nunca descobrira. Não ter medo, diziam alguns. Ter medo, mas continuar, diziam outros. Que mais podia ser feito senão continuar? Havia realmente alguma escolha possível?* (Le Guin, 2021, p. 20).

Ao percorrermos o arquipélago da *coragem libertária diante da educação, da ciência e da verdade, anunciei* uma sub-hipótese, que compõe a hipótese central desta investigação. A saber, suspeitei que a ciência e a educação libertária estão alicerçadas em um duplo movimento entre revolta-singular e solidariedade-coletiva. E este duplo movimento só se habilita através de um estado permanente de mutação-modelização com aberturas para o novo[166]. Vejamos se as ilhas conseguem configurar uma confirmação desta hipótese e em quais condições.

ilha da antipedagogia

Com Gallo (2018), em sua leitura de René Schérer, compomos alguns traços sobre um gesto: *caminhar junto*. Ambos os filósofos, em uma composição das análises, condenam a escola tal qual ela é nas sociedades ocidentais. Para ambos, a escola, e o mundo adulto, abafam os devires das crianças, impedindo que seus desejos se liberem e que seus traçados no

[166] Reprodução do texto da página X.

mundo se componham de forma autônoma e livre. Estes mecanismos de abafamento da vitalidade das crianças foram nomeados por Schérer de *dispositivos pedagógicos*. "Os dispositivos pedagógicos, por sua vez, atuam por perversões pedagógicas, infantilizando não só as crianças, mas o conjunto da sociedade." (Gallo, 2018, p. 807). Seria preciso combater esse dispositivo pedagógico através de uma *antipedagogia*, antagonizando os processos de condução dos desejos das crianças. Uma *antipedagogia* estaria alicerçada sob o gesto de caminhar junto (co-ire) com as experiências de aprendizagem das crianças. Um caminhar aberto às montagens e desmontagens das experiências de descoberta do mundo, do conhecimento, da ciência e do aprendizado. Aberto ao risco e ao erro. Um caminhar hospitaleiro à diferença cosmológica da criança em relação ao adulto.

ilha de uns

Nas ilhas dos *uns* nos deparamos com o perigoso e delicioso pensamento de Stirner. Ali, entre os estímulos à uma coragem obstinada diante da vida, encontramos ressonâncias da crítica à escola realizada por Scherer e Gallo (2018). Para Stirner a escola também é um aparelho de abafamento da coragem de viver das crianças e precisa ser combatida. Através das instituições sociais (clubes, partidos, sindicatos, hospitais, famílias, quartéis, etc) as potências de criação e invenção das crianças e jovens são forçadas a *aderir* a uma identidade que sirva ao *bem* da sociedade. A criança não pode servir a si mesma e alargar a sua revolta individual. Ela precisa ser integrada ao mundo do adulto e aderir à uma identidade. Filordi (2021) ascende mais a lenha da fogueira ao identificar não apenas uma aderência aos grupos societários, mas, destaca através da política do desejo, também conduz os jovens à modulações assujeitadas pelos ditames do Ser, do Significante, do Capital e do Estado. Não podemos nos servir do nosso desejo, nem do desejo dos nossos - do nosso bando. O desejo deve estar a serviço da ordem vigente: o modo de produção do capital e o modo de produção dos sujeitos em série. Passetti (2002) reafirma que a liberdade do indivíduo, na análise de Stirner, nunca se submeterá à sociedade (seja qual for, comunista, socialista, capitalista, etc). No entanto, também afirma que a prática da liberdade só acontece através da sociedade de amigos, que se enlaçam e se distanciam livremente. O único, não pode virar uma religião, como acusou Moura (2021, p. 57), é preciso que existam *uns*. *Uns* poderiam ser os grupos-sujeitos? *Uns* são as associações livremente realizadas dos únicos. Aqui vemos que o duplo aparece como afirmação. O conhecimento, o novo conhecimento, que aparecerá

quando o saber humanista-ou-dogmático definhar, só é possível através da livre associação dos únicos em *uns*.

ilha da autogestão

Associada a esta fúria de Stirner encontrei algumas ressonâncias com os conceitos de *processos de singularização* e *metamodelização* desenhados por Guattari (1981, 2012, 2020). Guattari também instiga um processo de insubordinação às modulações impostas pelos *equipamentos coletivos*, através de práticas coletivas, agenciando humanos e não humanos. O processo de singularização não acontece com um sujeito atomizado, ele se dá através de agenciamentos coletivos de enunciação. Ou seja, vemos novamente o duplo, a reinvenção de si se dá através de um agenciamento coletivo. Tal agenciamento, em Guattari, é descentralizado, inclusive, da figura humana, podendo percorrer desejos e traçados fora do humano, fora do sujeito. Essa reapropriação de si, dos modos de viver, no entanto, não se dá apenas no campo da sensibilidade. É preciso aliar as lutas materiais às lutas imateriais. Isto é, somente através da autogestão dos meios de produção materiais da vida é que se torna possível o gesto criativo de reocupação de si mesmo.

ilha dos de baixo

Em Bakunin incendiamos muitas vezes nesta tese a afirmação de que a liberdade não é um bem teleológico. Ninguém nasce livre. Não é um dom divino, nem um direito Humano. A liberdade é uma construção que se faz de forma comunitária e coletiva pelos povos de baixo. Bakunin também afirma que a revolta é a condição de existência do pensamento e da criação: nos revoltamos e por isso pensamos, sentimos e criamos. A vida, deste modo, seria dedicada a realizar um duplo: construir uma vida rebelde ao sistema capitalista-estatal (ou qualquer outra hierarquia imposta) associada a construção de práticas de liberdade em coletivo. Novamente, o eixo revolta singular e associativismo se apresenta. A ciência só poderia levar a liberação social se ela se sujasse com as mãos das pessoas que sustentam o mundo com o trabalho. Só quando toda a sociedade puder construir e reconstruir os conhecimentos que lhes convêm é que a ciência teria um caráter emancipatório. A educação integral seria a ferramenta desenhada para tal fim.

ilha das espécies companheiras

Aprendemos com Reclus na leitura de Ferreira (2006) que a solidariedade é a maior ferramenta de produção de liberdade, conhecimento e educação. É através da expansão dos laços entre as espécies vivas da terra (minerais, vegetais, paisagens, pessoas, animais, etc) que podemos construir os aspectos evolutivos necessários para a emancipação social. Essa solidariedade expandida para todas formas vivas foi nomeada por Reclus de grande família. O humano deixa de desfilar como o grande produtor do conhecimento e figura como um agente, entre tantos outros, que produzem saberes e práticas. Principalmente, quando as alianças entre as espécies são ativadas pela solidariedade. No entanto, não há uma diminuição da singularidade neste processo. As singularidades precisam tomar palavra e falar livremente. A revolta singular segue sendo o mecanismo que se deseja alcançar. Para tanto, as revoltas singulares precisam do suporte solidário das multi-espécies para se sustentar. Caso contrário, estaríamos diante de uma prática autoritária, onde um se impõe sobre o que é de todos, servindo aos seus interesses privados. As ciências da vida, neste sentido, é aproximada ao conceito de transversalidade de Guattari. Leia-se aproximada, não igualada. Para Reclus é preciso um agenciamento de diversas ciências, que borram suas fronteiras, para a constituição de um saber liberador. É através do agenciamento de componentes heterogêneos que os territórios existenciais - não mais centralizados sob a Humanidade - poderiam acessar a criatividade e inventividade. Para Guattari, a transversalidade também é a ferramenta pela qual os territórios existenciais podem acessar os Universos incorporais (o virtual, o novo, etc) e as partículas não formadas em estado pré-verbal que habitam a caosmose.

ilha do apoio mútuo

O apoio mútuo vive em ressonância com o conceito de solidariedade de Reclus. Ambos concordam que o agenciamento interespécies é a força que mobiliza a liberdade e o conhecimento. Quanto maiores e mais solidários forem os laços entre os elementos, mais força de emancipação terão as comunidades sociais, animais, vegetais, minerais, etc. A educação, neste sentido, precisa constituir essa força criativa e vital nas crianças. A escola, como eles e nós conhecemos, faz a função oposta. A escola desvitaliza as potências liberadoras das crianças, dos professores, das famílias, afinal, de todas as pessoas implicadas na educação. A escola e seu saber dogmático, centralizado na Humanidade ou na Religião,

operam uma castração subjetiva dos desejos de criação do mundo. O mundo, as redes de solidariedade, precisam ser criadas, inventadas, nutridas, desenvolvidas, etc. Para tanto, os humanos precisam constituir um saber que seja compatível com esse desafio, um saber que aciona a rebeldia diante do velho conhecimento e a coragem de se abrir para as novas descobertas. Kropotkin, assim como Guattari, também afirma que essa mudança na constituição dos sujeitos não está dissociada das formas de produção do trabalho material. O duplo reaparece e se desdobra. Primeiro, é preciso constituir práticas singulares de rebeldia que permitam a livre associação e o apoio mútuo entre as espécies. Segundo, é preciso que essas práticas de liberação aconteçam na produção material da vida (trabalho) e no campo sensível da vida (educação, arte, subjetividade, modos de vida, etc).

ilha da multiplicidade popular

A educação para Proudhon está associada a uma politecnia, como já vimos, situada dentro de um interdisciplinaridade. Essa educação teria como função atribuir a todas as pessoas as ferramentas suficientes para realizar e planejar o trabalho, combatendo a divisão social do trabalho a partir das classes de trabalhadores e especialistas. Além disto, a afirmação de uma educação politécnica e interdisciplinar também está apoiada na afirmação da multiplicidade do povo. Isto é, o povo é impossível de ser representado por um representante único, seja o Estado, o Partido, o Sindicato, etc. A multiplicidade popular coloca uma questão importante no pensamento de Proudhon, que o leva a defender o federalismo e a autogestão da vida. Isto é, cada agrupamento social teria a autonomia de gerir os seus próprios processos de produção da vida material e imaterial. Deste modo, as vidas múltiplas dos povos poderiam se autodefinir, cada qual segundo seus próprios interesses e necessidades.

ilha das vidas múltiplas

Seguindo as tecnologias que a cultura libertária têm produzido para suas práticas de conhecer e educar, poderíamos arriscar que há um *phylum maquínico* que conecta estas diferentes máquinas de pensamento que estamos acompanhando. Arriscaria ainda que através do pensamento de Robin (1989), de Faure (2015) e, principalmente, de Ferrer y Guardia (2014) há um grande *plot twist* no desdobramento maquínico deste *phylum*. Há, neste ponto,

uma ruptura que instaura um novo. É em Ferrer, que foi advertido por Gallo (2014), que acontece a inserção do *afeto* como dispositivo de aprendizagem e ensino. Não que o afeto fosse ignorado pela cultural libertária, de modo algum. Podemos acompanhar o afeto florescer pelos pensamentos que habitam esse arquipélago. No entanto, em Ferrer, há a consolidação do afeto como ferramenta pilar na construção de uma educação para a liberdade. Ferrer apostava na construção de vidas múltiplas, onde a revolta singular se encontra com a comunidade livremente associada. A escola, para Ferrer, também funcionou como um dispositivo disciplinador das classes trabalhadoras. A educação, tal qual conhecemos, oferecida pelo Estado, pela Igreja, pelo Capital, sempre esteve a serviço da produção de vidas subjugadas e seriadas. Vidas que esperam algo de algum ser superior (seja o Homem do Saber ou o Deus do Dogma). Para Ferrer era preciso a criação de uma outra racionalidade, que despertasse, através do afeto, o desejo de criação de novas vidas, vidas múltiplas.

ilha do sonho

Esta ilha é habitada pelo corpo. Se Ferrer fez um corte importante no *phylum maquínico* da educação libertária, Maria Lacerda de Moura, abre uma fenda abissal. Instaura um novo tão grande que faz reorganizar diversas ideias e conceitos cristalizados da educação anarquista. Moura convoca um elemento adicional ao pensamento libertário, um elemento incompreensível para a razão preconizada pelo seu tempo: o corpo e suas produções sensíveis. Produções sensíveis como a sensibilidade e o sonho. Ao inaugurar esses novos elementos, provoca uma fissura na concepção de racionalismo. Afinal, como seguir acreditando que apenas a ciência indutivo-dedutiva ou mesmo a ciência axiomática seria capaz de dar conta de elementos tão heterogêneos e diversos como a vida? A vida é diversa, ela afirmou. A razão não tem o direito de sufocar o sonho, também afirmou. O sonho e o corpo, para Moura, são produtores de conhecimento, de aprendizagens, de descobertas, de variações e de encontros. As sensações, as sensibilidades, os afetos, os desejos não são pulsões que precisam ser domesticadas ou canalizadas para o bom uso através da razão, como alguns libertários antes dela preconizavam. O desejo é a diversidade da vida, é o que move o pensamento, é o que torna possível o acesso a criação estética. Sem a estética a ética é apenas um conjunto de valores reprodutíveis. A estética é aquilo que alimenta e dá movimento ao pensamento e a vida. É a potência de destruição-construção-destruição-construção que põe

em movimento as práticas de liberdade. É preciso admitir quando algo já não está mais funcionando junto ao desejo e junto à vida. Quando percebemos que algo está fora da ordem e que não cabe mais no mundo é o momento que nos vemos diante da grande potência da criação de uma nova coisa. Essa nova coisa que pode (e não) funcionar bem no novo arranjo das forças coletivas. É um risco. É um experimento. É um pensamento fora da terra. Para Moura é evidente que a revolta individual, o poder da deserção, deve estar integralmente conectado com as práticas coletivas e comunitárias. O duplo que estamos perseguindo nesta hipótese ganha um elemento novo. Além de associar a revolta singular à liberdade coletiva, é preciso instaurar a inquietude e a dúvida diante de todos os conhecimentos. Só através desse modo inquieto diante de si e da vida é que temos a oportunidade de acessar o que ainda não existe, o que está em devir, o que é virtual, o que está para depois da curva da estrada, o que está antes palavra, etc.

ilha inquieta

As rachaduras do pensamento de Moura se agenciam com as análises da topografia-relacional de Rolnik (2018) e os diagramas de Godinho (2013). Ao associar essas análises, nós estamos explodindo as categorias indivíduo e sociedade com entidades separadas. A ecosofia não pretende destacar as substâncias como entidades fechadas em si mesmas, pelo contrário, propõe-se um olhar para os processos de enganchamento (agenciamento) das substâncias heterogêneas, que conformam diversos territórios existenciais. Vimos com Guattari que o indivíduo (a pessoa) é um terminal de um processo que extravasa as fronteiras do corpo. As pessoas e suas máquinas são constituídas de redes de conexões entre pensamentos, ideias, modos, produções, virtualidades, etc. Em Moura essa ausência de distinção já aparece e faz, quase, dissipar essas representações (o sujeito e a sociedade). No entanto, aqui há a emergência da análise baseada nas singularidades, nos territórios existenciais e nos agenciamentos coletivos de enunciação. Essa análise nos desloca para fora do dualismo sujeito-objeto, indivíduo-sociedade, etc. O duplo movimento que vínhamos perseguindo, entre singular e coletivo, transforma-se em territórios compostos por miríades de conexões, que abarcam sujeito, sociedade, meio, modos de produzir, modos de amar, etc. Nos deslocamos para fora de um programa fixo, como Villafranca escreveu sobre a Escola Moderna de Barcelona. Estamos diante dos diagramas, dos encontros que lançam a experiência para dentro de um *meio* caótico. O caos e catástrofe, aqui, não são os inimigos a

serem combatidos. Pelo contrário, a entrada no caos e na catástrofe compõem as fagulhas que nos deslocam para fora do conhecido e da normalidade. É através desse gesto que encontramos o novo. No entanto, como constituir o novo? Como fortalecer um corpo (individual, coletivo, planetário, etc) que permite desmoronar tudo que se sabe? Como forjar uma singularidade, um coletivo e um grupo com força suficiente para enfrentar essa tempestade de novidades? Como atravessar a catástrofe sem desmantelar a existência? Como acessar o caos e não se perder por completo no seu nevoeiro? Impõe-se sobre nós um outro duplo, que não opera por dualidade, mas por bifurcação. Quando desmanteladas as formas que concebíamos da vida (a verdade, a percepção de si, os arranjos sociais, etc) temos à nossa frente dois caminhos possíveis, um reativo e outro ativo. O primeiro, reativo, procura preservar a forma de vida que havia antes da catástrofe. Queremos a qualquer custo recuperar o lugar já conhecido, as formas já definidas. Muitas vezes, a modulação subjetiva que desejamos restaurar é justamente aquela da sujeição, do mando e do autoritarismo. A vida como ela é dentro do capitalismo, infiltrada em nossos desejos, maquinando nossos desejos, quer assegurar sua dominação. O segundo movimento possível, o ativo, é aquele que tem a coragem de abandonar as formas antigas da vida e viver o problema. Viver o problema é assumir uma vulnerabilidade radical diante da vida. Perder o chão. Não encontrar as respostas e, talvez, nem sequer saber fazer as perguntas. Não saber o idioma onde as perguntas podem ser feitas. Viver o problema é tornar a inquietude um procedimento de investigação do novo. Estar inquieta diante da vida, não tomar as coisas pelos significados que já estão dados pelo mundo (o mundo capitalista). Em algum ponto, outras formas vão se organizar, outros nomes serão forjados, talvez algumas formas sejam recuperadas, outras poderão ser remodeladas, outras destruídas. Não sabemos, nada está garantido. O decorrer do processo é que pode apresentar as respostas. Há um decorrer em um tempo e espaço. A sensibilidade precisa de um tempo particular, que não é o tempo da produtividade do *time is money.* Ativar a inquietude como procedimento é radicalizar a ciência e a educação enquanto experimentação cosmológica. Moura, neste acoplamento junto à Rolnik e Godinho, expandem a máxima de Ferrer y Guardia, quando desejava que homens e mulheres vivessem vidas múltiplas, cheias de vitalidade e que não hesitassem em abandonar velhas idéias em prol das novas ideias. A ciência libertária nunca dirá sua palavra final sobre nada. Assim como a ecosofia fica sempre dois pés antes das palavras de ordem. O novo tipo de saber produzido por esse tipo de bifurcação ativa é nomeado por Rolnik (2018) de "saber-do-vivo". Um saber deslocado da centralidade racional, acionando planos de conhecimento para fora da consciência, aliando as

sensibilidades, as intuições, as sensações. Algo que a ciência contemporânea tem nomeado internacionalmente de *senciência.*

ilha deserta

A hospitalidade radical de Schérer afirma que o desejo está fora do sujeito. Não há - como forjou a psicanálise tradicional - um desejo interior ao sujeito, um algo que lhe falta, um algo que precisa ser saciado ou castrado. O desejo é uma máquina que produz máquinas, como escreveu Guattari. Quando afirmamos que o desejo é que move o pensamento - junto com Godinho, Moura, Suely, Guattari, Gallo, Scherer - não nos referimos a um *bem inato* aos humanos (tal como se pensa sobre a liberdade entre os liberais). Não nascemos com nenhum original de fábrica: seja desejo ou seja liberdade. Quando estamos diante de um acontecimento - quando estamos descobrindo algo novo, aprendendo algo inusitado - nós estamos diante de um *deserto* (Godinho, 2013, p. 136-139). O deserto é a membrana fina entre o virtual e o atual. O deserto é o que está dentro e fora. É a interface maquínica. É onde os povoamentos nômades podem se mover. O deserto é o espaço aberto. Onde tudo é possível e onde nada é possível. O que move o pensamento é justamente o acontecimento quando este é um problema. Um problema é um desarranjo nas forças que compõem um território existencial. É uma alteração. Pode ser uma mensagem de voz de alguém que se ama, pode ser uma demissão em massa de um emprego que se dedicou toda uma vida. Pode ser muita coisa e pode ser um pelo em um ovo. O que importa é que há uma alteração no plano material e no plano sensível. Neste sentido, praticar uma hospitalidade radical é acompanhar as alterações sensíveis fomentado pelo apoio solidário. Um apoio que seja suficiente para se encontrar novas formas de reapropriação de si. Um apoio coletivo que auxilie processos de autonomia e autogestão. Em palavras mais diretas: quando tudo dá merda, as paradas saíram do jeito errado, é preciso ter redes de apoio subjetivas e materiais que fortaleçam o corre para inventarmos outro jeito de fazer-refazer a parada que se desejava. Refazer a parada é reocupar a si mesmo. Refazer a parada não é repetir o que deu merda, mas encontrar as formas que essa coisa pode ser feita em alinhamento com nossos quereres. Para refazer os rolês que deram ruim, é impossível fazer só, é preciso de comunidade, coletivo e solidariedade. E se não deu mesmo, é sempre importante lembrar do nosso direito a deserção. Direito de ir embora. Terminar a associação. Largar o osso. Pegar seu saco de tralhas e cair fora.

arquipélago do trabalho

Se maldizendo
Descendo com calor
A rua torta
De terno e óculos escuro
Em uma terça escura
Para fugir da massa cotovelante
De pessoas apressadas, sorumbáticas
Cujos telefones são membros ciborgues
Mas antes de entrar na imobiliária
Ele para no bar
Pede mais uma dose
Não gosta do gosto
Mas, cara, é impossível sóbrio
Entrega os relatórios
Sem dar pala ao chefe
Mas o pior é a volta pra casa de ônibus
Uma luta feroz por espaço
Já não cede o lugar a idosos e gestantes
Põe o fone de ouvido e quer voltar pra casa
Para assistir uma série, pedir uma pizza
Encher a cara até apegar
Só acordar na quarta!
Trabalho! Trabalho! Trabalho!
Trabalho! Trabalho! Trabalho!
Trabalho! Trabalho! Trabalho!
Trabalho! Trabalho! Trabalho![167]

Ao percorrermos o arquipélago do trabalho e suas relações com a educação libertária, anunciei uma sub-hipótese, relacionada a hipótese central da tese. Interroguei se com advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) - junto a globalização e a nova ordem mundial - quais percursos são disparados para uma educação comprometida com a autonomia singular, autogestão comunitária, liberdade e solidariedade. Vejamos se através dessa navegação conseguimos traçar mais contornos para uma educação libertária no presente, ou seja, uma anti-educação, ou ainda, uma ecosofia da educação libertária.

ilha das *linyeras*

Juana Buela, e sua inquieta alma rebelde, ao caminhar pelos interiores da Argentina, como emissária do FORA (Federação Obrera Regional da Argentina)[168], destaca a presença dos *linyeras*. Os linyeras eram trabalhadores sazonais dos interiores da Argentina que

[167] Jonnata Doll e os Garotos Solventes. Trabalho Trabalho Trabalho. Alienígena [álbum]. Independente: 2019.
[168] Ver página 52.

viajavam de forma irregular em caminhões, trens, carroças, a pé, barcos, etc. Viajavam em busca dos trabalhos sazonais das mais diversas categorias, entre serviços portuários, industriais, agrícolas, etc. O capitalismo, em 1920, na América Latina, e seus efeitos de desterritorialização dos territórios existenciais tradicionais desses trabalhadores (casa, comunidade, pertencimento, tradições, etc), lançando-os em constantes fluxos migratórios entre as microrregiões do interior de Quequén. Entre estes trabalhadores solapados pela vida migrante, estavam também os anarquistas, que carregavam consigo - para além do saco de roupa e as fotos da família - os panfletos, os livros e os cartazes do movimento libertário. Enquanto o capital varre os modos de vida dessas populações, nas rachaduras do novo território configurado entre linhas de trem, estradas e portos, a máquina de guerra nômade anarquista se infiltra. Seriam os linyeras libertários excitadores de variações e revoltas? Seriam essas vidas as tais *vidas diversas* e *vidas múltiplas* de Moura e Ferrer? Os linyeras anarquistas ao mesmo tempo que vivem as marcas do capital sobre os seus próprios corpos, dobram essas marcas em forma de revolta e conspiração.

ilha das borboletas

Robin, Faure e Ferrer, que teceram suas práticas no phylum maquínico da educação libertária, aprofundaram a noção de borboletear, introduzida por Fourier[169]. Borboletear é uma imagem do pensamento de Fourier que implica um gesto de variação e navegação entre elementos de forma pouco ordenada ou dirigida. Uma navegação acionada por outra forma de pensamento, fora da racionalidade, talvez, através do plano sensível, ou mesmo, de um saber-do-vivo, como propõe Rolnik. Esse gesto borleteante dispara diversas proposições práticas e teóricas. É ao mesmo tempo um campo de experimentação sensível que abre espaços para a emergência do novo - daquilo que ainda não se conhece. Como também promove um confronto direto à divisão social do trabalho, possibilitando que cada pessoa integre em suas próprias práticas uma variedade de saberes, habilidades, experiências, fazeres e teorias. Essa integração de elementos diversos promoveria o polvilhar em toda sociedade a capacidade de gerir, produzir, pensar, criar, desenvolver e pesquisar. Essa *máquina libertária borboleteante* se relaciona intimamente com as possibilidades de autogestão local e federalismo planetário sonhado pela via libertária. Para ampliar as forças de autogestão é preciso que uma comunidade possa realizar coletivamente e singularmente a maior variedade

[169] Ver entre páginas 168 e 171.

de práticas, teorias, sensibilidades e criações estéticas. O borboleteamento foi também reintroduzida no pensamento anarquista por Gallo e Scherer em suas proposições. Acredito que Scherer faz, através das palavras de Gallo, uma amplificação do gesto borboleteante. Desloca este gesto do plano prático, que está delimitado entre as funções da vida (industria, pensamento, teoria, estética, etc), que foi tematizado por Robin, Faure e Ferrer nas diversas oficinas e laboratórios instaladas em suas escolas. Scherer afirma que o borboleteamento também é um gesto cosmológico, um modo de produzir o pensamento e a vida. Não apenas um programa transdisciplinar, onde se aprende diversos ofícios, mas um pensamento transversal, onde as fronteiras se borram constantemente. A hospitalidade radical em relação ao outro, produz um efeito de errância. Na errância alteramos as forças que operam no nosso território existencial quando abrimos as fronteiras para o que está fora de nós: os outros, o outro, as coisas sem forma, etc. Um outro duplo se impõe para a educação libertária no presente: ao mesmo passo que precisamos empregar variabilidades de ofícios, mesmo aqueles conectados com as TICs, também precisamos afirmar uma errância diante desses segmentos. Caso contrário, estaremos reproduzindo a segmentaridade do capitalismo mundial integrado, produzindo séries estatizantes e estagnadas.

ilha ciborgue

Não é à toa que os robôs vêm ocupando quase todos os imaginários do contemporâneo. Desde Jaspion (1985), passando pelas diversas edições de Power Rangers (1993-presente)[170], passando por Black Mirror, série inglesa de 2011, que foi comprada pela Netflix em 2015 e se tornou um sucesso internacional em pouco tempo[171]. Estamos acompanhando em 2023 o lançamento do Chat GPT e todos os intensos debates entre críticos e amantes das Inteligências Artificiais. Não a toa Jonnata Doll e Donna Haraway[172] afirmam que vivemos a era ciborgue, que somos corpos ciborgues, plugados e conectados

[170] São inúmeras versões dos Power Rangers. Os criadores são Haim Saban e Shuki Levy. Nome original: Mighty Morphin Power Rangers (1993–1996). São muitos produtores que foram proprietários da série, sendo eles: Saban Entertainment (1993–2002), The Walt Disney Company (2002–2010), Saban Brands (2010–2018), Hasbro (2018–presente).

[171] "Black Mirror é uma série de televisão britânica ontológica de ficção científica criada por Charlie Brooker e centrada em temas obscuros e satíricos que examinam a sociedade moderna, particularmente a respeito das consequências imprevistas das novas tecnologias." Ler em https://www.nytimes.com/2015/02/01/magazine/black-mirror-and-the-horrors-and-delights-of-technology.html (consultado em 05/05/2023).

[172] Ver em Haraway, Donna. (s/d). Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia, feminismo-socialista no final do século XX. São Paulo, Monstro dos Mares.

incessantemente com as tecnologias da informação e da comunicação. Seja por cabo, wifi, bluetooth, wireless, contato, etc, estamos cada vez mais enganchados por aplicativos, ferramentas, máquinas, interfaces, redes, etc. Não cessamos nunca nossas conexões, nem mesmo dormindo (pensemos nos aplicativos que medem as qualidades de sono através dos smartwatches). Ferreira (2013) analisou de forma ímpar os deslocamentos de uma economia real (era gloriosa do capitalismo industrial) para uma economia virtual (era das TICs). Não vou reproduzir aqui sua análise, no entanto, alguns pivôs do seu pensamento se impõem sob nossa hipótese. As máquinas-ferramentas do capitalismo dos anos 30-70 dependiam do trabalho vivo para operar seu funcionamento, o que permitia uma autonomia do trabalhador diante da máquina e do patrão. Era possível parar as máquinas com um tamanco, a famosa *sabotagem*[173]. As TICs, entretanto, conseguem reproduzir o trabalho vivo ao infinito de forma quase independente da operação humana. Quase independente, já que ainda subsistem as TIC a energia e conhecimento humanos para gestão, manutenção, monitoramento e codificação dessas tecnologias. No entanto, toda modulação do comportamento humano, em Ferreira, que eu chamo de subjetividade, é condicionado às codificações-decodificações analítico-simbólicas dos fluxos de informação e comunicação das novas tecnologias. Essas condicionantes são atualizadas minuto-a-minuto por softwares e hardwares espalhados pelo planeta. Deste modo, o controle das modulações subjetivas não opera apenas do topo da hierarquia para a base do trabalho, ela acontece através de redes multicentradas de emanação de informação e codificação. Ademais, o controle subjetivo é operado através de uma auto-regulação de cada trabalhador, como partícula atomizada e segmentarizada, em relação às tecnologias das quais está enganchado. Os efeitos são desastrosos, por um lado o planeta extermina todos os seus recursos naturais, humanos e subjetivos e por outro instaura uma guerra inter-individual entre os garantidos pela vida subalterna de empregado e a massa famélica que é jogada na miséria por todos os cantos do planeta.

ilha policial-democrática

São incontáveis polícias que se espraiam por todos os cantos e cantinhos da vida, como vimos com Augusto (2013b). A democracia venceu no mundo, aniquilou a ameaça

[173] Sabotagem. Essa palavra, hoje corriqueira, nasce no século 19, na revolução industrial. A origem é do francês – "sabot"–, nome dado àquele sapato de madeira que os operários usavam, por vezes chamado de "tamanco holandês". Ver em https://www.revistahsm.com.br/post/a-sabotagem-e-a-inteligencia-artificial (consultado em 05/05/2023).

fascita e seduziu os experimentos do leste-socialista. Em nome da tal democracia se implanta um aparato civil-militar-tecnológico por todo o planeta para gerenciar as populações solapadas pela axiomática capitalista. Tiro, porrada e bomba, deveriam substituir os brasões e frases motivacionais das bandeiras dos países alinhados com a democracia. Na era das TIC as políticas sociais fomentam a desvalorização do trabalho e o esgotamento dos recursos naturais pelo consumo desenfreado e intermitente. Tudo isso em nome da participação, afinal não somos mais trabalhadores e trabalhadoras, somos empreendedores, cada qual no seu quadrado, participando da grande magia do mercado capitalista. A democracia é o regime perfeito para as novas modulações subjetivas do Capitalismo Mundial Integrado: todos são convocados a participar, a denunciar a si e aos vizinhos, a contribuir com as políticas de austeridade e punitividade dos desviantes, a declarar o que faz e a vender o que se tem - a qualquer custo. Uma educação democrática é aquela que deseja construir o cidadão de bem, subserviente e flexível à constantes reconfigurações da exploração capitalista. Para nós, libertárias e libertários, cabe a constituição de anti-cidadãos, pessoas que tenham a multiplicidade como lema. Recusar os ditames, fortalecer os laços de apoio mútuo, solidarizar-se com os povos de baixo e expandir singularmente as criações ético-estéticas de outras vidas. É a isto que a anti-educação se dedica.

ilha maquínica

Só existe maquinismo. Estamos constantemente conectados às máquinas. O corpo humano deixa de ser só humano, é além-do-humano, é ciborgue. Somos enganchados constantemente pelas máquinas produtivas da sociedade capitalística. Estamos condicionados ininterruptamente pelos constantes estímulos e respostas das atualizações de softwares e hardwares. Mesmo onde a miséria é total e não há energia elétrica e redes de wifi, haverá algum satélite ou missão internacional humanitária que irá fotografar, mapear, administrar e conectar esses povoamentos. *O mundo é pequeno prá caramba*[174]. Ninguém está de fora - mesmo que viva fora da partilha dos bens do capitalismo. A miséria e a fome são integrantes dos fluxos internacionais do capitalismo contemporâneo. A sociedade capitalística atua por duas operações concomitantes: conjurando diversos fluxos de dominação-modulação em âmbito nano, micro e macro-político, através de multicentragens decisionais, e distribuindo fechamentos-aberturas por todos os modos de vida, sejam naturais, subjetivos, sociais,

[174] Pedro Guerra, Lenine, Rodney Assis. O mundo. Acustivo MTV. MTV: 2006.

imaginários e ambientais. As modulações subjetivas solapam os territórios existenciais desde antes do nascimento das crianças (vide os terríveis chás de revelação e enxovais que se fazem para as gestantes) até o fim de nossas vidas (vide as tentativas de congelar o corpo humano de alguns bilionários que acreditam na possível ressurreição). Os equipamentos coletivos, analisados por Guattari, são os dispositivos principais de modulação dessas subjetividades assujeitadas. Equipamentos coletivos, a saber: a família, o clube, o grupo do whatsapp, as redes sociais, os fóruns de bairro, o projeto social da ONG do bairro, a UBS, o CAPS, o trabalho, as prisões, as medidas socioeducativas, as rádios, os programas de televisão, a escola, etc[175]. A escola é um equipamento coletivo importante de modulação subjetiva na sociedade capitalísitica. A máquina-escolar, analisada por Carvalho e Camargo, opera por segmentação das subjetividades, procurando constituir sujeitos adequados para grupos-sujeitados, que procurem preservar a ordem da vida como ela é no capitalismo mundial integrado. A máquina-escolar, de forma muito sofisticada, implica ainda uma localização de cada pessoa dentro da cadeia produtiva. Para os super-ricos, dedica-se uma educação especializada para cargos de liderança. Para a classe média, impõe-se uma educação pouco especializada para cargos médios de operação-manutenção junto às TICs, incutindo uma mentalidade empreendedora. Para as classes subalternizadas, introduz-se um educação não especializada, destinada para os cargos operacionais e embrutecidos do capitalismo contemporâneo, além de estimular uma mentalidade empreendedora que coloca cada pessoa responsável pelo seu próprio sucesso, mesmo que isso signifique esmagar a cabeça do seu próprio vizinho. Para os desviantes, destina-se às punições variadas e os abandonos das ruas. Esses desviantes servem de espelho inverso para o resto da população, amedrontando qualquer um que tente duvidar ou negar a ordem. A Reforma do Ensino Médio (REM), promovida pelos governos Temer-Bolsonaro, aprimoram esse sistema em âmbito nacional do Brasil.[176] Cada um no seu quadrado, a educação está a serviço da redundância da ordem vigente. A anti-educação ataca essa lógica!

---

[175] Seria preciso atualizar, quase 40 anos depois da produção de Guattari, o que seriam os equipamentos coletivos na era ciborgue e na era da nanotecnologia. No entanto, seria necessária uma nova tese para analisar esses operadores.

[176] Seria preciso uma nova tese para investigar as relações da sociedade capitalística e a REM (reforma do ensino médio), no entanto, fica evidente que ao retirar as velhas disciplinas (história, sociologia, filosofia, biologia, química, etc) e inserir itinerários profissionais como padeiros, pedreiros, influencers, youtubers, empacotadores, etc, objetiva-se atualizar o hardware da máquina-escolar para melhor se adequar as desterritorializações do fluxo de capital contemporâneo.

ilha sem operários

Cubero (2015), Ferreira (2013), Guattari (*vários*) afirmam que os conceitos de classe operária, classe trabalhadora, emprego e trabalho, são categorias que foram importantes para afirmar as lutas revolucionárias do século XIX e meados do XX. No entanto, são conceitos vazios quando pensamos nas lutas contemporâneas anticapitalistas. O trabalho já não tem mais valor social na sociedade das TIC, quando há emprego para as classes subalternas é uma vida fodida. O emprego é uma raridade inclusive para a classe média, que vive em regimes precarizados de prestação de serviços, insegurança financeira, ausência de direitos sociais, etc. As classes dominantes nunca trabalharam e nunca irão, o mando não é um trabalho. É preciso atualizar essas concepções. Guattari traz uma visão muito importante ao trabalho quando expande sua concepção para todas as atividades da vida. Se vimos que a sociedade capitalística se infiltra em todos os campos da vida, extraindo formas de produção de mais valia ao mesmo tempo que modula as subjetividades, podemos afirmar que todas as atividades são trabalho. Deste modo, como seria possível ainda acreditar na missão da classe trabalhadora (os operários) em fazer a revolução? E as mulheres, as putas, as trans, os pretos, os moradores de rua, as crianças, as queers? Como liberar também o desejo dos trabalhos realizados por todos esses setores sociais? Para destruir a burguesia, é preciso explodir a classe operária, como um conceito antiquado. Queremos a transformação do mundo e a instauração da terra livre de amos e mandos. Para tanto, precisamos também combater a hegemonia contemporânea do conceito de operário-trabalhador sobre as outras categorias sociais que estão realizando trabalhos constantes: o trabalho doméstico e afetivo das mulheres, o trabalho da aprendizagem das crianças, o trabalho de criação estética dos artistas, o trabalho de recuperação das ancestralidades culturais realizadas pelo povo preto, indigena e caiçara, etc. Entre efeitos de clausura, desterritorialização e segmentaridade, o CMI opera as modulações subjetivas sob todo o planeta. O CMI opera, neste sentido, uma atualização dos regimes coloniais, imperialistas, extrativistas, não apenas sob os territórios naturais, mas também sob os territórios existenciais (populações, animais, biomas, etc). O CMI transforma o planeta em uma grande fábrica planetária de extração de mais valia, lucro e dominação. Portanto, as lutas anticapitalistas precisam se liberar das amarras dualistas entre esquerda e direita, operário e burguesia, etc. Quando estamos na dualidade estamos reintroduzindo constantemente a hegemonia do Uno, seja o Estado, seja o Partido, seja o Sindicato. Lembrando que há um continuum entre sindicato e patrão, operário e burguês, etc. Contra a

hegemonia do *front* classe, propomos, na revolução molecular, uma multiplicidade de *fronts*, que abarque todos os setores precarizados do capitalismo global. Uma prática revolucionária transversal que conecta diversos agenciamentos coletivos insubmissos. A educação libertária, que tem a educação pelo trabalho como pilar, precisa atualizar o conceito de trabalho para estas diversas atividades humanas e não humanas. É preciso, em uma anti-educação, uma educação para os ofícios, como também para o trabalho estético, como também para o trabalho sensível de si, para os cuidados com os virtuais, como também para as ancestralidades dos povos de baixo, como também para as práticas de companheirismo interespécies, etc. Precisamos escapar dos binarismos! Contra a lógica dual, instaurar as polifonias! Contra os programas, os diagramas!

ilha fora do sujeito

Ainda procurando dissolver os binarismos, Guattari, Rolnik, Agostino, Gallo, Scherer, Godinho, realizam suas análises sob um plano onde não há distinção entre sujeito e objeto. O sujeito deixa de ser a medida de todas as coisas. Não deixamos de existir como pessoas, afinal, ainda habitamos o mundo com nome, cpf, biografia, natalidade, etc. Somos pessoas e nos definimos a partir de mecanismos de sujeição. No entanto, estamos contentes com os mecanismos de assujeitamento que nos impõem? Estar sujeito promove nossa liberdade, nossa solidariedade e nossa justiça? Ou nos determina modulações padronizadas? Ou nos serializa enquanto entidades atomizadas? É possível falar e pensar fora do sujeito? Quanto aos objetos, como acolher o outro e esse outro também não tem contornos? Agostino e Guattari estabelecem o sujeito com uma máquina ao lado. A máquina, com seu núcleo autopoiético, constantemente destruindo e reconstruindo a interface do sujeito. É a ruptura no território existencial (topografia relacional) que conforma os contornos do sujeito. É através da emergência do desejo, do acesso à caosmose, do encontro com os virtuais - que surge de fora, de dentro, de cima e de baixo - que arranhamos os contornos que nos definem enquanto sujeitos. Sabemos que as máquinas se agenciam com outras máquinas em uma miríade de enganchamentos entre elementos heterogêneos humanos e não-humanos. Neste contínuo processo de destruição-reconstrução dos nossos territórios existenciais podemos nos render as modulações da axiomática capitalista e suas redundâncias. Como podemos, também, nos organizar de forma coletiva e solidária para articular novos territórios existenciais, onde os marcos de valor e as constelações referenciais, sejam autogeridas por nós. Um nós que é

descentralizado do humano e do sujeito. Um nós que é eu-tu-ela-ele-ilu-aquilo-aquelas-etc. A educação contemporânea insiste na formação de sujeitos autônomos, no entanto, a autonomia preconizada pelos programas curriculares é fundada sob a individualidade. São autônomos aqueles que por si mesmos conseguem realizar as funções, competências e habilidades que o currículo formal escolar oferece. A autonomia educacional contemporânea é a grande farsa do empreendedorismo individualizante que lança cada um por si e o mercado capitalista sobre todos. A função da anti-educação é atuar na contra-mão deste pensamento, propondo uma autonomia que seja articulada à uma rede solidária de apoio mútuo, onde as práticas de liberdade não são posses de um sujeito, mas um exercício coletivo, social, ambiental, subjetivo e imaginário, ou seja, ecosófico.

ilha impura

Não há teologia possível do sujeito, assim como não há substância original do humano, assim como não há pureza possível do revolucionário. Não é possível saber de antemão quando, como e onde estala a fúria da revolta. A revolta e a revolução não é acessível pelos programas, não é uma receita evidente, que ao adicionar os ingredientes já conhecidos se cozinha uma terra livre. Guattari nos incita a operar por misturas de elementos heterogêneos e com aproximações polifônicas. Moura nos incita a cultivar uma vida revolucionária distante dos dogmas religiosos, científicos e de 'certos revolucionários dogmáticos'. O militantismo cego, apegado às verdades constituídas pela história dos seus, que aguarda comportadamente sua vez de entrar em campo e virar o jogo, é uma ladainha que impede o movimento. A missa científica. A missa revolucionária. O terço sacrossanto militante. Reze três piquetes, acenda três barricadas de pneu, leia quatro vezes os manifestos e veja a luz da consciência irradiar pelo mundo. Papo furado! Além de impedir o movimento, auxilia na reprodução das continuidades entre os fronts de classe. É tão importante para a manutenção da dominação ter uma indústria forte, uma polícia austera e um sindicato organizado. Todos jogando a favor nas negociações infinitas entre as partes da exploração. A revolução não é uma ciência com especialistas preparados para responder as suas questões. Todos os anarquistas da história do pensamento apregoavam injúrias contra os supostos donos da razão revolucionária, inclusive entre anarquistas. Bakunin incitou que a ciência descesse do pedestal e se emaranhasse com os saberes populares desenquadrados da linguagem científica. Proudhon afirma categoricamente que cada comunidade deve autogerir

seus próprios processos de conhecer, aprender, produzir e organizar a vida e o trabalho. Ferrer acusou qualquer tipo de ensino dogmático. Emma Goldman conta anedotas sobre os pais anarquistas que tentam inculcar a qualquer custo as ideias libertárias em seus filhos e recebem de volta uma prole conservadora. Moura, entre todas, furiosa, destrona qualquer Deuza Razão, Deusa Ciência, Deusa Revolucionária. Cubero convida a dar passos largos em direção a uma atualização das práticas libertárias. Gallo e Scherer convidam a um anarquizar o pensamento, deixar os problemas moverem a criação das formas de vida, abertos aos riscos, as novidades, aos inusitados. A revolução não será televisionada e nem conseguimos agendar a sua data. Não sabemos sobre o novo antes que ela aconteça. O que não impede, é claro, de ir construindo ao longo de um percurso práticas de liberdade, práticas de desobediência, práticas de autonomia, práticas de solidariedade, práticas de revolta, etc. Há um possível caminho intermediário? Sem moderações e concessões, mas aberto a conexões e alianças com forças insuspeitas? Não estou defendendo nenhum tipo de neutralidade. É preciso tomar posição, tomar a palavra, falar francamente e botar o bloco na rua. No entanto, podemos tomar uma posição que é fincada na inquietude e na dúvida. Podemos afirmar uma verdade vulnerável, que pode se desmanchar caso as forças de um campo se alterem. A educação libertária, bem como os movimentos libertários, são carregados de séries de preceitos, dogmas e diretrizes cultivadas em outros contextos histórico-sociais. Seguimos ainda as mesmas premissas, as mesmas palavras, as mesmas fantasias, as mesmas práticas. É preciso um desvio de tudo isso. É preciso o cultivo de uma ecosofia de nossas próprias práticas de organização, que permitam acessar novos diagramas de operação. Uma anti-educação confia na construção de vidas múltiplas, que não esperam nada de nenhum ser superior (nem mesmo aquele que habita nossos imaginários revolucionários). Uma anti-educação está interessada em processos de pesquisa em massa, em bando, em coletivo e em malta. Um processo de investigação das formas de viver que não aceita a hegemonia do Programa, da História, do Operário, do Professor, do Educador, do Conhecimento. Um processo de criação de saberes que estão implicados diretamente nas mãos das pessoas que estão engajadas no processo, sem hierarquias daqueles que conhecem o militar e aqueles que conhecem outras coisas, como cozinhar, pintar, serrar, furar, cuidar, medicar, orientar, educar, construir, etc. A anti-educação é uma mistura. Tudo junto e misturado!

anti-educação, uma ecosofia da educação libertária

> *Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:*
> *a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca*
> *b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer*
> *c)Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos*
> *d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação*
> *e) Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos*
> *f) Como pegar na voz de um peixe*
> *g) Qual o lado da noite que umedece primeiro*
> *etc*
> *etc*
> *etc*
> *Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.*[177]

Guattari (2015) no livro *Que és la ecosofía?* - um compilado de textos publicado pela Editora Cactus (Buenos Aires, Argentina), organizado por Stéphane Nadaud - contribui de forma emblemática para a conceituação da ecosofia como prática revolucionária. Nadaud articulou uma série de pequenos artigos, entrevistas e palestras cedidas por Guattari que abordam de forma muito detalhada e sob diversos aspectos. Alí Guattari desenvolve as possibilidades do fazer e da análise ecosófica. Um destes artigos também integra a versão em português do livro Caosmose (2012). No artigo *Hacia una ecosofía*, que os editores têm dificuldade de precisar a data da publicação, mas indicam algo entre 1988 e 1991, Guattari (2015) elabora uma pergunta diante das crises do político, do social e do existencial. Poderíamos afirmar que seria a pergunta fundante da ecosofia:

> cómo modificar las mentalidades, cómo reinventar las prácticas sociales que volverían a dar a la humanidad - si alguna vez la tuvo - el sentido de las responsabilidades no solamente respecto su propia supervivencia, sino también del porvenir de toda vida sobre este planeta, la de las especies animales y vegetales como la de las especies incorporales, si puedo decirlo así, tales como la música, las artes, el cine, la relación con el tiempo, el amor y la compasión por el prójimo, el sentimiento de fusión en el seno del cosmos?[178] (p. 50).

[177] De Barros, Manoel. (2016). O livro das ignorãças. Rio de Janeiro. Alfaguara.

[178] T. A. - Como mudar as mentalidades, como reinventar práticas sociais que dariam à humanidade - se é que ela já teve uma - um senso de responsabilidade não apenas por sua própria sobrevivência, mas também pelo futuro de toda a vida neste planeta, das espécies animais e vegetais, bem como das espécies incorporais, se

Evidentemente é uma pergunta especulativa, já que ele se pergunta coisas enquanto afirma outras. Seu interesse por essa pergunta parece ressoar com o que evidenciei sobre as revoltas moleculares[179], que movimentam seu pensamento principalmente nos anos 70, como também ressoam profundamente nos paradigmas criados por ele em relação à esquizoanálise[180], elaborado principalmente nos anos 60. Há uma continuidade e desdobramento no pensamento de Guattari que podemos acompanhar através destes três conceitos que vim abordando ao longo da tese, senão como sinônimos, pelo menos, como acoplamentos: *esquizoanálise, revolução molecular e ecosofia*.

Cubero (2015) incitou o rompimento material e afetivo com o sistema vigente como a prática de uma atitude libertária - uma atitude anarquista. Guattari (2015) também incita uma atitude dupla: transformar as mentalidades e as práticas sociais. Não se trata apenas de um programa social a ser implantado ou apenas uma nova organização sistêmica dos modos de produção objetivos da sociedade. Trata-se, aqui, de uma alteração das práticas e do pensamento. Já acompanhamos que o pensamento para Guattari (*vários*) e Godinho (2013) não está localizado só na racionalidade e na consciência. Pelo contrário, *sentir é pensar*, e vice-versa. Acompanhamos, também, que Rolnik (2018) afirmou uma outra forma de saber, para além do saber do arquivo social, nomeado de *saber etológico* ou *saber do vivo*[181], que agencia outras formas de produção de conhecimento através do acompanhamento sensível dos *afectos* e *perceptos*. Cubero (2015), inclusive, nos inspira a praticar uma educação pela paixão, onde as sensibilidades e a mobilização do desejo são os vetores que dirigem a prática educativa. Guattari (2015), no trecho citado, portanto, indica um duplo renovar, tanto das práticas coletivas das espécies vivas, como dos saberes dos vivos.

Essa modificação-transformação está destinada à uma defesa da sobrevivência da espécie humana, no entanto, não somente a humana, como também todas as espécies animais, vegetais, minerais, etc. Poderíamos nomear esse conjunto que se defende como *as formas vivas do planeta*? Bem, Reclus e Kropotkin, como acompanhamos nas análises apresentadas, também estavam interessados na constituição de alianças multiespécies, afirmando que a liberdade e a evolução das espécies só se tornaria possível com um agenciamento coletivo envolvendo todas as formas vivas da terra, seja através das *ciências da vida* e do *equilíbrio*

---

assim posso dizer, como a música, as artes, o cinema, a relação com o tempo, o amor e a compaixão pelo próximo, o sentimento de fusão com o cosmos?

[179] Ver páginas 196, 201-205, 210, 232.

[180] Ver páginas 11 e 61.

[181] Ver páginas 133 e 225-228

ecossistêmico (Reclus, *diversos, apud* Ferreira, 2006); seja através do *apoio mútuo* (Kropotkin, 2021). Adiante, na pergunta de Guattari (2015), há uma adição importante no rol das formas de vida que a ecosofia procura defender, a saber: *as espécies incorporais*. As espécies incorporais foram nomeadas nesta tese como: *os virtuais; os universos incorporais; o novo; a novidade; as coisas sem forma; as energias do caos; a caosmose; a criação; a estética; os germens de vida; os traçados; os bosquejos; o sonho; o pensamento fora da terra; etc.* Dentro do *phylum maquínico* da educação libertária, a primeira pensadora a realizar essa rachadura e inserir a defesa da vida em germinação foi Maria Lacerda de Moura. Moura (2021), como já acompanhamos, instaura a necessidade de um gesto inquieto diante de uma educação que não abafa *o sonho fora da terra* (p. 56). Moura (2021), afirma a necessidade de cultivar um corpo, nossa única possessão, que mantenha o plexo solar aberto para *captar as energias do cosmos* (p. 55).

Guattari (2015), portanto, está engajado na defesa de espécies que ainda não existem, mas que têm todo direito a existência. Trata-se de uma refundação das práticas políticas, não uma reforma parcial dos modos de participação e nem uma meditação transcendental de inspiração oriental para novos mundos. Guattari (2015) se afasta das reformas e dos misticismos, assim como Moura (2021) também se afastou das peias religiosas e das negociações com um mundo que abafa a potência de viver. A ecosofia é um pensamento radical, conectado com as lutas sociais, com o presente e com as materialidades. Ao mesmo tempo, a ecosofia se conecta com a defesa dos imaginários, da possibilidade de sonhar, das subjetividades com suas possibilidades de criação de novos mundos. Mundos que ainda não sabemos nomear. Mundos em germinação, mundos em devir, mundos em diagramas. A ecosofia é uma *prática expandida da percepção ecológica* (Guattari, 2015, p. 53). Configura-se como uma forma de escapar das vertentes à esquerda e à direita da política institucional, que nada oferecem de novidade aos problemas evidentes do fim da vida no planeta. A ecosofia atua de forma local e planetária, com ações "mais federalistas" (p. 52) que promovam o encontro de diversos fronts de resistência ao redor do planeta. A ecosofia coloca em questão, principalmente, dois pontos: primeiro, a redefinição do Estado, ou melhor das funções estatais, que são múltiplas, heterogêneas e contraditórias; segundo, a recentralização das atividades econômicas sob as produções subjetivas, e não o contrário, como vivemos hoje. "Hoy en día, la subjetividad individual y colectiva vive bajo el régimen del repliegue

sobre sí mismo, de la infantilización mass-mediática, del desconocimiento de la diferencia y de la alteridad en el ámbito humano tanto como en el registro cósmico."[182] (p. 53).

O conservadorismo candente, da direita e da esquerda, interpela, constantemente, os anarquistas com a pergunta: "*mas, então, como vai ser a sociedade que vocês querem organizar se vocês não têm um programa?*". Um jogo retórico para descartar a via libertária, já que não oferecemos um planejamento prévio das formas de vida que constituirão uma sociedade libertária. Além de ser uma mentira deslavada, já que muitos anarquistas escreveram sobre diversas formas possíveis de organização, a saber: o mutualismo de Pelloutier, o federalismo de Proudhon, o anarco-comunismo de Reclus e Kropotkin, etc. Essa pergunta conservadora é, também, uma tentativa de limitar o pensamento e a capacidade de imaginação, fazendo-nos prisioneiros de planificações, matemáticas e policiamentos do logocentrismo vigente. A previsão das novas formas de vida que pretendemos criar só é acessível quando as colocarmos em movimento - elas são a vida em devir, são inomináveis. Não há respostas a esta pergunta conservadora. O mundo libertário não se quer totalizante: cada comunidade viva irá encontrar suas respostas, como encontram hoje diversas respostas-percursos entre Chiapas e o Curdistão. A vida nova anarquista será tão nova que é possível que abandonemos a palavra anarquia no meio do caminho. Quando a palavra anarquia já não for necessária, inventaremos outras palavras. Não é possível esquadrinhar as nossas propostas e as comparar para uma corrida eleitoral, a anarquia não é codificável por programas políticos institucionais. Não estamos nem à esquerda, nem à direita - estamos contra a política, nós somos a anti-política[183].

Acompanhamos nas primeiras décadas do século XXI diversos movimentos sociais que tornaram comum espaços de resistência à mulheres, às crianças, aos artistas, aos trabalhadores, aos povos pretos, aos povos periféricos. Tais movimentos são gerações mais recentes do Furacão 2000[184] que apresentei sob a análise de Jourdan (2018) e Augusto (2013). Uma das frases comuns à estes novos movimentos sociais do século XXI foi: "Nossos sonhos não cabem em suas urnas"[185]. Vimos esta frase estampada por todas as ocupações e

[182] T. A. - Hoje em dia, a subjetividade individual e coletiva vive sob o regime de fechamento em si mesma, de infantilização da mídia de massa, de ignorância da diferença e da alteridade tanto na esfera humana quanto no registro cósmico.
[183] Ver páginas 49-51.
[184] Ver páginas 32-33.
[185] Podemos acompanhar em diversos canais de comunicação matérias e artigos sobre os novos movimentos sociais onde essa frase aparece pintada em cartazes, muros, pessoas, panfletos. Nossos não cabem em suas urnas, tornou-se um emblema de uma pauta incapturável pelo capitalismo. Não adiantava um partido mais à esquerda ou mais à direita, uma luta mais verde ou mais roxa, era preciso outra coisa. Essa outra coisa talvez

acampamentos que aconteceram ao redor do mundo em 2011 e também na lutas dos estudantes secundaristas em São Paulo em 2015-16. "Es claro que las apuestas políticas, sociales y económicas escapan cada vez más de las contiendas electorales que se reducen la mayor parte de las veces a grande maniobras mediaticas." (Guattari, 2015, p. 52). Obviamente essa frase foi capturada, um pouco mais a frente na história, por políticos de partidos da esquerda institucional, no Brasil, figuras como Marcelo Freixo (RJ), Sâmia Bomfim (SP); nos EUA, Bernie Sanders; no Chile, Gabriel Boric, etc. No entanto, a emergência desta frase vem da polifonia das ruas, das pessoas e dos movimentos heterogêneos articulados de forma local-global. Essa frase tem baixos começos em uma processo coletivo de investigação, de uma prática comunitária de co-criação de uma máquina de guerra nômade. Não foram os especialistas das novas redes sociais, através de cálculos de engajamento e logaritmos que as escreveram para a campanha de algum candidato: foram as mãos e os corpos das pessoas nas ruas que fizeram a composição desse enunciado coletivo. Uma voz em coro dissonante, dissensual e articulado em torno de uma luta comum: o fim do *mundo como ele é* e a criação de uma terra livre, de uma vida nova. Vida nova, seja lá como for. Apenas não mais essa vida fodida e cafetinada. Apenas não mais este insuportável modo de viver. "Pienso que hay que sobrepasar completamente lo esencial de nuestras posiciones tradicionales entre movimientos, partidos o asociaciones y encontrar una nueva forma que permita superponer, establecer una relación polifónica entre los diferentes objetivos pragmáticos."[186] (Guattari, 2015, p. 63).

A educação libertária sempre compreendeu a si mesma como um movimento. Um movimento social, político, ambiental, comunitário e singular. Todas as práticas libertárias em educação, todas as educadoras e educadores (com e sem diploma), evidenciaram o movimento como prática fundamental de seus experimentos. É preciso colocar em movimento para evidenciar a vitalidade dos processos: o borboleteamento, os linyeras, a inquietude, a experimentação, os estudos de meio, os exercícios físicos, os jogos, as festividades, etc. A educação libertária nunca quis possuir um programa definido. A educação libertária não quer se fixar, não queremos sedentarizar nosso pensamento. O que não significa

---

ainda sem nome. Ver em https://diplomatique.org.br/nossos-sonhos-nao-cabem-nas-vossas-urnas/ (consultado em 07/05/2023) e também em https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/43dd99ad-1648-4d30-85b0-a4d506ba0f58/nuestros-suenos-no-caben-en-sus-urnas (consultado em 07/05/2023).

[186] T. A. - Acho que temos que superar completamente o essencial de nossas posições tradicionais entre movimentos, partidos ou associações e encontrar uma nova forma que nos permita sobrepor, estabelecer uma relação polifônica entre os diferentes objetivos pragmáticos.

que não houve tentativas de constituir princípios, como veremos à frente nesta conclusão. As extensas análises do mundo realizadas por Kropotkin são recheadas de movimentos migratórios, movimentos em bando, movimentos de ataque, movimentos de defesa, movimentos de apoio, movimentos que são danças, movimentos que são jogos, movimentos que são puro movimento, etc. A vida humana, não-humana e virtual se aciona quando está em movimento. As escolas libertárias implementadas nos bairros operários de São Paulo no início do século XX eram conectadas diretamente com os movimentos sindicalistas e operários. A cultura libertária é um pensamento em movimento. Por ser e estar em movimento é permeável às transformações, às mudanças, às renovações, às destruições e às reconstruções. A presença marcante de Ferrer na prática e pensamento da educação libertária ressaltou, em inúmeras passagens de sua obra, a necessidade de criar *vidas múltiplas em uma mesma vida.* No entanto, como todo movimento de contra-ataque ao capitalismo, como todo movimento militante, é possível cair nas estratificações das palavras de ordem e nas cristalizações de programas educativos, matraqueando ladainhas de um velho padre anarquista. É assim com outros movimentos, é assim com o anarquismo. Na tentativa de criar contornos das próprias práticas, caímos em cristalizações e formalismos. Guattari (2015) e a ecosofia nos convidam à uma segunda pergunta: "Como habilitar nuevos campos de posibles? Cómo agenciar los sonidos y las formas de tal modo que la subjetividad que les es adyacente permanezca en movimiento, es decir realmente en vida?"[187] (p. 57).

A objetividade científica assola a todos nós no contemporâneo. É inflamada pelo cientificismo barato das pílulas diárias de representação que são ingeridas nas redes sociais, nas televisões, nas dietas, nas proposições médicas dos programas da tarde, entre uma receita de torta e uma nova dieta anti-cancerígena, nos mitos sobre comer ou não ovo, nos debates sobre o glúten, etc. Todo mundo quer ditar a nova verdade sobre como viver bem e feliz. O militantismo também se infecta com esses procedimentos de normopatologização[188] da vida: pensamos através do logocentrismo, nos agarramos às experiências do passado e ficamos com nossos pés soterrados por um concreto velho. Às vezes, não conseguimos nos mover. A ética nos leva a tomar atitudes diante da vida, o que é importante. No entanto, é na composição junto à estética que a ética se abre ao movimento constante. É preciso tomar

[187] T. A. - Como habilitar novos campos do possível? Como agenciar os sons e as formas de tal forma que a subjetividade adjacente a eles permaneça em movimento, ou seja, realmente viva?

[188] Ver mais em Limongelli, Rafael. (2020). Voyage Cyborg Sonora: Experimentando Expandir as Possibilidades do Dizer. in Livro do evento [recurso eletrônico] - Do caos ao cais e vice-versa: intersecções entre filosofia, ciência e arte (2019: Campinas, SP) / organizadores: Mirele Corrêa, Allan Caballero, Mateus Verdú. – Campinas, SP: FE/Unicamp (p.145).

atitude, defender os contornos de uma prática. No entanto, é preciso também manter as janelas abertas para que a estética possa mudar as coisas de lugar de vez em quando. Não há pureza para as práticas de revolução. Não há dosagem certa para as tentativas de revolta. Tudo está em jogo, nada está garantido. Ainda bem! Estamos vivos, estamos em movimento. Só nós junto com as nossas alianças podemos cultivar a autonomia diante de tais processos criativos de revolta. Novamente, não se trata de reinventar a roda e abandonar os acúmulos do passado. No entanto, quais são os possíveis usos de uma roda hoje? Quais são as potências que o passado não exprime? Quais são os virtuais que ainda estão em devir no cosmos e que podemos acessar para pensar as práticas de expansão-singular associadas à solidariedade-coletiva dentro da educação libertária? A ecosofia nos provoca a pensar para além das reivindicações da história material e política. "Más allá de las reivindicaciones materiales y políticas emerge la aspiración a una reapropiación individual y colectiva de la subjetividad humana."[189] (Guattari, 2015, p. 53-54). Quais são as fissuras que precisamos seguir escavando para a constituição de outras práticas, renovadas, da educação libertária? Acredito que ao longo do texto propus alguns pontos de inflexão sobre essa questão, saber: a potência do sonho, a potência da inquietude, a coragem em vulnerabilizar as certezas, a coragem de abandonar certas ideias, a coragem de fazer alianças com amigos insuspeitos, a recusa das antigas formas de trabalho como pilar educacional, a necessidade de alianças com as minorias e seus pensamentos minoritários, etc. A ecosofia afirma que "es justamente a condición de que haya invención de otra forma de militar, de hacer política, de articular la preocupación más inmediata, la más cotidiana tanto al nivel del medio ambiente como al nivel de la vida social, de lo que pasa en el bairro, en los hospitales, etc."[190] (Guattari, 2015, p. 64).

Em outro texto, de 1992, Guattari (2015), recupera o debate iniciado em 1977 com Bifo, sobre a classe operária. A ecosofia no contexto do sindicalismo procura conectar uma ecologia do que é visível, uma ecologia das formações sociais e uma ecologia das subjetividades. Ainda é preciso destruir o conceito de classe operária como um conceito hegemônico na luta pela defesa da Terra. Esta Terra que está, há tempos, revelando sua finitude: "el planeta Tierra se revela cada día un poco más como un mundo cerrado, que

[189] T. A. - Além das reivindicações materiais e políticas, emerge a aspiração de uma reapropriação individual e coletiva da subjetividade humana.
[190] T. A. - É precisamente com a condição de que haja uma invenção de outra forma de militar, de fazer política, de articular a preocupação mais imediata, uma preocupação mais cotidiana tanto no nível do meio ambiente quanto no nível da vida social, do que acontece no bairro, nos hospitais etc.

parece incluso encogerse al ritmo de la aceleración de las velocidades de comunicación, de desplazamiento y de intercambio."[191] (Guattari, 2015, p. 309). A ecosofia, a esquizoanálise e a revolução molecular convocam para uma transversalidade das lutas, como observamos ao longo do texto, agenciando lutas minoritárias de diversos *fronts*, que não procuraram racionalizar um programa comum a todas as lutas. Afinal, em muitos pontos existem dissensos inconciliáveis. "El objetivo ecosófico no se reduce entonces a la captación de un objeto común "claro y distinto". Es más bien una pasarela transversalista entre universos de valores heterogéneos. Es fundamentalmente heterogéneo y re-singularizante. Lo cual no quiere decir que solo se trate de una nube confusa, de una aspiración imaginaria. Implica un cuestionamiento permanente de las instituiciones existentes y una política de apertura"[192] (p. 314).

É preciso dizer o problema, falar francamente, enunciar abertamente: botar na roda e fazer ela girar. Os interessados vão se encontrar para a luta continuar. Os dissensos produzem diferenças e problemas. Os problemas fazem o pensamento se mover. É preciso ser um problema, uma pedra no sapato do maquinismo do capitalismo. À exemplo do *V Encontro Internacional Ecossocialista*[193], realizado em Lisboa, em 2022. Neste encontro houve um grande dissenso entre trabalhadores ingleses e ambientalistas anarquistas portugueses. Enquanto os Ingleses defendiam uma plataforma de expansão dos chamados *green jobs*[194], como forma de reintegrar uma série de trabalhadores desempregados pelo fechamento de iniciativas consideradas poluentes pela União Européia; as libertárias portuguesas evidenciaram as devastações ambientais, culturais e políticas causadas pela mineração verde de Lítio na região de Covas do Barroso[195], norte de Portugal. Denunciavam como o desenvolvimento verde não passava de um *econegócio* disparatado que reproduzia estratégias de desmatamento social, cultural, ambiental e subjetivo. Esse debate fez girar toda uma lógica dentro deste encontro, ressoando em outros debates, durante outros dias e colocou em questão, para diversos movimentos ali presentes, que precisamos barrar qualquer tipo de

---

[191] T. A. - O planeta Terra está se revelando cada dia mais como um mundo fechado, que parece até estar encolhendo à medida que a velocidade da comunicação, das viagens e das trocas se acelera.
[192] T. A. - O objetivo ecosófico não se reduz, portanto, à captura de um objeto comum "claro e distinto". Ao contrário, ele é um portal transversalista entre universos heterogêneos de valores. Ele é fundamentalmente heterogêneo e ressingularizante. Isso não quer dizer que seja apenas uma nuvem confusa, uma aspiração imaginária. Ela implica um questionamento permanente das instituições existentes e uma política de abertura.
[193] Ver em https://www.alterecosoc.org/pt/v-encontros-internacionais-ecossocialistas/ (consultado em 08/05/2023).
[194] Ver em https://jacobin.com/2022/06/rhode-island-green-jobs-climate-building-trades (consultado em 08/05/2023).
[195] Ver em https://minanao.noblogs.org/ (consultado em 08/05/2023).

insistência contemporânea no *desenvolvimentismo verde* que os partidos verdes e socialistas têm reivindicado para si em seus programas, como por exemplo, o Partido Socialista, em Portugal, na figura de António Costa. Ou ainda no Brasil com a realização do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) desenhado pela então Chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, durante o mandato presidencial de Lula. O PAC é responsável pela destruição de diversas etnias originárias do território amazonense, além de ter devastado biomas inteiros[196] para a construção da Usina de Belo Monte. Temos aqui exemplos muito evidentes da contraditória relação entre o tradicional movimento operário e as forças ecologistas. A tentativa, das nações e das corporações, sempre, é de avançar os processos axiomáticos capitalistas em nome da soberania nacional, do desenvolvimento planetário e da luta dos trabalhadores à revelia das diversas formas de vida e resistência que existem para além do trabalho tradicional. Implica-nos, aqui, a necessidade de reconhecer que velhas fórmulas não nos levarão para novas soluções. É preciso sair da lógica redundante e cientificista, para entrar em uma lógica de multiplicidades baseada nos saberes dos vivos, nos saberes tradicionais, nos saberes para além da racionalidade. Os anarquistas sempre estiveram atentos às práticas de investigação coletiva, sujando os altares das ciências com as poeiras das ruas. É preciso seguir descendo do altar operarista para entrar nas tramas transversais da luta dos de baixo. A ecosofia pode ampliar, neste sentido, as potências da educação libertária. Servir de consistência para ampliar o acesso ao virtual, ao novo, ao desconhecido, ao diagrama, aos universos incorporais. Sair das especulações estruturalistas da época áurea do anarquismo sindicalista e acionar uma "pasaje al acto colectivo en todo estos campos prácticos que las ideas ecologistas podrán volverse algo distinto a una moda superficial de la opinión. Se trata, en suma, de abrirse a la emergencia de una nueva democracia ecológica, sinónimo de inteligencia, solidaridad, de concertación y de ética de la responsabilidad."[197] (Guattari, 2015, p. 421).

[196] O Rio Xingu, onde foi realizada a Usina de Belo Monte, é um símbolo da diversidade biológica e cultural. A bacia hidrográfica do Xingu tem 51,1 milhões de hectares com 27 milhões de hectares de alta prioridade para a conservação da biodiversidade, abrigando 30 Terras Indígenas, 24 povos com 24 diferentes línguas e oito Unidades de Conservação da Natureza.

[197] T. A. - "passagem para a ação coletiva em todos esses campos práticos que as ideias ecológicas podem se tornar algo mais do que uma moda superficial de opinião. Em suma, trata-se de abrir-se para o surgimento de uma nova democracia ecológica, sinônimo de inteligência, solidariedade, consulta e uma ética de responsabilidade.

princípios de uma anti-educação

Eu tô te explicando
Pra te confundir
Eu 'to te confundindo
Pra te esclarecer
Tô iluminado
Pra poder cegar
Tô ficando cego
Pra poder guiar
Eu tô te explicando
Pra te confundir
Eu tô te confundindo
Pra te esclarecer
Tô iluminado
Pra poder cegar
Tô ficando cego
Pra poder guiar[198]

a. *Duvide de todos os princípios*. Dê princípio à sua própria ação a partir dos locais onde se vive. Inicie suas próprias descobertas a partir das pessoas, imaginários, animais, plantas, territórios e paisagens que estão engajadas na própria ação que se deseja realizar. O princípio de algo está sempre disponível para as pessoas (e coisas) que se põem em movimento. Não há princípios para iniciar algo que se encontrava estagnado. Apenas é preciso agir. Não tenha medo, e, se tiver, vá com medo mesmo. Militar é agir.

b. *Abra as janelas da razão para que o sonho possa invadir e mudar tudo de lugar.* Nas práticas educacionais precisamos incentivar as imaginações inusitadas das vidas dos pequenos, dos jovens, dos velhos, etc. É através dos pensamentos mais disparatados que teremos possibilidades de expandir a vida. As coisas não aconteceram onde estávamos esperando que fossem acontecer. É através do caótico pensamento indócil dos mais pequenos que teremos a chance de revitalizar a vida adestrada dos adultos. Os que estão por vir carregam em si fortes coeficientes de novidade. Sejam jovens, sejam velhos, algo novo acontece quando alguém se dispõe a correr o risco de encarar a vida sem as couraças do mundo adulto (seja a pessoa uma adulta inclusive). Quando um ponto de um agenciamento se altera, toda uma rede se reorganiza. Um ponto não é apenas um ponto. Cada coisa está enganchada em outras tantas coisas, que os movimentos mais sutis de um ponto repercutem por toda a rizoma. É preciso cultivar o

[198] Tom Zé. Tô. Estudando o Samba [álbum]. 1976.

sonho fora da terra e o imaginário para uma educação que ainda não conhecemos, que ensine coisas que ainda não sabemos, tanto para alunos como para professores.

c. *O mundo não é evidente, tudo está por se fazer, inclusive a nossa própria vida.* É preciso duvidar dos currículos, das teorias do desenvolvimento cognitivo, das teorias sobre o funcionamento do mundo, das teorias das teorias das teorias etc. Nada está pronto. O mundo não está aí para ser apenas apreendido ou descoberto. O mundo está para ser construído por todas as pessoas, inclusive por aquelas que ainda não sabem dizer uma só palavra sobre o mundo. Muitas vezes são aquelas vidas que ainda não conhecem uma só palavra, que poderão dizer as novas palavras, que nos levarão para caminhos diferentes dos que estamos indo. A história não está aguardando a revolução proletária prevista no tal manifesto do século XIX. A história precisa ser rachada ao meio pelo desejo incontornável das nossas fúrias e da nossa inquietude. A transformação da história não se dá pelos sujeitos localizados na posição de assujeitados, seja pelo capital, seja pelo partido. Para constituir o sujeito da história, é preciso deixar que seu maquinismo arranhe com força a topografia dos territórios existenciais e se agencie com as miríades de possíveis que estão em devir. O sujeito revolucionário não é homem (não é apenas o homem): é bicha, puta, mulher, criança, preta, indigena, caiçara, drogado, perdido, piriguete, artista, delirante, louca, histérica, etc. São os povos de baixo. Seja na sala de aula, seja nas ruas, é preciso tomar a construção do mundo pelas mãos. Todas as mãos são bem vindas.

d. *A finitude é regra geral de todas as coisas, inclusive das nossas próprias verdades.* Um movimento de criação só pode ser engendrado quando algum outro movimento termina. As verdades morrem com o tempo, com o espaço, com as práticas e com as mudanças. A ciência nunca dirá a palavra final sobre nada. A ciência deve ser nossa, feita por nós, os de baixo. Os programas fixados por qualquer um que queira falar em nosso nome, não nos serve. As novas máquinas emergem da finitude das antigas máquinas. É preciso se aliar aos phylums maquínicos e tomar posse da finitude das coisas. Se nós fazemos algo morrer, ao nosso modo, temos mais chances de criar o que virá, aos nossos modos também. Se o capital extermina os territórios, precisamos nos aliar às forças remanescentes para instaurar novas práticas. E o capital sempre tentará forçar suas formas de vida sobre nós, é preciso saber dizer não. Paz entre nós e guerra aos senhores. O nosso sim é o nosso aliado.

e. *Precisamos ir juntas. A outra vida, que é desconhecida, é nossa amiga: acolha-a, acompanhe-a.* Será sempre complicado e tortuoso o caminho de acolher a diferença. O desconforto com a novidade é importante para nos alertar sobre as alterações no nosso plano topológico-relacional. Quando a balança muda de posição, quando sentimos o nó na garganta, quando sentimos a grande confusão e a grande catástrofe - é hora de lembrar das alianças. É hora de lembrar das redes de apoio mútuo. É hora de fortalecer a conspiração para florescer as novas descobertas. A vida nova é um embrião frágil que o capital tentará sempre aniquilar pelo esquadrinhamento logocentrado. É preciso cultivar uma ternura desconfortável diante da mudança, tendo as presenças companheiras por perto. É preciso conspirar para ouvir as palavras que ainda não tem grafia. A educação contemporânea tenta por todas as formas desenhar de antemão os itinerários do conhecimento que será tracejado pelas vidas inquietas das estudantes. Forçam a barra para fazer cumprir uma série de habilidades e competências a qualquer custo, como um decreto. A vida não se dá por decreto. A vida se dá por baixo, pelas frestas, pelos desconhecimentos, pelos vagueares nos caminhos cobertos pela poeira. Cultivar a anti-educação é afirmar que os itinerários são tracejados no próprio passo do aprender. É preciso vaguear junto, caminhar junto, estar por perto e fazer da presença uma estranha bússola. Uma bússola que se atualiza a cada novo encontro. Uma bússola que se reorganiza com cada novo encantamento com o mundo. Se a catástrofe pode nos fazer acessar a novidade, ela também carrega consigo uma nova constelação de universos de valor. Fazer uma anti-educação é deixar a navegação da aprendizagem se guiar por novas constelações que ainda não estão escritas nos céus. Estar atento ao que está à espreita.

f. *A experiência é a mestra de todos os caminhos da novidade.* É preciso se fiar nas experiências de forma radical. A ciência tradicional estipulou um manual de realização das experiências científicas, outorgando na mão dos especialistas a manutenção da ordem e da verdade. É preciso uma certificação, um carimbo, uma benção, um diploma, uma carteirinha ou qualquer coisa que o valha para poder realizar experimentos que sejam validados pelo poder e pelo conhecimento. Aqui não. Aqui a experiência, e seus parâmetros, é livremente associada pelas pessoas engajadas no processo de realização da experiência. Bem como a forma de validação do saber que será produzido. Autogestão das ciências, como a ciência libertária está cultivando há dois séculos. A

autogestão material dos modos de produção da nossa própria vida está assentada na autonomia de escolher os modos que iremos determinar o que é verdadeiro e falso. Ou mesmo se seguiremos a tomar por verdadeiro e falso as coisas. Tomar posse das próprias experiências. Tomar posse de si. Uma posse coletiva, compartilhável e impermanente.

g. *Não há negociação com o capital. É ação direta: tiro, porrada e bomba.* A axiomática capitalística saberá nos emboscar nas tardes sombrias da fome, nas mazelas das madrugadas em claro quando procuramos modos de sobreviver, nas manhãs sonolentas em que somos forçados a trabalhar. A axiomática capitalística saberá tentar os professores a reproduzir as violências que sofreram em seus percursos educacionais, saberá instituir ordens inquestionáveis para garantir um pouco de calma para os professores precarizados das redes públicas, saberá estimular a competição entre diretores, coordenadores, professores, alunos, etc. É preciso manter as orelhas em pé e cartografar as infiltrações que as modulações capitalísticas querem inferir em nossos corpos. É preciso perceber que os achatamentos da vontade de viver vêm de uma operação planetária, sem grandes violões por detrás de nada. São os múltiplos polos de ressonância do poder ecoando o esvaziamento da vitalidade dos corpos. Antes fosse um *coringa* ou um *dragão malvado.* É tempo de tantos inimigos, que é fácil nos confundirmos. Esta percepção nos ajuda a não colocar a culpa em nossos camaradas, alunos, coordenadores, diretores, professores, famílias, etc. Muitas vezes o ódio que uma situação-problema (barulho na aula, desatenção, precariedade de trabalho, etc) faz emergir em um coletivo uma atualização da guerra inter-pessoal que Ferreira nos alertou. O CMI nos quer segmentarizados e impotentes. Os poderosos do mundo, nos seus multipólos espalhados pelo planeta, nos querem tristes e tretando entre nós. É mais fácil nos vencer quando já estamos exaustas de brigar com nossos vizinhos. É preciso meter o pé no peito do capital, mesmo que seja difícil localizar onde está esse peito. É preciso aprender como fazer isso. Só poderemos saber como fazer isso através de um processo de investigação coletivo, liberando espaços para que todas as pessoas engajadas no processo tomem a palavra. Se for preciso tocar fogo, tocaremos. Se for preciso escrever poemas, escreveremos. Se for preciso nos cuidar, nos cuidaremos. Se for preciso inventar outras palavras, inventaremos. Se for preciso matar essa sociedade, nós estamos prontas. O fascismo não se debate, o fascismo se destrói.

h. *Agir localmente, pensar globalmente e sentir cosmologicamente*. É preciso instaurar um outro gosto pela vida. A luta segue internacionalista, no entanto, já não se tratam mais da nações. O CMI transformou o planeta em um grande fábrica, onde todos estão submetidos à extração da mais valia e às modulações subjetivas. Os que tentaram escapar - e foram pegos - estão espalhados pelos campos de concentração a céu aberto. Não se trata mais de constituir uma classe trabalhadora forte em cada nação para juntos estabelecermos a nova ordem mundial pela Internacional dos Trabalhadores. Ter um sindicato forte é uma premissa para a boa extração da dominação. Existe um *continuum* no front das classes. Entre o burguês e o operário sindicalizado se constitui a continuidade do nosso regime de exploração. É preciso *transversalizar.* As ações dos bairros, dos coletivos espalhados por todos os cantos do planeta, as pequenas iniciativas, as práticas de comunidade, os sistemas de troca fora do mercado, as pequenas transformações sensíveis, etc. Estes são os verdadeiros motores da história. Será preciso algum centralismo para agenciar essas lutas locais em redes regionais e globais. É evidente que é preciso encontrar algum tipo de comum. Algum centralismo que se dará através de federalismos. Federalismos que pratiquem uma abertura para a mudança e para o novo. Não vamos reproduzir o erro dos *soviets* e do *politburo*. Além disso, é preciso ativar uma sensibilidade cosmológica para acolher as percepções que ainda não conhecemos, os códigos que vêm sem forma, as coisas que ainda não tem uma resposta sistematizada. Precisaremos, como as zapatistas, caminhar perguntando. É preciso adicionar a luta ecologista, que já reivindica um agir local e pensar global. É preciso instituir um sentimento cosmológico do mundo, uma defesa das formas de vida que ainda não existem. Defender nossa capacidade de imaginar que um outro mundo é realizável pelas nossas mãos, nunca pelas mãos deles. Cultivar uma anti-educação é preparar os corpos (físico, mental, subjetivo, afetivo, relacional) dos que estão por vir para encarar esse desafio, ao mesmo tempo, que nos preparamos para os acompanhar nas novas trincheiras que estão se configurando através da Guerra Climática Mundial.

i. Não há contradição entre o indivíduo e o coletivo. Há aliança e solidariedade multiespécies. Fomos criados na cisão entre as substâncias vivas da terra. Insistem em nos apartar, nos dividir e nos cindir para que ocupemos um nódulo terminal na organização do mundo. Um nódulo assujeitado. Somos um canal de condução das extrações de vitalidade e mais valia do capitalismo. Estamos cafetinados. Estamos

maquinados pelas TIC. Estamos, insuportavelmente, moídos pela vida como ela é. Implicam o tempo todo que há uma contradição entre os desejos individuais e as necessidades coletivas. No entanto, estamos aprendendo, coletivo e socialmente, que os desejos não têm origem em nenhum iceberg escondido em nosso inconsciente, como prescreveu a psicanálise e a psicopedagogia. Estamos aprendendo a não temer os desejos, como a educação sempre preconizou. É preciso canalizar os desejos das crianças para o bem, é preciso conduzir os quereres dos mais jovens para o bem comum da sociedade. É preciso transformar o desejo furioso por uma vida digna dos alunos das periferias das cidades e os canalizar em itinerários profissionais que ofereça um lugar no mundo precarizado. É preciso forçar a adesão a este mundo, mesmo que todos os professores estejam adoecidos por este mesmo mundo. Estamos aprendendo com a revolta das mulheres, das queers, das trans e das lgtbtia+ que os desejos são maquinações que realizamos de forma coletiva, entre humanos, não-humanos e devires. É através dos agenciamentos coletivos de enunciação que constituímos os quereres. Nós podemos assumir os desejos mais loucos, mesmo que eles não encontrem aderência no mundo como ele está. Os desejos não são ruídos que precisam ser domesticados pelo logocentrismo. Os desejos são as rachaduras nos territórios existenciais que permitem o acesso ao novo. A educação libertária sempre esteve atenta às composições possíveis entre as singularidades e as coletividades. Aliás, é apenas através de uma construção coletiva de práticas de liberdade que essas duas substâncias podem se encontrar e se emaranhar. A paixão é a ponta de lança da experiência e da educação para a terra livre. É através da implosão dessa cisão entre um EU e um OUTRO que poderemos cultivar uma hospitalidade radical para acolher as diferenças e edificar práticas solidárias.

j. *Tome a palavra, fale o problema, esteja no problema, seja o problema.* Nossas palavras foram raptadas pelos sistemas de codificação-decodificação das tecnologias da informação e da comunicação. Somos constantemente estimulados a reproduzir as palavras que são fabricadas em algum lugar distante de nós mesmos. Reproduzimos os emails institucionais, reproduzimos as canções que estão nas *trends* das redes sociais, reproduzimos os jargões das atrizes da televisão, reproduzimos as lições dos professores, reproduzimos até os modos de amar as pessoas ao nosso redor, reproduzimos as palavras de ordem pelas ruas, repetimos, repetimos… Querem que

sigamos repetindo para não evitar problemas. Gritamos nas ruas que o *fascismo não passará*, enquanto ele já passou, tomou conta do babado todo e trouxe junto toda a boiada do agronegócio, do econegócio, do lgbtquia-negócio, etc. Toda a trama de enunciados maquinados pelos equipamentos coletivos do aparato de Estado e da axiomática capitalista. Estamos rodeados pelas palavras-de-ordem. A máquina escolar é o principal equipamento coletivo de modulação subjetiva das populações. Os governos se orgulham de terem inserido cada vez mais crianças dentro das escolas. Escolas por todo lado, por todos os rincões do país e do planeta. Enquanto a escola for o lugar de serialização das subjetividades do regime vigente, quanto mais escolas, mais gado teremos. Enquanto a educação se mantiver como está, fixada nos currículos, programada pelas táticas do empreendedorismo e orquestrada por uma sociabilidade violenta (estimulada da diretoria ao alunado), teremos cada vez mais uma população solapada pelos desterros do capitalismo mundial integrado. Tomar a palavra não é uma ação individual, é um gesto coletivo. Tomamos a palavra, juntas. Tomamos as palavras pelas mãos para metamodelizar outras formas de dizer. Dizer as outras palavras, aquelas que não nos são permitidas. Tomar a palavra é sustentar coletivamente a possibilidade de que algo seja dito. Faremos isso agenciando forças com as mulheres, as crianças, as putas, com as bichas, com as cholas, com os mapuche, com as zapatistas, com os curdos, com o povo preto, com os povos originários, com os povos quilombolas, com os povos periféricos, com os povos ribeirinhos, com os povos caiçaras e assim por diante… As palavras precisam voltar a colocar problemas para o mundo, as palavras precisam ser arranhões na cara da cafonice adestrada do assujeitamento capitalista. Sejamos nós o problema do mundo, não a sua luz. O problema é a força que movimenta o pensamento para o novo. Estejamos dentro dos problemas, sustentando aquelas e aqueles que estiverem nos elos mais frágeis da corrente, para superar as amarras e dançar junto com as palavras proibidas. A anti-educação precisa ser um gira onde a maior quantidade dos setores humanos e não-humanos dos povos de baixo são escutados. Tomar a palavra não é sobre tomar a fala para si, mas expandir a escuta para cada vez mais gente. Em nossas práticas educacionais precisamos valorizar a possibilidade de escutar as palavras que ficam pululando entre os encontros. Onde se vê indisciplina, escutar as pistas das vidas que estão solapadas querendo um lugar na partilha do sensível.

k. *Não se apaixone pelas palavras, esteja sempre dois passos antes delas se tornarem palavras-de-ordem.* Cuidado! A paixão é um perigo. A paixão mobiliza nosso território existencial como um terremoto. A balança muda, o mal estar aparece, o desmanche se dá. Diante de nós, de repente, uma bifurcação. Ou tomamos os caminhos da representação asfixiante e queremos retomar o velho mundo já conhecido. Queremos nos agarrar aos conteúdos que já conhecemos. Queremos recuperar o fôlego. O problema é que o ar que se insufla no pulmão, neste caso, está recheado das modulações capitalistas e dos arcaísmos reativos: o fascismos, o falocentrismo, o machismo, o romance burguês, o autoritarismo, a possessão, etc. Ou, por outro lado, tomamos os caminhos da experimentação vulnerável e sutil de acompanhar a intuição. Seguir por caminhos indicados por vestígios de palavras sem grafia, por músicas sem melodia, por direções quase incompressíveis. Em algum ponto, essa segunda bifurcação, depois de conspirar com nossas aliadas, depois de tomar o espaço e o tempo necessários para o processo ser gestado, nos darão novos contornos, novas palavras. Não estaremos sozinhas nesse momento, estaremos juntas. Quando essa nova verdade sobre a coisa sentida se fizer palavra, será uma bela palavra, constituída desde os de baixo, desde nós mesmos. Será, finalmente, a nossa palavra. A palavra da nossa gente. No entanto, cuidado novamente, estejamos sempre a dois passos dela. Não nos apaixonemos nem mesmo pelas nossas próprias palavras, deixemos que elas fiquem um pouco soltas no ar. Deixemos que elas sigam, assim, os processos contínuos de variação e de liberação. Deixemos que nossas palavras se libertem da nossa paixão por elas. Será preciso. Já que quando chegar o momento do próximo terremoto - ele virá, certamente - nossos corações se deixarão mais leves diante da ruína da nossa própria palavra. Praticar uma anti-educação é estar permeável aos desmoronamentos constantes das nossas verdades e das verdades daqueles que estão conosco no processo de aprender-construir o mundo.

l. *Nós sabemos como nos organizar em todos os campos: afetivos, sociais, produtivos, cosmológicos e ambientais.* O anarquista francês, Proudhon, já sabia. O indígena brasileiro, Krenak, já sabia. Você já sabia. Nós já sabemos. Nós sabemos muito bem nos organizar sem a vigia constante das armas de um vigia. Não precisamos dos Estados e seus mecanismos adestradores para viver uma sociedade de bem-viver. As populações são diversas e múltiplas. Se tivermos a oportunidade, saberemos o que

fazer. Agora, como é possível cultivar apoio mútuo e solidariedade, se a maioria da população vive com uma mira nas costas? Ou se morre de tiro, ou se morre de fome. Não precisamos de especialistas externos para produzir o saber e o conhecimento necessários para organizar nossa produção. Através de uma educação integral, borboleteante e autogerida, podemos construir nossas próprias redes de saberes, que organizarão a nossa própria vida através de federalismos e arquipélagos. O Estado e o Capital insistem em inculcar em nossas mentes e corações o medo. Medo da nossa suposta reação egoísta diante da ausência de contornos fixados pelo Estado. Medo das assembleias populares com vozes dissonantes que poderiam estabelecer a autogestão - o inferno na Terra. Insistem que se um cometa vier em direção a Terra, como no filme *Don't Look Up* (2021), teremos de um lado os cientistas e os bilionários tentando achar as soluções, enquanto a horda popular entra em pânico nas ruas. Precisamos nos livrar deste medo. A autogestão já existe em diversos cantos do planeta, desde experiências robustas e complexas como o Zapatismo e a Revolução Curda, como em pequenos grupos e associações de bairros. Não somos uma horda de desorientados egoístas que pensam apenas na nossa própria alegria à revelia do bem comum. Podemos estar deste modo. E se estamos assim, é porque nos querem assim, porque infiltram esses ideais a torto e a direita. A educação contemporânea é um grande antro de infiltração destes ideais. Os currículos insistem em uma autonomia atomizada, onde cada um concorre com seu colega, onde cada aluno precisa se destacar para garantir o sucesso da sua vida profissional. Onde cada um tem o seu lugar através do seu mérito individual conquistado em uma guerra contra o mundo. Se você não possui as habilidades e competências que o currículo exige, você está fora do jogo. E fora do jogo ou você trapaceia, rouba e faz o diabo; ou você é um bilionário, herdeiro de uma fortuna, com sua sorte garantida. É preciso ser uma pedra no sapato dessa educação. Praticar um anti-educação é fazer alianças que ativem um campo sensível de investigação coletiva de formas de viver em bando. Os bárbaros não são violentos com os seus, somente contra os Impérios.

m. Nem vago, nem fluído. Tomar uma atitude. Viver a errância de uma anti-educação não é descer uma ladeira com uma bicicleta sem freio e os olhos vendados. Não é um *deixar a vida me levar* - por mais que seja alegre, como são os pagodes. Não é vago, como o olhar do cristo redentor, morto e crucificado pelos seus pecados. Não é fluído feito a

lama das barragens de brumadinho. É tomar uma atitude de errância. É tomar uma atitude diante da fixidez dos programas estagnados. É tomar a via que não está à esquerda e nem à direita. É romper afetiva e materialmente com o sistema vigente, como nos inspira Jaime Cubero. É conduzir as próprias experiências através das alianças que se faz a cada momento, com cada grupo, com cada comunidade. É trocar experiências com comunidades vizinhas e criar redes de solidariedade. É ir na contramão da cidadania que coloca cada um no seu quadrado, enfaixado de direitos sociais que são meras ficções. Os direitos só serão precisos até que todas as pessoas possam ter acesso a certos parâmetros mínimos de sobrevivência. No entanto, nós queremos mais. Queremos que as garantias sejam dadas por nos mesmas, através dos nossos termos. Não por um juridiquês incompreensível para a maior parte das populações do planeta. Queremos que as existências se consolidem na construção de práticas de liberdade, agora, no presente, não no futuro. Não depois das eleições, não depois que a esquerda for eleita, não depois da feijoada do sindicato… Queremos construir os diagramas de uma nova sensibilidade, que oriente nossas escolhas com uma racionalidade enxameada de sonhos. Há vida e pensamento para além da razão e nem por isso nos tornamos vagos. Não precisamos reproduzir um programa logocentrado para afirmar nossa atitude. Não precisamos pensar com as mesmas ferramentas dos programas que nos governam. Precisamos inventar nossas próprias ferramentas e precisamos aprender com as ferramentas que já foram criadas por outras revoltas. A educação libertária é velha e experiente. Precisamos aprender com ela. Ao mesmo tempo, é preciso atualizar alguns dos seus pontos a partir da nossa própria vitalidade. A cultura libertária não pára no tempo. Não cristalizamos no passado: estamos vivas, estamos vivos, estamos vives.

Tudo que move, transforma.

referências bibliográficas

Augusto, Acácio. (2013). Política e Antipolítica - anarquia contemporânea, revolta e cultura libertária. (Tese de Doutorado). PUC-SP, São Paulo.

Augusto, Acácio. (2013b). Política e Polícia. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina.

Bakunin, Mikhail. (2015). Deus e o Estado. São Paulo, Hedra.

Barbosa, Daniel da Silva. (2021). João Penteado: docência libertária no ensino elementar (1877-1913). (Dissertação de Mestrado). UNESP, Bauru, SP.

Belchior. Como o diabo gosta. Alucinação [álbum]. PolyGram: 1976.

Bertolo, Amedeo. (2018). Anarquistas e Orgulhosos de o Ser. Barricada de Livros, Lisboa.

Brancaglion, Gabriela (2019). Breve biografia. In. Goldman, Emma. (2019). Educação - Emma Goldman. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Carvalho, R. L. P. (org.). (2007). O Operário – edição fac-similar. 1ª ed. Sorocaba, SP.

Coletivo Barricada de Livros. (2021). Viver a utopia - cinco ilhas de um arquipélago disperso. Barricada de Livros, São Paulo.

Cristóbal Durán. (2020). Félix Guattari en Chile: Sobre transiciones y captura, a más de treinta años. In GUATTARI, Félix. (2020). Las luchas del deseo - capitalismo, territorio y ecología. Santiago, Editora Polvora.

Cuevas, Francisco José. (2014). Anarquismo y educación. La propuesta sociopolítica de la pedagogía libertaria. Madrid, Espanha, FAL.

Damiro, José. (s/d). Educação anarquista no brasil da primeira república. HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas. In. "História, Sociedade e Educação no Brasil". Faculdade de Educação da Unicamp. Publicação digital: https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/periodo_primeira_republica.html

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (2011). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. São Paulo, Editora 34.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (2011b). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. São Paulo, Editora 34..

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (2012a). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. São Paulo, Editora 34.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (2012b). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. São Paulo, Editora 34.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (2012c). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5. São Paulo, Editora 34.

Deleuze, Gilles. (2017). Derrames II: aparatos de estado y axiomática capitalista. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Cactus.

Faure, Sébastien. (2015). A Colmeia - Uma experiência pedagógica. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Ferreira, José Maria Carvalho. (2006). Élisée Reclus: Vida e Obra de um apaixonado... in Revista Utopia, N. 21, jan-jun.

Ferreira, José Maria Carvalho. (2013). As tecnologias de informação e comunicação no controle do comportamento humano. Revista ecopolítica, 5: jan-abr, 84-114.

Ferrer, Francisco Ferrer y Guardia. (2014). A Escola Moderna - Póstuma explicação e alcance do ensino racionalista. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Gallo, Silvio. (1995). Educação anarquista: um paradigma para hoje. Piracicaba: Ed. Unimep..

Gallo, Silvio. (2007). Pedagogia libertária - Anarquistas, anarquismos e educação. Manaus, Editora Imaginário e UFAM.

Gallo, Silvio. (2014). O futuro deve brotar da escola. In. Ferrer, Francisco Ferrer y Guardia. (2014). A Escola Moderna - Póstuma explicação e alcance do ensino racionalista. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Gallo, Silvio. (2015a). Pensar a escola com Foucault além da sombra da vigilância. In: GALLO, S.; CARVALHO, A. F. de. (Org.) Repensar a educação: 40 anos de Vigiar e Punir. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015, p. 427-450.

Gallo, Silvio. (2018). René Schérer e a Filosofia da Educação: primeiras aproximações. in Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 32, n. 65, p. 793-815, mai./ago.

Gallo, Silvio. (2020). #77 Entrevista - Prof. Dr. Silvio Gallot. Locução de: Samuel Mendonça. Campinas: Topa pensar, dezembro. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7hgiB6ssY0KNUzP46s45XY?si=f317d43f1e15459d. Acesso em: 10 de abril de 2023.

Giglio, Célia Maria Benedicto. (1995). A voz do trabalhador: sementes para uma nova sociedade. (Dissertação de Mestrado). USP, FE, São Paulo, SP.

Girgolin, F. (2021). in Ludmila, Aline. [et al.]. Unidas nos lancemos na luta: o legado anarquista de Maria A Soares. Tenda de Livros, São Paulo.

Godinho Gil, Ana. (2013). Diagramas para pensar/diagramas de sensação. in Conexões : Deleuze e política e resistência e... / organizadores Silvio Gallo, Marcus Novaes, Laisa Blancy de Oliveira Guarienti. - 1. ed. - Petrópolis, RJ : De Petrus et Alii ; Campinas, SP: ALB; Brasília, DF : CAPES.

Godinho Gil, Ana. (2021). A Terra Subtil. Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 247–261.

Goldman, Emma. (2019). Educação - Emma Goldman. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Gorz, André. (2010). Ecológica. São Paulo, Brasil. Editora Annablume.

Grave, Jean. (2017). Ensino Libertário e Ensino Burguês. In. Reclus, E. [et.al]. O futuro de nossas crianças e outros ensaios. (2017). São Paulo, Ed. Imaginário e Biblioteca Terra Livre.

Guattari, Félix & Negri, Antonio. (2020). Las nuevas alianzas. In. Guattari, Félix (coletânea). Las luchas del deseo - Capitalismo, territorio, ecología. Santiago, Chile, Pólvora Editorial.

Guattari, Félix & Rolnik, Suely. (2013). Micropolítica - cartografias do desejo. Petrópolis, Vozes.

Guattari, Félix. (1981). Revolução Molecular. 3a edição. Brasiliense, São Paulo.

Guattari, Félix. (2001). As três ecologias. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus. Ed. digital.

Guattari, Félix. (2004). Psicanálise e Transversalidade: Ensaios de Análise Institucional. Editora Ideias e Letras.

Guattari, Félix. (2012). Caosmose - um novo paradigma estético. São Paulo, Editora 34 (2a ed.)

Guattari, Félix. (2012b). De Leros à La Borde - Práticas analíticas y práticas sociales. Madri, Espanha. Ediciones Casus-Belli.

Guattari, Félix. (2015). Qué es la ecosofía? Textos apresentados y agenciados por Stéphane Nadaud. Buenos Aires, Cactus.

Guattari, Félix. (2016). Guattari: confrontações / conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, N-1.

Guattari, Félix. (2020).. Las luchas del deseo - Capitalismo, territorio, ecología. Santiago, Chile, Pólvora Editorial.

Guattari, Félix. (2020b). Guattari/Kogawa - rádio livro, autonomia, japão. São Paulo, Sobinfluencia.

Guattari, Félix. (2022). Desejo e Revolução. Conversa com Bifo Berardi, Paolo Bertetto. São Paulo, Sobinfluencia edições.

Haeckel, Ernst. (2014). Boletim da Escola Moderna (1903-1904). In. Ferrer, Francisco Ferrer y Guardia. (2014). A Escola Moderna - Póstuma explicação e alcance do ensino racionalista. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Haraway, Donna. (s/d). Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia, feminismo-socialista no final do século XX. São Paulo, Monstro dos Mares.

Jonnata Doll e os Garotos Solventes. Trabalho Trabalho Trabalho. Alienígena [álbum]. Independente: 2019.

Jourdan, Camila. (2018). 2013 - memórias e resistências. Rio de Janeiro, RJ, Circuito.

Jourdan, Camila. (2020). Feminismo, educação libertária e antifascismo no pensamento de Maria Lacerda de Moura. In. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 6 N. 10, p. 31-42. Edição eletrônica: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-educacaolibertaria-e-antifascismo-no-pensamento-de-maria-lacerda-de-moura/

Kafka, F. (2000). "Prometheus". In: BROD, M. (Org.). _____. Hochzeitsvorbereitungen auf dem Lande und andere Prosa aus dem Nachlaß. Frankfurt: Fischer, p.74. Tradução de Antonio Cícero publicada em http://antoniocicero.blogspot.com/2008/01/franz-kafka-prometeu.html Consultado em 03/05/2023.

Kropotkin, Piotr. (2014). Escritos sobre educação e geografia. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Kropotkin, Piotr. (2021). Apoio Mútuo - um fator de evolução. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Laurentiis, Gabriela. (2021). Louise Michel, uma vida oceânica. In. Louise, Michel. (2021). Tomada de posse. São Paulo, Sobinfluencia.

Lazaro, Helen. (2018). Um breve olhar sobre o pensamento educacional proudhoniano. In. Proudhon, P. [et. al]. O pensamento de Proudhon em educação. São Paulo, Intermezzo Editorial.

Le Guin, Ursula K. (2021). O dia antes da revolução e outros contos. Barricada de Livros. Lisboa.

Limongelli, Rafael; Pinheiro, Flávia. (2022). The New Library of Un-documentend Life and Knowledge. in 50 jaar ATD: zeven essays van alumni, Amsterdã. Link: https://issuu.com/kunsthogeschool/docs/atd_bibliotheek_50jr (consultado em 04/05/2023).

Limongelli, Rafael. (2020). Voyage Cyborg Sonora: Experimentando Expandir As Possibilidades Do Dizer. in Livro do evento [recurso eletrônico] - Do caos ao cais e vice-versa: intersecções entre filosofia, ciência e arte (2019: Campinas, SP) / organizadores: Mirele Corrêa, Allan Caballero, Mateus Verdú. – Campinas, SP: FE/Unicamp (p.145).

Limongelli, Rafael. (2021). Racionalismo, experimentação e afetividade in Edson Passetti, Sílvio Gallo e Acácio Augusto (organização). Anarquistas na América do Sul. São Paulo, Hedra.

Limongelli, Rafael (2022). Uma conversação entre ferrer y guardia, lacerda de moura e félix guattari. In A educação e os desafios da sociedade contemporânea: contributos da investigação. Carmen Cavaco, Fernando Albuquerque Costa, Joana Marques, Joana Viana, Rúben Marreiros, Ana Rita Faria, Nuno Dorotea (org.). Atas do XXIX Colóquio da AFIRSE

Portugal Instituto de Educação da U.Lisboa, fevereiro de 2022 - Lisboa, Portugal. Ver em https://afirse.ie.ul.pt/?download= 261 & tmstv=1666167800 (consultado 24/05/2023).

Ludmila, Aline [et al.] (2021). Unidas nos lancemos na luta: o legado anarquista de Maria A Soares. Tenda de Livros, São Paulo.

Luengo, Josefa Martín. (1993). La escuela de la anarquía. Madrid, Espanha, Ediciones Madre Tierra.

Maurano, Tatiana Ranzani & Pinto, Glaucia Uliana & Padilha, Anna Maria Lunardi. Calar hoje é ser cúmplice: maria lacerda de moura. In. Rev. Sem Aspas, Araraquara, v. 10, n.00, e 021019, jan./dez.

Mc Neguinho do Kaxeta ft Cebezinho, Kelvinho e Hariel. (s/d). Minha Coroa. ouvir em https://www.youtube.com/watch?v=v6jWjCQ9hjI

Mendes, Renato. (2021). Dito e o não dito sobre o maldito teatro anarquista: uma pedagogia libertária do Teatro Social operário em território brasileiro. Unicamp - Faculade de Educação. Dissertação de Mestrado.

Morel, Ana Paula M. (2018). Caminhar perguntando: a educação autônoma zapatista. Revista Aleph, no 31, [p. 487-508].

Moura, Maria Lacerda de. (2018). A mulher é uma degenerada. São Paulo, SP. Tenda de Livros.

Moura, Maria Lacerda de. (2021). Ferrer, o clero romano e a educação laica. São Paulo, SP. Centro de Cultura Social.

Moura, Maria Lacerda de. (2021b). Ferrer! São Paulo, SP. Biblioteca Terra Livre.

Nieuwenhuis, D. (2017). A educação libertária. In. Reclus, E. [et.al]. O futuro de nossas crianças e outros ensaios. (2017). São Paulo, Ed. Imaginário e Biblioteca Terra Livre.

Oliveira, Francisco Robson Alves de. (2016). Intercâmbio do conhecimento pedagógico anarquista entre brasil e portugal: primeiros indícios de pesquisa. In. Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará.

Passetti, Edson. (1998). O que é menor? São Paulo, Editora Brasilience.

Passetti, Edson. (2002). a arte da amizade. Revista Verve, No 1, PUC-SP, São Paulo.

Passetti, Edson. (2006). De conversa em conversa: parrésia anarquista. in Revista Utopia, N. 21, jan-jun.

Pelloutier, Fernando. (s/d). A união dos sindicatos e a anarquia. Brochura Social: número um, volume 1. Almada, Portugal, Centro de Cultura Libertária.

Peres, Fernando Antonio. (2004). Estratégias de aproximação: um outro olhar para a educação anarquista em São Paulo na Primeira República. (Dissertação de Mestrado). USP, FE, São Paulo, SP.

Peres, Fernando Antonio. (2010). Revisitando a história de João Penteado: o discreto transgressor de limites. São Paulo, 1890-1940. (Tese de Doutorado). USP, São Paulo, SP.

Pinho, Adelino de. (2013). Pela educação e pelo trabalho e outros escritos. São Paulo, SP. Biblioteca Terra Livre.

Poletto, Caroline. (2020). A educação libertária no jornal anarquista a luta: da escola Eliseu Reclus às práticas de leitura e outras expressões culturais. In. Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF. V. 19, N. 3, p. 131 - 148.

Proudhon, P. (2018). O pensamento de Proudhon em educação. São Paulo, Intermezzo Editorial.

Rago, Margareth. (1997). A liberdade entre a utopia e a história: luce fabbri e o anarquismo na américa do sul. Cadernos pagu (8/9) 1997: pp.279-317.

Reclus, E. (2014). Escritos sobre educação e geografia. São Paulo, Biblioteca Terra Livre.

Reclus, E. [et.al]. (2017). O futuro de nossas crianças e outros ensaios. São Paulo, Ed. Imaginário e Biblioteca Terra Livre.

Robin, Paul. (1989). A Educação Integral. In. Moriyón, F.G. (1989). A Educação Libertária. Porto Alegre, Artes Médicas.

Romani, Carlo. (1998). Oreste Ristori: uma aventura anarquista. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP..

Rosa, Rodrigo & Ahagon, Vitor. (2013). Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista. In. Pinho, Adelino de. (2013). Pela educação e pelo trabalho e outros escritos. São Paulo, SP. Biblioteca Terra Livre,.

Rosa, Rodrigo. (2013). Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da USP, São Paulo

Rosa, Rodrigo. (2017). Nos passos da educação anarquista está o futuro das criancas. In. Reclus, E. [et.al]. O futuro de nossas crianças e outros ensaios. (2017). São Paulo, Ed. Imaginário e Biblioteca Terra Livre.

Rosa, Rodrigo. (2022). Trajetórias da educação moderna de Ferrer no Brasil. (Palestra). In. Jornada Francisco Ferrer y Guardia - Educação Libertária no Brasil. Faculdade de Educação da Unicamp. Programa de Pós Graduação em Educação. Campinas, São Paulo. https://www.youtube.com/playlist?app=desktop&list=PLq0Y1lq_9Aj-IwbVqoWo56oN66BSXqRSC (consultado em 31/10/2022)

SANTOS, Anderson (org.). (2020). Guattari/Kogawa - rádio livro, autonomia, japão. São Paulo, Sobinfluencia.

Schérer, René. (2005). Aprender com Guattari. In Revista Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

Sigüenza, Ana. (2018). Pedagogía Libertaria. Madrid, Espanha, Ediciones Antorcha.

Stirner, Max. (2009). O único e sua propriedade. São Paulo: Martins Fontes.

Stirner, Max. (s/d). O falso princípio da educação. Coletivo Évora. Consultado em https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2014/11/o-falso-princc3adpio-da-nossa-educac3a7c3a3o-stirner.pdf <29/03/23>

Tom Zé. Tô. Estudando o Samba [álbum]. 1976.

Uno, Kuniichi. (2016). Guattari: confrontações / conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, N-1.

Wilke, Helena (s/d). POLÍCIA. São Paulo. Blog da Editora GLAC. Publicação digital: em https://www.glacedicoes.com/post/policia-helena (16/08/2022).

Zapatistas. (2021). Declaração Pela Vida - Os zapatistas percorrerão os 5 continentes. Portugal, Lisboa

Zeca Pagodinho. Comunidade Carente. Alucinação [álbum]. MTV: 2003.